

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANNA CAROLINA GALHART

ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: CONTAS E CONTOS,
EM VOZES, ENCONTROS

CURITIBA
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANNA CAROLINA GALHART

ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: CONTAS E CONTOS,
EM VOZES, ENCONTROS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação em Ciências e em Matemática no Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Setor de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna

CURITIBA

2015

G155

Galhart, Anna Carolina

Alfabetização matemática: contas e contos, em vozes, encontros / Anna Carolina Galhart – Curitiba, 2015.
349f. : il. Color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática. 2015.

Orientador: Carlos Roberto Vianna

Bibliografia: p. 127-133, 344.

1. Matemática - Estudo e ensino. 2. Matemática - Alfabetização. 3. Historia oral. I. Vianna, Carlos Roberto. II. Universidade Federal do Paraná. III. Título.

CDD: 510.7



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA


PARECER

Defesa de Dissertação de **ANNA CAROLINA GALHART**, intitulada **“ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA: CONTAS E CONTOS, EM VOZES, ENCONTROS”**, para obtenção do Título de Mestra em Educação em Ciências e em Matemática.

De acordo com o Protocolo aprovado pelo Colegiado do Programa, a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo-assinados arguiu, nesta data, a candidata acima citada. Procedida a arguição, a Banca Examinadora é de Parecer que a candidata está **apta ao Título de MESTRA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA**, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna (orientador)		Aprovada
Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica		Aprovada
Profª. Drª. Ettiène Cordeiro Guérios		Aprovada
Profª. Drª. Luciane Ferreira Mocrosky		Aprovada

Curitiba, 30 de Junho de 2015.


Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Educação em Ciências e em Matemática.





Dedico esse estudo a todos os alunos que foram alfabetizados nas escolas dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, em Campo Largo - PR.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho Thales, maior incentivador e amigo. O meu amor incondicional!

A minha mãezinha Marli, pela herança genética de força, coragem e determinação. A minha inspiração!

Ao meu irmão Cezar e minha filha do coração, Jéssica, pela motivação.

Ao meu paizinho Carlos (*in memorian*) por me mostrar a paixão pela leitura, antes mesmo de aprender a ler.

Ao meu Orientador, Professor Carlos Roberto Vianna, por suas aulas espetaculares e inusitadas, sua orientação exigente e paciente, sua experiência, generosidade e tranquilidade e principalmente por me apresentar à História Oral de maneira tão gentil! Gigante! Minha sincera estima.

À banca de qualificação, Professora Luciane Ferreira Mocrosky, por sua leitura atenta e minuciosa, e Professor Vicente Garnica por me possibilitar uma leitura *exotópica* de minha dissertação. Professores, obrigada por suas valorosas contribuições.

À banca de defesa, Professor Antonio Vicente Marafioti Garnica, Professora Ettiène Cordeiro Guérios e Professora Luciane Ferreira Mocrosky, por aceitarem o convite.

Aos meus narradores Albino Augusto, Zita Yolanda Netzel, Alberto Bianco, Mônica Dalponte Ukasinski e Michele Laís Fracaro Iarek, sem vocês esse sonho não seria possível. Minha eterna admiração!

Aos Professores Carlos Roberto Vianna, Emerson Rolkouski, Marco Aurélio Kalinke, Ricardo Carneiro Antonio e Verônica Branco pela partilha de suas leituras durante as disciplinas cursadas no PPGECEM e no PPGE.

Às amigas que fiz no PPGECEM e para sempre, Liz, Nina, Vivi e Nelem. Por todos os momentos de amizade e companheirismo. O meu genuíno carinho.

A todos os meus alunos que durante os meus 25 anos de Magistério me permitiram tornar a profissional que sou.

Aos meus professores que “tentaram” me ensinar Matemática: Zita Yolanda Netzel, Terezinha Druzik, Albina Helena Augusto, Maria de Jesus Ferreira (*in memorian*), Rosa Mityo, Analuci Cavalli, Maria Madalena Miranda Getikoski, Haroldo Wöll e Dirceu Fedalto. O meu respeito!

A minha tia Bernadete, pelo esforço em me ensinar “as continhas” durante as tarefas nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Aos colegas do PPGECM Alcione, Camille, Carolina, Cristiane, Eloisa, Enderson, Hallayne, Henrique, Josiel, Larissa, Manuel, Renata e Sandra, pela parceria no período em que estivemos juntos.

Aos meus familiares, e colegas da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte de Campo Largo pela força e palavras motivadoras durante esse processo.

À poetisa Andréia de Cássia Castro por me presentear com seu poema.

Ao Secretário Municipal de Educação, Cultura e Esporte de Campo Largo Professor Avanir Mastey, por me fazer acreditar que estava em tempo de cursar o Mestrado.

A meu filho Thales, à amiga Viviane, a meu sobrinho Victor e à depoente Michele, pelo suporte em informática.

A todos que me cederam os seus materiais para consulta, entre fotos, cadernos e boletins: Alberto Bianco, Cezar Henrique Galhart, Izabél Cristina Bonato, Jéssica Vitória Tokarski, Michele Laís Fracaro Iarek, Mônica Dalponte Ukasinski e Tayane Pascutti.

À secretária do Colégio Estadual Sagrada Família, Marlene Badui Lucif, pela disponibilidade de acesso à documentação.

Às Irmãs Lúcia e Dolores, respectivamente diretoras do Colégio Estadual Sagrada Família e Escola Municipal Anchieta pela utilização do espaço para a realização da coleta de dados.

À secretária do PPGECM, Antonyhella Santini, por sua gentileza comigo.

A Renan Greca, pela revisão do resumo em língua estrangeira.

A todos que compreenderam o meu empenho e ausência. Sou-lhes grata!

RESUMO

A presente pesquisa propõe-se a constituir fontes narrativas sobre a Alfabetização Matemática, abrangendo o primeiro segmento do Ensino Fundamental I. Para alcançar essa proposta, utilizou-se da História Oral, na sua vertente temática, como metodologia para coleta de dados, entrevistando os alunos que estudaram nas cinco instituições de ensino, dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, em Campo Largo – PR: Colégio Santa Terezinha, Instituto Santa Terezinha, Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, Colégio Estadual Sagrada Família e Escola Municipal Anchieta. Além das fontes orais, que foram transcritas e textualizadas, compuseram a pesquisa documentos e imagens. Buscou-se possibilitar uma interlocução entre as narrativas, através de contos, que são narrativas sobre narrativas, a partir de uma leitura horizontal, à luz do conceito de *exotopia*. A opção por fontes narrativas, orais e imagens, permitiu traçar um cenário acerca da Alfabetização Matemática, em diferentes espaços e tempos.

Palavras-chave: Educação Matemática. Alfabetização Matemática. História Oral. Instituições Escolares. Campo Largo.

ABSTRACT

This research proposes to constitute narrative sources on Mathematical Literacy, covering the first segment of Elementary School. To achieve this proposal, we used the Oral History, in its thematic aspect, as a methodology for data collection, interviewing students who studied in the five educational institutions run by the Congregation of the Sisters of the Holy Family in Campo Largo - PR: Colégio Santa Terezinha, Instituto Santa Terezinha, Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, Colégio Estadual Sagrada Família and Escola Municipal Anchieta. In addition to the oral sources, which were transcribed and textualized, documents and images composed the research. It was attempted to facilitate a dialogue between the narrative, through tales, which are narratives on narratives, from a horizontal reading in the light of exotopy concept. The choice of narrative sources, oral and images, allowed us to outline a scenario about Mathematical Literacy in different spaces and times.

Keywords: Mathematics Education. Literacy Mathematics. Oral history. School institutions. Campo Largo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
<i>CARTA DE APRESENTAÇÃO AO LEITOR</i>	<i>13</i>
PARTE I.....	22
LEITURA HORIZONTAL: O OLHAR <i>EXOTÓPICO</i> SOBRE AS NARRATIVAS.....	22
CONTAS E CONTOS, EM VOZES, ENCONTROS	23
PARTE II.....	36
O TEMPO, O CENÁRIO, AS VOZES.....	36
O MENINO QUE HABITA O ANCIÃO: ALBINO E O COLÉGIO SANTA TEREZINHA	37
GUARDA-PÓ BRANCO... GUARDA-PÓ ROSA: ZITA E O INSTITUTO SANTA TEREZINHA.....	45
À LUZ DO LAMPIÃO: ALBERTO E A ESCOLA DE APLICAÇÃO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA	55
A MENINA E O LEITE: MÔNICA E O COLÉGIO ESTADUAL SAGRADA FAMÍLIA.....	62
PARTE III.....	88
TRAMAS... TRAMADAS.....	88
ENTRE-VISTAS.....	90
ALÉM DO GRAVADOR.....	94
A SINA DE PENÉLOPE	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
<i>CARTA DE DESPEDIDA.....</i>	<i>108</i>
NOTAS.....	113
NOTAS TÉCNICAS (IMAGENS E QUADROS).....	123
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS.....	134

Quem construiu
Tebas, a das sete portas?
Nos livros ficam os nomes dos reis.
Os reis arrastaram os blocos de pedra?
Babilônia, muitas vezes destruída,
Quem a construiu tantas vezes?
Em que casas da Lima auri-radiosa moravam os obreiros?
Para onde foram, na noite em que ficou pronta a muralha da China,
Os pedreiros?
A grande Roma está cheia de arcos de triunfo. Quem os erigiu?
Sobre quem triunfaram os Césares?
Bizâncio multi celebrada tinha apenas palácios para seus habitantes?
Mesmo na legendária Atlântida,
Na noite em que o mar a sorveu
Os que se afogavam gritavam por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Ele sozinho?
César bateu os gauleses.
Não levava pelo menos um cozinheiro consigo?
Felipe de Espanha chorou, quando sua armada foi a pique.
Ninguém mais teria chorado?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu junto? Por todo canto uma vitória.
Quem cozinhou o banquete da vitória?
Cada dez anos um grande homem.
Quem pagou as despesas?
Histórias demais.
Perguntas de menos.

Perguntas de um operário que lê

Bertold Brecht

INTRODUÇÃO

Carta de apresentação ao leitor

Curitiba, 18 de maio de 2015.

Caro leitor

Espero que esta carta o encontre com tempo disponível, pois adoraria que me acompanhasse por essas páginas. Se me conhece, deve interrogar: “o que você está fazendo em um Mestrado de Matemática? Você não é da Língua Portuguesa”? É o que me perguntam as pessoas que sabem que curso Mestrado! Eu lhe respondo: não estou em um Mestrado de Matemática, e sim, em um Mestrado de Educação Matemática. E a palavra *Educação* faz toda a diferença. Talvez a Matemática confunda as pessoas, inclusive algumas questionam se faço aqueles cálculos difíceis durante as aulas. Outras, não se convencem de minha explicação. E lhe pergunto: a Matemática é propriedade dos matemáticos? Enquanto você pensa, vou apresentar detalhes que podem ajudá-lo a me compreender.

A minha incursão pela Educação Matemática aconteceu de uma forma nada planejada e não poderia ter ocorrido em melhor momento! E muito tem a ver com a minha história acadêmica, profissional e pessoal, conforme resumirei nas próximas linhas.

Cursei o Magistério, pressionada pela minha mãe. Hoje agradeço, a minha ausência de rebeldia. Quando iniciaram as regências de classe e interagi com as crianças, já no 1º ano, estava perdidamente apaixonada. Posteriormente, cursei Letras Português/Espanhol pela intimidade com a leitura e interesse pela Literatura, e Pedagogia, por sentir a necessidade de uma segunda graduação. Também fiz uma especialização em Educação e outra em Língua e Literatura.

Iniciei minha atividade profissional, em 1990 e nesse ano completo 25 ANOS DE DEDICAÇÃO EXCLUSIVA AOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. É o meu estandarte, sinto-me honrada e recompensada. Atuando como alfabetizadora, pude conviver com crianças pobres de marré e afortunados em alegria de viver, em carinho para ofertar e que recebiam um filme em vídeo, como um grande espetáculo! Foi a minha primeira graduação, onde fui certificada moralmente! Apliquei o método silábico e logo conheci Ana Teberosky, que das terras de Cervantes me fez refletir acerca da aquisição

da escrita. Militei Emília Ferreiro, sistematizei os níveis de escrita de Esther Pilar Grossi, e o arco-íris de suas madeixas se imprimiu em minhas formas de ler o mundo das crianças. Estudei muito sobre a psicogênese da língua escrita.

Sou Orientadora de Estudos de um grupo de Alfabetizadores pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, e essa função possibilitou que participasse da seleção da disciplina “Alfabetização Matemática”, e em seguida, assisti as aulas, como ouvinte, da disciplina “Tendências em Educação Matemática”, ambas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática - PPGECEM, da Universidade Federal do Paraná - UFPR. E depois a seleção, o ingresso no Mestrado e o meu agradável convívio com os matemáticos. Foi na primeira aula da disciplina de “Tendências”, em 29/08/2013, que o Professor Carlos Roberto Vianna me apresentou a História Oral, de forma tão singela e como consequência surgiu o problema de pesquisa, o qual está atrelado a minha história.

Em minha trajetória como docente “sempre” ouvi reclamações de meus colegas, professores, ora nas escolas em que lecionei, ora nas formações de que participei, de que as crianças não sabiam calcular as operações básicas, não estudavam a tabuada e não conseguiam resolver situações-problema. Também presenciei relatos de que **as crianças não sabem pensar**. Tais declarações me inquietavam, porque fiz parte desse grupo, “dos que não sabiam calcular”, no entanto, as minhas professoras sempre acreditaram em mim! E sabe amigo leitor, meus problemas com a Matemática, começaram muito cedo.

Cresci em meio a muitos livros e histórias. Meus pais, Carlos e Marli leitores vorazes, sempre me estimularam a ler muito, mesmo que primeiramente fossem apenas as imagens. As casas que frequentava tinham muitos livros e coleções de clássicos literários. Convivi com meu avô paterno mergulhado em jornais e ficção. Minha mãe me comprava livros com frequência e daí nasceu o meu amor pela Literatura.

Quando tinha 7 anos e já frequentava a 1ª série, meus pais se divorciaram e migrei de Campo Bom, a “terra dos calçados”, onde residia, para Campo Largo, a “capital da louça”. E de Campo em Campo, entre os pampas gaúchos e as paranaenses araucárias, eis que se anuncia o início de minha história com a Congregação das Irmãs da Sagrada Família e com a Matemática.

Estudei no Colégio Estadual Sagrada Família de 1978 a 1989 e lecionei na Escola Municipal Anchieta, de 1997 a 2010, as duas instituições ocupam o espaço do prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família. Uma vida subindo e descendo as escadas ao som de músicas bíblicas infantis: ao todo, 24 anos.

Cheguei com a transferência da 1ª série de outra escola. Era 22 de abril de 1978 e no Colégio Estadual Sagrada Família não havia vagas. Mesmo assim, minha tia avó, Zita Yolanda Netzel, a minha eterna professora de horizontologia, argumentou com a diretora na época, Irmã Idalina, que não se oporia se eu assistisse às aulas pendurada na janela, e a partir desse momento, passei a ser o número 30 de seu diário de classe.

Tia Zita me ensinou a ler com o método silábico da Cartilha Sodré, e assim me apontou o horizonte da leitura. O calendário anual e o sistema da escola anterior eram diferentes e meus coleguinhas estavam bem adiantados, o que a princípio me deixou assustada, contudo, com muito empenho, e segundo minha professora, em 15 dias já lia melhor que muitos colegas.

Foi tia Zita quem me apresentou a um ser monstruoso tal qual a mitológica Medusa de olhar petrificador, que me amedrontava: a MATEMÁTICA. A monstruosa Matemática! A partir daí as taquicardias foram constantes.

Sentei sempre em frente ao quadro-negro, imersa nas imensas carteiras escolares, por conta da minha dificuldade com a subtração, tão pequenina e frágil que meus pés não tocavam o chão. Não entendia porque um número tinha que chegar “a outro” e ainda “caía uma sementinha”. Imaginava a semente da laranja despencando de um número a outro. Santa imaginação! Algoritmos, mais lágrimas, eis a soma que me acompanhou por muitos anos! Por mais meiga, brincalhona, divertida e carinhosa que fosse a tia Zita, não entrava na minha cabeça a bendita da subtração. Nem os palitos de sorvete que usávamos nas aulas me ajudavam nas continhas.

Já na 2ª série, com a professora Terezinha Druzik, recebi a primeira nota vermelha em Matemática, de uma coleção: 5,6. A primeira foi inesquecível! Era o processo curto da divisão e a tal da sementinha que não entendia. Minha mãe foi chamada à escola e como solução para o “meu problema”, reforço no horário das tarefas, folhas com continhas. Minha tia Bernadete, irmã caçula de minha mãe, em seu esforço hercúleo tentava em vão me ensinar. Derramei muitas lágrimas, por conta das contas!

Na 3ª série passei para o período da manhã, já que minha mãe trabalhava o dia todo e assim, me separaria de meu irmão caçula, evitando os possíveis e fraternos conflitos. E minha história foi se complicando, porque não conseguia despertar cedo, passava a manhã toda em jejum e meu melhor rendimento era à tarde.

A professora Albina Helena Augusto, com quem tive o privilégio de dividir parceria, anos depois, é quem foi realmente sacrificada, porque se privava de um momento descontraído com as companheiras de trabalho, para me ensinar a divisão durante o

horário do recreio. Novamente o processo curto e a sementinha. Que lástima! A coleção de notas vermelhas foi se ampliando. Não entendia porque 9 vezes 9 dava 81. Não tinha significado. Não fazia o menor sentido.

Como permanecia na sala durante o recreio, os colegas sabiam que eu não sabia Matemática. E com isso fui me encolhendo e me esquivando de maiores frustrações porque lia muito e com fluência, apesar da timidez, escrevia com facilidade, memorizava com tranquilidade as perguntas dos questionários e dissertações, dos testes e provas. Nesse ano, escrevi um poema em homenagem ao Papa João Paulo II, em sua visita a Curitiba. Minhas primeiras rimas.

Na 4ª série, a professora Maria de Jesus Ferreira me mostrou o significado da palavra altruísmo. Hoje é um ser etéreo e faz parte da saudade! Ela era demais! Explicava os conteúdos de Estudos Sociais, que eu adorava, circulando pela sala e tricotando. Tricotando, leitor! Cena inesquecível.

Foi o ano em que perdi meu pai, por esse triste motivo, precisei me afastar por muitos dias e faltei à semana inteira de teste. A professora fez o teste de Matemática junto comigo e muitos dos exercícios os fez por mim. Maria de Jesus mensurou a minha dor, percebeu o quanto estava abalada e carecia de sua força e compaixão.

Ela tinha uma metodologia diferenciada: trabalhávamos a Matemática sempre em pequenos grupos. Isso em 1981! Essa proposta me constrangia, porque eu era a única menina de um quarteto, e nunca trocávamos os grupos, para aumentar a minha agonia. Pensava que a professora me punia pela convivência com os meninos, quando na verdade me beneficiava. Sabia com muita propriedade o que fazia. Ela tinha uma energia extraordinária!

Esse quarteto era fantástico, fazíamos todas as atividades juntos, Carlos, Célio e Joel me explicavam com muita paciência: as operações, os problemas, a transformação das medidas... o mínimo múltiplo comum. E a professora circulava entre os grupos, mediando, supervisionando, estimulando!

Tanto que na 5ª série consegui acompanhar, pela ótima base do ano anterior e pela dedicação da professora Rosa Mityo Sato, que explicava várias vezes a mesma atividade, exemplificava e era muito gentil. Como fiz um bom ano, fiquei mais confiante!

Entretanto, na 6ª série, tive um professor que não dava aula, não ensinava, ridicularizava os alunos e eu tinha medo de falar para a minha mãe. Havia registrado em meu caderno no início do 3º bimestre, apenas uns exercícios de números negativos, raiz quadrada e expressões numéricas, como tarefa de casa. Esse professor chegou a

negociar presentes e notas. O único ponto positivo era que avisava os “números” que corrigiriam as tarefas no outro dia. E quando era a vez do número 21, inventava um mal-estar e me poupava de constrangimentos. Foi o único ano que sentei no fundo da sala, para que passasse invisível por suas “aulas”.

Além de conviver com a górgona, fui apresentada à quimera: a reprovação! Fiquei retida em Matemática porque não sabia, porque ele não ensinava a matéria e quando foram tomadas as devidas providências não havia mais tempo. O sistema não perdoou. Perdi o ano e o gosto pela leitura. Fiquei desmotivada de tudo. A minha estima foi ferida, e a cicatriz me incomodou por longos anos. Nenhuma palavra de conforto e uma mancha no histórico escolar. Eu tinha reprovado e esse fardo pesou demais! Fiquei retida em uma época em que reprovavam os desinteressados, os preguiçosos... aqueles que gazeavam aula. A Matemática era o sinônimo de inteligência.

Refiz a 6ª série, ou melhor, fiz a 6ª série, muito bem, graças ao empenho da professora Analuci Cavalli, que iniciava a carreira, meiga, paciente e cheia de vontade de ensinar, e mais atividades semanais de reforço com a professora Maria Madalena Miranda Getikoski, em um esforço voluntário. Nesse ano meu irmão me alcançou: eu era a repetente e ele o campeão da maratona intelectual em Matemática. Parâmetro difícil!

Na 7ª e na 8ª série, obtive um bom rendimento, embora a figura do professor Haroldo Wöll me amedrontasse. Ele era muito sério, e levava muito a sério o seu trabalho. E como os alunos percebiam isso, levavam muito a sério, a sua pessoa, as suas aulas e a sua matéria. Uma referência! Preenchi muitas folhas quando fui aluna do professor Haroldo, aprendi bem os polinômios e aquelas expressões numéricas gigantescas, cuja diferença terminava em 0. Ele intercalava as avaliações entre provas e trabalhos. E essa forma de avaliar ajudava muito. Mergulhei literalmente na leitura. Nesses dois anos li todas as obras de José de Alencar, Machado de Assis, Érico Veríssimo e William Shakespeare. É leitor, fui levando, porque além de me destacar nas redações, que ficavam entre as melhores da sala, escrevia poesias e devorava livros.

Zita, Terezinha, Albina e Maria de Jesus. Embora tivesse sido presenteada na vida, pelas fantásticas professoras que cruzaram o meu caminho na base do Ensino Fundamental, e tivesse aula com Rosa, Analuci e Haroldo, profissionais brilhantes na área da Matemática, foi o jovem professor Dirceu Fedalto que me ensinou a dividir, no 2º ano do Magistério. Isso mesmo meu leitor, depois de muitos anos, confesso que aprendi a dividir somente no 2º ano do Magistério. Passei praticamente a minha vida escolar inteira, sem entender a divisão.

Quando assumi a minha primeira turma de 4ª série, passei insone, por semanas. Afinal teria que ensinar o que não havia aprendido. O que me socorreu foi o livro didático com as respostas. Resolvia todos os exercícios e depois conferia o resultado. Foi assim que aprendi que se somarmos 9 vezes o número 9, o total é 81.

Pela minha tragicomédia com a Matemática, por não ter sido alfabetizada matematicamente é que no exercício docente, sempre me coloquei no lugar dos alunos que como eu “não entendiam a Matemática”. Esse foi um fator extremamente positivo. Procurei ser cuidadosa nas correções no quadro retomando os conceitos, na maioria das vezes eu mesma os corrigia a fim de evitar o vexame que passei tantas vezes frente ao quadro.

Deixei sempre claro para os meus alunos que precisariam aprender bem tal conteúdo porque posteriormente seria muito importante. E que a Matemática é uma atividade humana, presente em todas as situações da vida. Pois é leitor, eu lhe confidenciei até agora a minha história acadêmica, profissional e pessoal. E você pode estar se perguntando o que isso tem a ver com a pesquisa?

A minha triste sina com a Matemática escolar e as afirmações de meus colegas sobre as tentativas tortuosas das crianças foram acionadas intrinsecamente, quando o Professor Carlos explicava na primeira aula de “Tendências” que uma pesquisa de História Oral pode acontecer a partir “das narrativas dos alunos sobre o ensino”. Naquele momento uma imagem holográfica do prédio em que estudei a minha vida toda se projetou, juntamente com as faces de algumas pessoas conhecidas que sabia que lá estudaram. Foi quando pensei: quais seriam as relações de outras pessoas com a Matemática? As minhas, eu sei! E de outros?

Parecia muito simples: ouvir pessoas sobre as suas lembranças do tempo de escola. Era essa simplicidade que buscava. O cotidiano. Aquilo que é tão importante e acaba perdendo a relevância. “Escolhi meu tema e não tenho medo de que ele possa parecer trivial...” (VIANNA, 2000, p.149).

Quem sabe leitor, essa pesquisa fosse uma forma de redenção e outros olhares para a Matemática. A minha leitura foi pessimista, como seria a leitura de pessoas que passaram pelas cinco instituições de oferta dos anos iniciais do Ensino Fundamental, dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, em um período após a chegada das Irmãs em Campo Largo até o final do século XX? Seria uma pesquisa interessante!

Essa pesquisa está estruturada em 3 partes. E é uma coletânea de narrativas. Narrativas essas, presentes nas epígrafes, nas fotos, nas 2 cartas, nos 4 contos e nas 5 narrativas sobre as experiências de meus narradores.

Para as epígrafes, selecionei citações, frases e poesias de meus autores favoritos, Bertold Brecht, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Ecléa Bosi, Érico Veríssimo, Ferreira Gullar, Gabriel García Márquez, Mario Quintana, Mikhail Bakhtin, Paul Ricoeur e Walter Benjamin que dialogam com os textos expostos. Também recebi da querida amiga Andréia de Cássia Castro, delicados versos que traduzem a narrativa de um episódio de sua história, em uma das instituições estudadas.

Na primeira parte é apresentada ao leitor, através do título “Leitura horizontal: o olhar *exotópico* sobre as narrativas”, uma interlocução entre as narrativas em uma leitura horizontal, colocando os depoentes no mesmo plano, através da estrutura narrativa de conto, mesclando elementos ficcionais e recortes das narrativas: Contas e contos, em vozes, encontros. Nesse conto aproprio-me do conceito de *exotopia* (BAKHTIN, 2011).

A segunda parte “O tempo, o cenário, as vozes...” é destinada às fontes narrativas, objeto da pesquisa, através dos relatos dos alunos que estudaram nas cinco instituições de ensino dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, que ofertaram o ensino dos anos iniciais de escolarização: Colégio Santa Terezinha, Albino Augusto; Instituto Santa Terezinha, Zita Yolanda Netzel; Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, Alberto Bianco; Colégio Estadual Sagrada Família, Mônica Dalponte Ukasinski e Escola Municipal Anchieta, Michele Laís Fracaro Iarek, no período de 1930, o último ano de estudo do primeiro depoente, a 2000, ano em que a última depoente concluiu o primeiro segmento do Ensino Fundamental I.

Na terceira parte, “Tramas tramadas...” apresento outros 3 contos: “Entre-vistas”, “Além do gravador” e “A sina de Penélope”. São “narrativas sobre narrativas” (BOLÍVAR, 2002; CURY, 2011) a partir de um olhar *exotópico* à luz da teoria de Mikhail Bakhtin, promovendo uma fusão entre realidade e ficção.

“Não é nossa intenção analisar as narrativas, pois elas falam por si e permitem uma leitura das trajetórias apresentadas” (BAGIO; GALHART, 2014, p.12). Não é minha intenção estabelecer paralelos, mas sim, situar o leitor sobre o ensino de Matemática nas cinco escolas dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, nas vozes dos alunos entrevistados. Após as “Considerações Finais” há um roteiro de notas, no estilo de um glossário, a fim de que você as consulte e, se desejar, retome as leituras.

Convido você, leitor, a contemplar as narrativas, nas vozes dos alunos das escolas dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, sem eles, essas escolas não teriam razão de existir. Desconhecia as histórias dessas pessoas. Pessoas cujos nomes estão registrados no arquivo morto da instituição e que ajudaram a redigir uma história coletiva. Precisava conhecê-las. Retomo o poema de Brecht, “Histórias demais. Perguntas de menos”. Fui surpreendida por essa pesquisa e lhe aviso de antemão que poderá ocorrer o mesmo com você, pois são lembranças da Matemática escolar vividas por cada um dos depoentes, em momentos muito distintos.

“Outro motivo para estudarmos a narrativa consiste em entendê-la de modo a melhor cultivar as suas ilusões de realidade, a “subjuntivar” os óbvios declarativos da vida cotidiana” (BRUNER, 2014, p.21).

Expresso um desejo (ou convite): procuro um leitor que estabeleça um diálogo com as narrativas, questione, posicione-se, interaja com os narradores. Foi um grande desafio, meu leitor. Deleite-se com as lembranças que habitam o passado de cada um desses alunos. Aventure-se!

Um abraço
Anna Carolina

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.
uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir-se uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte -
será arte?

Traduzir-se
Ferreira Gullar

PARTE I

Leitura Horizontal: o olhar *exotópico* sobre as narrativas

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição de fora e diante de mim, não pode ver:

In: Estética da Criação Verbal, Mikhail Bakhtin

Na primeira parte desse estudo a proposta foi de colocar a Alfabetização Matemática vivenciada pelos narradores em um mesmo plano. Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele estiveram interagindo em um mesmo cenário.

Uma leitura horizontal, onde você leitor poderá observá-los, todos, alinhados em busca do horizonte de suas lembranças. O meu desejo, leitor, é de que você tenha muitas dúvidas e faça muitas indagações. A mim, a Albino, à Zita, a Alberto, à Mônica e à Michele. Tomara! Não resumo mais nada sobre o conto. Deixo que você tire as suas conclusões.

Espero que na leitura do conto “Contas e contos, em vozes, encontros”, você se sinta aguçado a querer saber mais e folhear as narrativas por simples curiosidade. Permita-se conhecer essas personagens e consultar as notas. Palpite sobre as narrativas, pois “só um outro nos pode dar acabamento assim como só nós podemos dar acabamento a um outro” (TEZZA, 2005, p. 210).

O acabamento vem do outro, do olhar de fora, que consegue completar aquilo que não conseguimos, porque a nossa visão alcança até o horizonte. E assim como a minha visão necessita do olhar do outro, o mesmo acontece com a palavra, porque essa necessita do outro para que tenha significado.

Desprenda-se. Dê espaço à nostalgia que habita em você e retorne ao passado.

Contas e contos, em vozes, encontros

o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal.

In: Tempo e Narrativa, Paul Ricoeur

Michele se espreguiça em frente ao computador “14 horas, já”? A sonolência após o almoço, a consome. Busca um cafezinho na cozinha e tenta concentrar-se. O vento que balança as cortinas é promessa de chuva. Olha a parede e pensa no projeto de prateleira que precisa iniciar. Abre o programa. Mira novamente a parede e fixa o olhar.

Mônica vê a tela do celular e se levanta rapidamente. Lembra do livro que prometeu emprestar para a pedagoga de uma escola”. 14 horas, não sei se dará tempo de encontrar em meio a tantos na biblioteca. Ela virá às 15 horas”, lamenta-se. Espia na janela as nuvens carregadas no céu. Abre a porta da sala de reuniões e inicia a busca. Vira, revira e finalmente o encontra. Toma-o e caminha até a porta. Muda de ideia. Fecha a porta, arrasta uma cadeira e senta-se. O olhar é curioso sobre a capa do livro, muitas flores e borboletas.

Passos pela Rua Engenheiro Tourinho. Alberto cumprimenta a transeunte. “Tenho que acelerar, quero retornar antes da chuva”, mentaliza. Consulta o relógio no pulso, já são 14 horas. Apressa o passo. Mais 100 metros e chega à Biblioteca Pública. “Boa tarde! Boa tarde!” Abre a porta e o sorriso. Dirige-se até a sala da bibliotecária, ela não está. Busca o livro que precisa e o encontra com facilidade. Guarda-o na maleta e avista o boletim que trouxe para mostrar à colega. Senta-se e observa orgulhoso as notas de um aluno exemplar.

A porta range e abre lentamente. Zita a fecha. Sonda pela janela o vento que anuncia a chuva. O relógio na parede marca exatamente 14 horas. “Está quase na hora da novela”. Senta-se em seu sofá cativo e ajeita a almofada, que tem dobrado um dos babadinhos de crochê. A porta abre bruscamente. Zita se levanta para fechá-la, alcança a maçaneta e a segura. Olha o jardim e sente o vento no cabelo. “O céu está tão escuro”!

Mais à frente, avista a Rua Barão do Rio Branco e a Praça Polônia. Contempla-a por alguns segundos e não contém o riso. Olha novamente seu jardim!

A velha pá de pedreiro é um utensílio perfeito para cutucar a terra e arrancar pela raiz os trevinhos que invadem o canteiro das alfacinhas, sobreviventes da chuva de granizo. “Epa, que é isso? Uma búrca? Barbaridade!” A risada vem espontaneamente. Abre a torneira e tira o excesso de terra da bolinha. “A búrca era um bom divertimento quando era guri”, pensa sorrindo. O vento é de chuva. Entra descalço na cozinha para não levar um sermão da patroa. Cucu! Cucu! “14 horas, horário da minha soneca”. Albino acomoda-se na poltrona. Deixa o seu corpo relaxar. Segura a búrca. “Vai chover. O que vou fazer com um tempo assim”? Observa a porta do cômodo. “Acho que hoje não vem visita. Posso tirar o meu cochilo”. O vento sacode os vidros da janela. As pálpebras deslizam... Rende-se sem revidar a *Hipnos*, o deus do sono.

Começa a chover. Uma chuva fina, quase uma garoa! A mãe de Albino passa o maior sufoco para arrancá-lo do portão, as pequenas mãos parecem garras, quanta força! Enfim, consegue, mas parte de uma das ripas do portão vem junto. “Da próxima vez, vai levar uma surra!” Toma uma bronca logo cedinho. Devido a toda a cena para não ir à aula, os meninos estão atrasados. Correm descalços pelo saibro da Rua Barão do Rio Branco, lutando contra o tempo. O bocó a tiracolo sacoleja os apetrechos. Hora de correr um pouco mais, pois a chuva começa a engrossar. “Tomara que dê tempo de chegar à escola, vamos apurar”, combina com o irmão”. É, por sua culpa, a mãe devia ter dado uns petelecos”, resmunga o irmão. As poucas casas sinalizam que as pessoas estão acordadas. Nos jardins, a primavera dá o ar da sua graça. Uma das búrcais cai-lhe do bolso e Albino a recolhe num piscar de olhos.

Zita veste o guarda-pó branco e espera o irmão na varanda. Entre reclamações, o irmão a envolve na capa de feltro azul-marinho, para proteger a lousinha com a tarefa de Matemática e a malinha de papelão que seu pai comprou com sacrifício. A chuva

aumenta, eles apressam a caminhada e cruzam a Praça Polônia. Zita choraminga. A loirinha aperta o peito de seu pé, e dói muito. “Falta pouco”, adverte-lhe o irmão.

Alberto passa na casa dos vizinhos e dividem um guarda-chuva. O trajeto até a escola não é longe. É só atravessar o mato do Sovierzoski e pegar a Engenheiro Tourinho. Por todo o caminho preocupa-se com os pingos que gotejam na camisa branca que a mãe passou com tanto cuidado.

A chuva atrapalha, e o ônibus escolar chega atrasado na Praça do Colégio. A pequena Mônica desce da condução em meio aos empurrões dos marmanjos do Ginásio. Abraça a mala e entra na escola. Dirige-se até a fila próxima da cozinha. As merendeiras distribuem canequinhas com leite. Mônica degusta o líquido, mesmo sendo intolerante à lactose.

O pai de Michele estaciona em frente a porta lateral do prédio das Irmãs. As buzinas são frenéticas. Michele sai apressada vestindo a capa de chuva. A mochila quase lhe escapa. A mãe a acompanha até o portão e beija-lhe a testa. “Tchau mãe”, acena!

Todos sentam em seus lugares e organizam os materiais. Zita ajeita com cuidado o tinteiro no espaço destinado a ele, na pesada carteira. Mônica e Michele depositam o penal sobre a mesa. A professora entra na sala e cumprimenta a todos:

– Bom dia!

– Bom dia, o coro responde em pé, ao lado da carteira.

A professora pega um giz branco e divide o quadro ao meio. Solicita que copiem no caderno de Matemática. Começa a registrar a data, Campo Largo, 25 de setembro, um exercício com 10 contas e 2 problemas.

Albino pergunta sussurrando a Alberto:

– O primeiro problema é de mais ou de menos?

Alberto devolve-lhe em voz baixa:

– Se a professora mandou estudar a tabuada, é porque é de vezes ou dividir.

– É que são muitas continhas, responde Albino.

Alberto termina de copiar e resolve as contas usando palitos de sorvete. Albino, conta nos dedos.

No segundo problema, onde Zita teria que escrever “repartiu”, copia “repatiu” e desespera-se de ter que usar o mata-borrão. “A professora vai brigar”, pensa ela, “que penoso”!

Mônica vira a página do caderno encapado com papel tigre verde. “Arme e efetue, arme e efetue, arme e efetue! A professora podia ter passado umas 3 contas, mas 10! Deus do céu”!

A tranquila Michele resolve todos os exercícios. Pede licença para a professora e escolhe uma história em quadrinhos na prateleira da sala, a fim de passar o tempo, enquanto os colegas terminam. Estampa um sorriso na face. “Gosto tanto de Matemática”!, pensa.

Alberto conserta a segunda conta e fala baixinho:

– 9 não dá para tirar do 3, empresta do 2. Movimenta alguns feijõezinhos na carteira e percebe no que se equivocou.

Mônica observa que errou a quarta continha. Apaga e torna a fazer:

– 7 para chegar no 1. Não dá. Empresta do 3 e cai a sementinha.

Zita conta nos dedos e corrige a nona continha:

– 4 vezes 0 é 0, porque o 0 não vale nada. Eu aprendi assim!

Albino apaga várias vezes a última conta e comenta com Michele:

– De dividir eu não sei, sou fraco. Eu nunca entendi esse negócio de repartir, 3 vezes tanto!

Michele sorri e lhe dá uma dica:

– Sabe Albino, é que você fez pelo processo curto. Se você dividir pelo processo longo, você vai entender melhor!

– Eu faço pelo processo longo, e concordo com a colega Michele, defende Alberto!

– Eu também faço pelo curto como o Albino, e estou acostumada, diz Mônica.

– O curto é bem mais rápido, concorda Zita!

Quando Michele ajudaria o coleguinha que estava com dificuldade, a professora interrompe e inicia a correção no quadro. Michele gesticula negativamente para Albino.

Logo a professora pede que um aluno vá ao quadro, supervisiona a conta, pede que se sente e solicita que outro resolva a próxima. Zita comenta com Michele:

– É, a professora passa muitas continhas! Michele responde:

– A profe corrige tudo no quadro, conta por conta, é só conferir do caderno, ninguém pode reclamar!

Toca a música para o recreio. As crianças saem cantando um hino bíblico que a Irmã diretora coloca para avisar da saída. As meninas descem as escadas, saltitando e cantando “quero ser como a casa sobre a rocha, construir sobre Deus a minha vida...”. Os meninos se embolam pelo corrimão e quase derrubam o pacote com as búricas. O recreio é rápido, há muitas atividades pela frente.

A professora apaga o quadro e passa mais 2 problemas, um exercício de decomposição de números, outro de sequência numérica e o último sobre antecessor e sucessor.

Alberto comenta com Mônica:

– Não passou de pares e ímpares!

– Ainda bem, já tem os vizinhos, que eu detesto fazer, responde Mônica.

– Gosto de fazer aquele que tem do número 1,2,3 em diante, compartilha Albino com os colegas.

Zita ouve a conversa e diz aos colegas:

– Por mim não existiriam os números!

Michele percebeu que o colega a seu lado se esqueceu de um número na sequência e lhe avisa. Albino permanece concentrado, pois gosta de copiar os exercícios do quadro. Alberto resolve o primeiro problema e fala baixinho:

– *Cálculo, traço na vertical, solução, resposta.*

– *Sentença matemática, cálculo e resposta, expõe Zita ao ouvir Alberto.*

– Eu faço assim: *sentença matemática, traço no meio, operação e resposta*, conta Mônica aos colegas.

– Eu gosto também quando a professora dita. Ei Michele, por que você só fez a resposta e não fez a continha? Pergunta Albino, curioso.

– Porque eu fiz de cabeça, serena Michele.

Todos se olharam perplexos! A professora pediu que Mônica lesse em alto e bom som o primeiro problema da segunda rodada de exercícios:

– Mariazinha tinha 4 balas. Ganhou mais 4. Com quantas ficou? Mônica quase desmaia.

– Esse problema é fácil, comenta Alberto, - nem precisa pensar!

A professora circula e verifica se os alunos estão acertando os exercícios. Vista os cadernos e lhes atribui nota. “Precisam melhorar na tabuada”, retruca.

Em seguida, registra no quadro a lição de casa. Todos copiam em silêncio. Para casa: Estudar a tabuada do 6. Sobram uns minutos para tomar a leitura. Lembra a professora “Amanhã Alberto, você me ajudará com os cadernos”. Toca a sineta. Mais um dia de aula findou!

A chuva cessou. Os colegas despedem-se.

Michele encontra a prima e segue rumo à Creche Mariinha, onde permanece durante a tarde. No caminho pensa nos jogos que gostaria de brincar, se desse tempo durante o intervalo.

Mônica dirige-se até a Praça Capitão João Antônio da Costa, a fim de aguardar o transporte. Por sorte, o ônibus já está esperando e ela consegue lugar para sentar, nos primeiros bancos. “Ai que bom, na janela”, pensa, coloca a mala entre os joelhos e começa a cantarolar uma das cantigas que brincou durante o recreio:

– Carneirinho, carneirão... neirão...neirão.... lá, lá, lá, lá,... lá,lá,... lá, lá, lá.

Albino, Alberto e Zita moram próximos e resolvem ir juntos para casa. No caminho conversam sobre boas recordações da escola.

Alberto relembra da visita do Bispo e das comemorações dos dias santos. Albino comenta do piquenique divertido na Praça do Chafariz, das brincadeiras com búrca e dos cambotes que viraram na grama. Zita lembra com saudade do passeio ao mato do Sovierzoski e a fartura de sonhos e capilé que as Irmãs serviram.

Albino aproveita para convidá-los para brincarem no domingo com a bicicleta que ele mesmo havia confeccionado, em madeira de pau. Na despedida, Zita avisa que estará à tarde na Praça Polônia para brincar de pega-pega.

Michele termina o almoço na creche. Come pouco, feito um passarinho. Escova os dentes e prende os caracóis com as presilhinhas que ganhou da mãe. Na mesa de estudos, observa as outras crianças brincando de Banco Imobiliário. “Depois eu jogo”, fala para os colegas. “Primeiro tenho que estudar a tabuada”. Busca um local mais reservado, a biblioteca. Senta em uma almofada. Abre o zíper da mochila. Tira a agenda e a Tábua Pitagórica com as tabuadas pintadas em amarelo. “6 vezes 3 é 18 porque 3 vezes 6 também é 18. A professora Anna ensinou”, fala em voz alta. Michele passa a recitar a tabuada, como se fosse um poema.

Os copos e a jarra de suco do almoço já foram todos guardados na cristaleira. “Ufa, terminei” alegre-se Mônica. “Agora posso fazer a tarefa de casa. Tabuada. Ah, a professora já apresentou quase todas as tabuadas”. Arreda o centro da mesa da copa, todo bordado em ponto cruz e deposita sobre a mesa o caderno de Matemática e o penal. Verifica que o plástico rasgou e o papel tigre verde sujou um pouquinho. Confere na cadernetinha para ver se não precisa levar o livro de literatura para devolver na biblioteca. “Se me esquecer, a professora Nilce ralha comigo”, adverte-se. “Onde será que eu coloquei o meu livrinho de tabuadas”? Pensativa, franze a testa e coça os dourados cachos com o lápis. “Ah, lembrei, dentro da cômoda da nona”. Folheia o livrinho de capa vermelha e passa a copiar a tabuada no caderno, repetindo em voz alta: “6 vezes 1, 6; 6 vezes 2, 12; 6 vezes 3, 18; 6 vezes 4, 24; 6 vezes 5, 30, igual ao meu número na chamada”!

“A chuva deixou a terra molhada e facilitou meu trabalho” pensa Albino, e arranca com gosto os matinhos que crescem entre os pés de batata-doce. Colhe 5 cabeças de alface e alguns pimentões, depositando-os na cesta de vime. Não encontra nenhum maculã nos pés de tomate! Percorre as valas e confere que deu conta do recado. “Dever cumprido”, fala Albino, em voz alta e arregala os olhos azuis. “Agora tenho que fazer a tarefa, não quero levar uma reguada na paleta da Irmã Josefina” comenta, entre gargalhadas. Lava o rosto e os pés e se adentra a cozinha. Joga o bocó em cima da mesa e observa a panela fervente na chama do fogão à lenha. “Vai ter sopa”, acusa o seu olfato. Abre o bocó e tira um toco de lápis e o caderno de Matemática. Senta-se, abre o caderno. Olha para cima, buscando os números no teto. Para, pensa. “6 vezes 1 é 6” e

escreve na folha. “6 vezes 2 é 12, de multiplicar eu aprendi bem. De multiplicar eu até sou mais ou menos” fala convicto, e põe-se a completar a tabuada. Havia esquecido todo o nervosismo que passou pela manhã.

“Zita! Zita”!, chama a mãe no portão em frente à Praça Polônia. Só avista a cabeleira loira embaixo de uma roseira. Zita despede-se da piaçada e entra feito um raio para dentro de casa. “Já são mais de 4 e 15. Fui esperta, cortei o pasto e tratei da criação antes de brincar. Agora, tenho que estudar a tabuada”. A irmã mais velha chega do serviço e assume seu papel de mediadora das tarefas. Arranca uma folha do caderno, do seu tempo de escola. Lê a proposta da tarefa e trama-se a passar multiplicações da tabuada do 6, enquanto Zita treina e transcreve na lousinha. “Depois você me toma, viu? Tenho que saber na ponta da língua porque a Irmã Efrema é medonha”! A irmã acena positivamente. O pai também chega da fábrica e reveza a função com a filha mais velha. “Pronto pai, terminei, agora vamos cantar em polonês”?, empolga-se a menina. A tampa da panela tremelica avisando que a janta está quase pronta.

Terreiro varrido, móveis espanados, louça lavada, lenha cortada, jarro cheio com água do poço. A tarde de Alberto foi rentável. Deposita a lenha e acende o fogo. Enche a chaleira com água para que aqueça. Estende a toalha dobrada ao meio em parte da mesa, distribui as canecas para o café, a faca, a broa e a manteiga. “A mãe e o pai chegam com fome, cansados”, pensa o menino. Em um canto ajeita o caderno de Matemática, o lápis e o livrinho de tabuadas. Inicia o exercício: lê algumas vezes em silêncio a tabuada do 6. A mãe chega da Escola da Estação de Enologia, onde trabalha como zeladora. O menino Alberto percebe em sua face, o cansaço. “Mãe” chama Alberto, “amanhã a professora Reni vai me pedir para recolher os cadernos para ela corrigir”! A mãe sorri. Sabe o quanto esse fato é importante para o filho. Alberto continua o estudo, quer fazer bonito na sala de aula. A mãe percebendo o cair da noite acende o lampião.

A professora entra apressada na sala segurando o globo terrestre. Deposita-o sobre a mesa e questiona os alunos:

“Estudaram a tabuada? Porque hoje é a vez do salteado”. As crianças permanecem em silêncio. Esse é um momento não muito esperado. “Vou começar pelas meninas”, prossegue!

“Michele, você será a primeira: 6 vezes 9” - 54, professora! Responde baixinho.

“Mônica, quanto é 6 vezes 8”? - 48! Encolhe-se, rosto ruborizado.

“Zita, 6 vezes 6”? - É 36. Fica contente com seu desempenho.

“Alberto, 6 vezes 7, quanto é”? - É o número 42. Alberto sabe que fez bonito!

“Albino, 6 vezes 10”? - 60. Baixa a cabeça, envergonhado.

Prossegue a sabatina, um dos alunos esquece o resultado e rompe no choro. A professora retoma a tabuada, perguntando coletivamente.

A professora pede a Alberto que recolha os cadernos de Matemática, pois irá corrigi-los em casa. Ele nem cabe em felicidade, sente-se valorizado! Depois solicita que os alunos peguem o caderno de pontos para a cópia de um texto. Michele levanta o braço:

– Professora, eu me esqueci de lhe entregar o gibi que emprestei ontem!

A professora a orienta que o guarde na caixa de gibis, em cima da prateleira, junto com os livrinhos de literatura. “Muito bem, agora vou ditar um ponto, todo mundo atento. Se vocês não se atrasarem, no final da aula entrego o boletim. Coloquem a data, Campo Largo, 26 de setembro (pausa). No meio da linha, letra maiúscula, As Estações do Ano. “Mira de relance que Albino junta o lápis do chão e toca levemente com a régua o seu ombro. A professora nem percebe, mas Mônica mostra a Zita o livro didático embaixo da carteira, que ganhou como lembrança no ano anterior, cuja capa tem muitas flores. “Flores! Eu sei um versinho, quer que eu te conte”?, propõe-lhe Zita.

- Chegou o vento veio a chuva!

“A música que você está cantando é do tempo da escola”? pergunta o marido de Michele. “É”. Começam a rir. “Eu estava projetando uma prateleira e sei lá, lembrei-me de tantas coisas, lembrei-me da prateleira da sala de aula da 2ª série com livrinhos e gibis, da aula de Matemática, sei lá”! Sei lá, recordei da Escola Municipal Anchieta”. Lembrei das operações para fazer no caderno, divisão, multiplicação, era tudo feito no quadro, todo o processo no quadro, tudo a gente copiava. Fazíamos as continhas no caderno e também cálculo mental. Mas isso foi bem cobrado, por isso acho que a gente decorou bem e aplicou com as atividades práticas. Trabalhávamos muito com o Ábaco, com

palitos de fósforo, palitos de sorvete, tampinhas, lacre de latinhas, tudo o que tinha peças pequenas, havia aqueles materiais de madeirinha, Material Dourado, para separar unidade, dezena, centena. E outro colorido em madeira também, para fazer as equivalências, a Escala Cuisenaire. Enquanto todos os alunos detestavam Matemática, eu gostava! O que é um problema para muita gente, para mim não era! Gosto tanto de Matemática que sou Design de produtos. Gostava de estudar"! Os dois caem nas gargalhadas. "Vou aproveitar e fechar a janela do quarto que o vento está forte"!, avise-lhe Michele.

"Alberto, já achou o que você procurava"? pergunta-lhe a bibliotecária. "Nossa Suzana, eu trouxe um de meus boletins de escola para lhe mostrar, acabei me distraindo e me lembrando das tarefas e das atividades! Tirava boa nota em Matemática! A professora Reni tinha confiança em mim. Eu gostava bastante da Escola de Aplicação Padre José de Anchieta. A Matemática era muito rigorosa, principalmente a tabuada. Você tinha que saber! Estudamos muito na Matemática. Problemas que não ensinavam a pensar e sim a fazer o cálculo apenas. As lições de casa eram de Matemática, os problemas, armar e efetuar as continhas, era o que tínhamos que fazer. Era difícil na época, porque poucas famílias tinham energia elétrica em casa. Se não fosse aquela Matemática trabalhada na escola, de uma forma bem tradicional, centrada na memorização e só, pelo menos a questão da tabuada, eu não sei se saberia tão bem. Era uma escola muito boa!" Suzana sorri e balança a cabeça concordando. Olha o boletim, admirada! "Bom, vou para casa, está ventando e estou com vontade de tomar um café, com sabor de infância, do jeito que minha mãe sabe fazer" Alberto guarda o boletim e se despede da amiga.

A porta é escancarada e o vento gelado invade a sala, por pouco Mônica não vai ao chão. "Ai que susto!" A voz atrás do ventilador justifica-se "Desculpe Mônica, eu não sabia que você estava aqui, desculpe-me, por favor! Precisava guardar este ventilador." Elas riem da cena. "Estava procurando um livro para uma pedagoga e acabei o folheando. Sabe Rosa, o que eu adorava era quando a professora mandava um texto do livro didático para copiar em casa, como caprichava! Achava bonito! Aquilo era bom para aquela época. Gosto de me lembrar do tempo da escola, acabei viajando dentro do

Colégio Estadual Sagrada Família.” O que eu sinto que aprendi na escola foi para aquele momento. A Matemática na época de 1ª a 4ª série eu gostava porque eu sempre tive uma grande facilidade de memorização, ia bem, nunca tive vermelha em Matemática não, nunca! Até porque as provas e os testes eram uma reprodução daquilo que a gente fazia no caderno, só mudavam os números. A tabuada para nós sempre foi só apresentada. Eu não sei como é que entrou em nossa cabeça. Vou contar a verdade, quando eu aprendi sobre o 10, que um valia 10 porque era o valor relativo, sabe onde que eu aprendi?” “Quando?”, pergunta-lhe a recepcionista. “Quando fui trabalhar com 1ª série usei o quadro valor lugar, peguei os palitos, agrupei, coloquei na dezena, assim uma dezena tem 10 unidades. Puxa, é por isso que o 1 vale 10! Aprendi, quando fui dar aula para a 1ª série pela primeira vez. É muito triste! Nunca ninguém pegou o Material Dourado ou os palitos para me mostrar que o número desagrupou. Eu me bati tanto!” Rosa acha graça da sinceridade de Mônica. “Nós não tínhamos muitas possibilidades de aprendizagem, digamos assim, e aprendemos sozinhos. Então continhas eu tive muitas! Não eram continhas como se faz hoje, a partir de uma situação-problema eram soltas para treino mesmo! Hoje a gente tem que ensinar para as crianças, $100 + 4$ unidades. Nossa! Talvez a escola que estudei tenha preparado aqueles que trabalham com cálculo, porque foi isso que aprendemos em Matemática, cálculo puramente e não é isso que a gente faz.” A pedagoga chega para buscar o livro.

“Bino, Bino!” Albino desperta assustado com a esposa o cutucando no ombro. “Que você tá fazendo com essa búrica na mão?” Albino sorri e levanta os ombros. “Achei na horta, gostava de brincar de búrica quando ia para aula. Dormi. Sonhei com as continhas da escola. Acho que com a Irmã Josefina também. Não me lembro de muita coisa. É, o Colégio Santa Terezinha.” A esposa lhe diz que nem venha com essa história da Irmã Josefina novamente.” “Já te contei da Matemática? A Matemática que aprendi na escola serviu! Deu para quebrar o galho. Faço contas de cabeça! A professora passava as continhas no quadro, nós copiávamos no caderno e levávamos para casa como tarefa. Ninguém se atrevia de esquecer. Muitas continhas.” A esposa lhe diz que está repetindo a história. Albino continua “Uma coisa que eu não aprendi na escola e senti muita falta foi de não ter aprendido a desenhar. A primeira vez que fiz o exame psicotécnico no DETRAN, reprovei, porque não havia aprendido a desenhar na escola. Isso fez muita falta!” A esposa lhe diz que ele já contou isso, pares de vezes. Albino dá uma gargalhada.

“Mas isso tudo é coisa de antigamente. Não é de hoje. É! 80... 83 anos...” A esposa sacode a cabeça, já ouviu tantas vezes essas histórias nos últimos 70 anos!

Zita desce o degrau e avança até o jardim. Como mora só, costuma conversar consigo. Estão lindas as palmas, o lírio também, pensa ela. A professora ensinou um bonito verso sobre o lírio, pensa sorrindo. Violeta foi o versinho que eu recitei na escola: sou a humilde violetinha, entre as folhas escondida, saí hoje para saudar Nossa Senhora Aparecida, eu tinha 6 para 7 anos e nunca esqueci, o lírio que foi muito bonito, mas eu não me lembro de todos. Olha que faz anos, 70 anos!, fala em voz alta. A minha escola, o Instituto Santa Terezinha era uma escola pobre! Não havia recursos na casa velha das Irmãs. Era penoso, mas valia a pena!, rememora sorrindo. A Matemática era aprendida oralmente, depois escrita no quadro e na lousa que a gente levava para casa. Contava com os dedos, a Irmã deixava porque não tinha outro recurso. Infelizmente, com muito pouco recurso. Naquele tempo não tinha tanto material para que a professora ensinasse, não, como no tempo em que alfabetizei, em que eu tingia palitos de vermelho e verde para somar e subtrair. O método que eu aprendi as subtrações era para emprestar. Já o método que eu ensinei foi diferente, era para chegar. Não cortava, era a cabecinha que tinha que funcionar. O ensino de Matemática estava centrado em continhas e tabuada. Não aprendemos se quer uma figura geométrica! Foi a duras penas, no entanto, aquela base não saiu da cabeça! Vejo agora que se pergunta aos jovens quanto que é $3+4$, já não sabem responder. A gente guardou a tabuada que até pode me perguntar. O tempo não engana, discute consigo. Esse vento é de chuva que custa melhorar, estou com frio nos ossos. Não gosto do inverno! Zita sobe o degrau e fecha a porta. Começa a chover. Chuva de vento.

Um lugar,
Que parecia distante
Aos olhos de uma criança,
Sensação de mudança,
Amargura,
Como seria?
Longe, muito longe,
Seu olhar percebia.
Uma criança,
Saia da casa do bairro,
Sua vida era aquele mundo,
Sua escola, amigos e professores,
Ficariam para trás.
E foi estudar no centro
Bairro e centro para ela,
Eram lugares além,
Além de seus sentidos.
Aquele grande prédio,
Muitas janelas, portas e portões fechados,
Crianças, muitas crianças,
Conheceria aqueles que seriam seus colegas,
Ouvia vozerios,
Sentia os mais diversos aromas,
Aquele cheiro diferente de merenda,
Do que ela já havia sentido.
A professora,
Tinha um nome abençoado,
Era Maria de Jesus.
Naquele dia ela tocou seu ombro,
Foi o dia de acolhida,
A benção dos céus.
A marca de uma escola,
Que recebeu aquela menina de bairro.
O que era medo,
Transformou-se em realização.
Concretizo em minha vida,
Todos os anseios daquela criança.
Sentimentos de vitória,
Estampada no que sou.

Sensações e sentimentos

Andréia de Cássia Castro

Aluna do Colégio Estadual Sagrada Família – Década de 80

PARTE II

O tempo, o cenário, as vozes...

*A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado
épico da verdade – está em extinção.
In: O Narrador, Walter Benjamin*

Você já está familiarizado com os nomes das personagens de meu estudo: Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele. Espero que você esteja curioso para ler as suas narrativas, sobre a infância, a escola e as suas experiências com a Alfabetização Matemática, no tempo em que estudaram.

Na parte II, leitor, você poderá saborear na íntegra os relatos desses narradores, que foram constituídas por intermédio da História Oral. Na primeira entrevista foram utilizadas fichas (VIANNA, 2000) com descritores sobre a Alfabetização Matemática. Já a segunda entrevista se deu através de questionário, a fim de complementar a primeira entrevista.

Você observará logo nas primeiras páginas, que as narrativas de suas lembranças são coloridas. São narrativas arco-íris, vivazes como seus narradores: em fonte **Arial preta**, os relatos sobre a infância, a família e a formação profissional; em fonte **Cambria azul**, as lembranças sobre as escolas em que estudaram e em fonte **Comic Sans vermelha**, as recordações acerca da Alfabetização Matemática.

Os títulos foram “garimpados” dos bastidores das entrevistas. Traduzem um pormenor que identifique cada narrador. A narrativa está ilustrada com a foto do narrador (SOUZA, 2011), clicada durante a primeira entrevista.

Cada narrador estudou em uma escola dirigida pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família e em tempos diferentes, sendo que ao longo do tempo, o prédio da Congregação abrigou quatro dessas escolas.

Convido você leitor, a desfrutar das experiências de Albino no Colégio Santa Terezinha, no início da década de 1930. Com Zita você conhecerá o Instituto Santa Terezinha no final da década de 1940. Alberto relatou o seu cotidiano na Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, no final da década de 60. Mônica rememorou o seu tempo no Colégio Estadual Sagrada Família, no início da década de 1980. E Michele relatou as lembranças da infância na Escola Municipal Anchieta. Boa leitura!

O menino que habita o ancião: Albino e o Colégio Santa Terezinha

As sobrancelhas negras e espessas - que passaram a vida no vão esforço de dar a essa cara um ar façanhudo, decerto com o propósito de atenuar a mansuetude quase humilde dos olhos - foram suavizadas pela prata com que o tempo as retocou. (Prata ou cinza?)

In: Solo de Clarineta, Memórias 1, Érico Veríssimo

Figura 1: Albino Augusto



Fonte: A Autora (2014)

Sou filho de Francisco Augusto e Ana Falarz Augusto, de uma família de 6 irmãos: Alberto Augusto, o Berto, o mais velho; eu, Albino Augusto; Vitória Augusto, a Virinha, falecida quando era jovem; João Augusto Sobrinho, e já faleceu; Floriano Augusto, o Florico; e Zita Yolanda Augusto, a última, 15 anos mais nova que eu, a nenê da casa. Muitos de meus irmãos faleceram quando nasceram ou ainda eram muito pequenos.

Meus pais trabalhavam na lavoura. Naquela época não tinha indústria, nada! Meu pai era sapateiro de profissão! Também trabalhou como serrador, mas como tomou um prejuízo muito grande em Balsa Nova, onde meu irmão Berto nasceu, abandonou a profissão e foi fazer roça no Retiro. Lá eu nasci.

Quando eu tinha 4 anos de idade, viemos do Retiro, de mudança: eu, meus pais, e meu irmão Berto, meus outros irmãos não haviam nascido. Lembro-me muito bem! A estrada era muito ruim, não tinha máquina, era feito tudo a mão. Tiveram que amarrar um baita galho para ajudar a segurar a carroça.

Vimos morar em uma casa na Rua Barão do Rio Branco, em frente à Praça Polônia. As ruas eram de saibro. Minha tia Marta veio morar junto. Era uma casa grande, toda de madeira, antiga, com área na frente, jardim e quintal muito grande! Abrangia da fabriquinha do Berto até a casa do Tati Chemin, o que equivale a aproximadamente dois quarteirões.

Plantava-se de tudo, verduras, mais para o sustento da família e em maior quantidade, batata, batata-doce, aipim e milho. Minha mãe tinha vaca, porco, galinha e ganso. No verão depenávamos os gansos para fazer cobertas de pena para o inverno. Ajudava meus pais em todos os afazeres, desde varrer o terreiro até tratar da criação! Isso era serviço de criança, na lavoura e na criação dos animais. Por isso, não continuei os estudos. Tinha que trabalhar. Precisava. Morei nessa casa até casar e construir meu lar.

Quando eu era criança, as brincadeiras eram muito divertidas! Era muito diferente de hoje, que tem computador, internet e essas coisas. Jogava bola, beto, batia trejo, andava de perna de pau, bicicleta de madeira e matava passarinho, coisa que os meninos não fazem mais. Hoje os passarinhos morrem de velhice.

Na Praça Polônia, em frente à minha casa tinha uma grande lagoa que criava peixe, porque tinha um olho d'água. Também tinha uma placa na bodega da esquina com a escrita "Praça Polônia", só a placa! As carroças que vinham da Colônia Cristina e da Colônia Campina, passavam por ali e por isso não crescia grama.

Um dia, eu e meus amigos Roberto Robakoski e Pedrinho Cheluzniak secamos essa lagoa e pegamos um balde de peixes. (Risos). Queríamos um campo de futebol. Na época, reunimos 5 guris e fomos falar com o prefeito, o senhor Atílio de Almeida Barbosa. O prefeito nos mandou fazer uma valeta bem funda, para os colonos não passarem mais. Fizemos. Um polaco veio da missa com a madame, bateu com as rodas da carroça na valeta e caíram no meio dos cavalos... E nos disse bastante pirole! (Risos). Nós saímos correndo para não apanhar. Afinal, quem era o culpado? O prefeito! O prefeito não mandou por aviso! Era uma arapuca aquilo lá! Não tinha como saber que tinha uma valeta. Nós éramos moleques e inocentes. Não tínhamos maldade e nem noção do perigo. Esses amigos de infância, muitos estão mortos. Deve ter uns 3 vivos só, da minha época.

Depois que nós fizemos o campo na Praça Polônia, éramos todos miúdos, tudo guri miudinho, convidamos o "Andaraí" para uma partida de futebol. O "Andaraí" era um time de futebol amador, que ficava perto do Chafariz. Convidamos. Os marmanjos já tinham barba na cara, mas surramos eles na bola. Fizeram a gente comer laranja com casca e tudo! (Risos). De bravos que ficaram!

Bom divertimento quando criança era bicicleta! Ninguém tinha bicicleta! Quem queria teria que alugar. Eu fiz uma de pau, roda, tudo de pau, com borracha e cilindro. Foi um presentão! No domingo, juntavam 15, 20 piás, para andar de bicicleta! Estavam

Afonso Guimarães Filho, não o Beco, o Bequinho, o Arlindo Chemin e o Darci Chemin, dono do bar. Era o divertimento! E bola! Era feita, como não podíamos comprar, fazíamos de meias-finas, de mulher! Então nós chutávamos bola lá! Na Praça Polônia!

Em 1930, lembro-me muito bem que plantaram as árvores na Praça da Igreja Matriz, hoje Praça Atílio de Almeida Barbosa, prefeito dessa época, as magnólias. Quem plantou foi Francisco Chemin, o tio daquele que tem o bar hoje, em frente à Praça, o Darci Chemin. A Praça era um pátio grande, as vacas dormiam lá e só havia um poste no meio. Naquele ano, a Igreja estava mais ou menos na metade da construção. Rebocaram uns pares de anos. As andorinhas faziam ninho nos buracos (risos). Via quando, no meio das torres, o cabo de aço levava o reboco e os tijolos para cima. Barbaridade! A Praça da Igreja fica em frente ao espaço em que era a minha escola. Atualmente nesse terreno encontra-se a Casa Paroquial.

Estudei até o 3º ano primário no Colégio Santa Terezinha, hoje Colégio Sagrada Família, só que os prédios eram diferentes. Aí acabou para mim. Tive que trabalhar para ajudar no sustento da família.

ia para a aula a pé e descalço com o meu irmão Berto, que estava um ano adiantado, no 4º ano. Estudávamos pela manhã e à tarde ajudávamos os nossos pais. Aprendi bem!

A minha professora era a Irmã Josefina. Era alta, magra, não bem magra, mas muito bonita! Brava! O que tinha de boniteza tinha de braveza! (Risos). Muito brava (risos) e a Diretora a Irmã Teresa, falecidas há anos. Das outras professoras eu não lembro.

As salas de aula eram mais ou menos com o tamanho de 4 por 4. Ficava bem onde mora o padre hoje, na Casa Paroquial. A minha sala era simples, tinha uma mesinha para a professora, carteiras individuais para os alunos e quadro-negro. Eu acho que era mais ou menos assim, como está nessa fotografia, está parecida, era assim, carteira em fila, só tinha uma mesa e régua para ela bater em nós. Ela ficava lá na frente, de frente para os alunos. Nós ficávamos em uma carteira e ela lá sentada numa mesinha. E eu digo em nós, mas nunca apanhei de régua.

Os alunos vinham de várias regiões, diversos de muito longe, do Botiatuva e da Colônia Campina, e vinham a pé para a aula. Caminhavam entre 7 a 12 quilômetros para poder estudar. Era longe e não tinha como hoje essa maravilha de ônibus escolar puxando criança.

A escola tinha em torno de 40 alunos. Na minha classe havia 12 crianças, lembro-me de alguns colegas. A maioria era menina. É... a Cecília esqueci o sobrenome agora. Era Slompo. Ela entrou na escola comigo. Vinha do Botiatuva. Faleceu se faz um mês, faz muito. A Rosa Cali faleceu no ano passado. Tinha o ... deixa eu pensar, Ilvino Trevisan, o Leopoldo Kaminski, a

Apolônia, mulher do Leopoldo, José Saldanha, Affonso Guimarães, o Toninho Winheski, o Tito... a Rosa Sovierzoski. Ela é viva ainda! Está bem velhinha. O Lino Cavalli, também, mas não era da minha sala.

O material escolar era só as mínimas coisas: caderno, lousinha, bocó que era para carregar os apetrechos e lápis. As meninas tinham uma cestinha de palha, para carregar os cadernos. Tudo isso nós tínhamos que comprar. Não havia biblioteca. Só tinha livros quem podia comprar. Meu pai não podia! Era operário! Na lousinha, escrevíamos com giz. A Irmã entregava giz para escrevermos. Esse caderno é velho, está amarelo, é parecido com o meu, mas o que mais eu usava era lousa, a parte de dentro era lisa, para escrever com giz. Naquela época, como não existia uniforme, cada um usava a roupa que tinha. Era uma pobreza!

Escolhíamos o lugar para sentar na sala de aula. A Irmã Josefina chegava e cumprimentava. Depois mandava rezar. Rezava junto. Nós rezávamos em pé, o Pai Nosso e a Ave-Maria. No final do ano aprendemos a cantar o Hino Nacional e cantávamos sempre, em posição de sentido. A falecida Irmã Josefina era brava e bonita!

Em frente à Sacristia da Igreja Matriz havia um barranco. Ali brincávamos no intervalo, mais ou menos entre 9 e 10 horas. As meninas jogavam caracol. Nós, os meninos, brincávamos de búrica e dávamos uns cambotes na grama, essas coisas. Não tinha lanche, nem merenda! E também não me lembro de comermos nada nesse momento.

Gostava de copiar a matéria do quadro, isso era bom! Copiar de outra colega, não! A gente copiava bastante texto e muitas contas. A minha letra era regular! Não era muito bonita! A leitura também era regular. Para aprender a ler não foi muito difícil! A Irmã me ensinou a fazer o número 1 e, fui embora... aprendi a ler e a escrever, de forma regular, mas aprendi!

O que a professora não ensinava bem, o que eu não pude pegar bem foi a Matemática. (Risos). Fui muito mal na Matemática! Eu ia muito mal na minha época (risos). Aquele negócio de repartir, 3 vezes tanto, quando dava meio, tinha que cortar laranja, ao meio. É! Era isso, eu não esqueço! Frações. A Irmã Josefina perguntava como era repartir. E aí repartia a laranja, desenhando na lousa. Apenas com desenho, não tinha uma laranja de verdade. Achava muito difícil. A laranja ela dividia, cortava para mostrar como era multiplicar.

Depois passava na lousa as continhas. Muitas continhas. E aprendíamos as continhas de mais, de menos, de multiplicar. De multiplicar aprendia bem. De multiplicar até eu sou mais ou menos! Até hoje! De dividir eu não sabia. Não sei se era

na gente, eu não sei, ou ela não sabia explicar! Não sei direito! Faz tanto tempo! A continha de mais e de menos eu fazia. A única coisa que eu era fraco era na continha de dividir, era pelo método curto.

A professora passava as continhas no quadro, nós copiávamos no caderno e levávamos para casa como tarefa. Lembro que todo mundo trazia a tarefa feita. Ninguém se atrevia de esquecer. No dia seguinte ela conferia e dava nota nos cadernos. A cada tarefa, era uma nota. Quem errasse tirava nota baixa. Durante a aula também fazíamos continhas. Fazíamos continhas em casa e na escola. Muitas continhas.

Das continhas nós íamos para a tabuada, que tinha que copiar várias vezes na lousinha. A professora tomava a tabuada salteada e de todo mundo. Tinha que saber. E todo mundo sabia, estudava em casa e decorava para saber mesmo!

A professora também ensinou a usar a balança para medir. Desenhava no quadro uma balança. Aprendi as horas no relógio, mas não foi na escola. Eu sentei na praça e fiquei cuidando do relógio da torre e aprendi sozinho. Eu fiquei uma hora lá para ver como é que funcionava o negócio.

Escrevia problemas no quadro e ditava para copiarmos. Os problemas eram sobre contas, medidas e frações e resolvíamos com continhas. Eu não saberia dar um exemplo, faz muito tempo. A Irmã Josefina mandava no quadro fazer as contas. Daí ela conferia e cada um retornava para a carteira. Mandava vir outro e assim por diante! Também passava números para completar: 1,2,3,4 e até chegar a um determinado número.

Pelo que consigo me recordar havia poucas provas. Copiávamos a prova do quadro. A professora corrigia, e somava as notas para passarmos de ano. Mas isso tudo é coisa de antigamente. (Risos). Não é de hoje. É! 80... 83 anos...

Sempre tinha os bagunceiros e as bagunceiras na sala. Um puxava a roupa do outro.... Essas coisas.... É por isso que levava castigo! E ajoelhava nas pedrinhas. Qualquer coisinha de joelho na pedrinha ou no milho. Também tinha régua nas cadeiras! (Risos). Levei muito puxão de orelha e reguada nas paletas!

Um dia, o meu amigo Ilvino Trevisan, já falecido, fez uma arte e a professora pôs a mão dele em cima da mão dela. Ela era bem alta, ergueu-se e ficou na ponta dos pés, fez careta e tacou-lhe a régua. Ele tirou a mão na hora exata e a professora acertou a sua própria mão. Ficou furiosa! Quebrou a régua na paleta do piá. Doeu, porém não machucou. Ele pediu para que isso acontecesse.

Esse mesmo Ilvino Trevisan quebrou um vidro da Igreja Matriz, daqueles coloridos. Depois dessa arte, ficou 3 dias fugido, escondido no meio do mato. (Risos). Aprontávamos! Coisas de criança malandra! (Risos).

E a minha arte foi assim: sangrava muito meu nariz, seguido! Assim que começou a sair sangue, pus a mão no rosto, pedi licença para me lavar no Chafariz, a Irmã Josefina deixou! Quando fui até a porta, não pude abrir, não tive força para virar a fechadura porque era guri, polaquinho, pequenininho, magrinho. Mandou voltar para classe. Voltei. As duas mãos se encheram de sangue, transbordando. Sujou o assoalho. Não tive culpa. Deixou-me depois que todos foram embora, fiquei de castigo! E eu fiquei ali, vendo tudo! Os outros foram embora. Eu fui castigado porque meu nariz sangrou. Que tristeza! Mas não ficou por isso: pulei a janela, fui para casa e contei para a minha mãe. No dia seguinte não houve nada, a Irmã Josefina não falou nada. Foi como se nada tivesse acontecido!

Uma colega de escola, a Apolônia me contou: ela não falava bem português, é lógico, porque em casa só se falava polonês. Um dia, ela se atrapalhou, respondeu em polonês para a professora. Foi de castigo! Ficou de joelho no milho! Só porque se confundiu e falou em polonês. Era muito enérgica a Irmã Josefina! Por qualquer coisa, ia nas pedrinhas, de joelho!

Em meu tempo de escola, quem era de origem polonesa ficava uma hora depois da aula para aprender a rezar em polonês. Eu ainda sei um pouco, mas eu me atrapalho agora! Lembro só até uma altura!

Sempre contei para a Leonilda, a minha esposa, sobre a braveza da Irmã Josefina. Muitos anos depois, a Cecília fez amizade com a Leonilda, na Igreja, na hora de rezar o Pai Nosso. Pela descrição, só poderia ser a Cecília, que andou na escola, no primário comigo. Foi mais uma prova que a Irmã Josefina era ruim. Provei para ela, com 5 testemunhas: a Cecília, a Rosa, o Leopoldo e a Apolônia! A Irmã não era de brincadeira!

Uma coisa muito boa que aconteceu na escola que eu me lembro foi de um piquenique. (Risos). Onde é a Praça do Chafariz tinha muita grama. Ainda não tinha a Praça Capitão João Antônio da Costa. Ficamos lá, soltos e pronto! Correndo, brincando! Cada um trouxe a sua merenda de casa, enrolada em um guardanapo. Lá os circos vinham se estabelecer e fazer as

suas propagandas para os moradores da cidade. Naquele tempo era boa a água do Chafariz, era pura, não era como é hoje, contaminada. Era boa a água! Ouvi contar pela minha avó que Dom Pedro II veio e bebeu água no Chafariz. Depois subiu pela Rua XV que era tudo capinzal, roçando com um facão! Ouvi contar!

Quando eu era criança, os caminhões que iam para Ponta Grossa, passavam 2 ou 3 vezes por dia na rua XV de hoje. Onde hoje é calçadão. Dava para ouvir da escola durante a aula! Mas bonito também eram as corridas de motocicleta! Vinham de Curitiba e iam para Ponta Grossa. Saíam em um dia e voltavam no outro. A população inteira ia à Rua XV para assistir, bem perto da minha escola. Passou um motoqueiro sem para-lamas e mais ou menos com um quarto de areia nas costas. Tirou o para-lama. Choveu, o pneu jogava tudo nas suas costas. (Risos). Foi muito engraçado! Saímos da aula para ver esse episódio.

Sei muitas histórias sobre Campo Largo. Antigamente, automóvel só havia 2, eram carros de táxi. Um pertencia ao Antônio Augusto e o outro era do Joanin Scarpin, concorrentes para ir ao interior da cidade! Se chovesse.... Ficava! Só tinha mato e estrada de chão! (Risos). Um dia a minha avó contou um fato bem interessante de Campo Largo: sem ajuda de cavalo um automóvel subiria a rua. Foi a população toda conferir! Havia pouca gente, poucos habitantes. Foram todos na subida das Irmãs que fazia curva na frente do Colégio. E o auto, chegou: um fordeco, não sei se 26 ou 28 cavalos. Subiu! Quando passou em frente ao bar do Chemin, foram apalpar o auto, o carro que subiu sem cavalo! (Risos). Minha vó disse! Contou essa história quando eu era um menino que estudava no Colégio.

Muito bonito era o desfile cívico. Os colégios desfilavam, Tiro de Guerra e as fábricas, algumas, e o Sindicato. Na época da escola, nunca desfilei. Então.... Agora, o que era mais bonito era o Carnaval! Na Praça da Matriz, o Francisco Chemin saía com a carroça soltando serpentina no povo! Lembro-me das marchinhas: o *Pierrô* apaixonado, Adão, Adão, Adão, as preferidas! (Risos)

Sempre fui operário! Comecei em 1935 fazendo asinha de xícara para as moças colarem nas xícaras. O meu primeiro emprego foi na Cerâmica Darci Portella e Companhia. E aprendi a fazer tudo: fui modelador, técnico de fazer cubagem, fui diretor de uma cerâmica lá em Campo Bom, no Rio Grande do Sul, e me aposentei lá. Estou aposentado desde 28 de abril de 1968.

Uma coisa que eu não aprendi na escola e senti muita falta foi de não ter aprendido a desenhar. A primeira vez que fiz o exame psicotécnico no DETRAN, reprovei, porque não havia aprendido a desenhar na escola. Isso fez muita falta!

A Matemática que aprendi na escola serviu! Deu para quebrar o galho. Faço contas de cabeça! Faço! Pergunte aí para a Bernadete, a minha caçula se não faço!

O que eu sei é que eu nunca gostei da Matemática. As crianças de hoje gostam?

A maioria do que aprendi em minha vida foi na prática! Tenho muito mais coisa para contar, mas a gente não se lembra de tudo! É a vida! É estou aí pronto para responder, quando quiser vir, venha que eu te conto!

Guarda-pó branco... guarda-pó rosa: Zita e o Instituto Santa Terezinha

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança.

In: Memória e sociedade: lembranças de velhos

Figura 2: Zita Yolanda Netzel



Fonte: A Autora (2014)

O que eu teria para falar da minha infância, é que foi uma infância muito difícil! Era um tempo em que não se tinha uma mochila, não se tinha uma mala para levar o material para a escola, a gente levava o caderninho e a cartilha na mão, porque em casa também era muito penoso! Mas com muita luta, vencemos! Apesar de todas as dificuldades, tive a oportunidade que meus irmãos mais velhos não tiveram: estudar!

Sou oriunda de família simples. Meus pais vieram do Retiro, onde moravam anteriormente. Então resolveram fixar residência, aqui mesmo, nesse terreno grande onde moramos durante a minha infância, com a família inteira. Meu pai trabalhava fora, na Esteatita até a sua morte e a minha mãe cuidava dos animais, do quintal, da roça e nós ajudávamos também. Eu sou a última de 6 irmãos. Porém a irmandade era assim, um para cá, outro para lá, como o Berto, meu irmão mais velho que foi para a guerra, o Padre João estudando em São Paulo, mais tarde a Virinha começou a namorar, o Albino foi para Irati e ficamos nós as crianças, contudo quando a gente se reunia, era uma festa!

O meu irmão Florico deve ter lá uns 2 anos a mais que eu só, mas nesse intervalo tinha outro filho, porque no total minha mãe teve 14, naquele tempo em que deu aquela doença do tifo, que era contagiosa. Os colonos fizeram uma promessa para São Marcos, vinham fazer a missa na Igreja Matriz. A família fazia o enterro de uma criança quando acabava já tinha outra morrendo. Foi uma mortalidade. A mamãe perdeu 2 ou 3 naquela

época, porque não tinha recurso, havia apenas o Doutor Barbosa e o farmacêutico Mauro Portugal.

A casa onde eu morava era uma casa muito antiga, que nem vidraça tinha, só a janela escura, do tempo do meu avô Alberto. Era de madeira, pintada com cal e terra colorida, com uma barra cor-de-rosa na frente. Era pobre, no entanto era muito bonita, pois ficava no meio dos arvoredos, havia vasinhos de flores, tudo muito colorido e a gente era feliz!

As brincadeiras em meu tempo de criança eram as melhores possíveis. Brincadeiras muito inocentes. Brincávamos todos, as meninas e os meninos da redondeza. Nós batíamos bete, chutávamos futebol aqui na pracinha, a Praça Polônia, jogávamos bolinha de gude e quando a gente perdia, partia para cima dos meninos, éramos meninas valentes e em muitas!

Até os cavalos do vizinho nós pegávamos escondido no potreiro e andávamos pelo bairro, sem sela, sem nada, tudo escondido! Tinha um olho de água que a gente ia matar a sede. Precisávamos afastar os sapinhos pretos para poder pegar a água no riozinho, onde a minha mãe lavava a roupa. Para pular corda nós íamos ao mato cortar um cipó, que como era muito forte, ele aguentava bater no chão e ficávamos com as pernas machucadas. (Risos). Foi uma infância assim de brincadeiras muito saudáveis, de subir nas árvores e que traz muita saudade!

Tive muitos amigos quando criança, o falecido Carlos Burkoski, o Jacó Debas, o Paulinho Martaus, os mais velhos da família do Boarão, a Áurea Lopes, que já é falecida, a Nati Campagnaro, as irmãs Martini, a Edile, a Ariete, a Laurita, a Antonieta, a Ana Zanlorenzi, a família do Chemin, a Glaci que é falecida, a Beverli, a Reni, que era a mais tímida, e a Tereza Debas também.

Essa pracinha, a Praça Polônia, era pouco para a gente brincar. Tinha roseiras, aquela rosinha louca que dizem. Então a gente brincava de mãe pega e tinha que passar pelo meio daquelas roseiras. As pernas viviam arranhadas. Era uma infância divertida!

Quando cansávamos da pracinha, íamos brincar de mãe pega nos galhos dos cedros do Weber. Subíamos nas árvores, e de uma árvore ia só para outra pulando. Esfolávamos os braços, eu chegava em casa e os escondia para não apanhar. Que infância boa! A gente era feliz e não sabia, porque as brincadeiras eram sadias.

Havia uma valeta perto do Clube Polonês, já no tempo em que tínhamos aula lá, uma valeta bem funda. Então um ficava ali que era o sapo e nós pulávamos para cá e para lá e o qual ele pegasse tinha que ser o sapo. Brincadeiras inocentes!

Quando ia chegando 4 e meia, 4 e 15, a minha mãe vinha no portão e só dizia “Zita”, e eu tinha que deixar a turma e vir, tratar as vacas, cortar o pasto, colocar comida para as galinhas. Ah, ela não perdoava! Era uma educação rígida, sabe?

Eu lembro que em meu tempo de criança isso eu não falei quando relatei sobre a infância, que a gente trocava o milho pelo fubá, o trigo pelo arroz, a gente dava o feijão e trazia outra coisa, assim, o que era de cereais. As famílias trocavam o que um tinha com o outro, galinha, ovos, na maioria alimentos, era a vida. Hoje é a fartura. As crianças de hoje têm tudo e mais um pouco, e ainda não sabem aproveitar.

Ia para a escola com o meu irmão Floriano, mais velho que eu. Ele saiu da escola antes, não fez o ginásio porque nós estávamos em uma situação difícil. Ficamos eu, a mamãe, o papai, o Florico e a Virinha. Quando a Virinha tinha 14 anos e o Florico tinha 12, foram trabalhar na “Cerâmica Campo Largo”.

Quando estudamos juntos na mesma escola, íamos a pé fizesse sol, chuva ou geada. Quando chovia, nós tínhamos uma capa de um material parecido com feltro, na cor azul-marinho. Então, o Florico vestia e punha eu debaixo de um pedaço da capa e a gente ia escondendo a lousa para não molhar e apagar a tarefa! Vejam como era difícil a situação, era mesmo!

Depois, no 2º ano eu ganhei uma malinha de papelão, mas fiquei tão feliz, muito faceira! Lembro-me da malinha como se fosse hoje, uma malinha pequena, que nem mala de viagem, em papelão e não podia molhar também porque desmanchava, tinha que segurar protegendo, não era como hoje que escolhem a mochila e o tênis que querem, a gente nem tinha.

No 1º ano íamos descalços para a aula, depois a gente ganhou um calçado chamado loirinha. Tinha um senhor que fazia por aí, era com a sola de pneu, e daí ele punha umas tirinhas trançadas e atrás era com fivelinha. O primeiro dia que eu pus, aquele courinho me comeu todo o peito do pé que chegou a fazer bolha, que sofrimento, aquele couro áspero, na parte debaixo principalmente. Sapato mesmo foi só na 1ª Comunhão.

O espaço da escola era pequeno, o pátio, as salas eram umas salas até mais ou menos arejadas, mas eram um tanto pequenas, um pátio razoável para as turmas, tinha uns degraus altos que eu subia. Iniciava-se a construção. Certa vez, caí e bati a cabeça atrás, a gente tinha que subir e descer, quem subia e descia antes era o melhor. Aquelas brincadeiras inocentes. Nós íamos para aula de manhã, à tarde, tinha outro 1º ano, isso foi 46, 47.... Não me lembro bem. O 2º e o 3º ano já fizemos no Clube Polonês.

Em 48 já tinha 8 anos e fiz a 1ª Comunhão, então em 47 as aulas do Instituto Santa Terezinha aconteciam na casa pequena, antes da construção do prédio. As professoras eram as Irmãs, postulantes que vinham de fora. A dona Odete Schimalezki, irmã do prefeito Herculano Schimalezki era muito prendada, dava aula de trabalhos manuais, só que a aula era uma vez por semana. Ali eu aprendi a fazer o tricô, a bordar ponto haste e correntinha, aprendi!

Quem tivesse habilidade para fazer trabalhos manuais, ia numa outra sala e a professora ensinava, como se fosse uma oficina. Quem tinha condições, levava materiais mais caros, como lençol para bordar. Aprendi a fazer tricô com ela, até montei uma blusinha! Era um tempo que exigiam, tinha que fazer. E quem não queria aprender, não era obrigado, ficava fazendo cópia ou qualquer coisa e aprendíamos graças a Deus!

No 4º ano fomos para o prédio novo, já tinha o prédio.... Não é como é agora, que foi aumentado para cá, aumentado para lá, aumentado para dentro. As Irmãs moravam no prédio, como se fosse uma clausura. As internas e as aspirantes. A gente ia à Igreja então tinha 2 ou 3 bancos lá da frente, que eram reservados só para as freiras, várias Irmãs. Agora você vai lá e vê a Irmã Dolores, a Irmã Madalena, uma aqui, outra lá.

Na sala de aula do 1º ano havia uns 17 ou 18 alunos, mais ou menos. Nessa turma tinha gente da família Puppi e Castagnoli, mas eu não lembro os nomes, eram poucos alunos. No 2º ano já tinha bem mais, bem mais, daí veio gente de bem mais longe que frequentavam ali, vinham a pé do Botiatuva, da Colônia Campina, da Colônia Cristina. Uns vinham fazer compras com carroça e aproveitavam para estudar. Era penoso!

A aula geralmente tinha uma sequência, chegávamos e rezávamos, aquilo era fundamental. A seguir a professora entrava na leitura ou na cópia, punha umas palavrinhas no quadro e a gente tinha que copiar na lousa, depois no caderninho, no 2º ano. Para desenho a gente levava ainda a lousa. A Irmã não ensinava a desenhar, ela mandava desenhar, às vezes punha um exemplo no quadro. E foi assim que eu aprendi a desenhar a vaca, no entanto fazer desenho, desenho, não! Fazíamos uma casinha, uma árvore, uma balança ou uma criança com sombrinha. Era aquilo ali.

A religião na escola era coisa oficial, já que o espaço pertencia às Irmãs. Naquele tempo era só a religião católica que era ensinada e aprendemos tanto que eu fiz a 1ª comunhão com 8 anos. Chegávamos e tínhamos que rezar uma porção de orações, o Pai Nosso e várias jaculatórias que a gente tinha que repetir. Atos de caridade, atos de penitência, tudo decorado!

Foi uma escola que ensinou bastante, uma base boa, as professoras eram religiosas, o fundamento era a religião. A princípio todos os alunos eram católicos. Após muito tempo é que apareceu um aluno protestante, de uma família do Itaqui, e não era discriminado. Ele não queria assistir a aula de religião, então, a Irmã o deixava sair para o pátio. No dia de cada santo tinha que rezar para aquele santo, era uma maravilha!

O nosso uniforme era o guarda-pozinho branco, não tinha padrão, somente as meninas usavam um babado na frente com um cintinho atrás e os meninos com o guarda-pó abotoado na frente. Era tudo simples, não era como agora que tem tanto recurso, tanta modernidade, mas era bonito!

Aprendi a ler com a cartilha Asa Ema, bem antiga. A Irmã punha as letras vogais no quadro. Quando começamos a aprender, mostrava uma régua bem comprida e a gente tinha que repetir com ela. Depois tinha que ler sozinho e ir ao quadro escrever ou copiar aquelas letras. Era penoso, mas valia a pena! Na leitura eu era boa, gostava de ler, aprendi bem ligeiro. Lembro-me muito da palavra boneca. A professora escreveu bo-ne-ca e tinha que soletrar com ela, decorar a palavra. Ela escrevia e tinha que falar, responder oralmente. Tornava a escrever e copiávamos na lousa com a letra cursiva. No entanto, a gente não conhecia as palavras ainda, não tinha feito aquele conhecimento de letra p, de pato, g, de gato. A gente copiava e não sabia o que era.

A minha primeira professora foi a Irmã Efrema. Ela passava a matéria no quadro, na lousa em que ela usava que era maior, um quadro preto com a moldura verde. Então a gente tinha lousinha, parecida com a dela, só que era pequena, do tamanho de uma caixa de sapato, era preta e a moldura verdinha. Copiávamos com giz e havia um paninho pendurado para apagar. Levávamos a lousa para casa com o dever e ali a gente aprendia. Se não soubesse, daí já viu, era na base de castigo! Naquele tempo não era de chamarem os pais para conversar, dizer se a criança tinha dificuldade ou não, tinha cobrança mesmo, sim! A Irmã Efrema era medonha!

No 1º ano era só a lousa que como eu já te falei, pequeninha, com aquele pouquinho de exercício para não gastar muito giz porque era o mínimo de conteúdo. Muito tempo era destinado para cantar e rezar. No 2º já havia caderno, mas eram escassos: era o caderno de caligrafia, que a gente fazia para endireitar a letra, copiava frases, por exemplo, a boneca é bonita; o caderno para os pontos; **e um caderno quadriculado que era para Matemática. Mas era isso aí mesmo o meu caderno era parecido, isso já no 2º e 3º ano, e no tempo em que eu estudava não tinha margem, como esse.** Naquele tempo nem tinha caderno

espiral, era brochura e não tinha margem, tinha que fazer e às vezes saía torta. No 3º ano já tinha réguas de madeira e quando sujava tinha que lavar.

Meu pai insistia muito no caderno de caligrafia para ter letra bonita. Era ele quem mais olhava os meus deveres. A minha mãe tinha muito serviço caseiro, muita coisa para fazer. Meu pai quando chegava do serviço, tomava banho e com lampião ajudava, quer dizer, tinha que fazer sozinha, ele apenas supervisionava. Depois, ele cantava em polonês e queria que a gente cantasse junto. Quando estava bem de vida, era muito bom, um pai mais amoroso!

Quando chegava o final do ano, a professora nos dizia como estava o nosso rendimento e entregava um papelzinho escrito aprovado ou reprovado bem no cantinho, não era um boletim oficial, era um papel destacado de algum caderno, com certeza. Naquele tempo, a maioria das crianças era aprovada.

A Matemática era aprendida oralmente, depois escrita no quadro e na lousa que a gente levava para casa. Contava com os dedos, a Irmã deixava porque não tinha outro recurso. Infelizmente, com muito pouco recurso. Não aprendemos se quer uma figura geométrica! Não nos foi dada essa oportunidade. O ensino de Matemática estava centrado em continhas e tabuada.

*Do 2º ano em diante ano já tinha problemas. Lembro que a professora passava probleminha no quadro e copiávamos com tinta. Armávamos da seguinte maneira: *sentença matemática, cálculo e resposta*. Nossa vida, que penoso! A escola naquele tempo, que eu me lembre, era paga, por essa razão, passou a ter um pouco de recurso, pouco, porque não havia condição de comprar o material. Eu aprendi os problemas como está aqui, no caderninho é o tempo da solução, do cálculo, da resposta, no tempo em que eu estudei isso aqui a gente aprendeu.*

De minha parte não existiriam os números. A professora mandava escrever números, vamos supor: escreva de 10 até 40 em um dia, no outro dia era de 40 até 80. Assim que se trabalhavam os números. Tinha que escrever em casa também, para não esquecer. Os algarismos romanos estudei, mas isso já foi no 4º ano primário. As operações, começamos pela continha de mais, daí menos, a multiplicação e depois a divisão, mas naquele tempo não tinha tanto material para que a professora ensinasse, não, como no tempo em que alfabetizei em que eu tingia palitos de vermelho e verde

para somar e subtrair. Naquele tempo não tinha, era decorar e acabou-se! As adições eram só com duas parcelas, eu acho que no 3º ano já foi colocada a soma com 3 parcelas, que eu me lembre no 3º ano.

O método da subtração que aprendi era para emprestar. Já o método que ensinei foi diferente, era para chegar: *3 para chegar a 5, quanto falta?* Achei que era o melhor e graças a Deus todos aprenderam. Não cortava, era a cabecinha que tinha que funcionar! Nas multiplicações, para cancelar a casa da unidade, que eu me lembre era o 0, porque a gente sempre aprendeu que o 0 à esquerda não valia nada.

Aprendi a dividir pelo processo curto. Depois, no 4º ano do primário é que veio aquele método do processo longo, por pouco tempo. Então, ficamos apenas com a divisão pelo processo curto. Acho que foi só no 4º ano que aprendi prova real e já foi no pedaço do prédio novo, com a falecida Irmã Regina.

Memorizei a tabuada, e até hoje eu não esqueci porque tinha que decorar. Depois que a gente decorava as tabuadas, do 2, do 3 e do 4, era a vez do salteado. A professora tomava a tabuada para verificar quem sabia bem. Tinha que estar na ponta da língua, porque se não soubesse responder: advertência! É interessante que o que a gente decorou naquela época, a gente não esqueceu, como a tabuada. Cada dia era de supetão, então era tão decorada que a gente nunca mais esqueceu. Acho que no 2º ano a gente teve a tabuada que vinha com toda a multiplicação, a maneira de subtrair e de somar. Era uma tabuada especial, a metade desse caderno de cálculo aqui. Eu tinha um bom tempo guardado. Era um livrinho de tabuada, como aqueles caderninhos que usavam antigamente para fazer compras nos empórios, só que de brochura.

Aprendíamos a calcular na base de expressão oral: $2 + 2$, $5 + 4$ e tinha que saber! Para levar a tarefa para casa então, a gente tinha que trazer com muito cuidado. Quando chovia tinha que proteger a lousa debaixo da roupa para não apagar a continha. A minha irmã, a minha mãe e até o meu pai montavam continhas às vezes em outro papel, para que eu aprendesse ali e depois fizesse na lousa, era um pouco, mas ajudavam.

Durante o 2º ano primário, foi o tempo de estudamos no espaço das salas do Clube Polonês, porque iniciava a construção do prédio. Usávamos aquela carteira que tinha o buraco para o tinteiro. Para copiarmos os pontos de História e Geografia, tínhamos que molhar a pena no tinteiro, para escrever no caderno. Quando borrava era na base do mata borrão. Foi às duras penas, no entanto, aquela base não saiu da cabeça! Vejo agora que se pergunta aos jovens quanto que é $3 + 4$, já não sabem responder. A gente guardou a tabuada que até pode me perguntar.

Acredito que a professora não tinha planejamento, tanto que me lembro de nunca ter visto a Irmã escrever no diário ou no caderno, o que ela daria naquela aula. As minhas professoras do Ensino Fundamental não eram devidamente orientadas. Também tive aula com a Irmã Julinha, a Irmã Isidora e a Irmã Regina. Olha, não tinha essa parte de interpretação de texto, uma redação. Então quando chegava uma data muito importante, a gente tinha que escrever versinho sobre as férias, o passeio que a gente tinha feito no mato do Sovierzoski que era um piquenique, coisa mínima. Agora não, há a redação e interpretação de texto, daí desenvolvem a linguagem, o vocabulário e tudo mais. Ora, mas naquele tempo não!

Provavelmente, a professora preparava a aula no quarto dela ou na sala de refeição o que ela iria falar ou o que iria ensinar, mas que eu visse escrito não. Quando estudei principalmente na casa pequena, a do Instituto, o ensino era muito elementar. Isso eu posso dizer, porque as crianças do Macedo Soares caçoavam de nós cantarolando “você não sabem na-da!”, inclusive o meu marido! O Macedo tinha boas professoras, a dona Leonilda e outras que no momento eu não me lembro do nome, tinha fama de ser bem mais preparado, mais forte, o ensino mais caprichado, com mais recursos e atendia a cúpula do ensino em Campo Largo, daí tinha Instituto Santa Terezinha, depois veio o Clotário Portugal, e aí foram aumentando tanto as escolas, mesmo assim daqui a uns dias até faltará escola.

No Instituto Santa Terezinha havia pouca atividade de comemoração, eram poucas, muito poucas. Acredito que foi no 3º e no 4º ano primário que participamos do desfile cívico, ainda no tempo em que se usava guarda-pó branco.

Não tinha a merenda escolar, cada um levava de casa, levava o que queria e o que podia. No intervalo de recreio nós quase nos arrebatávamos de tanto correr, de tanto pular, Deus do céu! O espaço, vamos supor que era como esse espaço aqui da entrada da minha casa, que não é grande. E imagine: brincar de mãe pega, uma turma contra outra. Então, um caía e se machucava, o outro chorava, alguns brigavam, toda aquela brincadeira de criança.

Mas merenda não tinha, eu não sei bem se era no dia da criança que... ou era numa comemoração cívica, para nos alegrar a Irmã Regina nos levava ao mato do Sovierzoski, um bosque que não existe mais, pois deu lugar a prédios. Lá nós íamos fazer piquenique, era o nosso passeio de escola. Elas davam capilé que misturavam na água. Uma vez, não sei a qual das Irmãs que levou uma cesta de sonhos, cada criança ganhava um, que por sinal foi muito bem feito. Essa do capilé, água e sonho, lembro-me muito bem, tinha que passar numa pinguela, num riozinho, então para nós era uma festa, nossa! Uma aventura!

No prédio novo tudo foi melhorando. Na hora do recreio tocava uma sinetinha, para sair, era um sininho amarelo. No tempo da procissão de Corpus Christi, as Irmãs levavam a gente bem arrumadinhas, íamos jogando flores da cestinha e vestidas como anjos. E quando íamos devolver a roupa, as Irmãs nos levavam em uma sala lá embaixo, no colégio velho, serviam um café, pão feito em casa, lembro-me até do torresminho, bem miudinho, que a gente tinha que pegar com a colher e pôr no pão. Tornaram-se mais amorosas.

A gente fazia muito teatro. Então quando a Madre fazia aniversário, as Irmãs preparavam uma festinha para ela e um ano o tema foi “as flores”. Como eu aprendi, até hoje nunca esqueci. Para mim deram o versinho da violeta e eu tinha que recitar: “sou a humilde violetinha, entre as folhas escondida, saí hoje para saudar Nossa Senhora Aparecida”, você veja, eu tinha 6 para 7 anos e nunca esqueci, é a violeta, tinha o cravo, a rosa, o lírio que foi muito bonito, mas eu não me lembro de todos. Olha que faz anos, 70 anos!

Eu, de tanto a Irmã Regina insistir, fiz o ginásio, já no prédio novo, o ginásio Sagrada Família. Meus irmãos não tiveram oportunidade de estudar por causa da condição financeira, e naquela época, o meu pai não andava muito bem, então era uma situação muito difícil. Eles tinham que trabalhar para ajudar a família. Não tínhamos recurso porque o ensino ginásial era pago. O professor Tito foi à Prefeitura, na época o prefeito era o falecido Guimarães e ele conseguiu que a Prefeitura pagasse o ginásio para mim. Devo muito ao professor Tito. A Irmã Dolores fez o ginásio na mesma época que eu, pessoa muito sábia!

Fiz o primário ali, no Instituto Santa Terezinha, o ginásio no Sagrada Família e a Escola Normal o 2º grau eu fiz... na Lapa. Morei por 2 anos lá, porque aqui ainda não tinha começado a Escola Normal, então estudei no Colégio Novo Ateneu.

Depois de formada, em 57 e já em 58, comecei a trabalhar na escola da Ferraria, porque naquela época, as professoras que se formavam não podiam ficar na cidade, tinham que primeiro trabalhar no interior. Então, fui nomeada para a escola da Ferraria e aí passei para o São Caetano, na Rondinha, porque precisavam muito de professora.

Mais tarde, acabei vindo lecionar no Colégio Sagrada Família, que ainda era Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, bem cigana a minha vida profissional.

A escola hoje em dia melhorou, em todos os aspectos. Se bem que agora, penso, com tanta evolução, com tanta tecnologia, as crianças são favorecidas para resolver os problemas, para ler e conhecer coisas novas. Pensam menos. É tudo mais fácil. Sei que em minha época, a memorização era um problema, porque era tudo decorado, tinha que decorar e acabou, tudo o que era escrito em Geografia, História, fosse lá história de Campo Largo, no 3º ano tinha que ser decorado, contudo hoje, se você mandar uma criança escrever uma carta ou uma redação, a criança não sabe. Por quê? Porque se quer escrever uma palavra, bate no teclado e aparece o que quer, não usa a cabeça para escrever. Desde que começou a aparecer a calculadora, o ensino foi facilitado pois a criança não memoriza quanto que é $3 + 4$, porque aperta na maquininha e sai o resultado. Quantos desenvolvem problema de coluna de ficar no computador!

A minha escola, o Instituto Santa Terezinha era uma escola pobre! Não havia recursos na casa velha das Irmãs. Depois que foi desmanchada tínhamos aula no Clube Polonês. As Irmãs nos entregavam cestas de vime para irmos até as casas onde as famílias tinham pomar com figo ou pêsego, para buscarmos frutas para ajudar no seu sustento. Durante a construção do prédio foram anos difíceis e de sacrifício, a fim de que fizessem os alicerces desse gigante que é agora o Sagrada Família, um elefante branco dormindo! Lá passei 18 anos trabalhando, até me aposentar em 1982, mais o ginásio que estudei, que naquele tempo já era ginásio Sagrada Família, computando, foram muitos anos. E essa é a minha história com o Instituto Santa Terezinha!

À luz do lampião: Alberto e a Escola de Aplicação Padre José de Anchieta

Quanto mais areia escorreu no relógio de nossa vida, mais claramente deveríamos ver através do vidro.

Pensamentos, Jean-Paul Sartre

Figura 3: Alberto Bianco



Fonte: A Autora (2014)

A minha infância aconteceu em uma colônia de italianos, a Colônia Balbino Cunha, mais conhecida como Colônia Campina. Como eu sou de uma família italiana, basicamente vivi toda a minha infância na comunidade da Colônia Campina, aproximadamente 12 a 15 quilômetros do centro de Campo Largo. A casa onde morava era a casa dos meus avós, uma casa em madeira, pintada de amarela, tipicamente italiana.

Depois, meus pais resolveram mudar-se para o centro, onde justamente passei o resto de minha infância e logicamente meu pai construiu uma casa mais simples. Com o decorrer dos anos houve um pouco de modificação na casa onde moramos até hoje. Os pais ainda são vivos, o meu pai tem 84 e a minha mãe 86 anos. Tenho apenas um irmão que é casado e tem filhos.

Estudei durante o ensino primário na Escola de Aplicação Padre José de Anchieta. Iniciei os meus estudos em 1967, na 1ª série. Geralmente ia à escola com meus vizinhos o Sérgio, a Joceli, a Sueli dos Anjos e suas irmãs. Nós íamos juntos, a pé porque morávamos perto, à Rua Aluísio Domanski. Onde antes era o mato do Sovierzoski, tinha um carreiro entre os pinos, atravessávamos e já chegávamos então à escola. Era uma maneira fácil e não muito distante.

Como o meu pai trabalhava na INCEPA, a empresa sempre forneceu tanto o uniforme quanto o material. Na época, o uniforme era composto por camisa branca, calça azul-marinho e conga. A INCEPA promovia um curso para costureiras e lá essas mesmas costureiras tiravam

as medidas e confeccionavam os uniformes. Não podíamos nos queixar porque recebíamos bastante material escolar: régua, lápis, cadernos, borracha e lápis de cor.

O espaço da escola era um espaço ainda basicamente pequeno, porque ainda estavam construindo e aumentando o que é hoje o Colégio Sagrada Família, a escola ficava no pátio, onde é coberto.

No início das aulas, ao toque do sino, formávamos uma fila para baixo da rampa. A Irmã Isidora fazia a oração ou cantávamos hinos religiosos. Em seguida, subíamos as escadas, turma por turma. Uma coisa muito interessante era quando vinha o Bispo falar e visitar a escola. Então havia apresentações com cantos religiosos.

Na sala de aula, cada um sentava no seu lugar durante o ano todo, sempre em fileira. A professora tinha um caderno que anotava as aulas. Ela olhava e passava no quadro. Não havia hora atividade. Elas preparavam em casa o planejamento.

A hora do recreio era o momento em que todo mundo participava, brincando de roda, jogando peteca ou lenço atrás, era uma delícia! Havia sempre um professor junto que brincava com os alunos, principalmente de roda e lenço atrás. Tinha muita criança na escola, a maioria era os filhos de funcionários da INCEPA. Fora da escola, as brincadeiras de minha época de criança eram as mesmas brincadeiras do horário do recreio.

A merenda escolar era escassa, quase não havia na época. As Irmãs faziam esforço e forneciam merenda, porque tinham uma chácara onde lotearam a Popular Nova, e então traziam muita verdura. A INCEPA também ajudava na doação de mantimentos junto com a cooperativa de funcionários. Às vezes a gente levava alguma contribuição como cebolinha, couve, quem pudesse, um pouco de arroz ou batata. Assim, tínhamos a garantia da merenda.

Em toda a minha vida escolar eu não tive castigos. Mas alguns colegas sim, por falta de cumprimento de tarefa e ficavam sem recreio na sala de aula. Sempre estudei durante o período da tarde e havia comentários dos colegas que uma Irmã que lecionava de manhã puxava as orelhas.

A diretora da Escola de Aplicação Padre José de Anchieta era a Irmã Apolônia Margarida Modkowski, cujo nome religioso era Irmã Isidora e dessa forma que era conhecida. Começando desde a 1ª, as minhas professoras foram: Irmã Filotéia, uma Irmã muito rigorosa, com ela havia muita disciplina; na 2ª série, a Irmã Genoveva; na 3ª série, a professora Reni Ferreira; na 4ª a Irmã Luzia e na 5ª a professora Amélia Marcovicz Kuroski. As minhas professoras eram muito exigentes e rígidas. Eu gostava muito das Irmãs e principalmente da professora Reni, que me ajudou bastante. A professora tinha uma confiança em mim! Ela

sempre queria que eu fosse ajudar a trazer a sacola de cadernos que levava para casa, antes de começar as aulas, era como se fosse o seu secretário. Era muito, muito dedicada a professora Reni! Também devo destacar que as professoras Helga Marthaus e Maria Madalena Getikoski trabalharam anos na escola. Isso me ocorreu, não há como não mencionar.

A matéria era passada no quadro-negro e todos os alunos copiavam. Na 1ª série tinha uma cartilha muito antiga que não recordo do nome. A maioria da matéria era copiada e também havia o ditado em português. Depois a professora corrigia. Eu achava muito interessante que as professoras, principalmente a professora Reni, levavam para casa aquela sacolada de cadernos para corrigir. Corrigiam tudinho. Não corrigiam nada na sala de aula. Saíam com aquelas sacolas de caderno e nós éramos quase 30 alunos em sala de aula!

Basicamente usávamos o caderno de Matemática, caderninho de Português, caderno de caligrafia, tinha um caderno para as outras disciplinas, o caderno de pontos e o caderno de desenho. Havia muita cópia, isso era normal. Quem não tinha boa letra fazia caligrafia. Todos faziam caligrafia, o alfabeto a - b - c e registro de frases, que a professora passava, caderno por caderno. Havia também o desenho em um caderno específico, realmente. A professora apresentava um desenho em carimbo e pintávamos ou copiávamos aquela imagem.

Fizemos muita leitura durante o ensino primário. A leitura era tomada lá na frente da mesa da professora. Ela abria um livro, apontava com a régua e você lia. As normalistas da Escola Normal Secundária Padre José de Anchieta, que ficava no mesmo prédio da Escola de Aplicação, como estágio, elas também tomavam a leitura.

Sempre íamos à biblioteca, mais ou menos onde hoje funciona uma das salas do ginásio. A bibliotecária era a Mariles Rocha. A gente ia pegar os livrinhos de historinha. Havia vários livros de historinha lá. Então, nós íamos lá, em fila trocar os livrinhos de leitura, de uma semana para a outra. Levávamos para casa e líamos. Depois tinha muita cobrança. Elas perguntavam para conferir se você realmente leu.

A Matemática era muito rigorosa, principalmente a tabuada. Você tinha que saber! Quem não soubesse não ia para o recreio. Usávamos um livrinho muito antigo. Durante uma semana estudávamos a tabuada do 2, depois na outra semana a tabuada do 3 e assim até aprender todas. E no meio do processo, a professora tomava salteada. Tinha que saber na ponta da língua. Quando a professora mandava na mesa para falar a tabuada tal, você tinha que dizer 3 vezes 1, 3; 3 vezes 2, 6; 3 vezes 3, 9.

Tinha que cantar essa tabuada. A tabuada foi o conteúdo de Matemática que mais me marcou na escola. Da tabuada a gente nunca mais esquece.

Estudamos muito na Matemática. Na época a gente usava muito os palitos, palitos de sorvete, o único material que se possuía realmente. Os palitos eram usados para as continhas de menos e continhas de mais. Fizemos muitas continhas de mais e no 5º ano que nós tínhamos adições com mais de 2 parcelas.

Então, na continha de mais se acrescentava e na continha de menos se tirava. A Irmã Filotéia e a professora Amélia faziam isso. Nas continhas de menos eu tirava, emprestava do outro número, sempre com os palitos de dolé, além disso, também muitas vezes milho, feijão que se usava e os dedos eram um dos pontos muito importantes que a gente às vezes acabava justamente usando, porque não tínhamos máquina de cálculos. Separava-se unidade, o que eram dezenas, centena, unidade de milhar, com feijões e palitos de sorvete, único elemento que tínhamos na época para a aprendizagem, os palitos eram sempre embrulhados com um elástico de dinheiro e guardados no armário.

Tanto as multiplicações quanto as divisões, as continhas eram feitas no processo longo. Para multiplicar a dezena, nós tínhamos o caderno de quadrinhos, que já tinha os quadradinhos, então se deixava basicamente em branco, pulava-se uma casinha, a da unidade para fazer o complemento, analisar e depois se fazia a soma, realmente, tinha que saber fazer. A professora Amélia usava os palitos para dividirmos. Nas contas de multiplicação não podíamos consultar a tabuada, tinha que memorizar e usar os palitos.

Quando a professora passava um problema, você tinha que realmente saber se era de dividir ou se era de multiplicar, se era de mais ou se era de menos. Ela dava o problema na sala de aula. Se estivéssemos estudando a tabuada do 3, o problema era sobre a tabuada do 3. Se era tabuada do 5, ela iria dar um problema da tabuada do 5. O mesmo acontecia só com a divisão, só da multiplicação, mais, menos e medidas. Na resolução do problema tinha que fazer assim: *cálculo, solução e resposta*. Tinha que

fazer o cálculo, as contas, passar um traço na vertical para separar e a resposta. Problemas que não ensinavam a pensar e sim a fazer o cálculo apenas.

A gente trabalhou muito medidas, principalmente a questão de litro, decalitro, quilômetro, hectômetro, com a tabela de transformação, a régua e a fita métrica. E muitos exercícios envolvendo o sistema de numeração: escrita de números, pares e ímpares, decomponha esse número, antecessor e sucessor, escreva de 2 em 2, ordem crescente e ordem decrescente. Muito disso. O ensino de frações sempre era com carimbos.

As lições de casa eram respectivamente de Português, geralmente cópias, cópias, cópias, e Matemática e os problemas, armar e efetuar as continhas, era o que tínhamos que fazer. Era difícil na época, porque poucas famílias tinham energia elétrica em casa. Assim, a gente estudava e fazia as tarefas à luz do lampião. No outro dia a professora dava um visto no caderno para verificar se a tarefa estava realizada.

Durante as provas as aulas começavam à 1 hora da tarde e iam até as 3 horas. Eram bem rigorosas realmente. Às 3 horas, entregavam essas provas, impressas, em mimeógrafo a álcool, e eram feitas em casa. Outras provas mais simples eram copiadas no caderno, estilo um teste que eram feitas basicamente em sala de aula em um caderninho. As provas sempre começavam na segunda e terminavam na quinta.

O boletim era entregue em uma folhinha de papel, bem simples com as notas transcritas em caneta azul ou vermelha. Porém, quem não estudasse, ficava o outro ano na mesma série, passou, passou, não passou, ficava! Não discutiam!

As comemorações de feriado eram muito relevantes na época de escola. Nos feriados, principalmente os religiosos em que os santos eram lembrados. A Irmã Isidora sempre os homenageava. Os desfiles cívicos de “Sete de Setembro” todo mundo tinha que participar, desfilando e marchando. Era muito, muito disciplinado, realmente! As festas muito comemoradas eram as festas juninas com as danças caipiras, bem tradicional mesmo!

Aprendemos muito, muitas questões na Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, tanto no Português quanto na Matemática, no Ensino Religioso, na História, na Geografia. Na época, o ensino era bem tradicional.

Gostava mais da Língua Portuguesa porque a Matemática foi um calo no pé. Eu achava um pouco difícil. Depois que você terminava o 5º ano, você entrava na 1ª série ginásial, tinha o exame de admissão. Quando cursei 5ª a 8ª série e o Científico, no seminário, o que eu mais me bati foi com a Matemática. No entanto, tive oportunidades de estudar. Sou formado em Filosofia pela PUC-PR, cujo curso também inclui História. Sou professor e estou aposentado, tanto do estado quanto do município.

Em 1974 fui para o seminário e nas férias eu fui trabalhar como empregado na Cerâmica Rio Branco, para pagar um pouco os estudos, porque meu pai e minha mãe quase não conseguiam. Meu pai trabalhava na INCEPA e minha mãe trabalhava como zeladora na Escola Estação de Enologia. Depois para pagar a faculdade, consegui um emprego nas Livrarias Curitiba. De manhã estudava na Universidade Católica e à tarde por muitos anos, na Livraria.

Quando terminei a faculdade, em 1983 o professor Eulógio Oliveira me convidou para trabalhar no Colégio Cenecista Presidente Kennedy, e de lá daí deslanchei, dei aulas CLT no estado, na época tinha Educação Moral e Cívica e OSPB e não tinha muitos professores habilitados. A partir de 1984 lecionei Educação Moral e Cívica, Filosofia e Psicologia do Desenvolvimento, no Sagrada. Em 85 precisavam de professor em Três Córregos e a Secretária de Educação, Claudete Andreassa me convidou, inclusive fui diretor.

Embora as aulas na Escola de Aplicação Padre José de Anchieta fossem de acordo com o estilo de cada professor, as Irmãs tinham o seu jeito e as professoras leigas também, as aulas eram disciplinadas, não havia conversas, nem barulho, nada. Batendo o sino do recreio, os alunos saíam fila a fila. Eram muito disciplinadas realmente as aulas. Eram basicamente metódicas, mas muito boas porque todo mundo aprendia.

A professora passava um exercício no quadro e mandava um aluno para o quadro corrigir. Se errasse por falta de estudo ou dedicação, levava às vezes uns puxões de orelha. Havia o caderno de casa para as tarefas, que a professora levava, corrigia, trazia e devolvia. Levava e corrigia quase sempre semanalmente. Se houvesse indisciplina certamente os pais seriam chamados na escola. Contudo, não me lembro de uma ocorrência nesse sentido. Eu gostava bastante da escola. Era uma escola muito boa!

Se não fosse aquela Matemática trabalhada na escola, de uma forma bem tradicional, centrada na memorização e só, pelo menos a questão da tabuada, eu não

sei se saberia tão bem. Nós não tínhamos máquina de calcular nada, era sabe ou não sabe, borracha, lápis e cabeça! Aprendemos a memorizar por causa da escola.

Ficaram boas recordações da Escola de Aplicação Padre José de Anchieta. Muitas, muitas, principalmente das professoras, da Irmã Luzia, da Irmã Filotéia, da professora Reni, da professora Amélia que às vezes quando encontro pelos caminhos da vida, olha buscando se lembra ou não da gente. Isto é muito interessante!

A menina e o leite: Mônica e o Colégio Estadual Sagrada Família

Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida.

Pensamentos, Clarice Lispector

Figura 4: Mônica Dalponte



Fonte: A Autora (2014)

Eu vou começar contando da minha infância. Quando eu tinha 4 anos a minha mãe faleceu, devido a um infarto fulminante e foi a partir daí que os vizinhos tiveram contato com a Irmã Dolores, para que eu pudesse ingressar na escola um ano mais cedo.

O certo seria, naquela época, de a gente ingressar a partir dos 5 anos de idade. Como tinha apenas 4, então eu fiz duas vezes a Educação Infantil, porque eu não tinha idade para acompanhar uma 1ª série. O que poderia ser um aspecto negativo, para mim não. Adorei, pois era a professora Detinha, que é a minha inspiração até hoje.

Morava lá na região do Caratuva, na entrada da Ferraria, a região não era considerada rural, mas bem afastada do centro da cidade e precisava de ônibus para vir para a escola. Vinham 2 ônibus praticamente lotados, eu vinha no 2º ônibus. Quando comecei a estudar morava só com o meu pai, porque o meu irmão mais novo ficou com a minha avó materna, e não queria ficar com ela e sim com o meu pai. Após um ano do falecimento da minha mãe, meu pai resolveu casar de novo, com uma moça de 16 anos, e com ela teve 2 filhos, meus irmãos muito queridos.

Para estudar no Colégio Estadual Sagrada Família, vinha no ônibus escolar, todo o dia, pequenininha daquele jeito junto com os coleguinhas que tinham basicamente a mesma idade, um ou outro um pouquinho maior, que cuidava dos menores. Quando chegava o transporte uns empurravam aos outros para achar um lugar para sentar.

Quantas vezes fiquei na Praça do Colégio esperando o transporte escolar e me perdia por lá, por consequência acabava perdendo o ônibus. Meu pai brigava porque tinha de vir de longe me buscar.

Comecei meus estudos no Colégio Estadual Sagrada Família, na escola que agora é Escola Municipal Anchieta, até tenho uma foto com a camiseta. A escola era ampla, espaçosa com muitos degraus. Adorava estudar lá. Quando fazia Educação Infantil era embaixo, como se fosse um porão, então eu não via a hora de ir para a 1ª série para subir as escadas, porque eu achava tão bonito, aquelas crianças subindo as escadas, o meu sonho de consumo! As paredes da sala do Pré não eram pintadas, tinham revestimento em cerâmica. Havia também uma salinha onde eram guardados vários materiais utilizados pela Educação Infantil. Hoje essa sala se transformou no banheiro masculino. Como o espaço era grande, na hora do recreio gostávamos muito de brincar de mãe pega, embora a Irmã tivesse certo receio, porque daí a gente brincava de menina pega menino e ficava no banheiro. A Irmã não gostava. Havia alguns projetos em que as professoras, de vez em quando, brincavam conosco de cantiga de roda.

Muitas das musiquinhas que eu sei hoje, as aprendi na hora do recreio, brincando de roda. Hoje a gente não vê muito isso nas escolas, fato que seria primordial ter alguém responsável para orientar, porque as crianças são muito soltas. Nós também gostávamos de ficar soltas. Quando fui diretora, recentemente, fazia a mesma coisa, brigava como a Irmã Dolores brigava de que banheiro não é lugar para ficar brincando.

Era uma graça brincar de mãe cola! Eu ficava lá meia hora esperando. E naqueles dois degraus enormes brincávamos de “Carneirinho, carneirão”. Também a gente pulava elástico. Veja como eram as coisas, eu consegui comprar um pedaço de elástico para levar para a escola, porque até então o meu pai achava perigoso, mas eu brincava e adorava. Não tinha malícia, a própria história da salada mista, pera, maçã, uva não tinha essa conotação, você beijava no rostinho e não era maliciosa. A gente brincava entre meninas. No início, quando ingressei no Colégio, a diretora era a Irmã Idalina, lembro-me dela. Na verdade, eu não me lembro de sua figura como diretora. A Irmã Dolores era diretora dos maiores, de 5ª a 8ª série. Mas depois a Irmã Dolores assumiu. Na 4ª série já era a Irmã Dolores.

A Irmã Idalina supervisionava a caligrafia, se você estava com o uniforme completo, se estava de calça, chegava a erguer a calça da gente para ver se estava com as meias brancas. A Irmã Dolores também fazia isso.

Na 4ª série eu lembro muito bem da figura da Irmã Dolores, porque ficou marcada a questão de que ela andava com a varinha e certa vez estava virada para a amiguinha de trás,

conversando na fila de formação para a entrada, então a Irmã disse “ai, ai, ai vire para frente”, e me cutucou com a tal da varinha, fiquei assustada e ficou marcado para mim esse momento, porque levei uma varada sem merecer! (Risos)

Durante o horário do recreio também nunca deixei de comer o lanche da escola, porque era uma comida que adorava, principalmente aquela sopa que tinha o PTS que eu amava, aquela sopa hoje a gente não vê mais, era uma sopa que eu adorava. Sempre levava verdura, a Irmã pedia para trazer e depois era tão bom comer a sopinha que a gente ajudava a fazer, parece que ficava até mais saborosa. Gostava do macarrãozinho também. Houve um tempo que quando você chegava à escola podia tomar um copinho de leite, pois é, eu fui 2 ou 3 vezes tomar o leite para sair da sala e eu não tolero leite, então eu quase vomitava só para sair da sala. É, era bem malandrinha, mas sempre fui bem quietinha na sala de aula.

Por ser assim, nunca fiquei de castigo até pensava bobagem, contudo não aprontava. A gente sabia quando os meninos ficavam porque iam sempre falar com a Irmã. E esse era o castigo, falar com a Irmã ou receber bilhete na agenda. Porém há algumas coisas que ficam na vida da gente e não é o castigo, é o modo como você foi chamada a atenção. Eu lembro que na 2ª série, bem na hora em que a minha professora redigia um bilhete na agenda, eu fui falar com ela e fiquei olhando, não que eu quisesse bisbilhotar, simplesmente olhou para mim e pediu que parasse de olhar para ela, pois não tinha nada que ver o que escrevia. Isso me marcou porque eu nem conseguiria ler, tinha acabado de me alfabetizar!

Quando tocava o sinal de entrada, recreio ou saída, todo mundo gritava. Quem não gritava naquele Colégio? Todo mundo gritava por causa dos outros, e daí a gente briga com as crianças hoje em dia. Às vezes até ficava atordoada de tanto grito, porque formávamos fila em um lugar baixo, fechado que produzia eco. Mas era muito divertido!

No começo do ano a minha madraستا comprava os materiais escolares e eu não ia junto, como a gente faz com os filhos que escolhem tudo bonitinho. Ela encapava os cadernos com folha de papel tigre verde, plástico transparente e devidamente identificados. Nessa questão a minha madraستا foi bem organizada. Sempre do mais simples, mas sempre muito bem bonitinho. Não tinha borracha nem cola com cheirinho. A minha madraستا levava à risca as orientações da Irmã para não comprar materiais caros. Sempre quis ter o estojo das canetinhas com florezinhas, era o meu sonho de consumo! O meu pai não podia comprar era tudo muito caro, então eu tinha que caminhar com o que eu tinha. O lápis tinha que durar o ano inteiro.

A cartilha que usamos na 1ª série, eu lembro, era Caminho Suave. Todo o dia tinha como tarefa para casa a leitura de uma família silábica, e que a minha madrasta me fazia estudar o ba-be-bi-bo-bu, e não era caixa alta, era *script* e cursiva, dos dois jeitos. A minha madrasta tomava a família silábica e depois tomava salteado, fora as palavrinhas que eu tinha que ler, baba, bobo Bia, nada a ver, não tinha significado, nenhum. Ela era bem rígida nessa questão, eu tinha que tirar 10, se tirasse 9, tinha que falar porque errei. Tínhamos que reproduzir muitas vezes o mesmo exercício, estilo forme frases. Você tinha que saber o boi baba e só. Você não podia escrever outra coisa era só aquilo, o exemplo da cartilha. Pense em uma criança ainda no início da alfabetização. Apanhei muito por causa da leitura, levei muitas chapoletadas!

Quando eu falei do material, a mesma coisa era com o uniforme: agasalho azul com listra fininha branca do lado, bem comum, que quase todo o mundo comprava, o tênis era a congá e a camiseta branca com o brasão do Paraná, escrito dentro Colégio Estadual Sagrada Família. Eu sempre quis ter um agasalho *Adidas*, que era o maravilhoso, bem mais caro. O meu era o mais simples. Quando estava na 4ª série meu pai conseguiu comprar um tênis Alcolor, fiquei louca de feliz, era como se fosse o *All Star* azul. Também não via a Irmã emprestando uniforme, era um uniforme simples, não era tão caro e que todo mundo tinha, desde o mais pobre até o de melhor poder aquisitivo.

Tenho uma foto de uniforme, está bem guardadinha com o cabelinho curtinho. Aliás, antigamente tinha bastante criança com cabelinho curto, não tinha meninas com cabelo. Veja, a Ana Paula Abbud estudou comigo, sempre com o cabelinho curto. Eu acho que era para evitar piolho. Naquela época havia as vistorias. Eu tinha medo porque vistoriavam os cabelos, olhavam de 2 em 2 para ver a cabecinha, unhas e cabelos. As meias tinham que ser brancas, ai,ai,ai se a meia fosse preta.

Com exceção das aulas do Magistério que eu tive que estudar aos sábados de manhã, sempre estudei à tarde. Lembro-me de todas as professoras: Odete Ferreira, a Detinha, no Pré, que foi minha inspiração; a Terezinha Robacher, na 1ª série; na 2ª série a Nilce Marques, que era bem brava e ninguém queria ir com ela; na 3ª série, meu Deus, que professora maravilhosa que gostaria de reencontrar, a Edelmara Martins, tinha uma calma com aquelas crianças, por mais difícil que fosse ela dava um jeito de contornar; a Amélia Kuroski, já ela era bem rígida, na 4ª série, tomava os verbos da gente, todos, tinha que decorar sem saber empregar. Naquela época uma criança de 9 para 10 anos por que tinha que estudar aquilo? Era chato!

Mas das minhas professoras, meu Deus, a Detinha é até hoje a minha inspiração, minha profe. Recordo da musiquinha das vogais: ó-ó-ó- óculos- da- vovó ó-ó-ó, e ela cantava! Como fiquei 2 anos com ela, cantava de um ano para o outro, e eu ficava louca de feliz porque eu já sabia! Então, você veja como que é. Quando cursava o Magistério, quando entrava na sala de Educação Física, sentia o cheiro do Pré, aquele cheiro da escola. Ficou marcado porque foi um momento marcante da minha vida. Porque depois de perder a mãe, você vai buscar a figura da professora! E ela não era carinhosa só comigo, era com todo mundo!

Eu tenho como referência as minhas professoras, por isso, enquanto professora e gestora, sou mais da conversa e tenho um pouquinho delas na hora de apaziguar, de ser firme sem ser indelicada, adoro elas de paixão! A Terezinha e a Edelmara, nunca mais as vi!

A minha infância foi de poucos amigos, sempre fui uma pessoa muito quieta, muito certinha, por isso os colegas não se aproximavam muito. Contudo, mais ou menos na 3ª e na 4ª série, estudei com a Marcela Enik e só fomos separadas no 2º grau porque ela fez o Propedêutico e por causa do meu pai, tive que fazer o Magistério para levar os meus irmãos menores para a escola. Somos grandes amigas, hoje moramos uma do lado da casa da outra. Como a Marcela era sempre a mais bonitinha, os meninos davam em cima dela, então a gente tinha muito amizade com os meninos, inclusive os bagunceiros, principalmente o Carlos Getikoski e o Jacir Wiezbicki. Ainda converso com os meninos, no entanto, a maior amiga e melhor amiga, sempre foi e sempre será a Marcela.

Copiávamos a matéria sempre nos cadernos. Os cadernos sempre de brochura. Não havia caderno em espiral, de 1ª a 4ª série. E muita cópia! A professora passava um ponto e você tinha que copiar porque ela passava olhando para ver se havia copiado certo. Era muito pouco material impresso, até porque o material impresso que tínhamos era na folha mimeografada e o livro didático de Comunicação e Expressão, era o único! O resto era tudo cópia, cópia, cópia e cópia.

Há pouco tempo eu joguei fora um caderno que adorava, aquele caderno de teste, com a letra da professora ao lado margem, pois a tudo era dado nota, com caneta vermelha. A professora sempre corrigia, dava nota no caderno e descontava nota dos erros. E quando ela não dava nota escrevia visto e assinava. Sempre quis ser professora para anotar um visto no caderno dos alunos! (Risos) E tinha caderno de pontos, caderno de linha, que era o de Língua Portuguesa, para casa e para escola, o caderno de Matemática de casa e de escola. Às vezes eu me pergunto: como é que a gente não se perdia?

Eu não gostava de copiar os pontos, porque estavam redigidos no quadro, ou a professora ditava um textão e depois quando o corrigia, a gente ainda perdia nota, era bem complicado! O que eu adorava era quando a professora mandava um texto do livro didático para copiar em casa, como caprichava! Achava bonito! E tinha vocabulário ou o glossário que a gente não sabia o que era. Havia a compreensão do texto, que eram respostas mais pessoais e a interpretação com questões mais objetivas do texto lido.

Na sala de aula havia uma sacola com o desenho de um livro com asinhas, possivelmente de um programa de leitura. Nessa sacola havia bolsos, cheios de livros. Em cada sala, a sacola tinha uma cor diferente. Toda a semana fazíamos um horário de leitura. Eu me aconchegava naquele momento. Não recorro de a professora ler uma história para a gente, lembro apenas da professora Detinha lendo os clássicos, só os clássicos no Pré.

Não me lembro de ter aula de Artes no primário, Educação Física sim, era com a Odete Lavall, e eu morria de medo dela não acho que era a pessoa ideal para trabalhar com criança, mas em todo o caso era o que tinha para aquele momento.

Sobre as datas comemorativas eu gostava muito! A cada bimestre uma professora ou série ficava responsável por fazer a apresentação. A única coisa que eu não gostava era o espaço da apresentação: a rampa. Como sou órfã de mãe e meu pai não podia se deslocar até a escola, por conta do trabalho, o dia dos pais não tinha significado para mim.

Eu me lembro do dia das crianças porque era uma coisa que a gente ficava esperando, era sempre com refrigerante coca-cola ou *wimi* com cachorro-quente. No meu tempo eles levavam o lanche na sala porque a garrafa era de vidro, então comíamos no espaço da sala para evitar acidentes.

Cantávamos a música da primavera todos os anos e outras músicas semanalmente, a Irmã gostava de introduzir parábolas. Na 2ª série nós cantamos a música da parábola do semeador “um passarinho voou... tá-na-ná” nós tivemos que apresentar e a gente ficava atrás, de figurante só para cantar, quando era todo mundo junto. Nunca participei do desfile cívico, talvez porque morasse longe.

A Matemática na época de 1ª a 4ª série eu gostava, porque eu sempre tive uma grande facilidade de memorização, ia bem, nunca tive vermelha em Matemática não, nunca! Até porque as provas e os testes eram uma reprodução daquilo que a gente fazia no caderno, só mudavam os números. A Matemática na Educação Infantil já começou a ser trabalhada daquela forma bem tradicional com treino da coordenação

motora e muita sequência: num quadradinho faz a diagonal, no outro faz a vertical e em outro a horizontal. Então era diagonal, horizontal e vertical. Eu tinha uma dificuldade para fazer isso! Nem o quadro valor lugar eu lembro, não existia isso, se a professora trabalhou com palito, deletei da minha memória!

Uma coisa que me marcou foi que tinha que fazer muito as sequências: conte de 1 a 50, conte de 2 em 2, de 3 em 3, de 4 em 4, de 5 em 5 e muitas contagens. Os vizinhos, antecessor e sucessor, aprendíamos no início da 1ª série. Trabalhava-se primeiro com os conjuntos, depois com a numeração em si, carimbos com palhacinhos, eu adorava! Nossa, gostava daquilo! Adorava a Matemática! Os vizinhos eu não tinha dificuldade, mas hoje a gente vê que as crianças têm toda a dificuldade. Eu passei bastante tempo com 1ª, 2ª série, como é difícil ensinar os vizinhos. Eu não sei como é que entrou em nossa cabeça!

A tabuada para nós sempre foi só apresentada. Eu nunca entendi o que é 2 vezes o 2. A tabuada era passada, tinha que estudar de um dia para o outro e decorar, ou seja, saber na ponta da língua. Havia um cartaz e a professora tirava ou virava para ninguém consultar em dia de teste ou prova. Tomavam a leitura e a tabuada. Valia uma notinha também. Quando tinha na agenda o bilhete, lia e estude a tabuada, podia se preparar porque você ia para uma salinha com outra professora e tinha que falar a tabuada. Então a professora colocava a notinha. É triste isso!

Assim como tinha um caderno de leitura, também tinha o caderno da tabuada e o livrinho que nós tínhamos que comprar, com a capa vermelha, que por sinal, usei por vários anos até na 4ª série. Esse livro era pedido na lista de material escolar no início do ano. Usávamos para consulta e estudos. Eu lembro bem, mas não aprendi. A minha madrastra comprou até os lápis com a tabuada, porque era mais fácil para ver, só que não podia usar em dia de prova.

No sistema de medidas também, meu Deus do céu, eu ficava decorando aquela tabela na 4ª série! E depois tinha que pôr o número com a vírgula embaixo do múltiplo ou submúltiplo, e transformar. Cada dia era uma medida diferente, massa, capacidade

e comprimento. A professora passava um textinho explicativo, dava um pontinho e fazia a tabelinha de transformação. A gente não entendia o que era aquilo, acertava porque sempre me sai bem, mas não que eu entendesse! Os problemas consistiam na realização dos cálculos: Mariazinha tem 4 balas, ganhou mais 4, com quanto ficou? Então você resolvia da seguinte forma: registrava sentença matemática, sempre traço no meio para separar da operação e resposta, ficou com tanan balas. Sempre assim.

A subtração eu fazia de cair a sementinha. Então eu me batia bastante! Muito! Quando eu tive que ensinar para os meus alunos a subtração com reserva, com empréstimo, eu não sabia que era dali que saía o número, eu sabia que caía e que tinha sementinha, entretanto eu não sabia. Nunca ninguém pegou o Material Dourado ou os palitos para me mostrar que os números desagruparam. Eu me bati tanto! A adição para mim era algo mais fácil para fazer. Na 2ª série fazíamos adições com 3 parcelas.

Vou contar a verdade, quando eu aprendi sobre o 10, que um valia 10 porque era o valor relativo, sabe onde que eu aprendi? Quando fui trabalhar com 1ª série usei o quadro valor lugar, peguei os palitos, agrupei, coloquei na dezena, assim uma dezena tem zero unidade. Puxa, é por isso que o 1 vale 10! Aprendi, quando fui dar aula para a 1ª série, pela primeira vez. É muito triste! Nós não tínhamos muitas possibilidades de aprendizagem, digamos assim, e aprendemos sozinhos.

A continha de divisão era pelo processo curto, o processo longo eu fui aprender quando fui lecionar. Como foi difícil, meu Deus do céu! Eu prefiro fazer o processo curto porque a gente está tão acostumada! A multiplicação eu tenho que visualizar na minha cabeça, fazer 4 vezes 15, vai o 5 e depois vai o 1. São coisas que a gente nem sabe como aprendeu, é mecanismo mesmo, é pura reprodução o tempo inteiro! Você tentando fazer, tentando fazer para você aprender, foi assim!

O que sempre fazia parte de nosso cotidiano era o arme e efetue, arme e efetue, arme e efetue, era quase todo o dia para casa arme efetue e uma cópia. E não eram 2 ou 3 continhas, eram umas 10. É! Deus me livre! Então continhas eu tive muitas! Não eram continhas como se faz hoje, a partir de uma situação-problema, eram soltas

para treino mesmo! A professora não colocava essa questão para gente da multiplicação do $3+3+3$, ela colocava apenas superficialmente, não fazia essa relação no concreto, não havia sistematização ou relação da adição com a multiplicação. Fazíamos prova real na escola, se eu não me engano na 3ª ou 4ª série. Prova real é a operação inversa, por exemplo, para adição, a inversa é subtração, para multiplicação, a divisão e vice-versa.

Havia atividades intermináveis de componha e decomponha, muito componha e decomponha, só que era um componha e decomponha que tinha que escrever *4 centenas, 0 dezenas e 4 unidades simples* e tinha que escrever, *simples*. Eu gostava de fazer. Hoje a gente tem que ensinar para as crianças, *100 + 4 unidades*. Nossa! Como era difícil entender fração, não tinha nada no concreto, fração nada no concreto, não tinha carimbo, a gente desenhava nos quadradinhos do próprio caderno, já prontinhos.

Na escola, por ser Colégio de Irmãs tinha Ensino Religioso, mas era um Ensino Religioso que eu gostava. Na minha sala não tinha aluno de outra religião, só tinha católico por mais que a gente saiba que digam que isso não acontecia, não tinha na minha sala, não me lembro de nenhum. Pelo menos até a 4ª série não tinha ninguém que fosse de outra religião, ninguém. As Irmãs trabalhavam a questão de valores, também falavam de Jesus, de Maria, da história deles, da Bíblia. De vez em quando liam a Bíblia. A oração tinha que rezar quase sempre o Pai Nosso ou a Ave-Maria.

Representava-nos que as aulas não eram planejadas, porque eu não lembro de um caderno visível na mesa da professora. Chegávamos lá na escola e a professora já dizia “peguem o caderninho”, o caderno de casa, aquele que havíamos levado com a tarefa e tal. Os outros ficavam exatamente no armário. As professoras reproduziam aquilo que estava no livro didático para o caderno. Muitas vezes elas nem pediam para a gente copiar do livro, simplesmente passavam no quadro, como por exemplo, os pontos de História, Geografia e Ciências, porque usavam os livros que pesquisavam, creio eu.

Em nosso tempo de escola também tinha o caderno de ocorrência, que era todo vermelho, quem não fizesse a tarefa assinava com a Irmã, era bem complicado. Era essa a forma de pressão. Como ainda não havia agenda, tínhamos uma cadernetinha onde copiávamos os bilhetes. Até no registro dos bilhetes havia treino, treino e treino.

Se eu não me engano tenho meus boletins na casa do meu pai, em uma mala onde minha madrasta guarda alguns pertences. Adorava quando chegava o boletim, porque sabia que nunca ficava com vermelha. Era muito bom receber o boletim, em cartolina, escrito Comunicação e Expressão e Matemática.

Na verdade, tudo que eu sei fazer, uma expressão numérica, uma continha, interpretação de texto, o gosto pela leitura, essas questões que nos foram apresentadas na escola para fim de promoção, embora com toda a pressão sofrida, aprendemos por causa da escola. Cursei o Magistério no Sagrada Família, depois Adicional em Educação Infantil em Curitiba. Aliás, adoro a Educação Infantil, amo de paixão como também os anos iniciais do Ensino Fundamental. Fiz o tal do IESDE, eu tinha acabado de ganhar bebê, em seguida a UEL, fiz Pós em Educação Infantil e terminei Especialização em Educação Especial. Sou professora há 23 anos, atuei como pedagoga e fui gestora da Escola Municipal Primeiro de Maio, por 6 anos. Atualmente trabalho na Secretaria de Educação, a convite da pedagoga da Equipe de Ensino e do Secretário de Educação Professor Avanir Mastey. Meu primeiro emprego foi na Escola Municipal Dona Fina, depois lecionei no interior, no Distrito de São Silvestre.

Talvez a escola que estudei tenha preparado aqueles que trabalham com cálculo, porque foi isso que aprendemos em Matemática, cálculo puramente, e não é isso que a gente faz. Da Matemática aprendemos o valor relativo, o valor absoluto, a divisão, muitas continhas, a decorar todas as partes das operações, lembro-me de cada termo, e do dividendo que era indicado por uma flechinha. É verdade, nossa! Apenas reproduzi aquilo que a professora falava para fazer, divide, divide ou não divide, põe zero, divide, divide ou não divide, abaixa quando terminar tudo e der zero, você passa a barra e multiplica.

É bem difícil responder se a escola me preparou para a vida, porque tudo o que eu aprendi, tudo o que eu sei hoje, eu só fui aprimorando com certeza, academicamente. Entretanto, não formou para a vida, nem o Magistério nos preparou porque tive que aprender a dar aula dando aula. Eu tive que aprender o 1 da dezena, ali 10 palitinhos, e fui lecionar. E isso devia ter aprendido lá no comecinho e não foi feito. É triste! Fomos coagidos durante o processo de aprendizagem e “memorizamos”. Aprendemos sobre o Sol e os pontos cardeais. O que eu sinto que aprendi na escola foi para aquele momento.

Aquilo era bom para aquela época. Se pegar uma criança que está hoje no 2º ano e tentar alfabetizá-la da forma que foi comigo, ou que seja trabalhada a Matemática da forma que aprendi, penso que talvez não vá para frente. Hoje a criança vê muito mais informação do que dentro da escola e antigamente não, era aquela vidinha da escola, de dentro de casa, não tinha computador, internet, celular, *wi fi*. A escola era a fonte do conhecimento, só que daquele conhecimento que era específico, porque a escola não dá mais conta de ensinar, precisa ir além disso, precisa dar conta e sistematizar tudo isso. Gosto de me lembrar do tempo da escola, através dessa conversa acabei viajando dentro do Sagrada, foi um prazer falar da minha época de escola e da minha infância.

Bodas de trigo: Michele e a Escola Municipal Anchieta

Tempo guardado em lembranças,

A saudade nos devolve

Todo o presente de outrora.

*In: Viagem no espelho e vinte e um poemas inéditos, Helena
Kolody*

Figura 5: Michele Laís Fracaro Iarek



Fonte: A Autora (2014)

Essa 1ª ficha aqui se refere às escolas em que estudei, foram o Colégio Sagrada Família e a Escola Municipal Anchieta, desde o Pré-Escolar, até o Ensino Médio. Estudei sempre pela manhã, porque gosto de acordar cedo e à tarde, até os meus 12 anos de idade, frequentei a creche, o Centro de Educação Infantil Mariinha, pois os meus pais trabalhavam.

Na escola, o horário do recreio acontecia das 9 e meia até as 15 para as 10. No Pré, eu lembro que o recreio tinha um tempo maior. Então, fazíamos a refeição com tranquilidade e aproveitávamos para brincar. Brincávamos de adoleta, pular elástico, e “Eu com ela”, um jogo que consistia em bater as mãos em grupo, com agilidade, uma sequência rápida que tinha que memorizar. Brincadeiras muito antigas!

Na Escola Anchieta sempre tinha merenda escolar, quando gostava do lanche, comia, principalmente quando era Nescau, cereal e iogurte. Não gostava muito de comer sopa pela manhã, preferia os alimentos adocicados. E também levava algumas bolachinhas ou uma fruta, caso não apreciasse o cardápio da escola. Já no Ensino Médio, quando já estudava no Colégio Estadual Sagrada Família, o intervalo era bem mais rápido: descíamos, porque as aulas aconteciam no 2º andar, comíamos algo, íamos ao banheiro e novamente era a hora de subir.

O espaço da escola era amplo, apesar de ter muito aluno, conseguíamos nos dividir. As salas de aula eram muito organizadas. Em comparação a outras escolas, inclusive particulares, acho que a gente tinha uma das melhores estruturas da época: quadras esportivas, materiais para os alunos e caixinha de som nas salas de aula. Isso ajudava bastante para a diretora Irmã Dolores dar os recados, para ouvirmos o Hino e fazer a oração antes de iniciar as atividades diárias. E quando precisava assistir a um vídeo, o aparelho era deslocado até a sala de aula ou íamos à sala de vídeo que ficava em outro pavimento.

Os professores corriam muito atrás dos materiais didáticos para ensinar, eu me sentia feliz lá! No começo, quando ingressei na Escola Municipal Anchieta, minha mãe cursava o Magistério no Colégio Estadual Sagrada Família, então eu ia com ela para a escola, de bicicleta, isso foi no primeiro ano que estudei no prédio, no caso o Pré, ela ficava junto comigo estudando. Nos outros anos ela continuava me levando, me deixava lá e aí ia trabalhar.

Com o passar do tempo, depois quando eu já tinha mais de 10 anos, 12 talvez, comecei a ir para a escola, com minha prima de ônibus ou a pé mesmo, porque era perto, aproximadamente, uns 20 minutos de casa, dava para ir e voltar a pé. Tinha que sair às 7 horas de casa para chegar 7 e meia que era o horário de entrada. E nos dias em que chovia, o meu pai ou o meu tio levavam a gente de carro.

Lembro-me de todas as professoras que tive, desde o Pré, principalmente de você que foi minha professora na 2ª, 3ª e 4ª série. A cada ano, no primeiro dia de aula, a gente ia lá escutar qual professor você teria, ficava na expectativa. Quando a Irmã Dolores falava Anna Carolina, pensava, de novo? Mas será que está certo? Era ela de novo. E a cada ano era você. Os 3 anos! Pensava, será que não vão trocar? Porque a Irmã fazia uma salada, misturava todos os alunos, para não cair com o mesmo professor, para não ficar na mesma sala ou com os mesmos colegas! Tive sorte! Voltava toda faceira, a minha mãe também! Ai que bom! A Anna! Ficava muito contente, porque gostava muito do teu trabalho!

Sempre me saía bem em tudo, nunca tive dificuldade. Você explicava, eu prestava atenção, acompanhava o teu ritmo de trabalho. Não só o ensino, como também você era muito amorosa com os alunos, brigava com quem merecia. Eu tive sorte com as minhas professoras!

Alguns amigos de infância os tenho até hoje. Outros, perdi o contato, muita gente que entrou no Pré comigo, a maioria só saiu do Sagrada no Ensino Médio. Conseguiu uma oportunidade em algum colégio particular e acabamos desviando desses alunos que estavam lá desde o começo, que estudavam desde o Pré. Quando encontro algum colega por aí, lembro bem do rosto. Certos colegas me lembro bem: a Êmily, o Fernando, a Hannah, a Alana Fabris, a

Mônica Gomes, a Gislaine minha prima, a Inaiá, a Adriele Binhara, Fernando Moura Leite, o Fábio José, os gêmeos Willian e Cristian, as gêmeas, Gislaine e Janaína que estudaram comigo até o Ensino Médio e elas ficaram na mesma sala! Desses que eu lembro porque sentavam perto de mim.

Como amigos sempre procurei pessoas mais comportadas, que também era do meu perfil. Nos trabalhos em grupo, eu sempre procurava fazer, quando dava para escolher, com alguém mais comportado. Então, eu tenho uma amiga desde a época do Ensino Fundamental, é a Tânia Carla, que foi tua aluna também. É minha amiga, nossa! Acho que é a amiga mais antiga que tenho! Estudou junto se eu não me engano era na 2ª série. Eu tive sorte. Coisa ruim na escola era que a cada ano trocavam as turmas. Você já perdia um pouco do vínculo, você conhecia novas pessoas.

Um dos grandes males do ensino é que as nossas turmas eram bem grandes, com muitos alunos, infelizmente. Mesmo assim, a qualidade do ensino não foi prejudicada, até em função disso porque os professores eram muito dedicados, traziam atividades de fora, que muitas vezes preparavam em casa, para a gente fazer na sala, coisas prontas, corriam atrás mesmo das atividades e davam conta do recado. Por isso garantiram um ensino de qualidade.

Copiávamos a matéria no caderno. Alguns cadernos até guardei, mas acabei me desfazendo. Hoje eu não me lembro de ter nenhum. Eu tinha uns que eram bem de quando fui tua aluna. Lembro-me da minha letrinha! Eu me arrependi de não ter guardado, acabei jogando fora bem depois. Usávamos atividades em folhas também.

Lembro-me também que no Pré havia aqueles materiais de madeirinha, Material Dourado, para separar unidade, dezena, centena. E esse colorido em madeira também, a Escala Cuisenaire, para fazer as equivalências. Eu lembro muito que no Pré eu aprendia muito isso. Era assim toda a semana, para trabalhar unidade, separar unidade, fazia unidade e centena. A gente fazia atividades em grupo e também anotava no caderno. A professora Sônia Fabris passava um número no quadro, além de montar no jogo com as pecinhas, ainda pintava esse número no caderno. Nunca mais vi a minha professora do Pré. Eu lembro que nessa parte de Matemática usava muito esses materiais em madeira.

E também o alfabeto e números em EVA, plástico ou às vezes em um papel mais firme. Ela nos dava potinhos com as letras e montávamos o nome. Entregava já o

pacotinho com o alfabeto e com os números e tinha lá no quadro todo o alfabeto e a sequência numérica. Juntávamos sílabas, ou então os números, fazíamos o reconhecimento dos números, e das quantidades. A professora também fazia desenhos dos alunos que faltaram, por exemplo, faltaram 4, e fazíamos o número 4, que representava quantos alunos estavam ausentes. A maioria das vezes registrava no quadro, desenhando.

A professora dava a sequência, a gente sentava no chão em grupinhos. Alguns alunos já chegavam sabendo todos os números, outros às vezes esqueciam um no meio da sequência. Na época não tinha muito recurso, ou então as professoras solicitavam que recortássemos de revista. Então eu lembro que eu aprendi isso bem nessa fase mesmo.

Minha mãe me incentivava também, nessa época ela estava fazendo Magistério, então outra coisa importante é que eu a via preparando os materiais para fazer estágio. O tempo inteiro estava ali acompanhando, tinha cartelinhas de bingo, para jogar, bem coisa de Matemática. O que ela fazia era de soma e tinha que colocar o resultado lá na cartela.

Sempre fui de brincar ali dessas coisas, muitos joguinhos quando eu era criança, não era tão ligada na TV como as crianças de hoje, então eu gostava mesmo era dessa coisa prática como os jogos. Inclusive na televisão eu não gostava de muito desenho, era só de assistir um ou outro, mas meu prazer era assistir ao programa “Bom Dia e C&A” que ensinavam a fazer as coisas, algum brinquedinho e que era bem da minha época. Ensinavam a fazer coisinhas que a criança sabia fazer, recortar e colar. Então lembro bem dos dias que ficava em casa, eu gostava disso. Nesse sentido fui privilegiada.

Em minha época de escola havia muita cópia porque não eram muitos os livros didáticos para os alunos, as professoras até variavam, usavam um pouco o livro, mas a cópia existia. A professora passava um texto, copiava do quadro. Escrevia um texto como avaliação. A professora escolhia o texto de um dos alunos, registrava todo o texto no quadro como o aluno tinha escrito e aí todo o mundo ajudava junto, bonitinho, a arrumar o textinho. E aí novamente copiava, tudo de novo, o texto corrigido.

Lembro-me de bastante cópia, as atividades de todas as matérias, na maioria copiadas do quadro mesmo, pouca coisa de livro, era um texto a mais para ler e alguma atividade para responder, de *xerox*, era pouco. O que eu lembro quando tinha alguma coisa impressa era mimeografada, que a professora escrevia, era tudo manuscrito.

As continhas de Matemática, por exemplo, divisão, multiplicação, era tudo feito no quadro, todo o processo no quadro, tudo a gente copiava. Também tinha que corrigir, era tudo minucioso, era comum, era uma coisa que os alunos nem reclamavam.

Quando eu fui fazer Faculdade, a cópia quase não existia mais, porque os professores já passavam a aula no projetor e você não precisava copiar porque estava disponível *on-line*. Por incrível que pareça eu tive sempre esse hábito de copiar as coisas. Às vezes o professor estava falando, explicando uma coisa, oral, eu copiava, porque eu tenho memória de cópia, então, tenho que copiar para memorizar. Se escutar a pessoa falando ou só der uma lida muito rápida, eu não gravo tão bem, e cópia é uma coisa que me ajudou e me ajuda muito, principalmente quando eu preciso memorizar alguma coisa, porque sou eu que estou fazendo a cópia do jeito que eu imagino, organizando a informação.

Até para estudar para a prova, eu lia todo o conteúdo e fazia um rascunho escrevendo e na hora da prova eu lembrava o que eu tinha escrito, tanto na escola quanto na Universidade. Fazia isso porque quando precisava estudos através dos livros, lia o conteúdo e copiava, de novo, fazia um resumo para lembrar. Fazia muito isso, talvez não tanto na Matemática porque era uma coisa que eu tinha que saber, refazia as atividades, também copiava, mas não exigia tanta cópia quanto o conteúdo que precisava de memorização.

Os castigos em meu tempo de escola eram mais para os alunos que não eram muito comportados, e consistiam na professora mudar de lugar. Até na hora de organizar os alunos sentados já havia uma organização para evitar conversa, ou os assuntos que fossem atrapalhar o decorrer da aula. Aqueles bagunceiros sentavam bem na frente.

Geralmente eu ficava sentada no meio da sala, eu não gostava, queria ficar mais na frente, porque prestaria mais atenção, quanto mais para trás a gente senta, o nível de atenção diminui. Se alguém levanta você já observa e se distrai, e também fica mais longe da professora. Eu gostava de sentar mais na frente. Porém, no Ensino Fundamental eu ficava mais para trás por causa do meu tamanho. Ficavam na frente os mais pequeninhos.

Outra forma de advertência era enviar bilhete na agenda para os pais, inclusive alunos quando chegavam ao extremo, saíam da sala para a diretoria, isso nunca aconteceu comigo. Talvez tenha recebido algum bilhete na agenda por ter me esquecido de algum material, mas nada grave que tenha me preocupado, agora, ter deixado de fazer tarefa, não, porque eu sempre fazia. Todo mundo tinha medo da diretoria. A gente evitava ao máximo de ter que ir à diretoria conversar com a Irmã Dolores.

Em relação à leitura, eu sempre fui de ler bastante, principalmente quando eram livros infantis quando eu estava no Fundamental, lia muito, gostava de ler. Minha mãe também sempre lia para mim, algum livrinho ou outro. Lembro também que a gente emprestava os livros da biblioteca para ler em casa. Então, era uma atividade ótima porque tinha bastante livrinho e eu sempre me interessava. Gostava, acho que depois com o passar do tempo, eu fui perdendo um pouco disso.

Na infância, eu tinha prazer de ler, as atividades de leitura, então eram uma coisa prazerosa, e tinha todo o tempo disponível. Inclusive fazia competição para ler, tinha uma média. Eu já cheguei a fazer isso, começava a contar, a nomear o livro, o autor, fazia uma ficha, minha meta era ler 100 livros no ano. Teve um ano que eu consegui cento e pouco, o maior orgulho!

Os livros eram mais de histórias. Já no sentido de ler sobre matérias específicas, não, isso acho que não tinha tanto assim, eram as narrativas. Agora, eu não me lembro de ler livros, que, por exemplo, ensinassem Matemática, Ciências, ou outro conteúdo.

Todo ano o aluno comprava na lista de materiais um livro que ficava para a escola. Também gostava de ler gibi, principalmente porque em minha época, era considerado como uma forma de lazer das crianças, quando tinham tempo livre. Então, era para aproveitar e fazer a leitura!

Na Escola Municipal Anchieta o que era um diferencial, eram as muitas atividades para os alunos, porque, na creche eu tinha outros colegas de outras escolas, que nem tinham tarefas para fazer. E havia muito trabalho prático também, que exigiam demais do aluno. Isso era muito positivo, porque se hoje você me perguntar sobre as provas, talvez eu nem lembre tanto dos conteúdos, entretanto, dos trabalhinhos vou lembrar.

Enquanto todos os alunos detestavam Matemática, eu gostava! O que é um problema para muita gente, para mim não era! Sempre tinha colega que gostava de Língua Portuguesa e não gostava de Matemática, ou o oposto, aqueles que gostavam de Matemática e não de Língua Portuguesa.

Eu gostava sempre dos dois, me dei bem nos dois, acho que nunca tive dificuldade em Língua Portuguesa, nem em Matemática, sempre na mesma medida. Eu achava fácil Matemática, aprendia, prestava atenção, via como era para fazer, captava aquilo e para mim era fácil. Difícil talvez para os outros alunos que talvez não consigam prestar atenção ou entender. Eu entendia! Se não conseguisse entender de primeira, quando a professora fazia ou refazia alguma atividade, prestava mais atenção. Quando surgia alguma dúvida, levantava a mão e perguntava, mas não tive dificuldades.

Eu lembro muito da divisão, da multiplicação que fazia muitas atividades sobre as operações, sobre as frações, um pouco de álgebra. Aprendi geometria, as formas, os polígonos, os edros como o tetraedro, o cubo. Ah, esse a gente montava. Trabalhamos muito com os Blocos Lógicos, principalmente no Pré, na 1ª e na 2ª série.

Usava os Blocos Lógicos e eu lembro que a gente copiava no caderno, passava o contorno. Desse material eu lembro também, trabalhava bastante principalmente porque no Pré a gente fazia a representação com as formas geométricas, comparar pelo tamanho, um menor com outro maior. Às vezes até brincava de montar. A professora incentivava a montar um carrinho utilizando as peças. Montava bonequinho com as formas, pegava a folha e desenhava, pegava o triângulo e fazia o corpinho, o círculo, a cabeça, fazia comparação de tamanho e forma. Até com o Tangram montávamos um bichinho.

Utilizávamos sucata, planificávamos os sólidos na escola, um pouco, também. Caixinhas eu lembro também que eu utilizei, para brincar de mercado, para montar sólidos e também para montar alguns brinquedos. Para brincar de mercado, havia vários produtinhos. A professora já levava o dinheirinho pronto e distribuía para os alunos. Tinha que comprar e havia um caixa para fazer as continhas, para ver quanto era o produto e se sobrava.

Da 2ª até a 4ª série havia situações-problema para resolver, que envolviam a quantidade, a soma, a diferença e um pouco até de geometria espacial. De medidas, lembro bem daquela tabelinha que você tinha que fazer a transformação, mas isso já

era na 4ª série. Essa fita métrica aqui a gente usava para medir as crianças. A professora tinha uma girafinha na sala. No Pré e na 1ª série eu me lembro que a cada tempo, a gente media na girafinha com a fita métrica e a professora anotava as nossas medidas.

Trabalhávamos muito com o Ábaco. Inclusive tinha de vários modelos: uns que você passava as bolinhas, umas continhas que mudava de lugar as pecinhas. Tinha muitos. Principalmente no Pré, na 1ª e na 2ª série, que começávamos a ter as noções básicas de conta, de quantidade e soma. Usávamos bastante palitos de fósforo, palitos de sorvete, tampinhas, lacre de latinhas, tudo o que tinha peças pequenas, a gente trabalhava, montava, fazia tanto na escola quanto na creche. Tampinha utilizava para contagem, separar e classificação por cor. A gente até levava de casa.

Esse é o que eu mais usei na minha época, em todos os anos, para montar os desenhos, representação do número, para quantidade, separação por cor, agrupávamos também, tanto que eu lembro que as primeiras contas que a gente aprendeu a fazer foram através dos palitos, pois era bem mais fácil. A professora tinha um material em tecido com espaços para armazenar os palitos, na unidade, dezena e centena.

No ginásio a gente tinha uma matéria que se chamava Matemática Instrumental, na 7ª série. Lá que se aplicava a parte prática da Matemática. Aprendíamos o conteúdo em sala, normalmente, e nessa aula, geralmente havia algum desafio para alguém, envolvendo a Matemática: maquetes de casa com as coisas dentro, inclusive com escala. Tinha que montar a maquete com escala, certinho.

Havia atividades também com o Tangram, a Geometria, as operações, até algumas situações-problema que havia aprendido de 1ª a 4ª. Geralmente as atividades eram em equipe. Essa Matemática Instrumental era bem diferente, porque envolvia a parte prática e penso que era um diferencial das outras escolas, pois não ensinavam essa disciplina.

Como a escola ficava no prédio das Irmãs, a religião era muito presente. Fazíamos oração todos os dias antes do início das aulas, e foi importante porque acho que

espiritualidade não fazia mal para ninguém. Então, a oração vinda da Irmã Dolores, eu lembro com muito carinho, porque gostava de rezar, fazia-me bem essa rotina, pois as Irmãs tinham a vivência religiosa e esperávamos por tudo isso, todo o dia quando chegávamos.

Se não acontecesse a oração inicial, o dia não era o mesmo. As orações eram bonitas apropriadas para crianças e na maioria das vezes em forma de músicas bíblicas, que a Irmã cantava com os alunos. Ainda canto o trecho de alguma delas para o meu marido Leandro. Depois entrávamos na sala com uma energia boa. Após o recreio, aquela correria, os alunos também se acalmavam, ao som da música e quando a Irmã começava a cantar, nos conduzia para a sala de aula.

Embora as escolas fossem diferentes, ambas eram dirigidas por Irmãs, por isso, havia uma rotina marcante de Pré até a 8ª série. Na chegada à escola fazíamos a oração, cantávamos o Hino, aí a professora fazia a chamada.

Na Escola Anchieta, iniciávamos fazendo uma atividade, depois a professora retomava algum assunto de outra aula ou corrigia uma tarefa do dia anterior, para começar uma tarefa nova ou explicar sobre a tarefa de casa. Essa rotina, esse protocolo todos os dias, em um ciclo de atividades, era importante porque havia uma sequência, uma lógica de se fazer primeiro uma determinada questão. Hoje sinto saudade de estudar, daquela rotina de escola porque tinha aula que era tão divertida! Tanto que faltava muito pouco às aulas somente quando estava muito doente.

Meus boletins sempre tiveram notas boas. Minha mãe nunca foi chamada na escola por conta de uma nota vermelha ou coisa assim. O que eu aprendi na escola, o aprendizado básico foi bem trabalhado no começo, assim, todo o restante ficou mais fácil.

Na escola sempre fui muito organizada com meus cadernos. Gostava de tudo caprichado e colorido. Quando se esmera em algo, espera-se receber um mérito que não necessita ser um elogio da professora, mas espera-se que não ocorra o contrário, de que peça para espelhar-se em alguém. Essa segurança, já é um incentivo. Como havia bastante coisa para fazer em casa e eram atividades interessantes, lembro-me das atividades com painéis para se trabalhar ortografia, acentuação ou outra regra gramatical. Empenhava-me ao máximo para coletar o maior número de palavras em revistas e colar no painel. Alguns colegas não se preocupavam e levavam apenas três palavras, ou ainda outros que nem apresentavam. Eu levava muitas. Ajudava muito no vocabulário. Possibilitava-nos a pesquisa de novas palavras e a aprendizagem de regras. **Sobre a Matemática, lembro-me das operações para fazer no caderno. Fazia tanto em casa quanto na aula. Levava as**

atividades para fazer em casa como tarefa, chegava ao outro dia na escola e a professora corrigia. Estas contemplavam as 4 operações e bastante situações-problema. Lembrei que a gente fazia muito prova real da operação, inclusive quando fui tua aluna.

Durante a aula muitas vezes não dava tempo de resolver tudo. A professora registrava no quadro a tarefa. Chegava em casa e resolvia tudo para o outro dia. Algumas atividades a professora fazia no mimeógrafo que às vezes levávamos para fazer em casa, mais no sentido de fixação de conteúdo.

Em meu tempo não se usava a calculadora era mais o papel. Fazíamos as continhas no caderno e também cálculo mental. Às vezes estava na rua ou em casa e fazia cálculos mentalmente, como por exemplo, $5 + 4$.

Para fazer contas, começamos a aprender as mais simples envolvendo primeiramente as dezenas. Fazia-se a divisão e a multiplicação, e com o passar do tempo foram aumentando os números, até chegarmos aos decimais, que muitos colegas tinham dificuldade, porque na hora de dividir tinha que tirar a vírgula, na 3ª e 4ª série.

As subtrações, fazíamos através de trocas. Cortava quando tinha o 0, então tinha que emprestar do outro número. Lembro-me que emprestavamos do número do ladinho, à esquerda, fazendo as trocas, que por essa razão, o número diminuía.

Aprendi o processo curto da divisão só na 4ª série, depois que eu já tinha aprendido o outro, o processo longo. No final do ano começamos a fazer o curto para economizar linhas no espaço do caderno. A partir de todo aquele processo longo, que fizemos muitos cálculos, e que ajudou muito, porque ficou mais fácil aprender o processo curto. Depois que eu aprendi bem o curto eu achava que era visualmente mais reduzido, já conseguia me localizar melhor, mas até eu aprender, fizemos muitas divisões pelo processo longo.

Treinamos muitas contas principalmente de divisão e multiplicação. Cada aluno ia até o quadro fazer as contas. Às vezes tinha aluno que errava, a professora parava,

fazia todo mundo fazer junto. Nesse momento, via qual era a dificuldade e acho que isso ajudou a fixar bastante, principalmente a tabuada. O material escolar a gente sempre seguia a lista que a escola solicitava. Então, comprava aqueles materiais todos, que se comparados aos das outras escolas, a lista era imensa, tinha até esquadro. Lembrando-me da Matemática na lista de materiais, havia esquadro, tinha aquele redondo - a circunferência e transferidor. Então, aprendemos muito bem ângulos com esses materiais diferenciados na 4ª série, como também a usar devidamente as réguas.

A gente comprava e tinha que usar. Como também lápis de cor para destacar e deixar organizado o caderno. Sempre tive todos os materiais e gostei de tudo bem organizado, de ir à loja escolher coisas bonitas, mas não comprava nada muito caro, tudo encapadinho, coisas de menina, para não ficar emprestando dos colegas, também porque era ruim. Eu emprestava meus materiais para aqueles que eram amigos. No entanto, havia colegas que tinham a mania de emprestar e que nunca mais te devolvia.

Aprendi a tabuada, mas aprendi na prática. As professoras meio que obrigavam os alunos, tinha que saber! Aprendia-se a tabuada por etapa, não era tudo de uma vez. Então se trabalhava a tabuada do número 2, aprendia-se do 2. Depois, a tabuada do número 4 e ia aumentando. A gente ficava decorando a tabuada.

Nessa época tinha a tabuada na agenda para estudar, mas os números eram muito pequenos. E acho que até a gente escrevia em folha a tabuada para treinar. E quando era para memorizar, ficava falando e repetindo. Lembro-me vagamente da tabela com as tabuadas, acho que deve ter ajudado bastante porque tudo que era visual me facilitava. Eu não usava a tabuada de agenda nem de lápis, porque achava muito pequenininha.

Usava uma técnica para a tabuada do 9, que juntava o 8, depois pensava, 9 vezes 9, como o resultado é 81, juntava os dedos da ponta, representando 8, com um 9 e 0 dá o 90. Do 9, eu lembro que tinha a parte manual. Os outros números, 2 vezes 4, acho que valia se fosse menor, os números 2 vezes 3, quando já começava 7 vezes 8, não dava mais.

Esses números altos eram decorados, era mais fácil. No entanto, lembro que a maioria dos alunos usava os dedos. Tomavam bastante a tabuada salteado. Para fazer as atividades tinha que chegar sabendo a tabuada. Quando era a tabuada do 2, passava os dias estudando, aí você decorava, chegava na sala, eu lembro, a professora cobrava. Perguntava um por um aleatoriamente, então os alunos respondiam e gravavam mais ainda.

Às vezes não lembrou, a gente esquecia, a professora aplicava a atividade para relembrar, ficava bem mais fácil, lembrava! Quando você já sabia, esquecia, em um minuto já travava. Mas isso foi bem cobrado, por isso acho que a gente decorou bem e aplicou com as atividades práticas sempre fica mais fácil!

Quando criança eu adorava feriado porque ficava em casa fazendo alguma atividade diferente. Gostava de brincar, de andar de bicicleta e brincar de boneca. Minha mãe também ficava em casa, pois é professora.

Desfilei muitas vezes no feriado de Sete de Setembro, mais pela creche que pela escola. Na escola sempre se trabalhavam as datas importantes: Independência do Brasil, Tiradentes, Páscoa dia do Índio, até quando tinha os dias temáticos, dos pais, mães, sempre havia uma apresentação, que era bem elaborada por sinal, tinha uma atividade diferente para fazer naquele dia. Eu sempre participava das Festas Juninas, acho que dancei em todas. A gente não via o dia, a hora que chegasse o dia da criança, pois havia os brinquedos, como a cama elástica, carrinhos de rolimã e pintura com tinta. Isso era muito divertido, era uma festa lá na Escola Anchieta e com direito a lanche especial.

Não dava muito tempo para fazer brincadeiras na escola. Brincávamos mais na aula de Educação Física, que fazíamos atividades diferentes. Jogávamos queimada e fazíamos atividades em grupo. Brincamos mesmo acho que foi no Pré, tinha o dia do brinquedo. Eu gostava de brincar de boneca, de desenhar, de coisas lúdicas, brincadeiras coletivas, como mãe pega, esconde-esconde, jogo de dominó, Banco Imobiliário e outros jogos da Estrela. Acho que aprendi e me diverti!

A casa onde eu morava era na mesma rua que você morava anteriormente. Aquela rua que é cortada pelo meio e ninguém acha o endereço. Morava ao lado da minha prima, então sempre tinha ela para brincar. Minha casa era de alvenaria. Quando eu era criança ainda era uma meia água. Com o passar dos anos, meus pais foram aumentando, assim ela ficou maior: o meu quarto, mais um quarto sobrando, o quarto dos meus pais, a

cozinha, a sala. Uma boa estrutura. Desde que eu nasci morei nessa casa. E eu vou lá todos os dias para almoçar. É pertinho do meu trabalho. Às vezes meu pai também almoça em casa aí a gente almoça junto.

Em minha vida era tudo simples, mas não faltava nada. Tivemos carro quando eu já tinha uns 8 anos. Até esse período tínhamos moto. Minha mãe fazia de tudo para me dar as coisas que queria, é claro que dentro das possibilidades.

Uma coisa que sempre queria fazer desde pequena era aulas de música e de inglês. Ela não podia pagar porque trabalhava naquela época de atendente de creche. Era difícil, a casa também estava em construção, aumentando uma peça, fazendo uma coisa por fora da casa. Foi uma época bem mais difícil, mas nunca me faltou nada. Não tinha muita regalia, sempre com muito esforço! Valorizava muito isso. Ela ganhava pouco e quando podia se esforçava muito para comprar o que eu queria. Nunca fiz birra ou ameaça de ficar doente para conseguir algo.

Comecei a ir para creche desde os meus 2 anos porque a minha mãe trabalhava lá e me levava junto. Chegou uma época que parei de ir para a creche, já era adolescente e precisava ficar em casa para fazer as atividades, porque no Colégio estava puxado e precisava de tempo estudar. Também poderia ajudar em casa com os afazeres domésticos.

Fui uma criança tranquila, era bem quieta, gostava de estudar. Quando eu pegava amizade, quando tinha oportunidade, interagia, conversava e me expressava. Diante de situações novas eu ficava mais quietinha.

Como sou filha única, minha prima Gislaíne que sempre fez o papel de irmã, porque morava ao lado da minha casa. Assim então ela fez esse papel de irmã de brigar. A gente ia para a escola juntas. Estudamos juntas na 1ª série e depois no Ensino Médio. Acredito que a Irmã nos separava porque somos parentes, temos o mesmo sobrenome. Isso não nos impediu de fazermos as atividades juntas, eram quase sempre as mesmas atividades.

Meus pais também foram bem tranquilos. Minha mãe sempre foi mais presente, por estar na área da educação em me incentivar. Meu pai também me apoiava, só que ele é mais reservado e não participava tanto. Também sempre fui apegada a minha mãe.

Estudei até a Faculdade. Já emendei a Faculdade no Ensino Médio. Quis fazer e fiz. Deu certo, cursei Design de Produto. Eu também fiz Especialização em Design Centrado no Usuário que o foco é projetar um produto para aquele usuário, é pesquisar quem é o usuário e projetar para esse público. Sou formada em Design de Produto, mas

hoje trabalho com móveis. Já tenho mais noção de móveis, gosto disso tanto na parte de projetar um móvel e organizar o espaço como uma boa decoração. Estou a 6 anos fazendo isso. Foi o meu primeiro emprego, comecei a trabalhar lá no 1º ano da faculdade, eu me identifiquei tomara que continue gostando. Espero que através de minhas palavras, tenha conseguido traduzir um pouco do que foi o meu cotidiano como aluna da Escola Municipal Anchieta.

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!

Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!

Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...

...

Ai, palavras, ai, palavras,
íeis pela estrada afora,
erguendo asas muito incertas,
entre verdade e galhofa,
desejos do tempo inquieto,
promessas que o mundo sopra...

...

Ai, palavras, ai, palavras,
mirai-vos: que sois, agora?

...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!

...

Cecília Meireles
Romance LIII ou Das palavras aéreas

PARTE III

Tramas... tramadas...

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo completado sem perder a originalidade desse.

In: Estética da Criação Verbal, Mikhail Bakhtin

E então meu leitor, o que lhe pareceram essas narrativas? Você conseguiu se transportar até o tempo de escola de Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele?

Sinceramente, espero que sim, pois sempre ocorre comigo quando as leio. Divirtome e conversei muito com eles.

Na parte III, e última desse estudo, apresento-lhe três contos. Eu os chamei de contos. São contos inspirados em contos de mestres da literatura. Do meu jeito.

Os três contos estão pautados em *exotopia*. Procuro apresentar nos contos “Entrevistas”, “Além do gravador” e “A sina de Penélope”, a minha leitura sobre as leituras dos narradores a respeito de suas experiências.

Busquei apresentar ao leitor, minha leitura em três âmbitos: como os narradores me veem como pesquisadora, como os vejo como narradores e como me vejo a partir do contato com as suas experiências.

São narrativas sobre narrativas. “Na análise narrativa de narrativas, o pesquisador desempenha o papel de constituir significados às experiências dos narradores mediante a busca de elementos unificadores e de alteridade, supondo que, mediante esse procedimento, estaria desvelando o modo autêntico da vida individual” (CURY, 2011, p.164)

Prefiro não os chamar de análises. Nos contos, ou seja, nas narrativas de narrativas, procurei exprimir o olhar de cada um sobre suas experiências, colocando-me ora como personagem, ora como narradora onisciente e como narradora-personagem. Os elementos ficcionais e os bastidores das entrevistas se fundem em tramas, as quais foram tramadas sem que nos déssemos conta.

Os contos seguem em uma sequência ou organização. Contudo não são uma sequência e ao mesmo tempo são. O certo é que interagem, dialogam...Dependerá de sua leitura.

A narrativa apresenta então um dilema ontológico. Serão as histórias reais ou imaginadas? Para quão longe elas se afastaram da nossa percepção e memória sobre as coisas desse mundo? Aliás, serão a percepção e a memória medidas do real ou artífices no emprego da convenção? (BRUNER, 2014, p.32).

Nos contos as histórias são reais e imaginadas ou imaginadas e reais. Como você preferir, leitor!

Aviso-lhe: esses contos não foram concluídos. Falta a sua participação em cada um deles. Suas considerações são de suma importância!

Continue consultando as notas e anotando as suas dúvidas e sugestões. E não esqueça de que nos encontramos nas “Considerações Finais”.

Escolha um local aconchegante, um chá quentinho com bolachinhas de amendoim e se debruce sobre esse ambiente onírico! Permita-se divagar... Boa leitura e até breve!

Entre-vistas

Certos contos, os mais simples, parecem inverossímeis, e os inverossímeis, pois também escrevi alguns desta natureza, despertam o comentário: "Daí, quem sabe? Tudo pode acontecer."

In: Contos Plausíveis, Carlos Drummond de Andrade

Já passa das 16 horas. Da calçada avisto a imagem da Sagrada Família recepcionando os transeuntes. Quantas pessoas passam diariamente em frente ao imenso e antigo prédio e desconhecem a história das instituições que por ele passaram!

Oito degraus e me adentro à portaria. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, ufa! Último degrau! Cheguei! A recepcionista me cumprimenta sorrindo. Os cinco narradores me aguardam na portaria do prédio!

Desculpem-me pelo atraso. Estão me aguardando faz tempo? Não? Ainda bem! Vamos entrar? A Irmã Lúcia nos reservou uma sala na biblioteca. Vamos seguir? *Todos concordam...*

A primeira porta... a imagem de Nossa Senhora... a segunda porta. Mais três degraus. Apitos, vozes de crianças, bolas quicando! Caminhamos em silêncio! Mais dois degraus e chegamos a nosso destino. A biblioteca. As bibliotecárias nos cumprimentam. Livros, quantos deles. Abro a porta da sala de leitura dos pequeninos do Ensino Fundamental.

Esse é meu lugar favorito! Adentrem, por favor e podem se sentar!

Primeiramente gostaria de apresentá-los! Todos vocês me são muito caros! Alguns já se conhecem, entretanto, imagino que não tenham se encontrado em um mesmo espaço, em outro momento! Vou começar pelo primeiro depoente! Albino, meu avô; Zita, minha tia avó e minha professora na 1ª série; Alberto, foi meu professor no Magistério; Mônica, trabalha comigo na Secretaria Municipal de Educação e Michele, foi minha aluna durante três anos, na Escola Municipal Anchieta.

Agradeço-lhes a disponibilidade de mais um momento para a minha pesquisa. Essa entrevista é essencial para mim!

Querido leitor, sinto imensamente que você não esteja aqui presente, para observar a perplexidade estampada nas faces de nossos depoentes. (Nossos sim, você está comigo nesse processo). Eles devem estar se perguntando: como assim, mais uma entrevista?

Na verdade, não os reuni para mais uma entrevista, seria uma entre-vista, um *feedback*, a fim de que vocês expusessem seus pontos de vista sobre os momentos das entrevistas. Eu sei que fiz três entrevistas com o Albino e duas com os demais!

Antes que esqueça, disfarçadamente vou ligar o gravador dentro da minha bolsa. Segredinho nosso leitor! Promessa de escoteiro!

– É! Bem que eu pensei! Que será que ela quer saber mais? Já te falei tudo o que lembrava sobre a Matemática! (Risos)

Esse é bem o meu avô Albino, meu leitor! Está falando com a neta e não com a pesquisadora! Precisei conter meu riso!

Sim! Seria mais uma avaliação sobre a sua participação em minha pesquisa. Como vocês se sentiram como colaboradores, o que foi relevante! Enfim, preciso de opiniões!

– Senti-me um pouco constrangido pela interrupção de um dos funcionários durante a segunda entrevista. Enfim, não se pôde evitar!

Em uma conversa por telefone com o Professor Alberto, ele havia me indicado uma pessoa bem famosa na cidade para narrar suas experiências, contudo não aceitei a sua indicação e insisti para que colaborasse comigo. Sabe leitor, procuro sempre confiar em minha intuição.

– Eu achei muito importante a sua iniciativa, porque os alunos de hoje não conhecem muitas histórias de antigamente. Conhecem computador e internet, mas não sabem o que foi um mata-borrão, um caderno de pontos, um livrinho de tabuada para decorar, a cartilha... a lousinha! Como foi penoso!

– A Zita disse tudo! A gurizada de hoje só pensa em computador, internet, essas coisas! Eu também usei a lousinha e decorei a tabuada que a Irmã Josefina tomava salteado!

– Na primeira entrevista fiquei um pouco incomodada com o gravador. Só que depois foi embora! Li o texto que você escreveu sobre as entrevistas e gostei! Foi muito bom porque voltei no tempo também. Isso deixa a gente muito feliz! Desculpe-me por alguma coisa, se foi mal interpretada ou mal posicionada, mas é o que eu senti e o que eu fiz desde a infância. Coisas de escola, as dificuldades, a penúria, porque era penoso mesmo e tanto por parte minha de infância, da família, como da escola que era muito pobre naquele tempo. Não se tinha recursos!

Minha professora, da 1ª série, meu leitor! Quando ouço a “tia Zita” falar tenho vontade de sentar no colo dela!

– Eu também fiquei preocupado em falar longe do gravador. Depois ouvi a gravação e ficou boa! Pensei que seria mais difícil, que teria que escrever as respostas nas fichas. Eu nem entendo direito o que é esse negócio que você estuda, mas se é estudo é coisa boa! Foi divertido! Eu até falei do Getúlio, o melhor presidente do Brasil! (Risos).

Cresci ouvindo meu avô falar de Getúlio Vargas. Foi a última ficha relatada na primeira entrevista. Voltemos à conversa.

O senhor parece que se divertiu com as entrevistas. Até colocou a roupa de ir à missa para tirar foto.

– Barbaridade! Tenho que ficar um velhinho bonitinho na foto! (Risos).

E vocês Mônica e Michele? Como avaliam a participação!

– Que amor Anna, eu adorei ler a entrevista que você mandou para o meu e-mail. É bem isso! Como somos contemporâneas, muitas questões que compõem nossas histórias e trajetórias escolares foram lembradas. A gente viajou para o passado! Foi mais um bate-papo do que uma entrevista. O nosso tempo no Sagrada! Eu fui e voltei com aquelas fichas com palavras.

Verdade leitor! Eu e Mônica entramos no túnel do tempo, literalmente! Perdemos a noção do tempo. Estilo “História sem fim”. Foi mágico!

– Adorei lembrar o meu tempo de escola, porque eu adorava estudar! Era muito estudiosa e adorava Matemática! Que pena, faz pouco tempo que me desfiz de meus caderninhos!

Michele e suas recentes lembranças me presenteou com as gravações mais longas. De vez em quando ouço as conversas com os depoentes. Só você sabe disso, leitor!

Reitero os agradecimentos! Sou muito grata a vocês Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele. Sem as suas narrativas, meus depoentes, as histórias que vocês me contaram sobre a infância, a escola e a Matemática, a minha pesquisa não seria possível.

– Sinto um justo orgulho de saber que minha segunda sobrinha está estudando numa fase tão importante da vida e assim me realizo, vendo os meus alunos com seus ideais formalizados, vencendo tudo de frente para a vida! Bastante sucesso!

Obrigada Professora Zita, por suas palavras de incentivo. Muito obrigada!

– Por nada Carolina, sempre às ordens!

– O que não ficou bom, você pode cortar. É! Estou aí pronto para responder, quando quiser saber mais, venha em minha casa que eu te conto, minha netinha!

– Anna meu Deus do céu, imagine, foi um prazer falar da minha época... da minha infância... lembrar...

Mônica, juntos traçamos um cenário sobre a Alfabetização Matemática, nas escolas dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, de 1930 a 2000. Estou muito feliz!

– Eu me sinto muito honrada Anna por você ter me escolhido entre tantos alunos! Fiquei muito feliz! Foi um prazer!

Michele, foi uma lisonja que vocês todos participassem dessa pesquisa!

Minhas palavras são sinceras! Você que me acompanhou, leitor, sabe disso!

Ótimo! Foi muito válida essa conversa. Então, o que vocês acham de irmos até a pracinha para tirarmos uma foto desse momento?

– Boa ideia!

A pesquisa e a pesquisadora se fundiram. Pessoa, processo e produto estão interligados. Nossas histórias estão enredadas. Muitas cenas, que agora habitam os bastidores de minhas lembranças, permanecem vivas. Desligo delicadamente o gravador. Eles nem perceberam. E nem saberão! Segredinho nosso, viu leitor? Palavra de escoteiro! Congelemos no tempo esse momento!

– Xis! Olha a foto! (Click)

Além do gravador

A saudade que dói mais fundo e irremediavelmente é a saudade que temos de nós.

In: "Do Caderno H", Mario Quintana

Liguei e desliguei o gravador. Meu companheiro que armazenou em torno de 408 minutos ou pouco mais de 6 horas de gravação. Ouvir. Pausar. Digitar. Ouvir novamente. Esse foi o ritual de praticamente um semestre. Ouvir e ouvir quantas vezes fossem necessárias as lembranças compartilhadas da infância de 5 pessoas. Todavia, há muitas lembranças além do gravador... agora, apenas povoando as minhas lembranças.

Vi crianças, de 8 anos, sorrisos marotos, olhos marejados, testas franzidas, sobrelhas erguidas, semblante sério, mirando o horizonte que ali se erguia, amplo... na evocação das lembranças! Entre as lições e as travessuras, a força do hábito das Irmãs Teresa, Regina, Isidora, Idalina e Dolores que impunham disciplina e organização nas escolas que dirigiam.

Quantas lembranças! Os comedidos, exemplares e tranquilos, Alberto e Michele. Os peraltas e vivazes Albino, Zita e Mônica! E como aprontaram essas crianças! Quanta história!

Albino, o narrador mais experiente, sentou-se em seu sofá cativo. A companheira por mais de setenta anos de boda, ao seu lado, sem sombra de dúvida!

Aguardou pelo momento das entrevistas na mesma ansiedade que uma criança espera por uma guloseima após a refeição. Já havia realizado outras entrevistas com ele, em outras épocas. Essas pareciam ser muito diferentes!

O tempo nevou nos cabelos, no bigode e nas têmporas. Não conseguiu atingir o espírito, que serelepe e sorrateiro esquivou-se. Permaneceu menino. Um garotinho de noventa e dois anos.

Durante as conversas, manteve um nível de linguagem mais descontraído, como faz no cotidiano. Um vocabulário peculiar. Em alguns momentos buscou falar o mais próximo da linguagem padrão. Foi perceptível o seu esforço. Algumas palavras as soletrou, outras leu com facilidade. Não desenvolvia as respostas, apenas as comentava. Ou melhor, seus olhos de um azul de brigadeiro sorriam com os comentários.

Referiu-se aos amigos como se apenas eles tivessem envelhecido. Lembrou-se de quase todos de sua classe de 1930. E penso que meu avô estava com a razão. Nos momentos de conversa ele parecia ter muito menos idade que eu.

Esquivou-se da escola o quanto pôde. Queria contar histórias da sua vida, as lendas que aprendeu com os avós e as aventuras quixotescas da juventude. Encheu-se de satisfação! Gargalhou divertidamente! Sentiu-se imponente e importante!

Os cambotes no recreio, as búricas, o campinho de futebol, a surra no jogo de futebol, a brincadeira de caracol das meninas, a conversa com o prefeito, os desfiles de carnaval, a construção da Igreja Matriz, o plantio das magnólias, a Praça Polônia, o Chafariz, a beleza da professora... Lembranças divertidas que cirandavam ao som de suas risadas. Que foram muitas!

Crianças ajoelhadas no milho, as reguadas, as humilhações aos descendentes de poloneses, o castigo pela hemorragia nasal, a reprovação no DETRAN por não ter aprendido a desenhar na escola, a permuta do estudo para o trabalho... Mágoas latentes, não cicatrizaram! Ele que somente pôde desfrutar do 3º ano primário, para ajudar os pais na lavoura.

Seguiu o mesmo destino do pai, da lavoura para a indústria cerâmica, até a aposentadoria. No entanto, viu suas filhas, netos e bisneto graduados.

O menino Albino não sabia Matemática, em contrapartida, confeccionou sozinho uma bicicleta em madeira, que divertiu a vizinhança nos finais de semana. E em perfeitas condições de funcionamento! Você acredita mesmo, meu leitor, que Albino não soubesse Matemática?

A queixa de Albino foi de que aprendeu tudo na prática. Na leitura do operário, que precisou medir e calcular na labuta diária, o ensino não foi funcional e para a vida, como ele gostaria que fosse.

Zita de Z a A. Assim que a vejo, um alfabeto de predicativos.

Alegre e bem-humorada, mostrou se divertir com as lembranças da infância: as brincadeiras na Praça Polônia, os amigos, as cantigas em polonês, as broas caseiras saídas do forno, os afazeres domésticos, o guarda-pozinho branco, as lições na lousinha que o pai ensinava o pouco que sabia, o mata-borrão, os sonhos com capilé presenteados pelas Irmãs, o versinho da violetinha... a tabuada na ponta da língua, o crochê, as continhas...Falou de seu passado com saudade e ternura. Estava feliz!

Zita presenciou todo o processo de transição de sua escola, primeiramente na pequena casa das Irmãs, depois nas salas cedidas no Clube Polônês e finalmente o antigo prédio que ela viu a ser construído parede por parede. Lecionou no novo prédio.

E em meio a isso, as dificuldades enfrentadas, os poucos recursos e o reflexo na aprendizagem. A escola de Zita conseguiu gerir os conflitos e cumprir seu propósito de ensinar, a duras penas e com a firmeza das Irmãs. Embora inflamado, jaz o ressentimento de uma aprendizagem não contextualizada. No entanto, sem disfarces, reluta com uma preocupação: as escolas de hoje melhoraram pois contam com o apoio da tecnologia da calculadora e do computador, em consequência as crianças são favorecidas com o acesso à informação, pensam menos, não calculam mentalmente e o ensino lhes é facilitado.

A vida lhe presenteara com uma sorte que os irmãos mais velhos e de uma família humilde e numerosa não tiveram: estudar! E dessa dádiva fez o seu ofício: lecionou como alfabetizadora durante 25 anos! Enquanto narrava as lembranças de escola, estabelecia um paralelo com a sua prática como docente. Orgulhou-se dos palitos de sorvete que carinhosamente os coloria para os alunos.

Sentamo-nos na sala de visitas, lado a lado. Em nossa frente uma cristaleira com porcelanas, herança do casamento e o guarda-pó rosa, rabiscado de dedicatórias, exposto em uma cadeira. Como um troféu! O mesmo guarda-pó que me aninhou, me aconchegou e enxugou as minhas lágrimas.

Tia Zita não mudou! Continua vaidosa com os cabelos cacheados. Tinge-os de castanho claro para disfarçar os fios prateados. Está mais magra. Ou a minha pequenez nos idos de 78 a tornasse mais robusta. A face, septuagenária não conserva o mesmo viço. Naturalmente. As marcas de expressão traduzem a sua experiência.

A alegria continua a mesma que divertia as nossas aulas e as cantorias das famílias silábicas. Contagante de Z a A.

Alberto, prefiro referir-me a ele formalmente, Professor Bianco. Dirige-se a mim também de maneira formal, Professora Anna. E formais também foram as nossas conversas. As poucas leituras de Filosofia e História foram incentivadas por ele, durante os dois últimos anos do Magistério.

Alberto, professor aposentado, tranquilo, amigável, embora reservado. Apreciador de boas leituras. Tez alva, calvície pronunciada, tipicamente um descendente de italianos,

conforme a sua observação sobre os primeiros anos de infância, na Colônia Balbino Cunha. Origem humilde, família pequena: os pais e um irmão.

Frequentou o seminário. O emprego na livraria possibilitou a graduação em Filosofia e História. Especializou-se em História do Brasil. Lecionou durante 25 anos no ensino público e privado para os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

A infância foi tranquila. Reflexo de seu comportamento, tranquilo. Amizades na vizinhança, brincadeiras coletivas e inocentes. As mesmas brincadeiras do horário do recreio. Lenço atrás, peteca e corda. O comportado Alberto era avesso a travessuras.

O filósofo Alberto relatou as intermináveis atividades centradas no treino e na memorização em depreciação do pensar sobre as questões abordadas. Uma Matemática muito rigorosa.

As assistemáticas professoras do 2º e do 5º ano Irmã Filotéia e Amélia, utilizavam feijão, milho e palito para a compreensão das operações. Utilizavam material concreto no final da década de 60.

No entanto, a sua escola foi boa, porque através do mecanismo dos exercícios, principalmente da tabuada, a aprendizagem foi eficaz. E o livrinho da tabuada Alberto também estudou.

Alberto foi simpatizante da disciplina das Irmãs e invocou as suas melhores lembranças da escola: os hinos entoados durante as visitas do Bispo, a confiança que a professora Reni lhe depositava, o boletim escolar exibido orgulhosamente, as tarefas de casa realizadas à luz do lampião...

Durante um bate-papo em nosso trabalho, Mônica comentou que guardava uma foto do tempo da escola! Eureka! Contemporânea! Por acaso encontrei a narradora que tanto buscava!

O ingresso no Colégio Estadual Sagrada Família se deu por intermédio de um infortúnio. A vida lhe arrancou prematuramente a mãe e a solução para a dor da pequena órfã foi o convívio com outras crianças.

Na escola, Mônica recebeu o olhar atento da primeira professora: Odete. Detinha, a professora do pré-escolar, extravasava amor a todos os seus rebentos. Na mesma medida. No abraço, no atendimento individualizado, nas atividades psicomotoras, nas cantigas das vogais. Foram dois anos de convívio e os laços tornaram-se eternos. O cheiro da sala de aula povoou os seus sentidos por certo tempo. Na ausência da

matriarca, Detinha assumiu a referência. Quando a encontra, mesmo que a distância, coloca em xeque a sua face possessiva: a minha professora!

Talvez por sua formação em Pedagogia e experiência com os anos iniciais de escolarização, Mônica tenha uma visão mais didática do processo. Como os depoentes que a antecederam, sua escola primou pela técnica e pela quantidade, e precisou se posicionar no lugar das crianças para compreender as noções básicas de contagem e quantidade, manipulando os materiais que auxiliariam em sua prática docente.

Sua leitura externou a angústia de uma escola que se esmerou na reprodução, desconsiderando a aprendizagem e desencadeando uma autonomia precoce. No relato de Mônica percebeu-se que a sua escola estava voltada para um modelo padrão de sujeito.

Da escola guarda boas lembranças! A primeira amiga, Marcela, o beijinho no rosto dos meninos desprovido de malícia, o uniforme simples, o caderno de pontos, a cópia de poesias, os carimbos de palhacinhos para colorir, a escadaria, a facilidade na memorização, as boas notas, as brincadeiras durante o recreio, carneirinho-carneirão, bom-barqueiro, salada-saladinha, mãe-pega, mãe-cola... o lanche no dia das crianças, a merenda, as sopas deliciosas e o leite distribuído para as furtivas saídas de sala de aula, mesmo sendo intolerante! As professoras Detinha e Edelmara e a incansável Irmã Dolores!

Da escola também guarda reminiscências: as provas, os testes, a decoreba da tabuada, o livrinho da tabuada, os conteúdos apenas apresentados, a reprodução do livro didático, o arme e efetue, a inspeção do uniforme e da higiene, a exigência da perfeição de sua madrastra, a forma como foi advertida e a impaciência de algumas professoras.

A escola de Mônica a formou academicamente. Ensinou para o momento que exigia, porém não a preparou para a vida.

Madeixas alouradas, pele de pêssego, altas e coradas maçãs, rosto levemente arredondado, olhos de um tom oliva, sorriso largo, cativo às lembranças de menina.

Fui invadida por um sentimento confuso, pois tive o prazer de lecionar para Michele por 3 anos consecutivos: na 2ª, na 3ª e na 4ª série, respectivamente, 1998, 1999 e 2000. Completamos bodas de trigo! Aquela menininha tranquila e estudiosa esteve em minha frente na forma de uma mulher serena e comedida.

Filha única, sem mimos foi administrada a sua educação. Uma rotina de estudos dividida entre o período matutino na escola e o vespertino na creche. À noite e durante os finais de semana empenhava-se em observar a mãe a elaborar as atividades de estágio, como normalista.

Dos pais, não lhe faltou carinho, atenção e exemplos. Exemplos que a tornaram forte e convicta, embora aparente fragilidade.

Seus olhos brilhavam e sorriam a cada cena da escola que Michele perseguia. Divertiu-se! Tânia, a amiguinha da 2ª série, amizade fortalecida pelos anos. Gislaine, a prima-irmã companheira no trajeto até a escola.

Estudou no prédio da Congregação desde a pré-escola até o 3º ano do Ensino Médio. De lá saiu para a graduação em *Design*. Especializou-se em *Design* centrado no usuário. Atua como projetista de móveis em uma marcenaria, na mesma cidade onde reside.

Michele foi uma criança tranquila que brincou muito, de jogos educativos e de tradições folclóricas resgatadas na escola. Rendeu-se pouco às atrações televisivas. Apenas os programas educativos. Distraía-se com uma boa leitura!

Das boas lembranças evoca a Matemática, os gibis, as boas notas, o Tangran, o Material Dourado, a Escala Cuisenaire, os Blocos Lógicos, as sucatas, o ábaco, os materiais manipuláveis, o mercadinho, o calendário e o lúdico. Das dissonantes recordações guardou a obrigação da memorização da tabuada, a lista de cálculos, a tabela de transformação de medidas, de sentar-se no meio da sala de aula, a prova real e das intermináveis cópias. Textos de um quadro inteiro! E eu fiquei me remoendo por um bom tempo por conta da prova real.

A escola copista de Michele despertou-lhe a apreciação pela Matemática. Embora tenha proporcionado momentos de interação, trabalho em grupo e materiais manipuláveis diversificados, a escola não descartou o velho modelo de ensinar, com ênfase no treino, na cópia e na memorização.

Michele aprendeu a tabuada na prática. Aprendeu a fazer Matemática, fazendo Matemática.

Recordaram-se de todas as professoras dos anos iniciais. Exceto Albino. Lembrou-se perfeitamente da professora mais brava e mais bonita: a Irmã Josefina! Esqueceu-se das demais!

Durante as entrevistas, Zita e Mônica, as professoras primárias, lembraram o tempo em que aprenderam e quando ensinaram. Para Mônica, o processo de ensino e aprendizagem da subtração, foi inverso ao de Zita. Cada qual defendeu o seu método de ensino, porque testaram as fragilidades do processo em que aprenderam e perceberam que “o como teriam que ensinar” deveria ser diferente, pois o que sempre as importou foi a aprendizagem das crianças.

E a tal da preocupação com a aprendizagem foi prioridade para as professoras de Michele, no final da década de 90 e no início de 2000, que não economizavam estratégias para que as crianças fizessem os cálculos. Muitos materiais coloridos e muito treino.

Daria para compor um poema com estribilho ou uma poesia concretista com os comentários sobre os problemas: *sentença matemática, cálculo, resposta; cálculo, traço na vertical, solução, resposta; sentença matemática, traço, operação, resposta*. Os problemas eram ministrados como florais, em muitas doses, porque eram inofensivos: quanto mais, melhor!

Eu lhe indago prezado leitor, o que seriam das contas se não fossem os números e a base do sistema de numeração? Números, creio que nossos narradores registraram muitos, pela quantidade de contas, cálculos, operações, algoritmos e seus sinônimos que fizeram. No entanto, como se apropriaram do sistema de numeração decimal? Se a sua resposta foi com muito treino, a sua resposta está exata!

Zita foi a única depoente a citar os algarismos romanos, os quais foram estudados no 4º ano. Tamanha a relevância dos mesmos, que nem se quer foram mencionados. Ou não compunham o currículo? Você que está lendo esse conto, recorda-se dos números romanos?

Entre as sequências numéricas e operações, um assunto traumático foi apontado, a boa, velha e necessária, tabuada! Tanto a Irmã Julinha, no final da década de 40, quanto a Irmã Genoveva na década de 60 e a professora Nilce, na década de 80, se utilizavam de um mesmo recurso para a automatização das tabuadas: o famoso livrinho, como partilharam nossos depoentes. O livrinho cuja capa vermelha ou bege e/ou era de outra cor, conforme a edição.

Você poderá visualizá-lo, meu leitor, na descrição tão precisa e simples, na narrativa de Mônica! A professora de Michele utilizava de outro recurso para a memorização. Havia sim, a Tábua Pitagórica, que conforme seu relato, tudo que era visual e manipulável auxiliava as crianças no processo de construção das tabuadas.

Na distância temporal das experiências, muitas práticas e conteúdos foram afins. Entretanto alguns eixos, conteúdos e materiais não se fizeram presentes no currículo escolar de nossas crianças. Ou não compõem suas lembranças. O eixo “Grandezas e medidas” não imprimiu deveras importância.

Albino, que estudou até a 3ª série, pois precisou trabalhar para ajudar no sustento da família, nunca viu o eixo “Geometria” na escola. Zita também não, o que foi motivo de tristeza. Alberto e Mônica, somente no ginásio. Michele foi apresentada aos Blocos Lógicos já na pré-escola.

Se não houve Geometria, os números fracionários passaram despercebidos na vida escolar de nossos depoentes. Zita e Michele não se recordaram dos números fracionários no Ensino Fundamental. Alberto lembrou que em seu tempo de escola sempre eram com carimbos. Mônica desenhava quadradinhos do caderno. A Irmã Josefina ensinou com desenhos a Albino de como uma laranja poderia ser dividida. E eu lhe pergunto leitor, qual é a relevância das frações?

Além dos materiais adquiridos pelos pais, tais como cadernos, lápis e borracha e o livrinho da tabuada, no caso de Zita, Alberto e Mônica, suas escolas dispunham de poucos recursos, restritos ao quadro-negro e os dedinhos para as contagens. As professoras de Alberto utilizavam palitos de sorvete, milho e feijão e as de Michele de diversos materiais similares a palitos, Tangram, Material Dourado e Escala Cuisenaire. Albino e Zita usaram a lousinha e Zita, o tinteiro e o mata-borrão.

Pelos relatos de Alberto e Michele, as suas professoras preocupavam-se com a construção de conceitos, quando na utilização de materiais manipuláveis. A professora de Albino chegou a uma tentativa de apresentar no concreto, através dos desenhos da balança e da das frações, com laranjas.

Através dos depoimentos de Albino e Mônica, as escolas em que estudaram, os conteúdos eram apresentados apenas para fins de promoção ou retenção. E corroborando com as narrativas de Alberto e Zita, a Matemática foi apreendida por causa da escola.

Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele preencheram folhas e folhas de exercícios em seus cadernos de Matemática, resolveram uma enormidade de cálculos e estudaram muitas vezes a tabuada. A supremacia do treino incansável, de muitas tarefas de casa, longe de qualquer situação lúdica ou de entretenimento. No entanto, a saudade do tempo de escola alimenta as cenas que habitam as suas lembranças, de um tempo que ainda é seu. Em “meu” tempo de escola...

Cena, cada cena! E eu estive lá junto com eles, nas cenas de Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele. No Colégio Santa Terezinha, na casa do Vigário; no Instituto Santa Terezinha, na casa das Irmãs e no Clube Polonês; na Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, no antigo prédio; no Colégio Estadual Sagrada Família e na Escola Municipal Anchieta, no prédio novo. Em 1930, 1950, 1970, 1980 e 2000. Cinco personagens, cinco contos em um conto único!

Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele construíram-se como narradores quando me narraram as suas lembranças. Cada qual, a sua maneira apontou a sua forma de ser. E cada um é o narrador que é porque consegue exprimir em palavras as suas lembranças, em forma de narrativa. Constituíram-se como pessoas, as visões, as leituras e paixões por meio de suas narrativas.

Muitas dessas confissões, as quais partilho com você leitor, encontram-se muito além do gravador! E qualquer semelhança com a realidade não se trata de uma feliz coincidência!

A sina de Penélope

*Su único objetivo fue terminar la mortaja. En vez de retardarla con preciosismos inútiles, como lo hizo al principio, apresuró la labor.
In: Cien años de soledad, Gabriel García Márquez*

Poderia ter qualquer outro título, entre tantos que se passaram pela minha mente, antes de seu batismo. A sina de Penélope pareceu-me adequado!

Reza a lenda que Penélope em sua espera pelo retorno de Ulisses, da Guerra de Tróia, e a fim de ludibriar os candidatos a consorte que a assediavam, usou como desculpa, a tarefa de tramar uma tela para o dossel altar de seu falecido sogro. Tecia-a durante o dia e desmanchava-a à noite. E assim por duas décadas distraiu seus pretendentes.

Em “*Cien años de soledad*”, minha obra de cabeceira, Gabriel García Márquez, anuncia a sina de Penélope, através da personagem Amaranta Úrsula, a minha favorita. Essa por sua vez, tece a sua mortalha, e com o intuito de levar para o outro mundo, após a sua morte, as correspondências daqueles, que vivos, sofrem a ausência de seus entes queridos. Temendo a aproximação da ditosa data, Amaranta Úrsula tece e desmancha sua trama artesanal.

Mirei o texto que rascunhava. Hesitei-o. Ensaiei um fechamento. Abandonei-o diversas vezes. Redigi-o. Apaguei-o. Tornei a redigi-lo. Quando quase já tinha um sopro de vida, apaguei-o, em um ato de covardia.

Sabia que na medida que o concluísse, seria caminho sem volta. O texto tecido, a trama tramada precisaria de um fim. Um ponto final. Um desfecho. Temida despedida. Que crueldade!

Passei meses lendo, escrevendo e protelando até que chegasse a esse texto. Flertei com cada linha. Um círculo vicioso. Esteve comigo em todos os lugares possíveis. Inclusive em sonhos.

Narrativas e narradores, aprendi tanto com eles. E com suas narrativas, inúmeras lições levo comigo. Algumas sigilosas. Outras, partilho com você leitor.

Lição número 1: aprendi a ouvir. Sempre fui boa ouvinte, caro leitor. Mais boa ouvinte a falante. No entanto, aprendi a ouvir melhor!

Não somente no sentido. Ouvir contemplando-o. Transpondo-me para a sua condição de narrador. Transportando-me para o tempo e o cenário que sua narrativa me

possibilitou construir. Uma condição servil e altruísta. Senti-me à mercê de cada um desses narradores. Um ritual. Um encantamento.

Confesso que muitas vezes me senti aliviada. Aliviada sim! Por não estar sozinha. A maldita górgona que assombrou a minha infância também aterrorizou a tranquilidade desses narradores: a Matemática.

Confesso que muitas vezes fiquei angustiada porque na elaboração das lembranças narrativas retomei ao passado. Ao meu passado e ao passado que eles viveram também. Isso me parece um tanto confuso!

Confesso que muitas vezes fiquei fascinada pela simplicidade dos anônimos, que al traziam à tona as suas experiências. Suas. Embora partilhasse daqueles momentos, as minhas experiências eram similares e únicas. Como as deles.

Muitas coisas não foram ditas. E muitas coisas foram ditas ao pé do ouvido, que não confidenciaria nem a minha sombra. Verdade!

E como foram peculiares no seu dizer. Cada qual a seu modo! Redigi um glossário com as palavras que conheci.

Lição número 2: aprendi a observar. Sou uma observadora razoável e venho me empenhando ao longo dos anos.... Tentando...

E como foram ímpares no modo de se posicionar em frente ao gravador. E de se comportar além do gravador. No manuseio com as fichas, na organização dos enunciados nos momentos de indagação!

Na postura de sentar. No olhar oblíquo, maroto quase fugindo de uma resposta. Na linguagem corporal dos movimentos das mãos, ombros e músculos faciais.

Como foram honestos consigo e comigo! A resposta “não me lembro” soava como uma sentença de culpa. Semblantes confusos, olhares perplexos, instantes tensos ...

Eu não me lembro de muita coisa, como tu não te lembras e como nós não nos lembramos. Esquecemos de guardar! Muito humano!

E um misto de relutância e vaidade no momento da foto. Espontaneidade traduzida. Preocupação com a roupa, o cabelo, os materiais dispostos sobre a mesa...

Lição número 3: aprendi a avaliar. Modéstia à parte, sempre fui muito crítica comigo, às vezes, drástica demais. Esse foi um ponto bem positivo.

A minha falta de experiência com a metodologia da História Oral comprometeu a primeira entrevista, embora tenha realizado previamente muitas leituras. Temia se deveria mediar, ou não. Pensei que as fichas os guiarão e que não poderia interferir nesse processo. Confesso que fiquei frustrada. Em busca da perfeição...

A leitura de uma Alfabetização Matemática conteudista, não é exclusiva desses narradores. Ela é minha também.

Ao observá-los agrupando as fichas percebi que no momento de elaborar os descritores, o quanto me preocupei com os conteúdos e eixos matemáticos em relação ao encaminhamento metodológico e recursos didáticos.

E como me foi sofrível enxergar que muitos modelos de exercícios que condenei como aluna, os apliquei com meus alunos. Prova real. Minha culpa! Pobre Michele!

Lição número 4: aprendi a prática do apego. Sempre fui uma pessoa do mundo, desapegada a pessoas, lugares e coisas.

Apeguei-me a esses narradores. Precio ouvir a gravação. Rememoro os momentos das entrevistas. Revejo as fotos e sorrio para eles. Já me peguei diversas vezes fazendo isso. Um elo.

Estabeleci um vínculo, com essas pessoas que estavam vinculadas a minha história. São-me preciosas.

Apeguei-me à gargalhada espaçosa de meu avô e sua satisfação ao partilhar “a lembrança dos velhos”, ao jeito despojado e maternal de tia Zita ao relatar as suas peripécias e mágoas da escola, à formalidade de Alberto, tornando tão formal um momento informal, à cumplicidade de Mônica ao se divertir com um passado tão próximo ao meu e à meiguice de Michele ao imprimir uma história tão nossa! Apeguei-me afetuosamente.

Apeguei-me às suas narrativas. Suas histórias. Suas experiências. Retomo-as. Leio-as com entonações diferentes, em um jogo de imitação. Contemplo-as. Conversamos. Ajeito uma vírgula, substituo um vocábulo.... Por instantes são somente minhas. Deixo o meu ego esbravejar.

Fiquei me indagando e lanço a dúvida a você, leitor: o que importa o cotidiano escolar de Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele? Não lhe parece corriqueiro? Aliás, é normal as pessoas frequentarem os bancos escolares desde a mais tenra idade. Justamente...

Desconhecia a maioria das informações. Se Albino brincava de futebol com bola confeccionada de meia fina; se Zita fazia as tarefas na lousinha; se Alberto decorava a tabuada com o livrinho de capa vermelha; se os cadernos de Mônica eram encapados com papel tigre verde e se a professora de Michele brincava de mercadinho para ensinar o sistema monetário, entre tantas coisas que relataram, para mim foram muitas as novidades! Queria que tivessem me contado mais e mais...

Todavia, essas narrativas das experiências não as encontrarei em livros, enciclopédias ou no *google*. Migraram de uma lembrança singular para um acervo plural. Agora, nosso! Já não mais possuo uma narrativa sobre a minha relação com a Matemática escolar.

A minha narrativa é de muitas vozes. É a fusão das narrativas partilhadas por Albino, Zita, Alberto, Mônica, Michele e Anna. Há uma interlocução de vivências, de pensares distintos e análogos que se somam e se convergem. Nossas lembranças são parentes.

Continuo dramática. Mas não sou mais a mesma. Aprendi a ouvir, observar, avaliar e praticar o apego com Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele. Esse aprendizado me tornou mais forte e me encorajou a costurar essas narrativas em uma colcha de retalhos. Multicores de experiências, alegrias, saudade, reminiscências.... Despeço-me. Já é hora.

E como Penélope e Amaranta Úrsula, arremato o último ponto e concluo o meu tramado. Tão feliz quanto elas. Ponto.

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Memória

Carlos Drummond de Andrade

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carta de despedida

Curitiba, 30 de junho de 2015.

Estimado leitor

Você que esteve paciente comigo, por todas essas páginas, possibilitando a interlocução e as experiências minhas e dos narradores com a Matemática. Agradeço-lhe a gentil companhia!

Optei por construir esse texto, somente com narrativas. São 2 cartas, com o intuito de envolvê-lo nesse estudo. Nas 5 narrativas apresento as lembranças de Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele, sobre as suas experiências com a Alfabetização Matemática, nas escolas em que estudaram, dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, no município de Campo Largo, estado do Paraná, em um período que compreende 1930 a 2000. E 4 contos: narrativas sobre narrativas.

Para constituição das narrativas, apropriei-me da metodologia História Oral como metodologia de investigação, com base nos autores Thompson (1998), Vianna (2000), Amado e Ferreira (2001), Meihy (2002), Alberti (2005), Bosi (2010), Souza (2011) e Garnica (2013), definindo-a como um conjunto de procedimentos que demanda a elaboração de um projeto, continua com a seleção de pessoas a serem entrevistadas, a fim de responder as perguntas de um grupo social e retorno à comunidade de origem. Essa metodologia que desde o primeiro questionário para as investigações de David Davies, no final do século XIX, gerando a ideia da experiência como fonte, às gravações de memórias de personalidades do historiador Allan Nevins, no final da década de 40, chegou ao Brasil, do norte do continente americano na década de 70. Hoje contamos com o GHOEM, que desde 2002 compartilha um legado de contribuições para a Educação Matemática.

A História Oral garante o seu *status* como metodologia, porque requer procedimentos específicos, tais como: seleção dos depoentes, planejamento e agendamento das entrevistas, gravação em áudio (ou vídeo), o moroso processo de transcrição das gravações e o delicado processo de textualização, ou seja, a produção de

uma narrativa. A partir da seleção dos depoentes com base no texto de Foucault (2003), “A vida dos homens infames”, os primeiros contatos, a elaboração dos descritores em fichas para a 1ª entrevista e questionário para a 2ª, como a adoção de objetos e imagens como dispositivo de lembranças, o uso do diário de campo, elaboração de cartas de concessão, apresentação e cessão, e as impressões de todo esse percurso, cujos textos encontram-se na parte anexa.

Na parte I, “Leitura horizontal: o olhar *exotópico* sobre as narrativas”, antecipei-lhe um conto intitulado “Contas e contos, em vozes, encontros”, a partir de *exotopia*, que fundamentou a minha leitura horizontal sobre a leitura dos depoentes, colocando-os no mesmo plano de análise. Esse olhar *exotópico* sobre as narrativas se construiu por meio da mescla de elementos ficcionais a recortes dos relatos dos narradores.

Se a inserção da personagem Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele, no conto, bem como os recursos para o escapismo (a chuva que se anuncia, a prateleira, o livro didático, o boletim, a búlica e a Praça Polônia) se constroem no universo ficcional, o espaço para o devaneio é real, onde ocorre a primeira entrevista com cada depoente, as residências de Albino, Zita e Michele, a Biblioteca Pública para os encontros com Alberto e a sala de reuniões da Secretaria Municipal de Educação, da entrevista de Mônica. Os atores de interlocução também são reais.

No retorno impossível ao passado, o possível desprendimento do presente, marcado pela chuva que cai e o encontro entre pessoas que não se conhecem, ou muito pouco se conheçam, a mesma sala de aula, a mesma professora, no âmbito da ficção. Em contrapartida os diálogos, os materiais escolares, a conduta emprestada à professora e detalhes das cenas, foram extraídos das narrativas dos depoentes. Embora a distância temporal não permitisse, meu intuito atemporal “nesse exercício” foi de estabelecer interlocução entre as narrativas. E esse treino me permitiu uma leitura sensível da leitura dos depoentes sobre a Alfabetização Matemática.

O meu foco nas entrevistas era saber a leitura de cada depoente sobre a Alfabetização Matemática, então um dos descritores nas fichas era **MATEMÁTICA PARA A VIDA**. Esse descritor me possibilitou uma leitura sobre a leitura de cada narrador: o olhar *exotópico*.

Na parte II, “O tempo, o cenário, as vozes”, a qual considero a alma desse estudo, apresento ao leitor as narrativas de Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele, alunos que relatam os momentos que vivenciaram com a Alfabetização Matemática, em seu tempo de escola. Sem essas narrações dos outros, minha vida não seria desprovida de plenitude

de conteúdo e de clareza como ainda ficaria interiormente dispersa, [...] (BAKHTIN, 2011, p.142). História Oral na veia!

Como Michele e Mônica estabeleceram uma sequência na organização dos descritores para a entrevista, conduziram a sua narrativa. Já Albino, Zita e Alberto falaram aleatoriamente, e redigi o relato guiada por minhas lembranças sobre os momentos em que estivemos juntos.

Na parte III “Tramas...tramadas...”, apresentei em 3 contos, as narrativas sobre as narrativas. O primeiro conto, “Entre-vistas”, o olhar *exotópico* se constrói a partir do tempo presente. Há uma situação ficcional: os narradores talvez nunca estiveram juntos em um mesmo espaço, e muito menos em uma entrevista/conversa. No entanto, o diálogo retrata o presente, no caso, as entrevistas individuais e sua participação na pesquisa, no mote “o olhar de cada depoente sobre a pesquisadora/pesquisa”. Nessa ficção, conversas de bastidores compuseram o diálogo entre as personagens. O narrador é onisciente, ou seja, um observador comporta-se como um autor-editor, pois tem a máxima liberdade para escolher como comentar os fatos e fazer comentários, como um intruso. Busquei inspiração na personagem *Francis Underwood*, na interpretação de *Kevin Spacey*, na série norte-americana *House of cards*, quando em meio a diálogos com protagonistas e coadjuvantes, vira-se para as câmeras e conversa com o expectador. Procurei fazer algo similar, destacado em itálico.

O conto “Além do gravador”, como o primeiro conto “Contas e contos, em vozes, encontros”, também mistura realidade e ficção, pois apoia-se nas narrativas de Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele e traz a minha leitura, como estudiosa, dessas narrativas e desses narradores. A autora pesquisadora atua como crítica das narrativas, através dos modos de agir, dos narradores/personagens, no estilo de “eu” narrador como testemunha.

No terceiro e último conto “A sina de Penélope”, a autora atua como contempladora das narrativas, posicionando-se frente a sua leitura após o contato com as experiências dos narradores. O narrador nesse conto é o protagonista, pois registra suas impressões, sentimentos e pensamentos.

Senti-me perdida em tantas lembranças das palavras que ouvi. Invoquei *Mnemósine*, a deusa grega da memória, para que me iluminasse nesse imenso desafio. Lembranças! Quantas foram? Jamais conseguiria mensurá-las. No entanto, leitor, posso lhe afirmar que o que foi escrito nesse estudo foi segundo o operário Albino, conforme a professora primária Zita, de acordo com o filósofo Alberto, em consonância com a pedagoga Mônica, para a *design* Michele, os quais me brindaram com suas lembranças.

Lembranças! “*Tenho muito mais coisa para contar, mas a gente não se lembra de tudo! É a vida!*” disse meu avô Albino, após o término da 1ª entrevista. Não lembra mesmo, “... nós construímos e reconstruímos nossos eus constantemente para satisfazer as necessidades das situações com que nos deparamos, e fazemos isso com a orientação de nossas memórias do passado e de nossas esperanças e medos do futuro” (BRUNER, 2014, p. 74).

Segundo os depoentes, além dos materiais adquiridos pelos pais, tais como cadernos, lápis e borracha e o livrinho da tabuada, no caso de Zita, Alberto e Mônica, suas escolas dispunham de poucos recursos, restritos a quadro-negro e dedinhos para as contagens. As professoras de Alberto utilizavam palitos de sorvete, milho e feijão e as de Michele de diversos materiais similares a palitos, Tangram, Material Dourado e Escala Cuisenaire. Albino e Zita usaram a lousinha e Zita ainda tinteiro e o mata-borrão.

Embora a escola de Michele ofertasse materiais manipuláveis diversificados, as professoras dos narradores ministravam as suas aulas centradas nos textos e exercícios no quadro-negro e os alunos limitavam-se a copiá-los e resolvê-los. Havia a aprendizagem através da decoreba, como ocorreu com a tabuada. Pelos relatos de Alberto e Michele, as suas professoras preocupavam-se com a construção de conceitos, quando na utilização de materiais manipuláveis. A professora de Albino chegou a uma tentativa de apresentar no concreto, através dos desenhos da balança e da das frações, com laranjas.

Após a leitura das entrevistas, busquei mapear através de descritores, em uma linha do tempo sobre as escolas, os conteúdos e encaminhamentos metodológicos comuns entre as escolas e tempos. **CONTAGEM NOS DEDOS, DECOREBA DA TABUADA, QUADRO NEGRO, CADERNO, LÁPIS, BORRACHA, ESCRITA DE NÚMEROS, PROBLEMAS, DISCIPLINA, CÓPIA DE TEXTOS, LEITURA, ORAÇÕES, DESFILE CÍVICO e MUITAS CONTINHAS**, foram os instrumentos, conteúdos e práticas que permearam o cotidiano escolar, nas escolas dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família. Isso mesmo meu leitor! Parecem convenções que resistem ao tempo!

Josefina, Efrema, Julinha, Isidora, Regina, Filotéia, Genoveva, Reni, Luzia, Amélia, Odete, Terezinha, Nilce, Edelmara, Sônia, Jucinéia e Anna. Os nomes dessas mulheres o tempo não apagará para Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele, pois retomando os últimos versos da epígrafe do poema de Drummond, Memória, “Mas as coisas findas muito mais que lindas, essas ficarão”.

A você que leu esse estudo sobre a Alfabetização Matemática, espero que se encontre em alguma das linhas que transcrevi, quer seja nas lembranças ou reminiscências. “Pode ser!”. Aliás, essa locução verbal foi um dos maiores feitos que aprendi com o educador matemático Carlos Roberto Vianna. E concluo que a Matemática “pode ser” tanta coisa!

O meu propósito nessa pesquisa, foi de ouvir relatos sobre a Alfabetização Matemática, por meio das fontes que foram constituídas. A Matemática escolar descrita nas narrativas, por intermédio das vozes dos depoentes não a encontramos nos livros. Ela é fruto da experiência dessas pessoas e a partir dessa dissertação vem a contribuir como fonte, para pesquisas vindouras em Educação Matemática.

Através desse estudo posso levar como ensinamento “Em cada vida há um elemento de vitória sobre o medo, que precisa ser buscado, ainda que possa resultar em uma falsa vitória” (ZELDIN, 2008, p.69). Então senhora Matemática, por que não? “Pode ser!”

Encerro esse diálogo nesse parágrafo, muito satisfeita, porque creio que acertei na escolha de uma pesquisa envolvendo alunos. Devolvo-lhe, querido leitor, que esteve comigo até esse momento, o questionamento que Albino me fez, no final da 2ª entrevista, porque eu não sei a resposta e minha esperança é que você a tenha: “O que eu sei é que eu nunca gostei da Matemática. As crianças de hoje gostam?”.

Um abraço
Anna Carolina

NOTAS

Leitor: Seguem algumas notas para que você as consulte e esclareça possíveis dúvidas durante a leitura dessa dissertação.

Introdução

Na p. 10 menciono que sou Orientadora de Estudos do PNAIC. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), programa do Governo Federal que visa a garantia de que todas as crianças estejam alfabetizadas até os 8 anos de idade. BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: **Apresentação**. Brasília: MEC, SEB, 2014.

A temática desse estudo é a Alfabetização Matemática, conforme situo o leitor na p. 10. Nas linhas que seguem, oriento o leitor sobre o tema estudado. A Matemática é uma prática social e estar alfabetizado nessa ciência, seria articulá-la nas situações cotidianas. Para tanto, o ensino de Matemática deve considerar os saberes trazidos pelas crianças antes de sua inserção na escola. Entretanto, os conceitos matemáticos precisam ser articulados a esses saberes e sistematizados de maneira formal, no âmbito da instituição escolar, por se tratar de um fenômeno. Reduzir a Matemática ao ensino meramente formal de conteúdos é desconsiderá-la como ciência. O seu ensino precisa priorizar o pensamento mediativo, pois muitas vezes os professores relatam que a criança não sabe pensar. O foco da pesquisa abrange o ensino de Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, que recentemente, vem sendo denominado como **Alfabetização Matemática**.

Essa dissertação intitulada até o momento “Alfabetização matemática: contas e contos, em vozes, encontros”, apresenta momentos da história escolar, trazidos à tona. Na p. 15, aponto que a proposta da pesquisa seria ouvir pessoas sobre as suas lembranças do tempo de escola. Para alcançar a proposta, optou-se pela metodologia da História Oral, que é uma metodologia de pesquisa qualitativa, que demanda três etapas específicas:

1. Entrevista: no caso tratou-se da História Oral pela vertente temática, portanto poderá ser estruturada, por questionário dirigido ou semiestruturado, através de palavras-chave, que evocam lembranças. A entrevista é antecipadamente agendada e gravada em áudio.
2. Transcrição: resulta no processo de o que foi dito passa a ser escrito literalmente, o mais verossímil possível e deve ser feita após a entrevista. Por se tratar de um processo moroso, requer tempo e disponibilidade. A transcrição permite ao historiador perceber a entonação, as lacunas no momento da fala, a ênfase, as repetições e emoções. Por essa razão, é de suma importância que seja realizada pelo pesquisador.
3. Textualização: é a interpretação da entrevista, ou seja, o historiador oral transporta o texto literal para a narrativa, preservando o tom vital de cada depoente e com seu o consentimento a torna pública.

Nos Anexo A e B, com os títulos: Da sede em busca das fontes e o encontro com os mananciais e Entre o cascalho, o ofício do ourives e o diamante, o leitor encontrará, na íntegra, os textos referentes à metodologia da História Oral e da metodologia utilizada no encaminhamento das entrevistas.

Para a seleção dos depoentes, busquei contatos através de rede social, conforme anexo C. Em conversas com possíveis colaboradores, e o “critério de rede: depoentes indicam depoentes” (GARNICA, 2003), porém as indicações não seriam possíveis, porque se distanciavam da ideia da pesquisa. Logo, esse critério não funcionou. As narrativas seriam dos alunos que frequentaram as instituições dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, ao longo do tempo, e não de professores que lecionaram nessas escolas “- e que do choque dessas palavras e dessas vidas nascesse para nós, ainda, um certo efeito misto de beleza e de terror.” (FOUCAULT, 2003, p. 205) Eram as vozes dos alunos que gostaria de ouvir. Para a seleção dos depoentes, estabeleci 3 critérios essenciais, conforme relevância, *de acordo com o texto de Foucault “A vida dos homens infames”*, 2003, p. 203 - 222:

1. “É uma antologia de existências... Vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos” (*ibid*, p. 203). O depoente precisaria ter estudado em uma das instituições dirigidas pela Congregação ao longo do tempo,

durante os anos iniciais de escolarização: Colégio Santa Terezinha, Instituto Santa Terezinha, Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, Colégio Estadual Sagrada Família e Escola Municipal Anchieta;

2. “Quis também que essas personagens fossem elas próprias obscuras; [...] que pertencessem a esses milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro... Essas vidas, por que não ir escutá-las lá onde, por elas próprias, elas falam?” (*ibid*, p. 206). *O depoente não seria famoso, e sim uma pessoa comum, desconhecida ou pouco conhecida;*

3. “Esses discursos realmente atravessaram vidas; essas existências foram efetivamente riscadas e perdidas nessas palavras” (*ibid*). *O depoente precisaria ter disponibilidade de tempo para colaborar com a pesquisa, lembrar e querer falar sobre o tema.*

Há pessoas que seriam muito bem-vindas na composição do corpo de narrativas, todavia, sabe-se que não seria possível por conta de não se sentirem confortáveis com a gravação, da disponibilidade de tempo, da dificuldade de contato e das poucas lembranças sobre a Alfabetização Matemática. A seleção de cada depoente, bem como as transcrições das entrevistas, encontra-se nos anexos H, I, K, O e S.

Na Introdução também recorro à mitologia, para descrever algumas passagens de minha história com a Matemática: como a Medusa, na p.11 e a quimera na p. 13.

Medusa era uma das três irmãs górgonas, monstros horríveis da mitologia grega, cuja visão petrificava. Eram representadas com serpentes no lugar dos cabelos. Foi decapitada por Perseu e de sua cabeça surgiu o cavalo alado Pégaso. LEXIKON, Helder. **Dicionário de símbolos**. Tradução Erlon José Paschoal. 7ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p.107.

A quimera era um monstro horripilante, que expelia fogo pela boca e pelas narinas. A parte anterior de seu corpo era uma combinação de leão e cabra e a parte posterior, a de um dragão. Foi derrotada por Belerofonte, que montado em Pégaso a venceu. BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Tradução David Jardim. 34ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 129.

Leitura Horizontal: o olhar exotópico sobre as narrativas

Na parte I dessa pesquisa, “Leitura Horizontal”, que inicia na p. 19, o leitor poderá observar um conto “Contas e contos, em vozes, encontros”, na p. 20. Optei pela estrutura do conto, porque seria a mais propícia para exprimir o meu objetivo de leitura, a leitura horizontal. Para a redação do mesmo, utilizei um quadro contendo as Alfabetização Matemática, nas vozes dos depoentes, conforme o Anexo D. Situo você leitor com algumas informações sobre a estrutura do conto, a fim de justificar a minha escolha.

O conto é, do prisma dramático, univalente: contém um só drama, um só conflito, uma só unidade dramática, uma só história, uma só ação. Todas as demais características decorrem dessa unidade originária: rejeitando as digressões e as extrapolações, o conto flui para um único objetivo, um único efeito. MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12ed. São Paulo: Cultrix, 1999. P. 100.

Repensando o conto como modalidade narrativa, tenho presentes seus dois modos de formulação. Se o conto como forma literária, tal como o conhecemos hoje, é um prolongamento ou ramificação das antigas narrativas da tradição oral, o certo é que se revestiu de tantas e tais roupagens artísticas, que apresenta, hoje, feição própria bastante característica. REIS, L.M.R. **O que é conto**. 4ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.p.11.

A leitura das narrativas dos depoentes sobre a Alfabetização Matemática apresentada na p. 20, compõe-se fundamentada em um dos conceitos da teoria do pesquisador russo Mikhail Bakhtin (1895 - 1975), *exotopia*, a fim de estabelecer um elo entre narrativas de diferentes tempos. Esse conceito dialoga com os demais conceitos de estética, bem como os conceitos de linguística, linguagem e literatura, da teoria de Bakhtin, visto que um dos principais conceitos da teoria *bakhtiniana* é o dialogismo. O leitor curioso a estudar a teoria de Bakhtin, encontrará nas Referências, excelentes sugestões de leitura.

As narrativas carregam semanticamente a simbologia de sua visão dos fatos, nos tempos e espaços vividos: as instituições em épocas muito distintas. É o cotidiano envolvendo a Matemática escolar que se revela.

A relação confessional dos depoentes sobre os eventos ocorridos durante os primeiros anos de convivência com a Matemática escolar, não findam. Esses eventos estão sujeitos a outros olhares, em outros momentos e em outras circunstâncias. As narrativas trouxeram lembranças e muitas outras poderão despertar, pois para Bakhtin “minha própria palavra sobre mim mesmo não pode ser essencialmente a última palavra, a que me conclui; para mim, minha palavra é um ato, e só este vive no acontecimento singular e único da existência; é por isso que nenhum ato pode dar acabamento à própria vida, pois ele a vincula à infinitude aberta do acontecimento da existência” (BAKHTIN, 2011, p. 131-2).

Contas e contos, em vozes, encontros

Nesse conto, que inicia na p. 20, busquei mesclar elementos reais e ficção. É ficção porque os cinco depoentes voltam ao tempo da infância, em sonho ou devaneio. A chuva proporciona um *flashback*, isto é, marca a passagem para o passado e o vento os traz de volta. Os depoentes pertencem a escolas diferentes e tempos distantes, entretanto, nesse universo ficcional, encontram-se em um mesmo espaço, durante duas manhãs de aula. Os diálogos foram construídos a partir das narrativas de cada um, que são reais. Como são reais os materiais escolares e traços peculiares do cotidiano em que estudaram. A professora, que como personagem coadjuvante não recebe um nome, empresta aos poucos as características descritas pelos depoentes, sobre as suas professoras. Se a convivência entre os narradores é impossível, a interlocução é provável, através das lembranças que compõem o enredo. Há um narrador onisciente, que tudo sabe e tudo observa, todavia que se comporta de maneira neutra, sem interagir com as personagens. O título brinca com a linguagem: as muitas contas/continhas das lembranças que os narradores realizaram na escola são apresentadas nas narrativas, que as considero como contos e encontram-se nas vozes das pessoas que vivenciaram essas experiências únicas. As vozes fazem referência à teoria *bakhtiniana* de criação estética.

O tempo, o cenário, as vozes...

Busco apresentar a você leitor, um breve histórico de cada escola, alguns dados pessoais dos colaboradores e um glossário contendo palavras mencionadas pelos narradores, as quais compõem um vocabulário específico de cada narrador, bem como informações que complementam as narrativas, que iniciam na p. 36. As cartas de apresentação e concessão para as entrevistas encontram-se nos Anexos E e F.

Colégio Santa Terezinha

Albino Augusto estudou no Colégio Santa Terezinha. O colégio ficava na Rua XV de Novembro. Era 15 de janeiro de 1925. Uma data como todas as outras. Não era feriado nem dia de festividade. Entretanto, um novo caminho se abria e selava o destino de mulheres consagradas à religião, em nome de Deus e da Sagrada Família.

Muito antes, em meados de 1906, as Irmãs partiram da longínqua Polônia e chegaram ao Porto de Paranaguá. A viagem foi longa e exaustiva e por lá permaneceram. Cinco anos depois migraram a Curitiba e logo, em terras protegidas por Nossa Senhora da Piedade, encontram abrigo nas proximidades da Fonte da Saudade, onde Dom Pedro II matou a sua sede. Alojaram-se em frente à Praça Capitão João Antônio da Costa, aquele que muito anteriormente viria a ceder as suas terras para a fundação de uma vila: Campo Largo. Uma pequena casa acomodou as Irmãs estrangeiras, que distantes de sua pátria traziam os ensinamentos do Sacerdote polonês, o Bem-Aventurado Zygmund Felinski. A partir dos votos de pobreza, caridade e dedicação à educação das crianças, desempenharam a primeira missão: uma escola! A pequena casa das Irmãs não dispunha de condições de receber os alunos. Dispunha de pequenos cômodos apenas. A benevolência do vigário, Padre Ladislau possibilitou algumas salas para que as aulas fossem ministradas nas dependências de sua residência. As pioneiras atuavam como professoras e pregavam os ensinamentos do livro Sagrado. Irmã Úrsula Przydrozna atuava como supervisora. Irmã Filomena Kosidocki, era diretora e

regente do 3º e 4º ano. Irmã Ladislava Bodnar lecionava para o 2º ano. Irmã Sofia Raluch era a organista e regente do 1º ano. Muitos poloneses habitavam a comunidade, então a Irmã Anastácia foi designada para lecionar o idioma. Por cinco anos a fé foi superior a todas as dificuldades enfrentadas. As famílias, em sua maioria de famílias operárias e agricultoras, não dispunham de condições para custear as mensalidades. Como solução emergencial foi efetuado um empréstimo dos colonos da região para que construísse um outro espaço para os alunos. Após cinco meses a casa foi reformada e recebeu o nome de Colégio Santa Terezinha.

Consta no PPP - Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Anchieta como o Instituto Santa Terezinha sendo a primeira escola. Entretanto utilizo nessa pesquisa o estudo realizado em 1981 e não desconsidero o Colégio Santa Terezinha.

Anexo G – Licença para Funcionamento de 28 de junho de 1938.

O menino que habita o ancião: meu avô Albino e o Colégio Santa Terezinha

A narrativa de Albino inicia na p. 36. *Albino Augusto nasceu na localidade do Retiro, em Campo Largo – PR, que fica a 12 km do centro da cidade, no dia 11/11/1922. Estudou até o 3º ano primário e trabalhou em sua vida profissional, na indústria cerâmica. Está aposentado desde 1968. (Conforme consulta ao Registro de Identificação e entrevista realizada no dia 13/11/14)*

João Augusto Sobrinho - Padre na Igreja dos Passarinhos, no Bigorriho, em Curitiba, razão de orgulho para a família. (p.36).

Fabriquinha - Indústria Cerâmica Rio Branco, propriedade do irmão mais velho do depoente, Alberto Augusto Neto. (p. 37).

Tati Chemin - Ademir Alberto Chemin, conhecido como Tati e comerciante na cidade. (p. 37).

Trejo - Brincadeira que consiste em arremessar moedas em uma superfície horizontal e plana, de preferência uma parede. O primeiro jogador determinada o alvo, os demais devem se aproximar dele. Cada jogador em sua vez arremessará a moeda e marcará pontos. Marcará mais pontos o jogador que acertar mais próximo do alvo do primeiro jogador. (Conforme conversa por telefone com o depoente no dia 27/09/14, p. 37).

Pirole - Xingamentos em polonês ou polaco. (Conforme conversa por telefone com o depoente no dia 27/09/14, p. 37).

Chafariz - Fonte da Saudade, ponto turístico de Campo Largo. Segundo a lenda, quem bebe de sua água nunca mais esquece da cidade. Foi nessa fonte que Dom Pedro II matou a sua sede. (p.37).

Piá/piás - Para os paranaenses, piá é o mesmo que menino, garoto, moleque ou guri. (p.38).

Bequinho – apelido do Doutor Affonso Portugal Guimarães, pediatra e atual prefeito de Campo Largo, popularmente conhecido como Beco e Bequinho. (p. 38).

Darci Chemin - A entrevista terminou às 15h, do dia 30/05/14, o senhor Darci Chemin faleceu às 16h, após a entrevista. (p.38)

Bocó - era uma bolsa feita com um pedaço de pano que a mãe costurava, pra por a lousa, os cadernos todo o material pra escola, estilo uma mochila. (Conforme entrevista em 12/11/14, p. 39).

Búrica - Pequena bola de vidro maciço, pedra, ou metal, normalmente escura, manchada ou intensamente colorida, de tamanho variável, usada em jogos infantis. Outros nomes: burquinha, burca, baleba, bila, biloca, bilosca, birosca, bolinha-de-gude, bolita, boleba, bolega, bugalho, búraca, búlica, búrica, bute, cabiçulinha, carolo, clica, firo, fubeca, guelas, marraia, nica, peca, peteca, pinica, piroasca ou (Mangalho), bolinha, piripiri, xingaua, kamikaze, ximbra e bolíndri. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/bolinha%20de%20gude/>. Acesso em 10. Nov. 2014.(p. 39).

Cambotes - O mesmo que cambalhotas. (p. 39).

Cadeiras - Cintura pélvica. WALKER, Daniel. O corpo humano é engraçado. Versão para eBook, eBooksBrasil.org, 2000. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/corpo humano.html>. Acesso em 12. Nov. 2014.(p.41).

Paletas - é o mesmo que nas costas, na altura da omoplata. (p. 41).

DETRAN - Departamento de Trânsito. (p.43).

Anexo H - Transcrição na íntegra das entrevistas realizadas com Albino, gravação em áudio, metodologia utilizada e cartão de cessão para autorização do material.

Instituto Santa Terezinha

Zita estudou no Instituto Santa Terezinha. A segunda missão das Irmãs foi a abertura de um internato. À Irmã Tereza Rebacky foi designada a direção. As crianças aprenderam atividades manuais e pintura. No ano de 1939, as Irmãs sofreram as consequências da II Guerra Mundial. Passaram fome. Os alunos foram transferidos para o Grupo Escolar Macedo Soares, permanecendo apenas 25 crianças e as internas. O Prefeito Antonio Gabardo as aconselhou que fechassem o Colégio. Incentivadas pelo vigário Aloísio Domanski, prosseguiram em sua missão. Uma solicitação da Assistência Social de Curitiba e aproximadamente 100 crianças ingressam ao Colégio Santa Terezinha. Surge a necessidade de ampliação das salas para melhor atendê-las. O Colégio Santa Terezinha passou a se chamar Instituto Santa Terezinha. Era o ano de 1942.

Guarda-pó branco... guarda-pó rosa: Zita e o Instituto Santa Terezinha

A narrativa de Zita inicia na p. 44. Zita Yolanda Netzel nasceu no centro da cidade de Campo Largo - PR, no dia 14/05/1938. Concluiu o curso Normal no Colégio Novo Ateneu, na Lapa. Atuou como professora primária na Escola de Aplicação Padre José de Anchieta e no Colégio Estadual Sagrada Família, sempre como alfabetizadora de 1ª série. Está aposentada desde 1982. (Conforme Registro de Identificação e entrevista realizada no dia 10/09/14)

Esteatita - Porcelana Schmidt. (p. 44).

Berto - Alberto Augusto Neto, irmão mais velho da narradora. (p. 44).

Virinha - Vitória Augusto, irmã que auxiliava nas tarefas. (p. 44).

Florico - Floriano Augusto, irmão que a acompanhava à escola. (p. 44).

Doutor Barbosa - Doutor Atílio Barbosa, mais conhecido como Doutor Bito. (p. 45)

Nati - Natália Campagnaro, amiga nas brincadeiras. (p. 45).

Weber - Durval Weber. (p. 45)

Irmã Dolores, Irmã Madalena - Daicy Bertoli, Irmã Dolores, diretora da Escola Municipal Anchieta e Irmã Madalena Spack, professora de Língua Portuguesa do Colégio Estadual Sagrada Família. (p. 47).

Família Puppi e Castagnoli - Famílias tradicionais da cidade. (p. 47).

Cartilha/ Cartilhas - Manuais escolares empregados na Alfabetização e na aprendizagem da leitura, ficou conhecida no Brasil, desde a época colonial. Nesta ocasião, as cartilhas eram constituídas da apresentação do alfabeto em grupos de letras para a formação de sílabas e de textos religiosos escritos em português e

latim. MORTATTI, M. R. L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular. Caderno CEDES v.20 n.52 Campinas, nov. 2000. (p. 48).

Medonha – exigente, rígida. (p.49).

Penoso/ Penúria – sofrível, difícil. (p. 51).

Capilé - era um líquido comprado em garrafa e se misturava com água, como se fosse um refrigerante com sabor de groselha. Punha-se de 2 ou 3 dedos de capilé e completava o copo com água, aquilo era refrescante. (Conforme entrevista em 13/11/14, p. 52).

Guimarães - Prefeito Affonso Portugal Guimarães Filho, prefeito na época citada. (p. 52).

Mata-borrão - era como se fosse um pedaço de papel poroso fino, um pouco mais grosso que um caderno, que absorvia toda a tinta, então por isso que a gente chamava de mata-borrão, porque se punha em cima da tinta derramada e aquilo absorvia a mancha. Depois a gente tirava o restinho da tinta com a borracha. (Conforme entrevista em 13/11/14) (p. 52).

Caderno para os pontos - Caderno que a gente anotava os conteúdos de Estudos Sociais, de História e Geografia, e na parte final do caderno, religião, canto e versinhos que eram aprendidos. (Conforme entrevista em 13/11/14) (p. 57).

Tito - Professor Antonio Cicarino Pereira. (p. 53).

Anexo I - Transcrição na íntegra das entrevistas realizadas com Zita, gravação em áudio, metodologia utilizada e cartão de cessão para autorização do material.

Escola de Aplicação Padre José de Anchieta

Alberto estudou na Escola de Aplicação Padre José de Anchieta. Indústrias cerâmicas foram instaladas. A cidade cresceu. A demanda aumentou. Os filhos dos campo-larguenses precisavam avançar o ensino primário e continuar os estudos.

A Superiora de Curitiba desaprovou o projeto. As Irmãs encorajadas pelo Prefeito Joaquim Ribas de Andrade, o vigário Monsenhor Aloísio Domanski, o Vereador Pedro Sovierzoski, e pela Madre Superiora Irmã Regina Kachinski, peregrinaram pelas Colônias Dom Pedro, Cristina e Figueiredo e levantaram fundos para a construção de um Ginásio. A maior parte do Instituto Santa Terezinha foi derrubado cedendo espaço ao sonho que se erguia. Um plano curricular foi elaborado pela Irmã Cristina Iubel para a devida aprovação. O senhor Pedro Sovierzoski custeou o salário dos operários da construção e auxiliava a carregar os carrinhos de areia e tijolos, em horários disponíveis.

Em 1947, no dia 03 de março foi lançada a pedra fundamental para a realização do sonho de um Ginásio em Campo Largo. No dia 15 de março iniciaram as aulas, ministradas no Clube Polonês. Durante três anos as Irmãs deslocaram-se para lecionar até a conclusão das obras, em 1949. Medalhas de santos foram cimentadas com os tijolos do antigo prédio.

Em 23 de fevereiro de 1956, no dia da Emancipação Política do município, na gestão do Governador Moisés Lupion, foi criada a Escola Normal Secundária Padre José de Anchieta. Consequentemente, houve a necessidade de uma escola para que as normalistas pudessem fazer a prática de ensino, sendo criada a Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, em homenagem ao jesuíta José de Anchieta a fim de que as crianças recebessem ensino primário e religioso.

Devido às dificuldades financeiras enfrentadas na época pelas famílias dos alunos da Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, em 1958, e com o intuito de oferecer maiores oportunidades educacionais para a comunidade, o Colégio foi estadualizado: o Colégio Estadual Sagrada Família, que por muitos anos atendeu os alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Em meados da década de 1970, o antigo prédio é reformado e ampliado, cuja arquitetura se moderniza.

Anexo J - Decreto nº 14.728/58, de 14 de fevereiro de 1958.

À luz do lampião: Alberto e a Escola de Aplicação Padre José de Anchieta

A narrativa de Alberto inicia na p. 55. *Alberto Bianco nasceu na Colônia Balbino Cunha, situada a aproximadamente 15 km do centro de Campo Largo – PR, no dia 15/10/1958. Coursou Filosofia e História, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná e atuou como professor de História, Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil - OSPB, Psicologia do Desenvolvimento e Filosofia no Colégio Estadual Sagrada Família. Está aposentado desde 2014. (Conforme registro de Identificação e entrevista em 29/09/14)*

INCEPA - Indústria Cerâmica do Paraná. (p. 55).

Dolé - O mesmo que sorvete de palito ou picolé. (p. 58).

PUC-PR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná. (p. 60).

CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas. (p. 60).

OSPB - Organização Social e Política do Brasil. (p. 60)

Sagrada - Geralmente as pessoas se referem ao prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família como “o Sagrada”. (p. 60).

Três Córregos - Escola Municipal Augusto Pires de Paula, situada no distrito de Três Córregos, cuja distância aproximada do centro da cidade é de 60 km. (p. 60).

Anexo K - Transcrição na íntegra das entrevistas realizadas com Alberto, gravação em áudio, metodologia utilizada e cartão de cessão para autorização do material.

Colégio Estadual Sagrada Família

Mônica estudou no Colégio Estadual Sagrada Família. Devido às dificuldades financeiras enfrentadas na época pelas famílias dos alunos da Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, em 1958, e com o intuito de oferecer maiores oportunidades educacionais para a comunidade, o Colégio foi estadualizado: o Colégio Estadual Sagrada Família, que por muitos anos atendeu os alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Em meados da década de 1970, o antigo prédio é reformado e ampliado, cuja arquitetura se moderniza.

Anexo L - Decreto n.º 2431/76, de 29 de outubro de 1976.

Anexo M - Decreto n.º 4501/78, de 03 de janeiro de 1978.

Anexo N - Resolução n.º 2141/82, de 10 de agosto de 1982.

A menina e o leite: Mônica e o Colégio Estadual Sagrada Família

A narrativa de Mônica inicia na p. 62. *Mônica Dalponte Ukasinski nasceu na região do Caratuva, em Campo Largo – PR, no dia 24/03/1974. Coursou Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina, Especializou-se em Educação Infantil e Educação Especial e é pedagoga da Rede Municipal de Campo Largo. (Conforme Registro de Identificação e entrevista em 04/11/2014)*

Detinha - Odete Ferreira, professora de Mônica durante dois anos, no pré-escolar. (p. 62).

Ferraria - Distrito de Campo Largo. (p. 62).

Praça do Colégio - Praça Capitão João Antonio da Costa. (p. 63).

PTS - Proteína da soja. (p. 64).

Ponto/ pontos - O caderno de pontos era o caderno que tinha os pontos. Os pontos eram textos informativos que eram passados no quadro e a gente copiava, por exemplo, os pontos cardeais, o sistema solar, entre outros. Naquela época o ponto era para ser estudado e decorado e a partir dele, havia alguns

questionários, que a gente memorizava para que depois caísse na prova. (Informação a partir da entrevista de 04/11/14, p. 67).

Sagrada Família - Colégio Estadual Sagrada Família. (p. 71).

IESDE – Inteligência Educacional e Sistemas de Ensino. (p. 71).

UEL – Universidade Estadual de Londrina. (p. 71).

Anexo O - Transcrição na íntegra das entrevistas realizadas com Mônica, gravação em áudio, metodologia utilizada e cartão de cessão para autorização do material.

Escola Municipal Anchieta

Michele estudou na Escola Municipal Anchieta. A municipalização das escolas de Ensino Fundamental acontece em 27 de setembro de 1991, houve a municipalização das escolas de Ensino Fundamental, passando a ser responsabilidade do município. Ocorre então a criação da Escola Municipal Anchieta.

Anexo P - Resolução n.º 3308/91, de 27 de setembro de 1991.

Anexo Q – Decreto n.º 065/91, de 7 de maio de 1991.

Anexo R – Decreto n.º 110/92, de 21 de dezembro de 1992.

Bodas de trigo: Michele e a Escola Municipal Anchieta

A narrativa de Michele inicia na p. 73. *Michele Laís Fracaro Iarek nasceu em Campo Largo – PR, no dia 27/02/1990. Possui graduação em Design e Especialização em Design Centrado no Usuário, pela Universidade Positivo. Atua como projetista de móveis em uma marcenaria da cidade. (Conforme Registro de Identificação e entrevista em 25/08/14)*

Adoleta - era um jogo cantado em que os alunos formavam um círculo e todos ficavam com as palmas das mãos viradas para cima. Um participante bate na mão do outro. Após o término da música, quem ficar por último não pode deixar bater em sua mão; para pular elástico precisava-se de quatro colegas, sendo que duas pessoas ficam com os elásticos na altura da cintura para baixo e cada um faz uma série, primeiro pular dentro do elástico, não pode se enroscar, depois pular em cima, uma sequência para fora com a perna para dentro e quem erra passa a vez. (Explicações transcritas da entrevista de 15/10/14, p. 73).

Tabela com as tabuadas - A depoente refere-se à Tábua Pitagórica. (p. 83).

Anexo S - Transcrição na íntegra das entrevistas realizadas com Michele, gravação em áudio, metodologia utilizada e cartão de cessão para autorização do material.

Tramas...tramadas...

Na parte III que inicia na p. 88, apresento três contos, com base na leitura de autores que aprecio: Machado de Assis, Clarice Lispector, Carlos Drummond e García Márquez. Estão longe da escrita desses autores, mas próximos na intenção de realizar uma “narrativa de narrativas”.

A análise narrativa de narrativas foi construída a partir das leituras de Cury (2010, 2011), com base em Bolívar (2002) e Bakhtin (2011) e recortes dos relatos dos depoentes. Há uma situação ficcional nos três contos, entretanto, as falas das personagens/narradores são reais e extraídas dos diários de campo (que constam na metodologia das entrevistas com cada depoente), das entrevistas transcritas e de conversas por telefone e sem registro.

Assim, narrar é contar uma história, narrar-se é contar nossa história ou uma história da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. As narrativas, então, oferecem em si a possibilidade de uma análise, se concebermos análise como um processo de produção de significados a partir de uma retroalimentação que se iniciaria quando o ouvinte/leitor/apreciador de um texto se apropria deste texto, de algum modo, tecendo significados que são seus, mesmo que produzidos de forma compartilhada, e constrói

uma trama narrativa própria que será ouvida/lida/vista por um terceiro, retornando ao início do processo (CURY, 2011, p.160).

Retomando *exotopia* (BAKHTIN, 2011), a partir do momento que nos distanciamos do objeto observado conseguimos aprimorar a nossa visão. É o olhar exógeno, longe do tempo e do espaço, como ocorrem com as narrativas das pessoas que retratam a Matemática, no período de infância, entretanto, tendo o presente como âncora.

Entre-vistas

Esse conto inicia na p. 90. Já havia redigido o conto quando me deparo com a tese de MARTINS-SALANDIM (2012), que em sua análise utiliza o título *Entre-vistas*.

No conto “Entre-vistas”, temos uma situação ficcional: os narradores talvez nunca estiveram juntos em um mesmo espaço, e quiçá, em uma entrevista/conversa. No entanto, o diálogo retrata o presente, no caso, as entrevistas individuais e sua participação na pesquisa, no mote “o olhar de cada depoente sobre a pesquisadora/pesquisa”. Nessa ficção, conversas de bastidores compuseram o diálogo entre as personagens. O narrador é onisciente, ou seja, um observador comporta-se como um autor-editor, pois tem a máxima liberdade para escolher como comentar os fatos e fazer comentários, como um intruso. Busquei inspiração na personagem *Francis Underwood*, na interpretação de *Kevin Spacey*, na série norte-americana *House of cards*, quando em meio a diálogos com protagonistas e coadjuvantes, vira-se para as câmeras e conversa com o expectador.

Feedback – retorno, resposta, análise crítica.

Além do gravador...

Como o primeiro conto “Contas e contos, em vozes, encontros”, o conto “Além do gravador...” que inicia na p. 94, também mistura realidade e ficção, pois apoia-se nas narrativas de Albino, Zita, Alberto, Mônica e Michele e traz a minha leitura, como estudiosa, dessas narrativas e desses narradores. A autora pesquisadora atua como crítica das narrativas, através dos modos de agir, dos narradores/personagens, no estilo de “eu”/narrador como testemunha.

Na p. 98 há a menção do termo reminiscências. Alistair Tomson define que reminiscências são *passados importantes* que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre as identidades passadas e presentes. Projeto História, n. 15, Abr/97 – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC – SP, p. 57. Grifos do original.

A sina de Penélope

Tradução da epígrafe da p. 104:

O seu único objetivo foi terminar a mortalha. Em vez de retardá-la com preciosismos inúteis, como fizera a princípio, apressou o trabalho. In: MÁRQUEZ, G.G. Cem anos de solidão. Tradução de Eliane Zagury. 48ed. São Paulo: Editora Record, s/d. P. 155-6.

No último conto “A sina de Penélope” que inicia na p. 104, a autora, atua como contempladora das narrativas, posicionando-se frente a sua leitura após o contato com as experiências dos narradores. Há a menção do mito de Penélope, na p. 104. O narrador nesse conto é o protagonista, pois registra suas impressões, sentimentos e pensamentos.

Considerações Finais

Na p. 109, após a leitura das entrevistas, busquei mapear através de descritores, em uma linha do tempo sobre as escolas, os conteúdos e encaminhamentos metodológicos comuns entre as escolas e tempos.

CONTAGEM NOS DEDOS, DECOREBA DA TABUADA, QUADRO NEGRO, CADERNO, LÁPIS, BORRACHA, ESCRITA DE NÚMEROS, PROBLEMAS, DISCIPLINA, CÓPIA DE TEXTOS, LEITURA, ORAÇÕES, DESFILE CÍVICO e MUITAS CONTINHAS, foram os instrumentos, conteúdos e práticas que permearam o cotidiano escolar, nas escolas dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família. Isso mesmo meu leitor! Parecem convenções que resistem ao tempo! Essa conclusão é apresentada no Anexo V.

Epígrafes

Selecionei para essa dissertação diversas epígrafes. Narrativas em versos e citações.

Fui presenteada com a poesia “Sensações e sentimentos”, na p. 33, da autoria de uma grande amiga, Andréia de Cássia Castro, aluna do Colégio Estadual Sagrada Família, durante a década de 80 e redigida especialmente para esse trabalho.

Algumas epígrafes, as retirei de livros que tenho em casa:

In: ANDRADE, C.D. de. **Contos plausíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.p. 15. (p. 90).

In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 21, 23. (p.19 e 88).

In: BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 16ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 53. (p. 44).

KOLOGY, H. **Viagem ao espelho e vinte e um poemas inéditos**. Curitiba: Criar edições, 2001. p.60.(p. 73).

In: MÁRQUEZ, G.G. **Cien años de soledad**. 29 ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2014.p. 334. (p. 104).

In: MEIRELES, C. **Flor de poemas**. 11ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.p. 234. (p. 87).

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (p. 20).

VERÍSSIMO, E. **Solo de clarineta. Memórias 1**. 18ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987. (p. 36).

Walter Benjamin, p. 34, extrai do artigo **HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: UM INVENTÁRIO** do Prof. Vicente Garnica. Disponível em GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática - um inventário. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v. 02, n. 01, p. 137-160, 2006. Acesso em 05 Nov. 2013.

Outras, consultei a internet:

In: <http://pensador.uol.com.br/autor/clarice-lispector/2/> Acesso 15 Abr. 2015. (p. 62).

In: <http://kdfrases.com/autor/sartre/9> Acesso 15 Abr. 2015. (p. 55).

In: **"Do Caderno H"**. Porto Alegre: Editora Globo, 1973. Disponível em <http://www.releituras.com/mquintana-cadernoh.asp>. Acesso 14 Abr. 2015. (p. 94).

Bertold Brecht; p. 8 Ferreira Gullar, p. 18 e Carlos Drummond, p. 108, tirei-os da internet e não anotei os sites ou datas de acesso.

NOTAS TÉCNICAS (Imagens e quadros)

Imagens

Dedicatória - da esquerda para a direita:

1ª série da Profª Jucinéia (1997) – Acervo de Michele Laís Fracaro Iarek

Alberto Bianco (2014) – Acervo da pesquisadora

Albino Augusto (2014) – Acervo da pesquisadora

Instituto Santa Terezinha (2014) – Disponível em

<<http://www.clgsagradafamilia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>>. Acesso em 15.

Abr. 2015

Michele Laís Fracaro Iarek (2014) – Acervo da pesquisadora

1ª série D (1997) – Acervo da pesquisadora

Foto 3x4 de Mônica (1981) – Acervo de Mônica Dalponte Ukasinski

As medidas e seus usos (1997) – Acervo da pesquisadora

1ª série da Profª Zita (1979) – Acervo de Cezar Henrique Galhart

Zita Yolanda Netzel (2014) – Acervo da pesquisadora

Material dourado (1997) – Acervo da pesquisadora

Foto de escola (1983) – Acervo de Izabél Cristina Bonato

Mônica Dalponte Ukasinski (2014) – Acervo da pesquisadora

A imagem contendo a dedicatória é composta por um conjunto de imagens que compõem o acervo da pesquisadora. A intenção foi a composição de uma colcha de retalhos que se referissem à trama de narrativas.

Figura 1 – Albino Augusto (p. 36).

Figura 2 – Zita Yolanda Netzel (p. 44).

Figura 3 – Alberto Bianco (p. 55).

Figura 4 – Mônica Dalponte Ukasinski (p. 62).

Figura 5 – Michele Laís Fracaro Iarek (p. 73).

A metodologia da História Oral pela vertente temática, articula as narrativas a documentos e imagens. Não é propósito da pesquisa uma discussão aprofundada sobre imagens, mas o leitor curioso poderá consultar o artigo do anexo T “Xis: olha a foto! Retratos da escola em gestos, poses e momentos”, anexo E, de minha autoria, o qual traz nas referências leituras pertinentes, tais como Aumont, Bencostta, Burke, Joly, Kossoy, Lima e Carvalho e Souza.

Quadros

Quadro 1: A busca por pesquisas próximas

Pesquisador	Título	Universidade	Ano	Pesquisa
CAMPEÃO, Mara Regina de Ávila	Um estudo de caso sobre a história das instituições educativas: o Colégio São José/ Montenegro/ RS	UNISINOS	2006	Dissertação
SOUZA, Luzia Aparecida de	Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar	UNESP	2011	Tese
DALPIAZ, Saionara Goulart	Memórias de ex-alunos/as: recompondo tempos e espaços da educação.	UFRGS	2005	Dissertação
AMARAL, Daniele Kihmoto	Histórias de (re) provação escolar: vinte anos depois	USP	2010	Dissertação
SARDAGNA, Helena Venites	As comemorações do sete de setembro no período de 1930-1945: constituindo sujeitos na trama discursiva de uma instituição de ensino confessional católica	UNISINOS	2004	Dissertação
SOUZA, Marilsa Aparecida Alberto Assis.	O grupo escolar Minas Gerais e a Educação Pública primária em Uberaba (MG) entre 1927 e 1962	UFU	2012	Dissertação

FONTE: A Autora (2014)

*UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos; UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul; USP - Universidade de São Paulo; UFU - Universidade Federal de Uberlândia.

Quadro 2: Banco de Teses e Dissertações da CAPES

Pesquisador	Instituição	Título	Ano	Palavra-chave	Pesquisa
FRANCESCHI, Marcello Teixeira.	USF	Grupo Escolar José Guilherme: Uma história em três atos – Bragança (1910-1944)	013	Grupo Escolar	Dissertação
PELLATIERI, Mariana	USF	Letramentos matemáticos escolares nos anos iniciais do ensino fundamental	013	Alfabetização matemática	Dissertação
NOGUEIRA, Adálcia Canedo da Silva	UEL	Marcos possíveis para reconstituir a história da instituição escolar Júlia de Souza Wanderlei: a primeira escola de formação de professores de Cornélio Procópio - PR (1953-1967)	2012	História das instituições escolares	Dissertação
JESUS, Andrea Reis de.	UFBA	Colégio Estadual da Polícia Militar da Bahia primeiros tempos: formando brasileiros e soldados (1957-1972)	2011	Instituições Escolares	Dissertação
SALGADO, Isabela Cristina.	UNICAMP	A Educação Católica da Elite Campineira na Primeira República: O Colégio Sagrado Coração de Jesus (1909-1930)	2011	Colégio Confessional	Dissertação
SANTOS, Alessandra de Sousa dos Santos.	UNICAMP	Um dia belo, no outro esquecido: a história do Grupo Escolar Coronel Flaminio Ferreira – Limeira: (1901-1930)	011	Instituição Escolar	Dissertação
FONTINELES, Flávia de Souza	UnB	Páginas na memória: livros didáticos e narrativas de experiências escolares no Brasil (1937-1956)	2010	Narrativas de memórias	Dissertação
CARDOSO FILHO, Ronie	UFPR	São José, o Colégio de Castro. 1904-1994.	009	Congregação	Tese
SARDAGNA, Helena Venites.	UNISINOS	As comemorações do sete de setembro no período de 1930-1945: constituindo sujeitos na trama discursiva de uma instituição de ensino confessional católica	2004	Colégio Confessional	Dissertação

Fonte: A Autora (2014)

* USF - Universidade São Francisco; UEL - Universidade Estadual de Londrina; UFBA - Universidade Federal da Bahia; UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas; UnB – Universidade de Brasília.

Quadro 3: A seleção dos Depoentes

Depoente	INSTITUIÇÃO EM QUE ESTUDOU	DÉCADAS
Albino Augusto	Colégio Santa Terezinha	1920 - 1930
Zita Yolanda Netzel,	Instituto Santa Terezinha	1940 - 1950
Alberto Bianco	Escola de Aplicação Padre José de Anchieta	1960 - 1970
Mônica Dalponte	Colégio Estadual Sagrada Família	1970 - 1980
Michele Laís Fracaro Iarek	Escola Municipal Anchieta	1990 - 2000

Fonte: A Autora (2014)

Quadro 4: Agenda das entrevistas

Depoente	1ª Entrevista	2ª Entrevista	3ª Entrevista
Albino Augusto	16/04/14 Residência do entrevistado 27'16	30/05/14 Residência do entrevistado 39'12	12/11/14 Residência do entrevistado 7'30
Zita Yolanda Netzel	10/09/14 Residência da entrevistada 76'15	13/11/14 Residência da entrevistada 13'18	-
Alberto Bianco	29/09/14 Biblioteca Pública Municipal "Dr. José Antonio Puppi" 43'56	19/11/14 Biblioteca Pública Municipal "Dr. José Antonio Puppi" 6'03	-
Mônica Dalponte	19/09/14 Centro Administrativo Municipal "João Bassani Sobrinho" 69'23	04/11/14 Escola Municipal Anchieta 4'09	-
Michele Laís Fracaro Iarek	25/08/14 Residência da entrevistada 92'49	15/10/14 Residência da entrevistadora 28'49	-

Fonte: A Autora (2014)

*Para todas as entrevistas foi utilizado um gravador digital modelo *ICD – PX333* da marca Sony.

Os quadros apresentados encontram-se no texto do Anexo U.

REFERÊNCIAS

ROTEIRO DE CONSULTAS

Segue a lista de obras que foram referenciadas no corpo de narrativas, nas notas e textos em anexo.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

AMADO, J; FERREIRA, M. M. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 95-113.

BAGIO, V. A.; GALHART, A. C. **Cursos e percursos da Educação Matemática em duas vozes: Albino e Inez relembando o ensino primário**. I Seminário de Educação Matemática em Debate – SIMPEMAD. Joinville, 2014. Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/matematica/article/view/4701>. Acesso em 10. Dez. 2014.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOLÍVAR, A.B. "¿De nobis ipsis silemus?": Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa** Vol. 4, No. 1, 2002. Disponível em Dialnet-DeNobisIpsisSilemus-239448%20(1). Acesso em 31 Mar. 2015.

BRUNER, J. **Fabricando histórias: Direito, literatura, vida**. Tradução Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**. Lembrança de Velhos. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COLÉGIO ESTADUAL SAGRADA FAMÍLIA. Sistema de bibliotecas. **Portal da informação**. Disponível em: <<http://www.clgsagradafamilia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>>. Acesso em 14. Out. 2013

CURY, F.G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. (Tese de Doutorado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro: UNESP, 2011. 290f.

_____. **Análise Narrativa em Trabalhos de História da Educação Matemática: algumas considerações**. *Bolema, Rio Claro (SP)*, v. 23, nº 35A, p. 59 a 73, abril 2010. Disponível em <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/42551/WOS000284097> Acesso em 01 Abr. 2015.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____ **Estratégias, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222.

GARNICA, A. V. M. **História Oral e Educação Matemática: do inventário à regulação**. Zetetiké, Campinas, v.11, n.19, p. 09-55, jan/jul. 2003.

_____. História Oral e Educação Matemática: o estado da arte. II **Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**. 25 a 27 de março de 2004 In: Anais... Bauru: Universidade Sagrado Coração, 2004. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/IIsepeq/anais/pdf/gt5/03.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2015.

_____. **Cartografias contemporâneas**. Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil. Curitiba: Appris, 2014.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre Regimes de Historicidade e História Oral. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 25, n. 41, dez. 2011. p. 213-250.

JENKINS, K. **A história repensada**. Tradução Mario Vilela. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEITE, F. B. **Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos**. Revista Magistro. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Rio de Janeiro. Vol. 1. Num. 1, 2011. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1240/741>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

MARTINS-SALANDIM, M.E. **A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. (Tese de Doutorado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro: UNESP, 2012. 379f.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. **O que faz a História Oral diferente**. Proj. História. São Paulo, (14). Fev. 1997.

PRETI, D. **Interação na fala e na escrita**. 2. ed. São Paulo: USP, 2003.

REIS, L.M.R. **O que é conto**. 4ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

SOUZA, L. A. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. Universidade do Estado de São Paulo. Rio Claro: UNESP, 2011. 422 f.

TEZZA, C. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 209-217.

TEZZA, C. Sobre o autor e o herói – um roteiro de leitura. In: CASTRO, G.; FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: UFPR, 2011. p. 231 – 256.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VIANNA, C. R. **Vidas e Circunstâncias na Educação Matemática**. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2000. 573 f.

ZELDIN, T. **Uma história íntima da humanidade**. Tradução Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: BestBolso, 2000.

ROTEIRO DE LEITURAS

Optei por listar as obras que subsidiaram a escrita da dissertação e que não foram referenciadas.

AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 4ed. Campinas: Papyrus, 2004.

ABDALA JUNIOR, B. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D.M. **História: na arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007.

AMARAL, D.K. **Histórias de (re) provação escolar: vinte e cinco anos depois**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2010. 170f.

ASSIS, A.M.M. de. **Contos consagrados**. 13ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BARTH, B.N.D. **Histórias de professores de matemática do Colégio Militar de Curitiba**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências e em Matemática. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2014. 135f.

BICUDO, M. A. V. BORBA, M. C. de. **Educação Matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: **Apresentação**. Brasília: MEC, SEB, 2014.

CAMPEÃO, M. R. Á. De. **Um estudo de caso sobre a história de instituições educativas: o Colégio São José/ Montenegro/RS**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. São Leopoldo: UNISINOS, 2006. 156f.

CARDOSO FILHO, R. **São José, o Colégio de Castro. 1904-1994**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2009. 312f.

COLASANTI, M. **Uma ideia toda azul**. 20ed. São Paulo: Global, 1999.

_____. **Doze reis e a moça no labirinto de vento**. 12ed. São Paulo: Global, 2006.

COUSIN, A. de O. A. **A Sociedade Paranaense de Matemática sob um olhar da Educação Matemática**. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR. 2007. 318 f.

DALPIAZ, S.G. **Memórias de ex-alunos/as: recompondo tempos e espaços da educação**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 322f.

DANYLUK, O.S. **Alfabetização matemática: o cotidiano da vida escolar**. 3ed. Passo Fundo: UPF, 1993.

DUBY, G.; ARIÈS, P.; LADURIE, E. L.R.; LE GOFF, J. **História e nova história**. Tradução Carlos da Veiga Ferreira. 3ed. Lisboa: Teorema, s/d.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. 24 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FILLOS, L. M. **A Educação Matemática em Irati (PR): Memórias e História**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2007. 228 f.

FONSECA, M. da C. F. R. **Letramento no Brasil: habilidades matemáticas**. São Paulo: Global, 2004.

FONTINELES, F. S. de. **Páginas na memória: livros didáticos e narrativas de experiências escolares no Brasil (1937-1956)**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2010. 246f.

FRANCESCHI, M.T. **Grupo escolar José Guilherme: uma história em três atos – Bragança (1910-1944)**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação. Universidade São Francisco. Itatiba: USF, 2013. 180f.

GADDIS, J.L. **Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado**. Tradução Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GONÇALVES, A. O. **Algoritmos [manuscrito]: uma perspectiva de professores de quarta e quinta série do ensino fundamental**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2010. 294 f.

JESUS, A. R. de. **Colégio Estadual da Polícia Militar da Bahia primeiros tempos: formando brasileiros e soldados (1957-1972)**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia Salvador: UFBA, 2011. 156f.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, F.B. **Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos**. Revista Magistro. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Rio de Janeiro. Vol. 1. Num. 1, 2011. Disponível em www.unigranrio.br. Acesso em 15 Abr. 2014.

LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina e outros contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MACHADO, N.J. **Matemática e língua materna: análise de uma interpretação mútua**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

MALDANER, A. **Educação matemática: fundamentos teórico-práticos para professores dos anos iniciais.** Porto Alegre: Mediação, 2011.

MÁRQUEZ, G.G. **Doce cuentos peregrinos.** 6ed. Barcelona: Debolsillo, 2012.

MATUCHESKI, S. **Elaboração das propostas curriculares de matemática do ensino de 1º grau (5ª a 8ª série) do Estado do Paraná na década de 1970.** (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2011. 181 f.

MIARKA, R.; BAIER, T. Conhecimento Numérico: um passeio por diferentes concepções culturais. In: BICUDO, M. A. V. (org.) **Filosofia da Educação Matemática.** Fenomenologia, concepções, possibilidades didático-pedagógicas. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

NACARATO, A. M.; LOPES, C. E. **Escritas e leituras na educação matemática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NACARATO, A.; MENGALI, B. L. S.; PASSOS, C. L. B. **A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção Tendências em Educação Matemática)

NOGUEIRA, A.C.S. da. **Marcos possíveis para reconstituir a história da instituição escolar Júlia de Souza Wanderlei: a primeira escola de formação de professores de Cornélio Procópio – PR (1953-1967).** (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2012. 201f.

PELLATIERI, M. **Letramentos matemáticos escolares nos anos iniciais do ensino fundamental.** (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade São Francisco Itatiba: USF, 2013. 127 f.

SALGADO, I. C. **A Educação Católica da Elite Campineira na Primeira República: O Colégio Sagrado Coração de Jesus (1909-1930).** (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2011. 158f.

SANTOS, A. S. **Um dia belo, no outro esquecido: a história do Grupo Escolar Coronel Flaminio Ferreira – Limeira: (1901-1930).** (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2011. 190f.

SARDAGNA, H.V. **As comemorações do sete de setembro no período de 1930-1945: constituindo sujeitos na trama discursiva de uma instituição de ensino confessional católica.** (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo: UNISINOS, 2004. 123f.

SILVA, H. da. **Centro de educação matemática(CEM): fragmentos de identidade.** (Tese de Doutorado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro: UNESP, 2006. 448f.

SKOVSMOSE, O. **Educação matemática crítica: A questão da democracia.** Tradução Abigail Lins, Jussara de Loiola Araújo. 6ed. Campinas: Papirus, 2013.

SMOLE, K. S.; MUNIZ, C. A. **A matemática em sala de aula: reflexões e proposta para os anos iniciais do ensino fundamental.** Porto Alegre: Penso, 2013.

SOUZA, M. A. A. A. **O grupo escolar Minas Gerais e a educação pública em Uberaba (MG) entre 1927 e 1962.** (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: UFU, 2012. 203f.

ANEXOS

Anexo A - Da sede em busca das fontes e o encontro com os mananciais

Anexo B - Entre o cascalho, o ofício do ourives e o diamante

Anexo C - Contato em rede social em busca de fontes narrativas

Anexo D - A Matemática nas vozes dos depoentes

Anexo E - Carta de apresentação

Anexo F - Cartas de concessão

Anexo G - Licença para Funcionamento de 28 de junho de 1938

Anexo H - Transcrição na íntegra das entrevistas realizadas com Albino, gravação em áudio, metodologia utilizada e cartão de cessão para autorização do material

Anexo I - Transcrição na íntegra das entrevistas realizadas com Zita, gravação em áudio, metodologia utilizada e cartão de cessão para autorização do material

Anexo J - Decreto n° 14.728/58, de 14 de fevereiro de 1958

Anexo K - Transcrição na íntegra das entrevistas realizadas com Alberto, gravação em áudio, metodologia utilizada e cartão de cessão para autorização do material

Anexo L - Decreto n.º 2431/76, de 29 de outubro de 1976

Anexo M - Decreto n.º 4501/78, de 09 de janeiro de 1978

Anexo N - Resolução n.º 2141/82, de 10 de agosto de 1982

Anexo O - Transcrição na íntegra das entrevistas realizadas com Mônica, gravação em áudio, metodologia utilizada e cartão de cessão para autorização do material

Anexo P - Resolução n.º 3308/91, de 27 de setembro de 1991

Anexo Q - Decreto n.º 065/91, de 7 de maio de 1991

Anexo R - Decreto n° 110/92, de 21 de dezembro de 1992

Anexo S - Transcrição na íntegra das entrevistas realizadas com Michele, gravação em áudio, metodologia utilizada e cartão de cessão para autorização do material

Anexo T - “Xis: olha a foto! Retratos da escola em gestos, poses e momentos”

Anexo U - Resumo de teses e dissertações consultadas

Anexo V - Linha do tempo das escolas dirigidas pelas Congregação das Irmãs da Sagrada Família - Campo Largo – PR

ANEXOS

ANEXO A

Da sede em busca das fontes e o encontro com os mananciais: História Oral e narrativa

Essa dissertação intitulada até o momento “Alfabetização matemática: contas e contos, em vozes, encontros”, apresenta momentos da história escolar, trazidos à tona. Para alcançar a proposta, optou-se pela metodologia da História Oral, que é uma metodologia de pesquisa qualitativa, que se apresenta nas vertentes: “História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral” (MEIHY, 2002). Em minha pesquisa apropriei-me da História Oral pela vertente temática, presente nos depoimentos dos alunos, pois para Jenkins, “A história nunca se basta; ela sempre se destina a alguém” (JENKINS, 2007, p. 40). A relação dos alunos com a Matemática congelada, no passado, precisa ser destinada a outras pessoas, possibilitando a comunhão de histórias similares, por intermédio da História Oral.

A História Oral, tanto quanto outras metodologias de pesquisa organiza o encaminhamento dado ao processo de investigação. Tratando-se da História Oral, as formas de entrevistar, a transcrição dos depoimentos em estrutura narrativa, a afinidade entre narrador e pesquisador, o elo entre a teoria e a prática: é o vasto território da História Oral, disparar interrogações e na ânsia por soluções, promover instigações e semear a dúvida, um querer buscar, que resulta em história, uma história que tem a fonte oral como força que mobiliza a pesquisa.

Na busca por fontes de leitura para melhor compreender essa metodologia, deparei-me com um manancial de produções escritas, os quais subsidiaram a minha produção. Partindo de definições dessa metodologia de investigação, a partir das “fontes que bebi”, tracei as linhas gerais que me auxiliaram na condução do estudo: o que é História Oral, os seus percursos até a chegada ao Brasil, como essa metodologia orienta as pesquisas e os grupos que vem se dedicando a essa metodologia de pesquisa.

Por uma compreensão da História Oral como metodologia de pesquisa

A partir de algumas leituras, pode-se compreender que a História Oral por se tratar de uma metodologia de pesquisa histórica é uma arte, pois em meu caso, envolve a arte de evocar o passado, traduzir sentimentos individuais e coletivos, tal qual o poema de Gullar, apresentado na epígrafe e produzir narrativas. Para alcançar os resultados almejados,

requer um conjunto de procedimentos que demanda a elaboração de um projeto, cujo objeto da pesquisa, são as vozes dos esquecidos e excluídos, os quais relataram o que fizeram e/ou presenciaram no tempo em que viveram, e que na diferença se aproximam, quer seja pela sua EXPERIÊNCIA PESSOAL, isto é, o conhecimento acumulado ao longo do tempo, a partir de vivências.

Para isso necessita da seleção de um grupo de entrevistados, que prevê planejamento das entrevistas, comprometimento com o projeto e objeto de pesquisa, autorizações dos narradores, gravações dos depoimentos, transcrições do áudio, textualização das transcrições, divulgação dos resultados, arquivamento do acervo da pesquisa e retorno à comunidade de origem, a fim de que se possa atender a uma necessidade social, como foi mencionado anteriormente: produzir narrativas.

Essa metodologia vem sendo difundida recentemente, entretanto, a prática da História Oral, tanto quanto a tradição oral, é tão antiga como a própria história. Ela é fruto do cruzamento da tecnologia do século XX com a eterna curiosidade do ser humano. (THOMPSON, 1998; VIANNA, 2000; AMADO; FERREIRA, 2001; MEIHY, 2002; ALBERTI, 2005; PORTELLI, 2010; SOUZA, 2011).

Não é propósito da História Oral promover mudanças, mas sim transformar o intuito da própria história, modificando a sua abordagem tornando visíveis caminhos e buscas. Por intermédio da História Oral uma comunidade pode se encorajar a redigir a sua história, ou seja, os alunos que estudaram nas instituições dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, no município de Campo Largo – PR.

Optei em minha pesquisa pela metodologia da História Oral porque possibilita que uma história seja construída por pessoas. É na escrita, a partir dos depoimentos e no registro que uma história singular se cristaliza e passa a compor uma história coletiva, de anônimos de seu tempo. É a experiência das pessoas como relevante para traçar os caminhos paralelos ou concorrentes que trilharam, em minha pesquisa, no que tange a Alfabetização Matemática.

Contar o tempo vivido e experimentado também poderá mover uma força intrínseca que o próprio narrador desconhece, desperta em lembranças. Buscar lembranças e encontrá-las pode ser um processo sofrível ao depoente. Muitas de nossas lembranças são reminiscências¹. As lembranças não o passado, são expressões de um passado, “a

¹ Alistair Tomson define que reminiscências são *passados importantes* que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre as identidades passadas e presentes. Projeto História, n. 15, Abril/97 – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC – SP, p. 57. Grifos do original.

sensação pálida de agora é uma reminiscência da alegria de outrora. Essa sombra tem algo parecido com a alegria, tem o seu contorno: é uma evocação” (BOSI, 2010, p. 84), tais como as lembranças dos alunos que subiram e desceram as escadas, junto ao mesmo pátio em que brincaram, e ouviram as saudações antes da jornada diária.

A lembrança é a sobrevivência do passado. É através das lembranças que o passado se mantém vivo e se perpetua. Se se mantém vivo, sofre mudanças, que dependem do olhar de cada um sobre ele, e lembranças geram narrativas. “O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens lembrança” (*ibid*, p.53). Muitas lembranças² não são autênticas, quer dizer, naturais e genuínas e que fluem espontaneamente, foram construídas no diálogo com os outros. À medida que o tempo avança, fazem parte da gente e são somadas a outras experiências. Fazem parte de nossa vida. Estão enraizadas. São oriundas de outro narrador, “as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente” (*ibid*, p. 407).

Ao historiador, cabe-lhe o ofício de ouvir: evocar o passado através das narrativas de quem as vivenciou e precisa ser um bom ouvinte. Essas narrativas são fruto da interpretação do depoente que serão mescladas com a interpretação do historiador ouvinte, e posteriormente com os leitores dos relatos, em uma trama dialógica de muitas vozes, em tramas diferentes de situações semelhantes, pois a História Oral se constrói “na diferença” e também “na igualdade” (PORTELLI, 1997).

Cada pessoa ao ler a interpretação dos alunos poderá evocar o seu passado e rememorar episódios semelhantes ou completamente distintos, por conta de sua interpretação, pois a História Oral possibilita “a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas” (MEIHY, 2002, p. 21). O processo, em sua narrativa, caberá ao pesquisador buscar o tom vital de cada entrevistado, pois cada entrevista é singular e carregada de subjetividade e das intenções do depoente.

Apresentei ao leitor, a fim de que pudesse se situar na pesquisa, e a partir da leitura de estudiosos Portelli, Thompson, Vianna, Amado e Ferreira, Meihy, Alberti, Bosi e Souza, diga-se que um conceito de o que seja a História Oral, como um conjunto de procedimentos que demanda a elaboração de um projeto, a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas a fim de responder as perguntas de uma comunidade. Na sequência, abordei brevemente, os percursos metodológicos.

² “Lembrar-se”, em francês *se souvenir*, significa um movimento de “vir” “de baixo”: *sous-venir*, vir à tona o que está submerso. (BOSI, 2010, p. 46) Grifo do original.

Os percursos da metodologia de pesquisa

Embora a difusão da História Oral como metodologia de pesquisa seja recente, tanto como o uso do gravador, a História Oral juntamente com a tradição oral³ foram as primeiras formas de se fazer história, é uma “técnica de investigação própria da história do século XX” (AMADO; FERREIRA, 2001, p.6). A História Oral não é outra história.

Exceto a história africana, que desde os seus antepassados se valeu de fontes orais, a história ao longo do tempo se construiu pela ciência, ou seja, pelas fontes escritas com base em acontecimentos. Nos Estados Unidos e na Inglaterra essa técnica foi bem aceita, e amplamente divulgada. “Os adeptos da história oral não raro ficam à margem da história acadêmica, constituindo grupos particulares com suas próprias instituições, sociedades, revistas e seminários” (*ibid*, p. 43-44). Essa trajetória teve como intuito atender necessidades meramente acadêmicas. Relato a seguir alguns momentos dos percursos dos historiadores que se valeram da História Oral como metodologia de pesquisa. O leitor interessado em uma leitura mais aguçada poderá consultar as Referências Bibliográficas, pois essa seção guarda excelentes sugestões.

Segundo Thompson, “o primeiro questionário foi atribuído a David Davies, um reitor de Berkshire, que investigava orçamentos de trabalhadores rurais e que enviou resumos impressos a colaboradores potenciais na esperança de que coletassem informações semelhantes em outros lugares” (THOMPSON, 1998, p.63). A intenção de Davies na coleta de dados gerou a ideia da utilização da experiência como fonte, através de perguntas dirigidas. No final de 1830, mais precisamente em Londres e Manchester, na Inglaterra, comerciantes trouxeram valiosas contribuições para os procedimentos de coleta e análise de dados, a partir de investigações sobre as condições de vida do proletariado, como precursores do uso do questionário, por intermédio de pesquisas encomendadas e remuneradas, e posteriores publicações das informações em tabelas com os dados coletados acompanhadas de sucintos relatórios.

Henry Mayhew através do *Morning Chronicle* analisou por amostra estratégica, uma série de atividades por correspondência ou por entrevista em 1849. Assim, organizou um questionário com perguntas. A técnica utilizada foi o auxílio de um estenógrafo, isto é,

³ Os casos de tradição oral implicam o uso do que se chama de narrativas emprestadas. Como para a explicação do presente a tradição oral necessita da retomada de aspectos transmitidos por outras gerações, dá-se o empréstimo do patrimônio narrativo alheio, quase sempre herdado dos pais, avós e dos mais velhos. (*ibid.*, p. 152)

uma pessoa que consegue datilografar no ritmo da fala, por meio da taquigrafia, que é um instrumento semelhante à máquina de datilografar. Esse estudo foi intitulado como “o primeiro levantamento empírico sobre a pobreza como tal”, com o intuito de mensurar os níveis de salário industriais e as condições sociais (*ibid*, p. 65).

A partir desse momento, as citações das pessoas comuns da Inglaterra, na era vitoriana foram registradas. Surgiram mudanças significativas, similares à escrita e ao invento da imprensa, no passado. Os avanços da tecnologia contribuíram para o sucesso das pesquisas a partir da metodologia da História Oral. O fonógrafo, primeira máquina de gravar, foi inventado em 1877. Já o gravador em fio de aço, antes de 1900. A partir de 1930, surge uma nova versão, mais eficiente para o uso na radiodifusão. Na década de 1940 se dispunha da fita magnética e o mundo conhecia o primeiro gravador de rolo (de dois carretéis). O gravador de cassete, de custo mais acessível, surge no início da década de 1960.

Em 1948, Allan Nevins, historiador da Universidade de Colúmbia se preocupou em realizar gravações sobre as memórias de personalidades renomadas dos Estados Unidos. Se em seu auge, a História Oral retratou histórias bem sucedidas, como o fez Nevins, a partir de 1945, o movimento operário ganha força, a história social se expande na década de 1960 e a classe operária passa a ocupar o cenário das séries de televisão como “*Yesterday’s Witness*”. Assim, os recursos dos Arquivos de Som da BBC, também foram alvo dos historiadores que aproveitaram o ensejo para fazer história. Em 1971, os Estados Unidos e o Canadá compreendiam um total de 100 mil horas de entrevistas e mais de um milhão de páginas de transcrições (*ibid*, p. 89-90).

Com a expansão da História Oral no norte do Continente Americano, nos Estados Unidos e Canadá, essa metodologia de investigação é introduzida no Brasil, no início da década de 70, como apresentei a seguir.

Do Norte da América a História Oral chega ao Brasil

Como foi exposto anteriormente, no início da década de 70, os Estados Unidos e o Canadá já possuíam um vasto acervo de pesquisa, e nesse embalo, a História Oral como metodologia de pesquisa vem do Norte da América e chega ao Brasil, nesse mesmo período. Entretanto, é no início da década de 90 que ocorre o *boom* da História Oral.

Em 1994, com a criação da Associação Brasileira de História Oral é que se permitiu situar o panorama das pesquisas através da publicação de seu Boletim, divulgando o

avanço dos estudos já existentes. Se a História Oral em seu surgimento dá voz aos excluídos, de certa forma há um rompimento com a tradição, abrindo-se um espaço para estudos sobre movimentos intelectuais e instituições.

Embora a História Oral tenha permanecido na academia, por muitos anos outros grupos vêm se apropriando dessa metodologia, para o resgate do passado de comunidades. O Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM)⁴ foi instituído em 2002, com o objetivo de congregar os pesquisadores em Educação Matemática motivados pela possibilidade de utilizar a História Oral como metodologia de investigação. Tem como sede fixa a Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) Bauru.

A força motriz do GHOEM é a investigação em torno da cultura escolar, bem como a função da Educação Matemática nesse contexto. Nas diversas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo abordam a História Oral, as narrativas, a formação de professores de Matemática, os manuais didáticos, livros didáticos antigos e contemporâneos, os acervos, a História da Educação Matemática, as instituições de níveis e modalidades de ensino diversas, em que atuam os professores de Matemática, entre outros.

De acordo com Garnica; Fernandes; Silva, “no movimento de articulação do Grupo, a História Oral foi o aglutinador inicial de um núcleo de pesquisadores interessados em compreender as potencialidades da oralidade e da memória – pontos nodais de um método que, não sem discordâncias, é chamado História Oral – para a Educação Matemática” (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 231). No presente, o Grupo conta com Projetos distintos, entretanto conectados: 1 - Projeto “Mapeamento da Formação e Atuação de Professores de Matemática no Brasil”; 2 - Projeto “Hermenêutica de Profundidade: possibilidades para a Educação Matemática”; 3 – Projeto “Narrativas e Educação Matemática”.

O GHOEM é um Grupo composto por 34 pesquisadores de várias instituições: São Paulo: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP); Mato Grosso do Sul: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Maranhão: Instituto Federal do Maranhão (IFMA); Paraíba: Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Santa Catarina: Universidade Regional de Blumenau (FURB); Paraná: Universidade

⁴ O GHOEM tem como coordenador, o Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica, livre docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). A partir da criação, o Grupo expandiu-se, de maneira a acionar debates acerca de outras temáticas e enfoque teórico-metodológicos.

Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual de Maringá (UEM), entre outras instituições.

O Grupo tem um acervo disponível a toda comunidade educacional, de 1500 livros desde o século XVII até o final do século XX, inclusive exemplares raros, contemplando as áreas: Matemática, Educação Matemática, Educação, Pedagogia, Sociologia e História, livros didáticos utilizados antigamente, textos acerca da legislação educacional brasileira e trabalhos acadêmicos, teses, dissertações, monografias, artigos, notas de aula, relatórios, memoriais e Projetos de Iniciação Científica em Educação e Educação Matemática. Em 2004 o site do GHOEM começou a funcionar e a partir de 2007 houve a criação de um site para a divulgação do acervo catalogado. Ao longo de 10 anos de história, o GHOEM computa 50 trabalhos acadêmicos. O “Grupo de Pesquisa que o mantém é lugar praticado e funciona segundo princípios de solidariedade nitidamente estabelecidos” (GARNICA, 2014, p.49).

Exibi resumidamente ao leitor como a História Oral é introduzida no Brasil. Em seguida, discuti no que essa metodologia orienta as pesquisas.

O *status* da História Oral

A História Oral não se fundamenta em teoria, revela-se por si e fundamenta-se na técnica. “Entendida como metodologia, a história oral remete a uma dimensão técnica e uma dimensão teórica” (AMADO; FERREIRA, 2001). Se a História Oral está atrelada às dimensões técnica e teórica, há uma fusão entre história e lembranças visto que em História Oral são relevantes as estratégias de pesquisa, o acervamento de fontes orais, a estrutura das entrevistas e formas de narrar dos depoentes.

Por essa razão, “a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos; este conjunto, por sua vez, norteia as duas outras instâncias, conferindo-lhes significado e emprestando unidade ao novo campo do conhecimento” (*ibid.*). Abordo, na sequência, a partir da leitura de Amado e Ferreira, 2001, o *status* da História Oral, o que a faz diferente de outras metodologias de investigação:

- O testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória;

- O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos

ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos;

□ Na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possui uma característica singular: é resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação;

□ A pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes;

□ A história do tempo presente, perspectiva temporal por excelência da história oral, é certificada como objeto da pesquisa e da reflexão históricas;

□ Na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos;

□ O fato de a história oral ser largamente praticada fora do mundo acadêmico, entre grupos e comunidades interessados em recuperar e construir sua própria memória;

□ A narrativa, a forma de construção e organização do discurso – fontes orais são fontes narrativas; isso tudo chama atenção ao caráter ficcional das narrativas, seja as dos entrevistados, seja as do entrevistador, o que pode acarretar mudanças de perspectivas revolucionárias para o trabalho histórico (AMADO; FERREIRA, 2001).

A História Oral adquire seu *status*, pois traz à tona a voz do passado e/ou dos excluídos, marginalizados e infames. É o resgate da poesia sem brilho e sem vez na história, dos fatos locais e cotidianos, da experiência peculiar e da trajetória individual dos depoentes. Essa metodologia de pesquisa demanda três etapas específicas:

1) Entrevista: no caso tratou-se da História Oral pela vertente temática, portanto poderá ser estruturada, por questionário dirigido ou semiestruturado, através de palavras-chave, que evocam lembranças. A entrevista é antecipadamente agendada e gravada em áudio.

2) Transcrição: resulta no processo de o que foi dito passa a ser escrito literalmente, o mais verossímil possível e deve ser feita após a entrevista. Por se tratar de um processo moroso, requer tempo e disponibilidade. A transcrição permite ao historiador perceber a

entonação, as lacunas no momento da fala, a ênfase, as repetições e emoções. Por essa razão, é de suma importância que seja realizada pelo pesquisador.

3) Textualização: é a interpretação da entrevista, ou seja, o historiador oral transporta o texto literal para a narrativa, preservando o tom vital de cada depoente e com seu consentimento a torna pública.

Por a História Oral estar atrelada ao passado, são comuns as entrevistas com idosos, entretanto pessoas de todas as idades têm muito a relatar, pois vivenciaram momentos especiais em suas vidas. Nas entrevistas com idosos o entrevistador precisa manter-se cauteloso, para que o entrevistado não se canse, nem se sinta constrangido com fatos que não recorde. Como o objeto da pesquisa é a constituição de fontes narrativas, todas as entrevistas precisam ser consideradas, pois todas têm a mesma relevância para a pesquisa.

Retomo as etapas descritas por Amado e Ferreira: anteriormente à entrevista, o pesquisador precisa coletar informações sobre o depoente, a época e os fatos que serão lembrados durante a entrevista. Na pesquisa, foi fundamental o conhecimento do histórico das escolas que foram dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família.

O local ideal para a realização da entrevista é a casa do depoente, pois é o seu espaço de domínio e conforto, onde está cercado de fotos e lembranças que poderão atuar como disparadores de recordações. O espaço lembrado também poderá ser utilizado como um evocador de lembranças, como na pesquisa de Dalpiaz (2005).

A transcrição requer uma norma técnica, pois a mesma estará disponível publicamente, nos anexos do trabalho acadêmico. As falas dos depoentes apresentam marcadores interacionais, isto é, expressões usuais na língua falada, que na interação entre o falante e o ouvinte, explicitam a busca de compreensão durante o diálogo, muito semelhante a uma conversa informal. “Elas não têm apenas um valor fático, pois sua presença indica que o falante solicita a aceitação dos seus argumentos pelo ouvinte, embora esse, como ocorre nas interrogações retóricas, não se pronuncie” (PRETI, 2003, p.60). Nas entrevistas transcritas, que se encontram entre os anexos, o leitor poderá perceber os marcadores de discurso.

A última etapa é a transposição da entrevista transcrita para a forma textualizada, como já foi mencionado e o resultado é a narrativa. Entende-se por narrativa, o modo de narrar de cada depoente que é apresentado ao leitor, na forma textualizada. É uma forma de ser. É possível construir diferentes narrativas a partir da mesma situação, no caso, a

Alfabetização Matemática, conforme os recursos expressivos e as escolhas do depoente, ou seja, o seu domínio sobre a sua narrativa, o seu estilo de ser e ler a realidade.

Comentei alguns aspectos da técnica da História Oral, apontando como tem orientado as pesquisas e garantindo o seu *status* no trabalho com fontes orais. Dando sequência, leitor, resumo o trabalho do GHOEM, na interface História Oral e Educação Matemática: um inventário.

História Oral e Educação Matemática: um inventário

As fontes narrativas se constituem a partir de testemunhas da história. O historiador oral possibilita a invenção de fontes, matéria-prima de sua investigação. “Na palavra ‘testemunho’, encontramos a noção de prova e de verdade” (AMADO; FERREIRA, 2001, p. 255).

Logo se a História Oral possibilita a invenção das fontes, pois se constrói em narrativas, então é um inventário. E se a História Oral como metodologia para constituição dessas fontes possibilita que as fontes gravadas e apoiadas na escrita, para uma determinada pesquisa, sejam utilizadas como fontes para outras pesquisas, também é um inventário, porque deixa uma herança às pesquisas futuras, como ocorre com a Educação Matemática, através do GHOEM. “É interessante notar, aqui, a apropriação criativa que a Educação Matemática tem feito da História Oral como fundante metodológico. Talvez pela familiaridade que os educadores matemáticos tenham com metodologias qualitativas” (GARNICA, 2003, p.8).

Não é a intenção de essa pesquisa promover uma discussão para se mensurar as “vantagens e desvantagens nesses procedimentos, se é que, nesse caso, um julgamento desse teor faz sentido”, e sim apresentar as contribuições da História Oral como metodologia de pesquisa que “nos parece, à primeira vista, que a História Oral utilizada como metodologia para o esboço de cenários, para a compreensão mais aprofundada do contexto” para a Educação Matemática, como uma possibilidade de interlocução (*ibid*, p.9). O legado, através do acervo do GHOEM, possibilita a interlocução com pesquisas de várias áreas, como foi mencionado anteriormente.

ANEXO B

Entre o cascalho, o ofício do ourives e o diamante - o trabalho de campo

Compartilho, nas próximas linhas, a metodologia utilizada na pesquisa, que julgo similar ao ofício do ourives, que no material bruto em forma de cascalho, tem no seu delicado trabalho o encontro com o diamante. Nessa pesquisa, deparei-me com a coleta da fonte, oral, em forma de entrevista ouvida, depois transcrita (o cascalho) e finalmente, na forma textualizada busquei o precioso diamante: a narrativa sobre a Alfabetização Matemática.

O primeiro contato com a História Oral foi no dia 29/08, conforme relatei na Introdução. Na outra semana, após a aula do Professor Carlos, em que nasceu a ideia desse estudo, adquiri a obra Manual de História Oral de Verena Alberti. Na leitura das primeiras páginas, a instigação por outras leituras. O projeto saiu, fluiu rápido. Outras referências, importantes, artigos de Garnica e Portelli e a palestra de Meihy⁵. Após o ingresso no Mestrado, algumas tarefas foram propostas pelo Orientador: leitura de Ensaio de história oral, de Alessandro Portelli; História: a arte de inventar o passado, de Albuquerque Junior; revista Projeto História nº15; a Dissertação de Elizabeth Orofino Lucio e a Tese de Fábio Alexandre Borges; posteriormente resumos e resenhas, e buscas por Teses e Dissertações.

A partir do levantamento através de consulta aos bancos de Teses e Dissertações das bibliotecas de 62 Universidades do país, a busca por pesquisas próximas à ideia de pesquisa, que culminou na seleção de 6 trabalhos através do título e dos resumos, os quais foram organizados em um quadro, obedecendo a ordem de busca. Apresento-o, contendo os trabalhos relacionados à pesquisa:

⁵ José Carlos Sebe Bom Meihy. Palestra “Memória, História Oral e Diferenças” 30/07/09- SESC Memória. Disponível em www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM. Acesso em 02 nov. 2013.

Quadro 5: A busca por pesquisas próximas⁶

Pesquisador	Título	Universidade	Ano	Pesquisa
CAMPEÃO, Mara Regina de Ávila	Um estudo de caso sobre a história das instituições educativas: o Colégio São José/ Montenegro/ RS	UNISINOS	2006	Dissertação
SOUZA, Luzia Aparecida de	Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar	UNESP	2011	Tese
DALPIAZ, Saionara Goulart	Memórias de ex-alunos/as: recompondo tempos e espaços da educação.	UFRGS	2005	Dissertação
AMARAL, Daniele Kihmoto	Histórias de (re)provação escolar: vinte anos depois	USP	2010	Dissertação
SARDAGNA, Helena Venites	As comemorações do sete de setembro no período de 1930-1945: constituindo sujeitos na trama discursiva de uma instituição de ensino confessional católica	UNISINOS	2004	Dissertação
SOUZA, Marilsa Aparecida Alberto Assis.	O grupo escolar Minas Gerais e a Educação Pública primária em Uberaba (MG) entre 1927 e 1962	UFU	2012	Dissertação

FONTE: A Autora (2014)

Na identidade, quem sabe, alguma aproximação com SOUZA (2011) e DALPIAZ (2005), pelo fato das pesquisas abordarem instituições de ensino. Posteriormente, em consulta ao banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a partir dos seguintes descritores: Alfabetização Matemática; Letramento Matemático; Matemática nos anos iniciais; grupos escolares; histórias das instituições escolares; instituição/instituições escolar/escolares; colégio confessional; escolarização; narrativas de memórias; Congregação; e memórias de ex-alunos, 9 pesquisas contribuíram para o desenvolvimento do projeto.

Foram leituras iniciais e esclarecedoras, as quais me possibilitaram embasamento. Os resumos das teses e dissertações consultadas encontram-se nos anexos e foram redigidos, a partir dos resumos dos autores. O quadro na página a seguir elenca as pesquisas, que foram organizadas da mais atual para a mais antiga:

⁶ UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos; UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul; USP - Universidade de São Paulo; UFU - Universidade Federal de Uberlândia.

Quadro 6: Banco de Teses e Dissertações da CAPES⁷

Pesquisador	Instituição	Título	Ano	Palavra-chave	Pesquisa
FRANCESCHI, Marcello Teixeira.	USF	Grupo Escolar José Guilherme: Uma história em três atos – Bragança (1910- 1944)	2013	Grupo Escolar	Dissertação
PELLATIERI, Mariana	USF	Letramentos matemáticos escolares nos anos iniciais do ensino fundamental	2013	Alfabetização matemática	Dissertação
NOGUEIRA, Adálcia Canedo da Silva	UEL	Marcos possíveis para reconstituir a história da instituição escolar Júlia de Souza Wanderlei: a primeira escola de formação de professores de Cornélio Procópio - PR (1953-1967)	2012	História das instituições escolares	Dissertação
JESUS, Andrea Reis de.	UFBA	Colégio Estadual da Polícia Militar da Bahia primeiros tempos: formando brasileiros e soldados (1957-1972)	2011	Instituições Escolares	Dissertação
SALGADO, Isabela Cristina.	UNICAMP	A Educação Católica da Elite Campineira na Primeira República: O Colégio Sagrado Coração de Jesus (1909-1930)	2011	Colégio Confessional	Dissertação
SANTOS, Alessandra de Sousa dos Santos.	UNICAMP	Um dia belo, no outro esquecido: a história do Grupo Escolar Coronel Flamínio Ferreira – Limeira: (1901-1930)	2011	Instituição Escolar	Dissertação
FONTINELES, Flávia de Souza	UnB	Páginas na memória: livros didáticos e narrativas de experiências escolares no Brasil (1937-1956)	2010	Narrativas de memórias	Dissertação
CARDOSO FILHO, Roni	UFPR	São José, o Colégio de Castro. 1904-1994.	2009	Congregação	Tese
SARDAGNA, Helena Venites.	UNISINOS	As comemorações do sete de setembro no período de 1930-1945: constituindo sujeitos na trama discursiva de uma instituição de ensino confessional católica	2004	Colégio Confessional	Dissertação

Fonte: A Autora (2014)

⁷ USF - Universidade São Francisco; UEL - Universidade Estadual de Londrina; UFBA - Universidade Federal da Bahia; UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas; UnB – Universidade de Brasília.

No dia 17/01/14, por meio de postagem em rede social, fiz uma solicitação aos amigos virtuais sobre o fornecimento de fontes narrativas, tais como fotografias, boletins, cadernos e/ou quaisquer materiais que remetessem ao universo escolar das instituições dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família e que pudessem dialogar com a pesquisa. Muitas pessoas se manifestaram colocando-se disponíveis: ex-alunos, alunos e conhecidos dos mesmos. Alguns cadernos e fotos foram entregues ou encaminhados através de endereço eletrônico, para o levantamento do acervo.

A História Oral pela vertente temática foi utilizada como metodologia de pesquisa, pois possibilita o vínculo entre as fontes orais e as fontes escritas. Autores como Thompson (1998), Vianna (2000), Amado; Ferreira (2001), Meihy (2002), Alberti (2005), Bosi (2010), Portelli (2010), Souza (2011), Oliveira (2013), e Garnica (2014), nortearam as discussões.

Inicialmente estruturou-se um grupo de estudos, juntamente com os colegas Iloine Hartmann, Lizmari Greca e Manuel Mindiate, a fim de que pudéssemos debater textos e aprofundar leituras, entretanto a agenda não possibilitou mais do que 3 encontros. A maior preocupação era com o estudo sobre a metodologia e cada integrante do grupo seguiu seu caminho, por conta dos interesses de pesquisa.

Algumas leituras foram sugeridas pelo Orientador Professor Doutor Carlos Vianna e pelo Professor Doutor Emerson Rolkouski, durante as disciplinas “Seminários de Pesquisa I” e “História da Educação Matemática no Brasil”, como também, a elaboração de resumos de obras e leitura de Teses e Dissertações. Algumas elucidações e a certeza de “o que faz a história oral diferente” (PORTELLI, 1997). A organização e planejamento da entrevista, o cuidado com o depoente e o acervo da fonte, tornam-na muito mais do que uma entrevista.

Primeiramente, essa pesquisa seria composta por 8 entrevistados, tendo como critério, um depoente para cada década, conforme delimitação temporal estabelecida. Quando do nascimento da ideia da pesquisa, em pleno devaneio, 4 narradores automaticamente foram pré-selecionados. À medida que as aulas de Seminários de Pesquisa I avançavam e por meio das conversas com o Orientador Professor Carlos, o número de depoentes foi se ampliando para 10 colaboradores. Logo, no calor da pesquisa, o meu desejo era ampliar a rede para 14 depoentes. No início do 2º semestre de 2014, após muitos diálogos com o Orientador, o retorno para a ideia inicial da pesquisa, com 8 depoentes, pois sabia que não daria conta da pesquisa.

Em conversas com possíveis colaboradores, e o “critério de rede: depoentes indicam depoentes” (GARNICA, 2003), porém as indicações não seriam possíveis, porque se distanciavam da ideia da pesquisa. Logo, esse critério não funcionou. As narrativas seriam dos alunos que frequentaram as instituições dirigidas pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, ao longo do tempo, e não de professores que lecionaram nessas escolas “- e que do choque dessas palavras e dessas vidas nascesse para nós, ainda, um certo efeito misto de beleza e de terror” (FOUCAULT, 2003, p. 205). Eram as vozes dos alunos que gostaria de ouvir. Para a seleção dos depoentes, estabeleci 3 critérios essenciais, conforme relevância, *de acordo com o texto de Foucault “A vida dos homens infames”, 2003, p. 203 - 222:*

1. “É uma antologia de existências... Vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos” (*ibid*, p. 203). *O depoente precisaria ter estudado em uma das instituições dirigidas pela Congregação ao longo do tempo, durante os anos iniciais de escolarização: Colégio Santa Terezinha, Instituto Santa Terezinha, Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, Colégio Estadual Sagrada Família e Escola Municipal Anchieta;*

2. “Quis também que essas personagens fossem elas próprias obscuras; [...] que pertencessem a esses milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro... Essas vidas, por que não ir escutá-las lá onde, por elas próprias, elas falam?” (*ibid*, p. 206). *O depoente não seria famoso, e sim uma pessoa comum, desconhecida ou pouco conhecida;*

3. “Esses discursos realmente atravessaram vidas; essas existências foram efetivamente riscadas e perdidas nessas palavras” (*ibid*). *O depoente precisaria ter disponibilidade de tempo para colaborar com a pesquisa, lembrar e querer falar sobre o tema.*

Há pessoas que seriam muito bem-vindas na composição do corpo de narrativas, todavia, sabe-se que não seria possível por conta de não se sentirem confortáveis com a gravação, da disponibilidade de tempo, da dificuldade de contato e das poucas lembranças sobre a Alfabetização Matemática. Os depoentes narraram o ensino de Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental ao longo do tempo, conforme o quadro:

Quadro 7: A seleção dos Depoentes

Depoente	INSTITUIÇÃO EM QUE ESTUDOU	DÉCADAS
Albino Augusto	Colégio Santa Terezinha	1920 - 1930
Zita Yolanda Netzel,	Instituto Santa Terezinha	1940 - 1950
Alberto Bianco	Escola de Aplicação Padre José de Anchieta	1960 - 1970
Mônica Dalponte	Colégio Estadual Sagrada Família	1970 - 1980
Michele Laís Fracaro Iarek	Escola Municipal Anchieta	1990 - 2000

Fonte: A Autora (2014)

A escolha de Albino e Zita, como depoentes surgiu junto com o nascimento da ideia de pesquisa, no momento que compus a imagem do projeto, eles faziam parte. E haviam estudado em momentos diferentes, em escolas diferentes. Alberto havia me indicado uma depoente, todavia, por meio de uma conversa, percebi que poderia ajudar muito, pois havia estudado na escola que buscava um colaborador. Michele foi por meio de rede social, disponibilizou-se a lembrar a última das escolas estudadas. Mônica foi a última depoente a fazer parte do grupo, em uma conversa espontânea observei que era ela a pessoa que buscava para lembrar da escola que também estudei.

Foram realizadas 2 entrevistas: a 1ª, através de fichas (Vianna, 2000), com descritores ou palavras-chave, conforme as orientações do Professor Carlos, as quais buscaram, por se tratar da História Oral (temática) o ensino de Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental, isto é, a Alfabetização Matemática. Essas palavras estavam em conformidade com a época em que os narradores frequentaram as instituições, tomando como base o primeiro depoente. As fichas foram impressas em papel sulfite A4, em fonte Arial 88 e 90, bastante legíveis, visto que dois dos depoentes são pessoas idosas. Desobedei a sequência linear das entrevistas: Albino, Michele, Zita, Mônica e Alberto. Optei por entrevistar Albino e na sequência Michele, porque estava receosa com as poucas lembranças de Albino na 1ª entrevista e temia que ocorresse o mesmo com os demais depoentes.

A 2ª entrevista se deu através de questionário, com perguntas dirigidas, imagens e também objetos, a fim de complementar os relatos da 1ª entrevista. Embora se trate da História Oral pela vertente temática, acrescentei aspectos relevantes da vida dos depoentes, tais como infância, família e formação profissional, pois se tratam de pessoas desconhecidas ou pouco conhecidas no município de Campo Largo. Entrevistei-os conforme a disponibilidade de tempo: Albino, Michele, Mônica, Zita e Alberto. E houve uma 3ª entrevista com Albino.

O prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada família, que abrigou 4 das instituições estudadas, localiza-se na área central do município de Campo Largo, que tem suas origens a partir do ciclo do ouro no Paraná e pelo desenvolvimento da pecuária, em meados do século XVI, como pouso dos tropeiros que vinham de Viamão, no Rio Grande do Sul e seguiam até Sorocaba em São Paulo. Em 1819, o Capitão João Antônio da Costa doou parte de sua propriedade para a colonização, que posteriormente seria influenciada pelos italianos e poloneses. Oficialmente o município de Campo Largo foi desmembrado de Curitiba na data de 23 de fevereiro de 1871. A figura abaixo representa a localização do município de Campo Largo, na região metropolitana de Curitiba, a sudeste no estado do Paraná.

Figura 1: Campo Largo no estado do Paraná



Fonte: A Autora (2014)

Durante as aulas da disciplina “História da Educação Matemática no Brasil”, o Professor Carlos me encorajou para que fosse organizada a primeira entrevista - uma entrevista experimental. Para tanto, providenciei um gravador digital modelo *ICD – PX333* da marca Sony. No dia 08/04 elaborei as palavras-chave e as cartas de apresentação e cessão.

Encaminhei-as por e-mail ao Orientador Professor Carlos. No dia 13/04/14, o Professor Carlos retornou o *e-mail* com algumas considerações sobre as palavras-chave. Sugeri que realizasse a leitura das pesquisas de Alexandra de Oliveira Abdala Cousin (2007), Leoni Malinoski Fillos (2008), Alex Oleandro Gonçalves (2010) e Silvana Matucheski (2011), que foram seus orientandos. A tese de Alexandra e as dissertações de Alex, Leoni e Silvana trouxeram-me contribuições⁸.

⁸ COUSIN, Alexandra de Oliveira Abdala. A Sociedade Paranaense de Matemática sob um olhar da Educação Matemática. Curitiba: UFPR. 2007. (Tese de Doutorado) 318 f.

FILLOS, Leoni Malinoski. A Educação Matemática em Irati (PR): Memórias e História. Curitiba: UFPR. 2007. (Dissertação de Mestrado) 228 f.

Resolvi organizar um diário de campo, posteriormente às entrevistas, de acordo com Dalpiaz (2005), o qual auxiliou muito na descrição da metodologia utilizada com cada entrevistado, bem como muitas observações feitas durante as entrevistas, tais como o comportamento dos depoentes frente ao gravador, a seleção das fichas e o lembrar o passado. O diário de campo encontra-se dentro de um quadro e com fonte em itálico, pois o mesmo retrata as minhas impressões. As entrevistas aconteceram respectivamente nas datas, locais e duração, conforme o quadro apresentado:

Quadro 8: Agenda das entrevistas

Depoente	1ª Entrevista	2ª Entrevista	3ª Entrevista
Albino Augusto	16/04/14 Residência do entrevistado 27'16	30/05/14 Residência do entrevistado 39'12	12/11/14 Residência do entrevistado 7'30
Zita Yolanda Netzel	10/09/14 Residência da entrevistada 76'15	13/11/14 Residência da entrevistada 13'18	-
Alberto Bianco	29/09/14 Biblioteca Pública Municipal "Dr. José Antonio Puppi" 43'56	19/11/14 Biblioteca Pública Municipal "Dr. José Antonio Puppi" 6'03	-
Mônica Dalponte	19/09/14 Centro Administrativo Municipal "João Bassani Sobrinho" 69'23	04/11/14 Escola Municipal Anchieta 4'09	-
Michele Laís Fracaro Iarek	25/08/14 Residência da entrevistada 92'49	15/10/14 Residência da entrevistadora 28'49	-

Fonte: A Autora (2014)

Para cada depoente foi organizada a descrição da metodologia que se encontra de forma detalhada, após o histórico de cada instituição e antes da narrativa, na parte II desse trabalho. Expliquei a cada entrevistado os procedimentos da entrevista, tais como a utilização de fichas com descritores, o processo de transcrição e textualização, possível

GONÇALVES, Alex Oleandro. Algoritmos [manuscrito]: uma perspectiva de professores de quarta e quinta série do ensino fundamental. UFPR. 2010. (Dissertação de Mestrado) 294 f.

MATUCHESKI, Silvana. Elaboração das propostas curriculares de matemática do ensino de 1º grau (5ª a 8ª série) do Estado do Paraná na década de 1970. UFPR. 2011. (Dissertação de Mestrado) 181 f.

agendamento de outra entrevista, carta de apresentação e cessão para publicação da fonte, que deveria ser lida atentamente, assim como o preenchimento da ficha cadastral do depoente. Para cada depoente, durante a 1ª entrevista, foi organizada uma ficha cadastral constando os dados pessoais através do documento de identidade, que também foi fotografado, endereço residencial e eletrônico, telefones para contato e foto do colaborador da pesquisa.

O processo de transcrição foi pautado nas normas adotadas por Preti (2003), como técnica eficiente, a partir de um quadro apresentado na p. 15 de sua obra “Interação na fala e na escrita”, assim, o leitor ao consultar os anexos melhor compreenderá o processo da entrevista transcrita, conforme se propõe no quadro:

Quadro 9: Normas para transcrição

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	()
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/-..
Entonação enfática	Maiúscula
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do descritor	((minúscula))

Fonte: A Autora (2014)

Para o exercício de transcrição, baixei o programa “*Express Scrib*” para facilitar o processo. Porém, não houve adaptação. Transcrevi as entrevistas, ouvindo-as, pausando-as e digitando-as. Foi um processo moroso. No entanto, o exercício foi um ótimo treino. A cada 5 minutos da duração da entrevista, a linha do texto foi destacada, na cor vermelha, como marcação temporal.

Após o processo de transcrição, houve a textualização das entrevistas, o momento em que o material bruto foi lapidado, e a fonte oral deu vez à narrativa. Esse refinamento exigiu um trabalho delicado, a fim de garantir o tom vital da entrevista e dar voz ao depoente.

Cada textualização de entrevista levou uma média de 6 a 8 horas de trabalho e posteriormente foi lida, validada e autorizada pelo depoente através de carta de cessão. A versão textualizada encontra-se com fonte em cores diferenciadas, a fim de mensurar as lembranças sobre o tema estudado.

Optei por apresentar as informações sobre a vida do depoente em fonte **preta**, as lembranças da escola em **azul**, as recordações sobre a Matemática em **vermelha**. Essa legenda foi utilizada para um momento de orientação com o Professor Carlos, no dia 07/10/14, entretanto, meu Orientador sugeriu que a mesma permanecesse no corpo da dissertação.

Percebi que as marcações, com cores diferenciadas, mais precisamente referentes às lembranças sobre a Matemática, na cor vermelha, possibilitavam um filtro de 10 categorias para análise: cálculos, ideia de repartir (frações), geometria, matemática para a vida, materiais manipuláveis, sistema de medidas, sistema de numeração, situações-problema, tabuada e tarefas de casa. As categorias contemplavam práticas, eixos e conteúdos matemáticos e permitiram a análise a partir de uma leitura horizontal das narrativas, cuja proposta se encontra na parte III. Elaborei um quadro que permitiu o mapeamento das lembranças dos depoentes.

Essas categorias não contemplam todos os eixos e conteúdos matemáticos, somente aqueles que foram relevantes, durante as entrevistas, como é o caso do eixo “Tratamento da informação”. Esse eixo não constava em nenhum dos descritores das fichas, tampouco nas perguntas dos questionários, porque lembro que o mesmo passou a integrar a Matriz Curricular do município, a partir de 2001.

No dia 30/09/14, em uma visita às dependências do prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, solicitei à Irmã Lúcia Staron, Diretora do Colégio Estadual Sagrada Família, o consentimento para pesquisa de campo na biblioteca e na utilização do espaço para a realização de parte das entrevistas, utilizando do mesmo como evocador de lembranças. Estive anteriormente à procura da Irmã Lúcia, nas dependências do prédio, contudo, ela se encontrava em viagem à Polônia. Nesse momento, houve uma conversa sobre aspectos divergentes acerca do histórico das instituições instaladas no prédio das Irmãs, após sua chegada a Campo Largo. A Irmã Lúcia sugeriu uma conversa com a Madre Fabíola, para a certificação dos fatos através das crônicas em polonês. Entretanto, não foi intuito dessa pesquisa um estudo detalhado sobre os aspectos históricos do prédio das Irmãs.

No dia 11/11/14 entreguei a carta de concessão de pesquisa de campo para a diretora da Escola Municipal Anchieta, Irmã Dolores. Nessa data fiz o convite para que Irmã Dolores lesse as narrativas, para que posteriormente concedesse uma entrevista e pontuasse os aspectos do currículo de Matemática, ao longo do tempo, a partir das entrevistas textualizadas, e dissertasse sobre a sua impressão com base na leitura realizada. No dia 13/11/14, a diretora do Colégio Estadual Sagrada Família, Irmã Lúcia recebeu a carta de concessão, a fim de formalizar a pesquisa. Aproveitei o momento para uma busca na legislação arquivada na secretaria do estabelecimento. A secretária do Colégio Estadual Sagrada Família, Marlene Buwoi Lucif, gentilmente fotocopiou os documentos na biblioteca escolar. No dia 02/12/14, entreguei uma cópia das narrativas para que Irmã Dolores pudesse apreciar.

Até o final do mês de setembro/14 foi realizada uma entrevista com, pelo menos, um aluno de cada instituição de ensino dirigida pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família, e até o final de novembro a 2ª entrevista e assinatura da carta de concessão. Esse mapeamento desencadeou o desenho da dissertação, fato que muito me agradou, despertando interrogações sobre a necessidade de entrevistas com outros depoentes, visto que enfrentei certa dificuldade para encontrar depoentes para a década de 50.

Algumas palavras que se encontram nas notas de rodapé foram constituídas a partir de dicionários e trabalhos acadêmicos. Outras através de conversas com os depoentes por telefone ou no momento da entrevista. Contextualizo ao leitor, em linhas gerais a temática dessa dissertação, a Alfabetização Matemática.

A Matemática é uma prática social e estar alfabetizado nessa ciência, seria articulá-la nas situações cotidianas. Para tanto, o ensino de Matemática deve considerar os saberes trazidos pelas crianças antes de sua inserção na escola. Entretanto, os conceitos matemáticos precisam ser articulados a esses saberes e sistematizados de maneira formal, no âmbito da instituição escolar, por se tratar de um fenômeno. Reduzir a Matemática ao ensino meramente formal de conteúdos é desconsiderá-la como ciência. O seu ensino precisa priorizar o pensamento mediativo, pois muitas vezes os professores relatam que a criança não sabe pensar. O foco da pesquisa abrange o ensino de Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, que recentemente, vem sendo denominado como Alfabetização Matemática.

A imagem⁹ apresentada a seguir retrata a Matemática escolar no cotidiano de uma classe de alfabetização. Os alunos da 1ª série D, de 1997, da Escola Municipal Anchieta realizam situações de contagem e agrupamentos utilizando o Material Dourado¹⁰, como se pode observar:

Figura 2: Alfabetização Matemática



Fonte: Acervo da Autora

Essa cena permite que se possa visualizar uma situação lúdica, através da manipulação de material concreto e dos mecanismos de construção do sistema de numeração decimal. O contexto apresentado é muito distinto de uma atividade mecânica e reprodutiva, pois a criança ao interagir com o objeto consegue inferir e levantar hipóteses sobre o assunto proposto e pensar a matemática.

O retrato a seguir ilustra uma situação envolvendo a mesma turma da figura 4, que após trabalhar os conteúdos do currículo referentes às medidas arbitrárias e convencionais, vivencia no âmbito da sala de aula uma prática social, através da realização de uma receita culinária, pois a Matemática pode ser uma linguagem e uma atividade humana. O pensamento matemático abrange muitos conceitos e inferências que

⁹ Utiliza-se a metodologia da História Oral pela vertente temática, pois articula documentos e imagens. Não é propósito da pesquisa uma discussão aprofundada sobre imagens, mas o leitor curioso poderá consultar o artigo “Xis: olha a foto! Retratos da escola em gestos, poses e momentos”, anexo E, de minha autoria, o qual traz nas referências leituras pertinentes, tais como Aumont, Bencostta, Burke, Joly, Kossoy, Lima e Carvalho e Souza.

¹⁰ O material dourado é um dos materiais que foram criados por Maria Montessori. Este material baseia-se nas regras do sistema de numeração, inclusive para o trabalho com múltiplos. Confeccionado em madeira, é composto por cubos, placas, barras e cubinhos. O cubo é formado por dez placas, a placa por dez barras e a barra por dez cubinhos. Silveira, J.A. Ensino em Re-vista 6,(1): p. 47, jul./ 97-jun./98.

subsidiarão as demais áreas do conhecimento, funcionais nas práticas sociais, ou seja, pensar Matemática nos contextos diários de usos.

Figura 3: Função social da Matemática



Fonte: Acervo da Autora

Apontei a você leitor, o caminho percorrido para a realização das entrevistas, as leituras, o planejamento e a organização das entrevistas, a seleção dos entrevistados, o agendamento das entrevistas, os recursos utilizados, o processo de transcrição e textualização. Também propus a apreciação de imagens, a fim de que se sentisse familiarizado com a temática estudada.

Não posso deixar de citar Bosi “A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que escutam” (BOSI, 2010, p. 85). Sem as narrativas de meus depoentes, não conseguiria retratar os momentos únicos que foram vividos e partilhados com você leitor.

ANEXO C



Anna Carolina Galhart

17 de janeiro

Queridos

colegas!

Estou precisando muito da ajuda de todos!
 Quem estudou no Colégio Estadual Sagrada Família – CESF ou Escola Municipal Anchieta – EMA, e tiver guardado cadernos (principalmente de Matemática), boletim, atividade avaliativa (muito melhor se for de Matemática), fotografias e/ou qualquer outro registro dos anos iniciais do ensino fundamental (pré, jardim III, 1ª, 2ª série, 1º, 2ºano) e puder me emprestar (prometo cuidar), será de suma importância para a minha pesquisa de Mestrado, cuja linha de pesquisa é a Alfabetização Matemática. Agradeço imensamente.
 Pretendo realizar uma pesquisa sublime! Ajudem-me! Obrigada!
 Beijosssssssssss a todos.

Zora Assis Bahr, Luciana Silva, Melissa Portes e outras 42 pessoas curtiram isso.



Avila Garrett vou procurar alguma coisa, bjus
 17 de janeiro às 19:06 · [Descurtir](#) · 1



Anna Carolina Galhart Obrigada amigaaaaaaa, ajude-me! Bjssssssssss
 17 de janeiro às 19:06 · [Curtir](#)



Patrícia Marques Machado Gonçalves Eu tenho cadernos do meu filho q estava no Pré o ano passado, se quiser te empresto cm todo prazer...
 17 de janeiro às 19:19 · [Descurtir](#) · 1



Anna Carolina Galhart Obrigada minha querida, em meados de março vou te incomodar. Muito obrigada.
 Bjssssssssss
 17 de janeiro às 19:20 · [Curtir](#) · 1



Tania Mara Eu ainda tenho alguns do Mateus, acredita??? Estes também servem?
 17 de janeiro às 19:42 · [Editado](#) · [Descurtir](#) · 1



Simone Milliorin E eu ainda tenho os meus de quarta série! Tenho que procurar, mas acredito que também tenho os boletins! Na semana que vem faço uma garimpagem aqui em casa.
 17 de janeiro às 19:44 · [Descurtir](#) · 1

Anna Carolina Galhart Ebaaaaaaaaaaaaa valeu pedir ajuda! **Tania Mara**, o **Mateus Renan Dubiela** foi meu aluno dois anos e muito me interessa e **Simone Milliorin** se puder garimpar será fantástico e aceito os cadernos que tiver. Obrigada amigassssssssssssssssssss

17 de janeiro às 19:47 · [Curtir](#) · 1



Bernadete M Augusto Desde que ano **Anna Carolina Galhart**?

17 de janeiro às 20:08 · [Descurtir](#) · 1



Anna Carolina Galhart Quanto mais antigo melhor! Desde 1930 até 2014.

17 de janeiro às 20:09 · [Curtir](#)



Bernadete M Augusto Acho que tenho foto de algumas turmas... Pode ser?

17 de janeiro às 20:09 · [Descurtir](#) · 1



Anna Carolina Galhart Adoooooooooooooooooooooooooooo

17 de janeiro às 20:10 · [Curtir](#)



Francine Carlesso Weber Prima acho que a mãe tem guardado...

17 de janeiro às 21:00 · [Descurtir](#) · 1



Renato Vanessa também vou ver se tenho alguma coisa guardada...

17 de janeiro às 22:22 · [Descurtir](#) · 1



Jéssica Tokarski Anna, encontrei 5 boletins meus. Fora as fotos.

18 de janeiro às 06:56 · [Descurtir](#) · 1



Viviane Bagio **Michele Fracaro Iarek** e **Tânia Carla Ageo** Tânia.... vcs tem ou sabem quem tenha?

18 de janeiro às 08:50 · [Descurtir](#) · 1



Juliana Oliveira Até quando profe? Tenho todos desde a 1 serie

18 de janeiro às 10:08 · [Descurtir](#) · 1



Marília Cecato **Anna Carolina Galhart**, na área de Matemática, quem diria... Tenho alguma coisa das ças. Vou tentar encontrar. Beijo

18 de janeiro às 10:52 · [Descurtir](#) · 1



Michele Fracaro Iarek Vou dar uma olhada, se eu achar te mando **Anna Carolina Galhart**! Você foi minha profe querida em 3 anos (muito orgulho em ter sido tua aluna). Ah, soube que você vai ser minha vizinha aqui no condomínio! Qualquer coisa que precise, me dá um toque. Beijo

18 de janeiro às 11:21 · [Curtir](#) · 1



Viviane Bagio Que tal só Anna... morar pertinho da Michele!!! Vc vai conseguir muito material com certeza!!!

18 de janeiro às 12:01 · [Descurtir](#) · 1



Anna Carolina Galhart Obrigada pessoas lindas! Podem procurar com calma até a metade do ano, se possível [Juliana Oliveira](#) e [Michele Fracaro Iarek](#) se vcs acharem algo será es-pe-ta-cu-lar! Obrigada a todos! [Marília Cecato](#) quem diria a Matemática, sim, amiga, estou truper feliz! [Francine Carlesso Weber](#) vou ligar pra sua mãe! Tatiane Silva linda se puder procurar, pode ser do Rafa tb. [Renato Vanessa](#) se vc tiver um tempinho de verificar será maravilhoso! [Jéssica Tokarski](#) minha flor de formosura, quero todos os teus boletins, obrigada minha linda! Viviane Zampier querida amiga e em breve minha vizinha, agradeço imensamente. [Viviane Bagio](#), nem tive tempo de te contar, mas comprei um ap perto da Michele Fracaro Iarek, vc vai almoçar lá em casa Vivi! Michele faço minhas as suas palavras, foi um prazer passar 3 anos com vc sua linda! Obrigada mais uma vez a todos. Bjsssssssssssssssss

18 de janeiro às 19:34 · [Curtir](#) · 3



Marcia Regina Gionedis É UM PRAZER IMENSO AJUDÁ-LA. TENHO FOTOS E MUITAS ATIVIDADES QUE IRÃO ENRIQUECER SUA PESQUISA! CONTE COMIGO! BJS

18 de janeiro às 21:45 · [Descurtir](#) · 1



Bethy Seguro Que cadernos vc quer Anna???. Acho que eu tenho dos meninos gurdados... Vou procurar

19 de janeiro às 08:43 · [Descurtir](#) · 1



Anna Carolina Galhart Obrigada querida [Marcia Regina Gionedis](#). [Bethy Seguro](#), de preferência de Matemática. Obrigada queridas.

19 de janeiro às 19:04 · [Curtir](#) · 1



Marilei Ferreira Dunetz eu tenho uma foto que tirei fazendo uma homenagem ao dia dos professores na 1ª série, a professora era a Zita, lembra dela? Se te servir eu empresto.

19 de janeiro às 20:55 · [Descurtir](#) · 1



Ettiène Guérios Boa sorte com sua pesquisa. Abraço.

20 de janeiro às 08:54 · [Descurtir](#) · 1



Anna Carolina Galhart [Marilei Ferreira Dunetz](#), eu iria entrar em contato com a Tia Zita (que é a irmã do meu avô) para perguntar se ela teria alguma foto. Vc simplesmente leu meus pensamentos, é claro que eu queroo e queroo muito! Esta tua foto é de 79. Como vc me fez feliz hj amiga. Obrigada! Em meados de março irei te procurar. Bjssssss querida!

20 de janeiro às 11:10 · [Curtir](#)



Anna Carolina Galhart Obrigada querida [Ettiène Guérios](#). Empenhar-me-ei imensamente em minha pesquisa. Um bj carinhoso!

20 de janeiro às 11:11 · [Curtir](#)



Jair Sônia Dissenha Você é guerreira. "Será mamão com açúcar". Sucesso e beijos.

20 de janeiro às 13:01 · [Descurtir](#) · 1



Anna Carolina Galhart Obrigada belíssima amiga [Jair Sônia Dissenha](#). Será um grande desafio! Saudades de vc. Bjsssssssssss

20 de janeiro às 13:08 · [Curtir](#)



[Reni Stocco](#) ah, ah, tentando mudar de área? Tô gostando de ver, pra quem não queria mais estudar, descobriu...

20 de janeiro às 14:53 · [Descurtir](#) · 1



[Anna Carolina Galhart](#) kkkkkkkkkkkkkkkkkkk vc viu amiga? Gamei e me entreguei aos encantos de outra área. É bom ser descoladinha, kkk.

20 de janeiro às 14:54 · [Curtir](#) · 1



[Reni Stocco](#) com certeza, o novo sempre atrai, eu adoro desafios. sucesso

20 de janeiro às 14:56 · [Descurtir](#) · 1



[Anna Carolina Galhart](#) Obrigada minha grande amiga [Reni Stocco](#), saudades de vc. Bjs

20 de janeiro às 14:57 · [Curtir](#) · 1



[Tayane Pascutti](#) Oi Anna! Eu tenho sim! Passe amanhã no RH que eu te entrego! É de 1995, Pré III!
Bjos

20 de janeiro às 18:56 · [Descurtir](#) · 1



[Anna Carolina Galhart](#) Oi minha flor de formosura! Pode ser no dia 03/02? É que estou em férias, se for possível. E antecipadamente te agradeço, pois será de muita valia minha querida. Bjs

20 de janeiro às 18:58 · [Curtir](#)



[Ocsana Sônia Danyluk Danyluk](#) Não guardei nada mas, se tiver alguém meu conhecido que tenha te informarei. Bj

20 de janeiro às 21:46 · [Descurtir](#) · 1



ANEXO D

ANEXO E

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caro (a) Sr (a).

Eu, Anna Carolina Galhart, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná, tenho desenvolvido, em meu trabalho de mestrado, um estudo que apresenta como tema a alfabetização matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Considerando relevante sua experiência como aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma das escolas instaladas no prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, espero contar com seu apoio para abordar a questão apresentada em minha pesquisa. Por esta razão, gostaria que me concedesse uma entrevista, na qual pudéssemos tratar e discutir o referido tema.

Temos a intenção de que a entrevista nos permita traçar um esboço sobre o ensino de matemática nos anos iniciais do ensino fundamental – a alfabetização matemática, nas escolas instaladas no prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, cujo marco temporal compreende 1930 a 2000.

A entrevista será gravada em áudio e o procedimento metodológico adotado com as gravações será o da História Oral: transcrição do que foi dito, posteriormente uma edição do que foi dito, visando a tornar o texto uma narrativa sem vícios de linguagem e em ordem cronológica e, a assinatura de um documento de cessão de direitos do documento escrito o qual representa a entrevista concedida. Quanto à identificação do entrevistado no corpo na dissertação, esta será nominal.

Na certeza de que sua contribuição poderá se refletir na construção de compreensões que poderão contribuir de forma significativa no entendimento sobre a alfabetização matemática, agradeço-lhe antecipadamente.

Atenciosamente,

Anna Carolina Galhart

Carlos Roberto Vianna (orientador)

ANEXO F

Curitiba, 11 de novembro de 2014.

CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE PESQUISA DE CAMPO

Prezada Senhora Diretora Daicy Bertoli– Irmã Dolores:

Eu Anna Carolina Galhart, brasileira, portadora do RG 4909647-0 e do CPF-871941479-04, residente à Rua Euclides de Andrade, 664, Residencial Campo Largo, Campo Largo- PR, fones (41)91879918, (41) 31400084, formada em Letras Português Espanhol pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras FACEL-PR, Pedagogia pela Faculdade São Braz – PR, especialista em Interdisciplinaridade na Escola e Literatura Brasileira e Construção do Texto, professora da rede Municipal de Campo Largo, e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, (PPGECM) na linha de pesquisa Educação Matemática, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), solicita a concessão para realização de pesquisa de campo necessária para o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado até o presente momento de: Retratos da Matemática Escolar, nas Vozes dos Alunos do Prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, bem como para a realização de entrevistas no espaço do prédio.

A presente pesquisa tem como objetivo constituir fontes narrativas sobre a Alfabetização Matemática, a partir de depoimentos dos alunos que estudaram nas escolas instaladas no prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, compreendendo o marco temporal 1930 a 2000.

Nesse sentido, o presente estudo encontra na História Oral um horizonte possível de realização, uma vez que a proposta intenciona a dar voz às narrativas de alunos. Ficamos no aguardo da respectiva autorização para dar início à mesma.


ESCOLA MUNICIPAL ANCHIETA
Educação Infantil e Ensino Fundamental
AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO
RES. Nº 3307/91 DOE 24/10/91
RUA XV DE NOVEMBRO, 1775 - CEP 83601-030
FONE(41) 3292 - 6436-CAMPO LARGO-PR

Atenciosamente,



Anna Carolina Galhart

Curitiba, 13 de novembro de 2014.

CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE PESQUISA DE CAMPO

Prezada Senhora Diretora Lúcia Staron – Irmã Lúcia:

Eu Anna Carolina Galhart, brasileira, portadora do RG 4909647-0 e do CPF-871941479-04, residente à Rua Euclides de Andrade, 664, Residencial Campo Largo, Campo Largo- PR, fones (41)91879918, (41) 31400084, formada em Letras Português Espanhol pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras FACEL-PR, Pedagogia pela Faculdade São Braz – PR, especialista em Interdisciplinaridade na Escola e Literatura Brasileira e Construção do Texto, professora da rede Municipal de Campo Largo, e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, (PPGECM) na linha de pesquisa Educação Matemática, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), solicita a concessão para realização de pesquisa de campo necessária para o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado até o presente momento de: Retratos da Matemática Escolar, nas Vozes dos Alunos do Prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família – Campo Largo - PR, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, bem como para a realização de entrevistas no espaço do prédio.

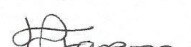
A presente pesquisa tem como objetivo constituir fontes narrativas sobre a Alfabetização Matemática, a partir de depoimentos dos alunos que estudaram nas escolas instaladas no prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, compreendendo o marco temporal 1930 a 2000.

Nesse sentido, o presente estudo encontra na História Oral um horizonte possível de realização, uma vez que a proposta intenciona a dar voz às narrativas de alunos. Ficamos no aguardo da respectiva autorização para dar início à mesma.

Atenciosamente,



Anna Carolina Galhart

Recebi dia 12/11/2014
Lucia Staron
Diretora - RG. n.º 3.948.094-3


ANEXO G



DIRETORIA GERAL DE EDUCAÇÃO

LICENÇA PARA FUNCIONAMENTO

O Diretor Geral de Educação, tendo em vista que o requerido no Protocolo sob nº 3126 de 27-4-38 preencheu as formalidades exigidas pelo Decreto N. 6149, de 10 de janeiro de 1938 para o funcionamento do COLEGIO SANTA TEREZINHA, municipio de CAMPO LARGO sob a direção do professor IRMÃ EVA NALEPA de nacionalidade Brasileira, resolve autorisar êsse educandario a funcionar, ficando na obrigação de cumprir as disposições legais.

Curitiba, 28 de junho de 1938.

Diretor Geral de Educação

Por despacho de 11 de agosto de 1942, exarado no protocolo n. 8089, de 8/8/42, passa a denominar-se " INSTITUTO SANTA TEREZINHA "-

Por despacho de 8 de novembro de 1952, exarado no protocolo n. 14279/5, passa a denominar-se " CURSO PRIMARIO ANEXO AO GINASIO SAGRADA FAMILIA "-

Por despachos exarados nos prot. 12836/50 - 12504/50 - 12642/50, foram arcaados os seguintes cursos: DACTILOGRAFIA - COZINHA E COSTURA E MÚSICA ELEMENTAR - JARDIM DA INFÂNCIA

Obs: — No caso de substituição de professor, o responsável pelo estabelecimento deve fazer a necessaria comunicação a esta Diretoria, juntando os documentos exigidos pelo Decreto 6149.

transferência do curso de Sotilografia em 21-11-50 protocolo 11326
curso de Matemática em 5-12-50
curso de corte e costura em 5-12-50

Registrado 43
Em 28.6.938
Alfredo Hauckert

TRANSFERENCIA

Concedo a transferencia da direção do INSTITUTO SANTA TEREZINHA, em Campo Largo, para a Irmã Celina (Clara Glass) Diretoria Geral da Educação, em 3 de novembro de 1944.

Alfredo Hauckert
Diretor Geral da Educação

Por despacho de 27-5-46, do Snr. Dr. Diretor Geral da Educação, exarado no protocolo 5727, de 20-5-46

Alfredo Hauckert
Diretor do Departamento

REGISTRE SE E ANOTE SE
Em 1-6-946

Alfredo Hauckert
Diretor Geral da Educação

Por despacho de 20-10-944, do Snr. Diretor Geral da Educação, exarado no Protocolo nº 2.469 de 14-2-944

Alfredo Hauckert
Diretor do Dep. da Educação

REGISTRE SE E ANOTE SE
Em 3-11-944

Alfredo Hauckert
Diretor Geral da Educação

NOTA
em 8 de Junho de 1946
Alfredo Hauckert

ANOTADO E REGISTRADO

Em 22-11-944

Alfredo Hauckert
Estatístico Chefe

TRANSFERENCIA

Concedo a transferencia da direção do INSTITUTO SANTA TEREZINHA, em Campo Largo, para a Irmã Crispina (Paulina Tubel) registrada nesta D.G.E. Diretoria Geral da Educação, em 1º de junho de 1946.

Alfredo Hauckert
Diretor Geral da Educação

ANEXO H
Albino Augusto

1ª Entrevista: 16/04/14

Duração: 27'16

Local: Residência do entrevistado

Albino Augusto... nascido em onze do onze de mil novecentos e vinte e dois... profissão... *hã*... comecei em 1935 fazendo asinhas de xícara pras moças colarem nas xícaras... primeiro emprego foi na Cerâmica Darci Portella e Companhia... em mil novecentos e trinta e cinco e as leis vieram em mil novecentos e trinta e sete...porque o Getúlio implantou no Brasil... estudei até o terceiro ano no primário Colégio Sagrada Família... o nome do pai? o meu pai é Francisco Augusto e Ana Falarz Augusto...irmãos, cinco irmãos... o nome também? ((pode falar)) ...é Alberto... Albino que sou eu... é João Augusto Sobrinho e Floriano e um falecido então... não posso falar... ((Pode falar)) Posso falar? ((pode falar também))...é... e um faleceu era pequenininho quando nasceu... infância brincadeira é? as brincadeiras eram:...jogar bola... bater trejo... perna de pau... bete e matar passarinho.... hoje os passarinhos ficam velhos não morre mais... a casa onde nós morávamos era Praça Polônia... e na frente da casa tinha uma grande lagoa... e criava peixe... secamos ela pra pegar os peixes pra fazer um campo de futebol... e aí passavam as carroças e não criava grama... aí fomos em cinco guris falar com o prefeito... mandou fazer uma valeta bem funda... fizemos...o polaco que veio da missa daí bateu com as roda na valeta e caiu nos cabeça e disse bastante pirole e nós saímos correndo pra não apanhar...bom.. brincadeira de criança era o seguinte... era mais bola... bicicleta de perna de pau...bicicleta de pau e... trejo e bete eu já falei *né?* e quase não tinha brincadeira não era como hoje que tem *né? hã*...computador e internet...essa coisa... brinquedo...brinquedo já falei... amigo de infância... esses amigos de infância a maioria tá tudo morto... deve ter uns três vivos só da minha época... bom divertimento quando criança eu já te falei... bicicleta quem queria tinha que alugar... presentão grande é que ninguém tinha bicicleta... eu fiz uma de perna de pau... de pau... tudo... de roda...de pau.... em mil novecentos e trinta... me lembro muito bem que plantaram as árvores na praça... as magnólias e o prefeito era Atílio de Almeida Barbosa... quem plantou...Francisco Chemin... o tio daquele que tem bar hoje...que

plantou as árvores... e era um pátio grande... as vacas dormiam lá... só um poste no meio... que eu vou te falar... as estradas eram tudo saibro... eu ia de bicicleta pra Curitiba... quantas vezes... Campo Largo em mil novecentos e trinta, pois é em mil novecentos e trinta que plantaram as árvores... naquele ano tavam mais ou menos na metade da construção... rebocaram uns pares de ano, as andorinhas faziam ninho nos buracos((risos))... prefeito agora sim... prefeito de Campo Largo na época era senhor Atílio... Atílio de Almeida Barbosa... naquela época... ele que mandou plantar as árvores... escola que estudei... Colégio Sagrada Família.. a-a minha professora Irmã Josefina.. muito brava ((risos))... a professora já falei Irmã Josefina... diretora Irmã Teresa... isso é tudo morto já... **Escola Santa Teresinha... ah.. isso não sei o que é isso não... ((é a escola que o v^o estudava))... ah... é o Sagrada Família... ((ahan))...** o espaço da escola... ah... o espaço da escola era umas salas de quatro por quatro... onde mora o padre hoje... o local... como che-ga-va à esco-la? o que vou dizer... responder? ah, como chegava? de a pé... morava na Rua Barão do Rio Branco lá na Praça Polônia... de a pesito... ((risos)) ia com o meu irmão mais velho à escola... Matemática? muito mal a matemática ia muito mal na minha época ((risos)) material escolar... era só as míninas tinha umas cestinha e tinha uma sacola.. tipo um bocó... dizia na época... coloca os apetrechos... não é que nem hoje... ((risos)) é caderno... lápis e pra carregar o bocó e as meninas com uma cestinha de taquara... tabuada tinha... tinha tabuada... ((mas e como era a tabuada?)) tabuada... ia pra lousa... punha tudo... não é que nem hoje... era tudo diferente... con – continhas... continha nós fazíamos e daí ela conferia no dia seguinte... fazia em casa... ((mas o v^o sabia fazer as continhas?)) ia bem na escola até... as aulas... as aulas era o seguinte... por qualquer coisinha... não tinha brincadeira não o negócio... lições de casa... o que era de origem polonesa ficava depois da aula... todos iam embora... ficavam aprendendo rezar.... ((em polonês...)) em polonês... o que aprendeu na escola? bom, aprendi bem até o terceiro ano... até... ((ahan... mas o que o v^o lembra que o v^o aprendeu?)) eu não tenho o que dizer... ((continha de dividir?)) é... o resto ia bem... mais de dividir ia mal... o que foi bom na escola... bom na escola foi bom que eu me lembro foi do piquenique... ((conta do piquenique então...)) ((risos)) não tem... era grama do lado de lá e soltaram nós lá e pronto... cada um levou... as- as comidas de casa... merenda... não existia merenda na escola ((risos))... era... recreio... eu não me lembro da hora do recreio... era nove ou dez horas... foi... ((mas e daí... o que vocês faziam?)) virava uns cambotes na grama

e pronto... ((descansavam?)) é... leitura... leitura? é... ((como é que vocês faziam leitura na escola?)) nem me lembro dessa mais... não... como é que era cópia? tinha... tinha... de copiar... eu tinha... castigo... ah... castigo ((risos))... agora engrossou a coisa... castigo era o seguinte... por qualquer coisinha... de joelho nas pedrinhas... no milho... e a freira não era de brincadeira... qualquer coisa... régua na paleta... Reguada mesmo... ((conta do sangue)) me saiu sangue do nariz... eu pedi licença pra ir no chafariz... *daí* ela não deixou... não pude abrir a porta pois uma mão cheia de sangue... não tive força de virar a fechadura porque era guri... me mandou voltar pra classe... pra... é... voltei... *daí* alagou... as duas mãos encheram de sangue... alagou... me deixou depois que todos foram embora... fiquei de castigo... pulei a janela e contei pra minha mãe... no dia seguinte não houve nada... não aconteceu nada... educação religiosa... de religião... os que eram de origem polonesa... ficavam pra aprender a rezar em polonês... eu sei um pouco... ((o vô lembra alguma?)) lembro... mas vai até uma altura só... uniforme não existia... então ia como podia... ((risos)) boletim... boletim não tinha também... ((risos)) tá... biblioteca... biblioteca não tinha também... ((risos)) não tinha biblioteca... bem, depois de muitos anos que apareceu isso... livro... quem... tinha que comprar o livro... ((mas a vó não podia comprar?)) meu pai era operário... *né? por – que - não continuou - os estudos? não continuei no estudo porque tinha que ajudar o pai e a mãe na roça naquela época...* na roça... ajudava... praça do Colégio... Praça do Colégio e era o chafariz... e na frente não tinha praça... na frente do colégio atual era um pátio onde os circos vinham se estabelecer... fazer as propagandas deles... ((e o vô ia no circo?)) *ahan...* Chafariz... Chafariz... é... naquela época era água... era pura... não era como hoje contaminada... era boa a água... sabe... sei que vi contar que Dom Pedro veio e bebeu água no chafariz... subiu pela Rua XV que era tudo capinzal roçando com facão.... PRONTO... vi contar... Igreja Matriz... Igreja Matriz eu me lembro quando... no meio das torres e o cabo de aço tava pra levar o reboque e os tijolos pra cima.... me lembro... Praça da Polônia... Praça da Polônia era uma lagoa... tinha uma placa na- na bodega da esquina escrito “Praça Polônia” só placa... a lagoa devia de ter cerca de uns cinco guris na época... secar e fazer um campo de futebol... TINHA... pegamos um balde de peixe porque tinha um olho lá... tanto... que nunca secava... fizemos campo e *daí* o colono passava pra Campina Cristina e não criava grama... fomos falar com Atílio Barbosa... uma valeta bem funda que eles não passam mais... fizemos... o polaco veio com a madame na- na carroça... quando as

rodas entraram na valeta... caiu no meio dos cavalos... nos cabeçalio ... e nós corremos... e daí quem é o culpado? o prefeito... o prefeito não mandou por aviso... era- era uma arapuça aquilo lá... Não tinha como... se... não sabia que tinha valeta lá... é... malandragem de menino... BOM... essa aqui tinha bastante... eu fiz uma bicicleta de pau... com borracha... cilindro de pau... domingo tinha quinze vinte piás pra andar de bicicleta... era o divertimento e bola... era feito... não podiam comprar faziam de meia de mulher... então nós chutávamos bola lá... a granja... a granja? na granja existe um engenho velho... que eu digo? do tempo dos escravos! conheci só os pilares... meu pai fazia louça lá... então... é... não tem mais o que dizer porque é só pilar... e sei que lá era um engenho velho... sei que tem até hoje os pilares... ainda... e cortei lenha aí nessa granja... cortamos lenha pra vender pra usina... a usina produzia luz elétrica... histórias de Campo Largo... isso aí tem bastante... bah... por exemplo... automóvel só tinha dois de táxi... É... Antônio Augusto e Joanin Scarpin... concorrente pra ir pro interior... ficava... chovia ficava pros...((risos)) então minha vó me contava que sem cavalo ia subir a subida... foi a população... tinha pouca gente... habitante... foram tudo na subida das freira que fazia curva na frente do Colégio... e o auto... chegou um fordeco... não sei se vinte e seis ou vinte e oito... subiu... quando foi na frente do- do- do bar do Chemin... foram apalpar o auto... o carro que subiu sem cavalo... ((risos)) minha vó disse... bem... eu vi contar...teve um bandido em Campo Largo... bom... que matou cento e vinte... se chamava Padilhão... ele esperava os que iam com os burros levar mercadoria pra Paranaguá e na volta vinham com as onças, onça era o dinheiro e ele matava... o último era o dono... matava pra ter as onças e daí ele foi pra querer enterrar essas onças... muitos... que deu a carga pra um burro... no rodeio deu a carga pra um escravo e perguntou se ele ia cuidar do dinheiro... disse que sim... **degolou o pretinho e nunca mais puderam chegar lá naquele dinheiro... e...** ali no lugar onde morava o Jorge..... e no dia que morreu... a fotografia do Filisbino... tio do- do... me falhou agora... então ele tirou fotografia... no dia do enterro vieram os corvos... apagaram o lampião... não tinha luz elétrica... e levaram o corpo... no dia seguinte enterraram um xaxim no lugar dele... então vou contar uma historinha agora... ô... na época o velório ficavam duas pessoas cuidando... não é que nem hoje que ficam diversas pessoas... o mais corajoso e o mais medroso... e o dono disse assim...quando vocês tiverem sede de tomar uma bebida...vocês vão tomar... que tem vinho lá no quinto... e o corajoso dizia pro mais fraco... tó o vinho e o outro dizia...eu não vou... vá você... tanto que o

medroso foi buscar o vinho e o corajoso trocou... pôs o sobretudo no defunto sentado e ele deitou no caixão.... quando ele veio com a jarra de vinho... querendo dar pro morto que tava sentado... que não era o capote... beba o vinho... dizia... beba o vinho... você não dizia tanto que eu fosse buscar... eu busquei... beba... o outro que tava deitado no lugar do morto disse... levantou sentado e disse... se ele não quiser traga... aqui que eu bebo... pulou a janela e sumiu do velório... ((risos)) uma história bonita... o Campagnaro ia indo... um Campagnaro do Botiatuva,... e nove horas encontrou no caminho... um caixão de defunto... com três pessoas levando o defunto... como ele viu que faltava uma pessoa... ele tirou o chapéu e com uma mão pegou na alça... e aquilo indo mais ligeiro... mais ligeiro e quando ele viu... tava mais de um metro de altura... voou... se largou da alça e caiu em cima do milho... e ouviu uma voz dizendo assim... vem... não mexa com quem tá quieto... ((risos)) quando eu fazia serão né... na fábrica... nove horas... até as nove quase todo o dia e não tinha luz elétrica... luz elétrica era MUITO ruim... da usina... e eu ia indo por um corredorzinho da casa do meu pai... e quando eu vi no corredor... um vulto preto... me assustei dele e ele se assustou de mim... e os cachorros do meu pai desceram lá pelo lado do Cambuí... a-trás do lobisomem... isso existe... lobisomem existe... só que hoje a iluminação é muito boa... por onde eles passam... meio de transporte... ah... o Getúlio é? ((ah vai deixar por último?)) esse pode deixar... tá gravado? meios de transporte... meio de transporte é o seguinte... tinha só um ônibus que saía de Campo Largo às sete e voltava às cinco de Curitiba... outro saía às oito e voltava às seis... último ônibus.. se não pegasse esse tinha que posar... era o único jeito... daí entrou a empresa Pangrácio.. pôs rádio no ônibus... tomou toda a freguesia quase... a freguesia do outro... porque ouvia rádio até Curitiba... ((risos)) vinha de Irati... chegava em Curitiba tinha que posar na pensão Floriano... não tinha mais ônibus. Não tinha o que fazer... vinha comprar louça... comemorações de feriado... ah. isso existia... EXISTIA MUITO... ((E como que era?)) os colégio desfilavam... Tiro de Guerra e as fábricas... algumas.... Sindicato também tinha naquela época... então... agora... era bonito no carnaval... na praça... o Chemin com a carroça soltando serpentina pro povo... ((o vô lembra alguma musiquinha de carnaval?)) me lembro... tinha o... Perrô apaixonado... Adão... Adão... Adão... tinha... ((e o vô canta alguma musiquinha?)) É... eu não vou cantar... ((risos)) agora essa aqui sim... Getúlio Vargas foi o melhor presidente que o Brasil teve até hoje... eu conheci ele pessoalmente... fui pra Curitiba e vi ele no Palácio do Garcez... e aí um quis atirar

nele... empurraram no braço da pessoa... estorou a boiada... a praça tava que nem formiga de gente... teve gente que morreu pisoteado... e o Getúlio foi o melhor presidente e implantou as lei trabalhistas no Brasil, em trinta e sete... e o presidente mais fraco que nós tivemos foi José Sarney.... inflação a quarenta por cento ao mês... aumentava quarenta... o salário aumentava quarenta... tinha dois preços era mudado por dia... mais fraco de setenta anos que eu votei... eu tinha moto em cinquenta e um... duzentos e cinquenta cilindradas cilindradas...a lagoa secou... andei duas vezes de moto dentro da lagoa... achei muito bonito aquilo... pois é... a Irmã Josefina mandava no quadro ir fazer as contas... daí ela conferia e mandava pra carteira... mandava vir outro e assim por diante... o Elvino Trevisan era um colega de aula... fez uma arte e ela chamou ele... mandou pôr a mão em cima da mão dela... na hora que levantou a ponta do pé deu uma reguada nele... ele tirou a mão e ela deu uma reguada nela mesma...daí ela quebrou a régua na paleta dela... dele. ((que triste né?)) É... e esse guri é morto... mas ele fez muita arte... ele até quebrou um vidro da igreja... desses coloridos... ficou uns pares de dias escondido no mato... ((risos)) chegava da aula... ajudar a mãe... o pai... não é que nem hoje que as crianças com dezesseis anos não podem trabalhar... com dez...nove anos... já tava ajudando... um quintal muito grande...plantando batata... aipim... milho... e tinha criação pra tratar... né? varrer terreiro e tratar a criação... isso era serviço de criança... hoje é molecada na rua... lei porca que tem no Brasil... dos de menor... Onde já se viu... com dezesseis anos não pode trabalhar... não pode nada... a sala de aula tinha primeiro ano... segundo... terceiro...quarto.... mas já me lembro mais é no terceiro ano... daí acabou pra mim... né? ((ahan, o último ano, né?)) madeira grande... quintal muito grande... nós vivíamos disso... né? só que a luz em Campo Largo era muito fraca... conheci os homens que cuidavam da máquina lá... ((conheceu?)) antes de fazer serão eu passava pela usina... era do João de Bassi e o Batista de Bassi era o pai... Pedro... é..... agora não me lembro o nome dele... o nome era Pedro.... um ia até meia noite e o outro até depois... apitava... ia acender a luz só tinha um poste no meio do pátio na frente da igreja e ia só até a praça Polônia... o poste... de madeira... os postes... e o melhor prefeito que tivemos em Campo Largo foi...na época... que eu votei 70 anos... Affonso Guimarães... e o tio do atual prefeito... conseguiu trazer os fios da mina de ouro de alta tensão que tinha parado... mas ele trabalhou demais pra trazer estes fios... em seguida começou o progresso em Campo Largo... ele sempre me dizia pra mim esse Affonso

Guimarães... que eu quero que as futuras crianças de Campo Largo tenham trabalho... sempre me dizia pra mim... o Affonso Guimarães trouxe a Paraná pra Campo Largo... que quase que não deu negócio... porque a dona, não se acertaram no preço e foi e disse... peça mais vinte mil e daí vai ter trabalho pras crianças que... pras futura crianças que vão nascer em Campo Largo... estavam prontos pra ir pra São Paulo... voltaram... e deu negócio e aí está o progresso... e ele ajudou a Esteatita, ajudou a Lorenzetti onde é no Botiatuva... e ele não tinha nem carro próprio... E quando queria fechar os buracos na rua que era só saibro... tinha que alugar um caminhãozinho... ia com a pá... daí conseguiu um trator... e esse tratorzinho fraquinho... os colonos pagavam e deixavam lavrar as lavouras pra eles... o prefeito... MUITO BOM... a Irmã Josefina... uma Irmã bonita... alta... brava... por qualquer coisinha botava as crianças no castigo... um professor andava de a cavalo pra dar aula na Campina... era o único transporte que existia... não era que nem hoje... essa maravilha que tá aí. que transporta... empresa de ônibus pra tudo que é lado... depois que nós fizemos o campo na praça Polônia... nós éramos todos miúdos... tudo guri miudinho... convidamos o Andaraí... o Andaraí era perto do:... tinha perto do Chafariz... CONVIDAMOS... já tinha tudo com barba na cara... os marmanjos... surramos eles na bola... fizeram nós comer laranja com casca e tudo.. ((risos)) de bravos que ficaram... ((risos)) vou falar das cerâmicas... tá... ((tá)) comecei fazendo asinha de xícara e aprendi fazer tudo... fui modelador... técnico... fui diretor de uma cerâmica lá em Campo Bom... no Rio Grande do Sul... e me aposentei lá... faz. ..dia vinte e oito de abril desse mês vai fazer quarenta e seis anos que sou aposentado... bom... conta de mais... de menos... de multiplicar... só que na de dividir era fraco:... a professora também não explicava direito... entendeu? e no terceiro ano tive que sair da aula pra ir trabalhar ((que dó né)) a professora ia na lousa... desenhava e explicava tudo como era... ((e daí vocês copiavam?)) copiava:: no caderno... na lousa TAMBÉM ((uhum)) anunciaram que o Zepelin ia chegar em Curitiba... que do segundo andar da cerâmica Darci Portella e Companhia eu vi o Zepelin em Curitiba... parecia um peixe grande azul de duzentos metros...((risos)) pararam ele... foi o Exército... pessoal do XV subiu... estacionou.... ele era a gás... os soldados subiram nas cordas... vi isso aí:: olhem pessoal. quem quiser viver bastante que não fume... porque o fumo de fato mata... que dez colegas meus de infância tão deitados lá no cemitério....

2ª Entrevista: 30/05/14

Duração: 39'12

Local: Residência do entrevistado

((Gravando...então...boa tarde senhor Albino Augusto...))boa tarde::...((tudo bem?)) tudo::...graças a Deus... ((o senhor permite que esta entrevista seja gravada?)) sim... ((transcrita, textualizada e divulgada através da minha pesquisa de mestrado?)) sim... ((então ótimo)) ... ((então... na primeira entrevista realizada... no dia dezesseis de abril... algumas questões precisam ser esclarecidas, para a realização da minha pesquisa....tudo bem?)) ...tudo....((o senhor está tranquilo?)) ...tudo... ((então vamos para a primeira pergunta)) ((qual é a lembrança mais antiga da sua infância?)) ...quando nós viemos do Retiro de mudança... ((quando vocês vieram do Retiro de mudança)) ... eu tinha quatro aninhos...quatro anos...me lembro bem... ((e o senhor lembra assim se o retiro era muito longe do centro da cidade ou não?) ... não.. não é... doze quilômetros *né?* ((*ahan...* mas o que o senhor lembra desse fato?)) ... que a estrada era tão ruim que não tinha máquina... era feito tudo a mão... e a carroça que vinha com a mudança tiveram que amarrar um baita dum galho pra ajudar a segurar a carroça... ((veja só! e o senhor lembra quem que veio na mudança junto?)) ...o pai, a mãe e o meu irmão mais velho... ((não tinha os pequenos?)) ...não tinha... o Padre João ainda não tinha... ((tinha só os dois mais velhos?)) ...só nós dois....((e a tia também?)) ...*hã?* ...((e a tia? a tia Virinha?)) ah..não tinha. só eu e o Berto... o Berto nasceu na Balsa eu nasci no Retiro...((hum... então tá bom...)) ((onde o senhor morava na infância?)) Praça Polônia... ((Praça Polônia...)) ((o senhor morou sempre na mesma casa?)) ...sempre na mesma... de solteiro sempre na mesma casa...((e como era essa casa?))...era uma casa grande assim... antiga... com área na frente... jardim...((e ela era de alvenaria... de madeira?)) tudo de madeira... ((toda de madeira?)) ...É... ((e tinha jardim... tinha quintal também?)) *hã?* ...((tinha quintal também?))...tinha::...quintal muito grande...((pra plantar...plantava-se as coisas?)) plantar de tudo... ((e o senhor lembra do senhor brincando no jardim... correndo?))...correndo? pra::...((no jardim assim... brincando...))..sim:: e ajudando a mãe a plantar batata-doce...((olhe... que mais que vocês plantavam?)) É....mais era batata-doce... aipim... e verdura também... ((hum... hum, verduras também...)) ...É... ((quem morava com o senhor nessa casa?)) ...nessa? ((*hum...hum*)) ...morava eu...o pai...a mãe... a minha tia Marta... que já é

falecida... e ...o Berto... depois que veio a- a Virinha... o Padre João... e a última é a Zita...e o Florico? ((minha avó)) ... Florico... ((é o tio Floriano... né? pra mim é uma informação nova... eu achei que a tia Virinha era a mais velha...))...NÃO...NÃO...NÃO... ((ela é depois dos meninos?))...É...((quem eram seus pais, os seus irmãos e irmãs? os nomes deles?))...o pai era o nome Francisco Augusto...Ana Falarz Augusto é a mãe... os irmãos também? ((também...))...Alberto Augusto... irmão mais velho... daí tem eu aqui...Albino Augusto... daí vem a ...Virinha.... não:: pera aí deixa eu pensar... a Virinha... Padre o João e o Florico.... e a Zita....((a tia Zita é a mais nova?)) ...o nenê da casa....((e ela dá muita diferença do senhor de idade?)) ... quinze anos mais nova... a Zita....((onde seus pais trabalhavam?))... meu pai trabalhava de lavoura... naquela época não tinha indústria.. NADA... lavoura.... mas ele era sapateiro... e serreiro.... mas como tomou um prejuízo muito grande na Balsa... ele abandonou a profissão... foi fazer roça no Retiro.... daí lá que eu nasci....((nasceu no Retiro... lá vocês moravam e depois voltaram morar pra cá?))...quando eu tinha quatro aninhos voltamos morar na Praça Polônia....((na Praça Polônia... e o senhor foi morar nessa casa da Praça Polônia e ficou até ficar adulto?))...até... ((aí casou e foi morar em outro lugar?)) ...casei e vim cuidar do meu lar aí...isso mesmo::...((qual é sua lembrança mais antiga da escola?))...bom... da escola? tem diversas... quer saber de mim ou dos alunos?...((tudo o que o senhor lembrar... sua dos seus amiguinhos...)) ...o meu amigo Elvino Trevisan... falecido... fez uma arte e a freira pôs a mão ((dá uma palmada na mão)) dele em cima da mão dela e ela bem alta::... fez careta e tacou-lhe a régua... ele tirou a mão na hora exata... quebrou a régua na paleta do piá... ((minha nossa... ele se machucou muito?)) . não::... doeu né...mas não machucou... ((ele chorou nesse momento?)) É... esse mesmo **Elvino Trevisan quebrou um vidro da Igreja Matriz... colorido::... ficou três dias fugido pro mato... ((risos)...((pense que essa piaçada aprontava um monte também né?)) ...aprontavam... ((risos))** ...e a minha foi assim... saía muito sangue do meu nariz... seguido... começou a sair sangue... pus a mão... pedi licença para me lavar no Chafariz... ela deixou... quando foi na porta... não pude abrir a porta... mandou ir pra carteira... daí alagou... encheu as duas mãos de sangue... alagou... fez lagoa no assoalho me deixou... todos foram embora... me deixou de castigo... daí... eu vendo aquilo tudo... pulei a janela e fui pra casa.... contei pra minha mãe... no dia seguinte ela não deu *um pio*...((a professora?))...É a Irmã... Irmã... era uma freira... era... É... Irmã Josefina...((e a sua

mãe foi reclamar na escola? ou não?))...não... normal... ((só...aconteceu... como se não tivesse acontecido nada?)) ...não:... no dia seguinte ela não falou nada... ((e o senhor estudava de manhã ou de tarde?))...(pausa longa)...de manhã...(de manhã?)...É...((e daí o que o senhor fazia à tarde?))...ajudava a mãe... né?...((na lavoura?))...é:...ajudava...((a escola era longe de sua casa?)) ...da Praça Polônia... onde tá o Colégio hoje... só que era diferente os prédios...((e a rua como é que era? de chão batido?))...tudo saibro...((tudo saibro! daí vocês iam para a escola a pé?))...sim... vinham da Campina de a pé...((nossa:: meu Deus é longe...))...da Campina... do Botiatuva...diversos...((vinham alunos do Botiatuva pro Colégio?))...SIM... colegas meus...((que tal isso né?))...((dona Cecília responde minha avó))... É... a dona Cecília esqueci o sobrenome agora... era Lompo... ela entrou na escola comigo... ((fez amizade com ela responde minha avó na Igreja na hora de rezar o Pai Nosso))...e eu pelo que ela ((ela é minha avó)) me contou... andou na escola no primário comigo... foi mais uma prova que a freira era ruim... provou *pra* cinco testemunhas... porque ela ((refere-se a minha avó)) achava que eu que era moleque... provei com cinco que a freira era brava.. era ruim... maltratava muito as crianças... ((e daí vocês chegaram a conversar depois de adultos?)) ...com a Lopa?...((com a Cecília?)) ...ela veio aqui diversas vezes... morreu agora.. recente... ela é falecida... faleceu agora... faz acho nem um ano... né... ((um ano?)) ... não... se fizer faz um mês... ((relata minha avó))...((agora?))...ela veio aqui... oferecemos... é sim ela se lembrou daquele tempo...((daí vocês conversaram sobre a escola?))...sim... no dia em que ela veio aqui...a Rosa Cali também... falecida também...((que faleceu há pouco tempo também...))...o Leopoldo Kaminski... a mulher dele... e tem mais um... é cinco... que eu provei para ela que a freira era brava e ruim... por qualquer coisa punha de castigo... ((então pela conversa com os amigos... o senhor convenceu a vó...))...SIM...((e a Irmã... sua professora... era muito brava...))...muito brava... ((risos))...((como era a escola? a escola que o senhor estudava como que ela era?)) ...uma sala simples e carteira e pronto... ((só tinha uma sala?)) ...SIM... uma mesinha para a freira e pronto... ((uma mesinha? e vocês sentavam onde?)) ...nas carteiras... nas carteiras...((nas carteiras individuais? e ela tinha a mesa dela))...É...((e tinha quadro negro?))...TINHA...((tinha? e os alunos maiores estudavam onde?))...bom... eu tô me lembrando... me referindo ao terceiro ano... *daí* quarto ano era numa outra sala.... primeiro ano outra sala... e assim por diante...((tinha mais de uma sala?))...tinha... umas três ou quatro salas...((e tinha um

pátio, assim, pra vocês brincarem?))... na frente da- da Sacristia da- da Matriz... era um barranco e soltava nós ali.. oito ou dez crianças e pronto... e pronto...((e vocês brincavam ali na hora do intervalo?))...É... É...((quem eram as suas professoras?)) ...bom... que eu me ...a professora que tô me referindo era a Irmã Josefina... a brava... e a superiora a Irmã Teresa... falecida...anos...((a Irmã Teresa era a diretora da escola?))...sim... era a diretora...((e a Irmã Josefina era a professora do terceiro ano?))...do terceiro ano... ((e do quarto ano não tinha professora?))...daí tinha... mas daí eu não cheguei... eu terminei o terceiro ano...((não chegou a conhecer a Irmã?))...não... o meu irmão o Bertinho era da quarta série...((ele fez até a quarta série?))...fez...((e como era fisicamente a professora?))...alta... magra... não bem magra... mas muito bonita...((muito brava também?))...brava... o que tinha de boniteza... tinha de braveza... ((risos)) ((e no segundo ano quem deu aula pro vô?))**isso não me lembro mais...((não lembra? lembra só da mais brava?)) da mais brava... ((da mais brava, a Irmã Josefina o senhor lembra?))** me lembro bem...((não era será a mesma professora do segundo ano? era outra?))não...era uma outra...((e no primeiro ano também era outra? outra... e o senhor não lembra?)) não...não lembro mais nem o nome nem nada... ((hum.....lembra da malvada...)) isso ((risos)) da malvada ((risos)) ((o senhor lembra de seus colegas?)) colegas... ((Isso)) ((...))é...tinha o ... deixa eu pensar esse Elvino Trevisan... o Leopoldo Kaminski... a Apolônia... mulher do Leopoldo... Lino Cavalli... também... mas não era da minha sala... é... José Saldanha... Affonso Guimarães...Rosa Cali... já falei ou não... ((Falou, não falou ainda)) Rosa Cali... ((...)) e os outros a gente não tá... pere tem o Toninho Winheski... o Tito... ((*nossa... mas o senhor lembra de bastante... bastante amiguinhos...*)) É.. quem eu me lembro mesmo era esses aí...((Como vocês entravam na sala?)) ah...tinha a Rosa Sovierzsoski....((a dona Rosa?)) mas não essa a professora. ..uma outra...ela é viva ainda... tá bem velhinha... ((ah... sua amiguinha tá viva ainda.... e quando vocês entravam na sala, vocês sentavam onde queriam?)) É... mas tinha que rezar o Pai Nosso e Ave Maria... ((aí podia sentar onde quisesse?)) É! isso eu não me lembro mais se era assim... ((ela mandava sentar onde ela quisesse?)) não... podia sentar onde quisesse...((seus colegas estão vivos? fora essa coleguinha?)) olhe... tem essa Rosa Soviersoski é que tá viva...tá viva...acho que nem tem mais... ((e o senhor tem contato com ela?)) não... faz anos que não vejo... tá muito acabadinha....muito doentinha...Rosa Soviersoski... é viva... ((é aquela dos pastéis? minha avó comenta)) ((ah... a Cheva?...sogra do Airton

Cheva...acho que tá doente... minha tia responde)) tá viva... ((qual era seu melhor amigo no tempo da escola?)) olha o nome eu não me lembro... ((quem era o amiguinho que o senhor mais gostava? que brincava mais?)) ((não era o Arlindo Chemin.... minha avó responde)) tinha o Arlindo Chemin... Darci Chemin... que nós brincávamos... não na escola... né... ((não na escola?)) não:: fora... Affonso Guimarães Filho... Filho... não o Beco... nem o Bequinho... ((mas esses o senhor brincava na Praça Polônia?)) sim... ((não era da escola?)) bom... aí já tem que separar...né... (ahan)) na Praça Polônia era Roberto Robaskoski... Pedrinho Cheluzniak... sabe escrever? ((não)) ((risos)) que... deixa eu pensar... ((olha...acho que o pai não entendeu ainda de brincar na escola... minha tia fala)) nem me lembro mais o nome deles... eu e o Roberto Novakoski pegamos um balão...lá onde mora a Bernadete era um banhado... ficamos por aqui ((aponta a altura do dorso)) não se mexa que nós vamos nos atolar todo... no balão tava escrito na etiqueta “Traga esse balão pra Ponta Grossa...ganha vinte mil réis”... ((nossa)) ((risos)) era o fim do mundo na época... não tinha estrada... nada... ((risos)) ((pra Ponta Grossa?)) o balão veio parar bem ali... bem ali onde tá a Bernadete... bem naquele local...((na região do Cambuí)) era banhado puro... barbaridade... ((e na escola... na hora do recreio... vocês brincavam?)) brincava...((brincavam ali na frente da sacristia?)) era um barranco de mais ou menos um metro de altura e uma grama boa...((ahan)) e nós brincávamos... ((ahan... e as brincadeiras eram ... quais eram as brincadeiras?)) as meninas jogavam aquele negócio de caracol... nós era bola de búrico... essas coisas...((ahan... o senhor não lembra algum amiguinho que brincava de bola de gude?)) não... não me lembro... ((não lembra do amiguinho... tá... na escola acho que o negócio era mais sério... né?)) É... e os caminhões vinham pra Ponta Grossa... passavam duas ou três vezes por dia na rua XV de hoje... no calçadão... hoje é calçadão... os caminhões passavam por aí pra ir pra Ponta Grossa.... ((e o senhor lembra de tudo isso?)) lembro... bonito Anna... era as corridas de motocicleta... Curitiba hoje iam pra Ponta Grossa... amanhã voltavam... a população inteira ia lá na Rua XV pra assistir.... Passou um sem paralama e mais ou menos uma quarta de areia nas costas.... tirou o paralama...choveu... o pneu jogava tudo nas costas.... ((risos)) ((vê se pode...)) ((e havia muitos alunos na escola?)) bem pouquinho...((um pouquinho quanto que é?)) uns dez...doze... ((na escola inteira?)) não... não...não...na minha classe...((na sala de aula eram doze)) é...((e na escola inteira? Dava uns trinta mais que isso?)) não... daí tinha mais uns quarenta tudo

junto...((tudo junto dava umas quarenta crianças...)) é..((quais materiais escolares o senhor utilizava?)) caderno... lousa... bocó era para carregar os apetrechos... **as meninas tinha uma cestinha de taquarinha... pra carregar os cadernos...((de palha... era de palha... minha avó interfere)) de palha...** ((pra carregar os cadernos... e lápis...borracha? tinha tudo isso?)) tinha... tinha... tinha... ((tinha cola?)) Tinha... tudo isso nós tínhamos que comprar... ((era tudo comprado?)) comprado... ((o governo não ajudava com nada?)) nada... ((e a lousinha era aquela lousinha pequenininha?)) é... é...((vocês escreviam como na lousinha... com o quê?)) com giz... ((com giz.. e aí a irmã dava giz pra vocês escreverem?)) dava.. dava giz... ((*ahan*... tinha bastante giz aí ela dava pra vocês escreverem...o senhor lembra como que era assim a rotina da sala de aula? como era o dia a dia? Assim... quando a professora chegava o que fazia por primeiro? como iniciava a aula, o que vocês faziam primeiro)) cumprimentava... e ela mandava rezar.... ((mandava rezar.... rezava junto.... vocês rezavam primeiro...)) não... depende... rezavam de pé... ((rezavam de pé?)) não me lembro se na minha classe cantavam o hino nacional.... parece que por fim cantavam o hino nacional... ((cantavam o hino nacional)) é...((daí depois ela começava dando a matéria?)) sim... ((daí ela tinha assim todo o dia ela fazia da mesma forma ou ela mudava?) não... mudava... ((mudava?)) mudava...e qualquer coisa tinha régua nas cadeiras... ((risos)) ((e o senhor levou muita reguada?)) não... reguada não... mas puxão de orelha ela dava... ((puxão de orelha dava?)) dava... ((tempo bom aquele... minha tia responde)) ((tempo bom? Imagine... coitadinho...apanhando... ((é que bom nós podermos dar uns puxões... minha tia contesta)) ((judiação...)) ((risos)) qualquer coisinha de joelho na pedrinha ou no milho...a Apolônia contou... ela tava junto no milho... ela não falava em português bem.. no milho... porque em casa era em polonês... se atrapalhou... foi de castigo... ((polonês... falava em polonês...ficou de castigo.... minha avó responde)) ((que dó né.. minha tia fala)) ((no milho ... minha avó diz)) muito enérgica ela era... ia nas pedrinhas de joelho... ((veja só... *hein*?) é o milho.... e ajoelhar... ((e o vô lembra que matéria a professora ensinava?)) o que ela não ensinava bem... o que eu não pude pegar bem era a matemática... ((risos)) ((mas ela ensinava matemática)) ensinava... ((ensina língua portuguesa também?)) também... e o que era de origem polonesa ficava uma hora depois da aula para aprender a rezar em polonês... eu ainda sei um pouco... mas eu me atrapalho agora... é...esqueci, né? ((é deixa eu perguntar sobre as outras matérias... tinha história... geografia...tinha? estudos

sociais?)) estudos sociais não... mas...o que não tinha quase nada era desenho...
 ((desenho não tinha?)) não... e eu tive que fazer um desenho no psicotécnico... em
 Curitiba... e na primeira rodada eu com um que tirou o ginásio rodou. ..ele tava
 comigo.... daí eu desenhei um pé de pera com as peras e com a raiz.... tinha que ter
 a raiz.... tudo. daí passei....((passou...)) mas eu não tinha estudo pra isso.... não
 sabia né... desenho! daí desenhei o pé de pera daqui de casa e deu certo...olhe deu
 certo... ((olha que bacana)) ((risos)) passei... ((então só não sabia matemática?))
 matemática... mas hoje eu ... ((não gostava da matemática?)) não... nadinha...os de
 hoje gostam? ((gostam)) é...((e tem criança que não gosta...)) é...((mas tem criança
 que não gosta... mas a matemática hoje é muito diferente... eles aprendem com
 joguinhos... com brincadeiras...)) aquele negócio de repartir três vezes tanto... de
 repartir... quando dava meio... tinha que cortar laranja....((as frações?)) é... era isso...
 eu não esqueço... ((frações?)) é... e era para repartir com laranja... é...((e ela
 repartia a laranja na sala?)) não... ela perguntava como é repartir....((repartir a
 laranja?)) é...((que bacana esse exemplo)) ((o senhor lembra de alguma matéria...
 de algum conteúdo que ela tenha dado... fora as frações?)) não... ((nada... nem
 continhas o vô não lembra?)) ah... de continha... daí nós íamos pra tabuada... né...
 ((ela tomava a tabuada?)) é... tomava... ((o que o senhor mais gostava de
 estudar?)) eu? agora que você me apertou... ((risos)) é!...de mais... de menos ... de
 multiplicar... isso aí ... ((o problema era a divisão?)) a divisão... ((então quer dizer
 que as continhas mais... menos e multiplicação o senhor gostava?)) gostava...
 ((aprendia bem...)) de multiplicar até eu sou mais ou menos... até hoje...((a tabuada?
 o senhor memorizou bem? guardou bem a tabuada?)) guardei... ((e ela perguntava a
 tabuada assim salteado?)) **salteado... ((chamava um... tomava a tabuada?)) é no tiro
 de guerra também... o número um... eu que servia de testa de ferro pros quarenta e
 dois...** eu que ficava ali pra... ((deixa eu perguntar da tabuada... ela perguntava a
 tabuada... se a pessoa errava... o que acontecia?)) ((pausa))esse eu não me lembro
 como ela fazia daí... ((ela dava castigo?)) não... acho que não...acho que por isso...
 não... castigo era por outras coisas....((ela mandava estudar de novo?)) é...((e teve
 algum momento assim que ela foi carinhosa com vocês.... que o vô lembra?)) nunca
 me lembrei disso... ((nunca lembrou se ela era carinhosa... nada?)) só achava ela
 muito bonita... isso achava... ((achava ela bonita? levava flores pra ela?)) não... não
 levava.... ((risos)) ((não? não levava flores pra ela?)) não... ((risos)) ((nem maçã pra
 ela?)) não... nada.... ((risos)) ((o que o senhor mais gostava na escola?)) que que eu

gostava na escola? ((na escola..)) eu não tenho nada pra te falar disso não sobre isso... ((não gostava do recreio... de brincar com os meninos?)) não gostava muito... ((não gostava muito? não gostava de copiar a matéria?)) nunca fui... ((não gostava de copiar a matéria? não gostava)) não... não tinha de colar....((copiar a matéria assim do quadro... o senhor não gostava?)) do quadro sim...mas copiar de uma outra aluna... não...não.. não isso não podia não... ((mas ficar olhando pro quadro e copiando a matéria gostava?)) *Ahan...* ((achava bom fazer isso?)) é isso era bom... ((a sua letra era boa?)) *hã?* ((a sua letra era boa? era uma letra bonita?)) regular... não é muito bonita... ((e ela falava que a letra era bonita ou não?)) não... não falava não... ((não falava nada... e ela falava pra alguém na sala isso?)) não... ((não elogiava ninguém?)) não... ((e a letra dela era bonita?)) não me lembro mais também... ((não lembra da escrita dela no quadro? mas também, quantos anos?)) é se- setenta... oitenta e tantos anos... ((é oitenta e poucos anos *né...* mas o vô lembra de muitas coisas...)) é...((e isso é muito importante...)) ((por que não continuou estudando?)) *hã?* ((por que o senhor não continuou estudando?)) porque não *né...* tinha que trabalhar.... tinha que ajudar o pai....tinha que trabalhar....((e se não precisasse trabalhar, o senhor continuava estudando?)) sim... mas se não precisasse... mas precisava.... que tal... dali da fabriquinha até no Chemin era tudo do meu pai... ((*orra...* ele tinha terra....)) um terreno muito grande....((daí tinha que plantar as verduras?)) tudo... minha mãe tinha vaca.... tratar da vaca... tudo... ((e tinha outros animais?)) tinha... porco.. tinha...tinha galinha...ganso....((ganso?)) pra coberta...no verão depenava os gansos pra coberta de pena... ((olhe... e vocês faziam isso?)) sim.... a mãe fazia....((vocês ajudavam ela)) ((então o senhor lembra da matemática?)) é...((e tinha facilidade para fazer continhas de mais, menos e multiplicação?)) isso ia bem... ((e a divisão era um problema...)) era... não sei se era na gente eu não sei... ou ela não sabia explicar... não sei direito... ((e daí como ela fazia passava a continha no quadro negro?)) passava... ((vocês copiavam no caderno)) ...sim... ((depois vocês resolviam?)) é...daí levava pra casa... fazia.... no dia seguinte ela conferia....((ah... e na sala não faziam continha... só faziam em casa?)) não... fazia na sala... mas ela dava pra fazer em casa também....((como tarefa de casa...)) é...((e daí o senhor fazia sozinho as continhas?)) sozinho... ((o seu irmão não ajudava?)) não... ((daí no outro dia ela corrigia?)) é.... ((e como é que ela corrigia?)) ah isso eu não posso explicar....((não lembra se ela passava olhando o caderninho?)) não lembro também... ((não lembra disso...)) ((vamos ver a próxima

pergunta... já perguntei se o senhor decorava a tabuada? ela tomava salteado *né?*)
 é...a tabuada... ((e a tarefa de casa era só matemática? não, tinha outras coisas))
 outras coisas... tinha... ((e copiar texto não?)) em casa você quer dizer? ((é... *ahan*)
 não... isso que eu não me lembro... ((e na escola copiava bastante texto?))
 copiava... ((e o senhor lembra se ela trabalhava mais matemática ou outra coisa? o
 que ela trabalhava mais?)) não... era meio parêlo... ((meio parêlo?)) é...((então ela
 dosava bem)) é...((na escola... o senhor aprendeu geometria?
 triângulo...quadrado...cálculo de área? aprendeu?)) não... ((e como é que o senhor
 sabe fazer cálculo de área tão bem?)) eu aprendi na vida... *né?*) porque o senhor
 olha assim para uma parede e tem ideia do quanto vai de azulejo... e o quanto vai de
 tijolo? isso o senhor tem ideia *né?*) tenho...se eu fui técnico de fazer cubagem.
 ..cubagem é assim.. faz de conta que o tanque de líquido é que nem essa sala... tem
 quarenta centímetros... cada centímetro tem quarenta e cinco litros e você tem que
 tirar mil e duzentos quilogramas de massa daqui... então... pesa quinhentas gramas
 pega... **multiplica pra ver quantos quilos de altura na régua... você vai tirar...se é um**
metro... um metro e vinte ou oitenta centímetros... como tá o líquido mais fino ou
 mais grosso...então ali conta a verdade na secagem... e multiplica daí...((e isso o
 senhor não aprendeu na escola?))não.. isso eu aprendi na técnica da cerâmica...
 ((na vida?)) na vida mesmo... ((no dia a dia...no trabalho...)) é...((e sobre medidas
 também... na escola ela não ensinava das medidas? sobre o peso das coisas? peso
 ensinava?)) mas a balança de peso era aquela... ((mas ela mostrava na balança?))
 isso eu não me lembro... mas ela dava...((dava aula sobre medidas?))
 é...((quilômetro... metro ela ensinava também? ou não?)) não... ((isso ela não
 ensinava...)) não... ((vocês copiavam as continhas? e ela corrigia as continhas... isso
 o senhor já falou...)) ((o senhor lembra se a professora passava problemas? por
 exemplo assim ó:: Maria comprou 15 balas e ...) falava... ((passava problemas? e
 ela passava no quadro ou ditava?)) no quadro negro... ((do quadro negro vocês
 copiavam e daí faziam as continhas...)) é...tinha sim... ((e daí ela corrigia depois? e o
 senhor gostava disso?)) era bom...era bom... ((gostava dos problemas...)) ((e o que
 acontecia quando vocês erravam as continhas? fazia as tarefas de casa, as
 continhas, trazia e ela ia corrigindo?)) dava nota baixa daí... *né?* ((cada tarefa que
 tinha ela dava uma nota?)) dava uma nota... ((e provas... vocês faziam provas?))
 fazia... ((vocês faziam provas?)) é... fazia... se não... não passava de ano... ((tinha
 boletim?)) que eu me lembro não... ((como que era essa prova? ela passava no

quadro e vocês copiavam ou tinha uma folha com as coisas escritas?) no quadro... era tudo no quadro...((tudo no quadro)) é...((ela passava... dava um tempinho e vocês faziam depois ela corrigia?)) é...((corrigia tudo depois e dava nota?)) é...((e vocês passavam de ano?)) É... isso tudo é coisa de antigamente. ((risos)) não é de hoje... ((mas hoje ainda se passa as coisas no quadro para as crianças copiarem...))é...((ainda se passa bastante no quadro. e não tinha boletim?)) boletim..((é)) não...que eu saiba... não... ((como vocês sabiam que passavam de ano?)) pela nota que ela dava... ((pela nota que ela dava nos caderninhos?)) é... ela somava as notas... daí o total... é...((vocês mesmos somavam as notas?)) deixa eu pensar... isso não me lembro... ((não lembra?)) não... ((se somava? mas também é muito tempo... oitenta e poucos anos...né?)) é... oitenta e ... três anos... ((e ela passava números no quadro? por exemplo: complete os números... um...dois...três...e vocês tinham que ir completando os números até cem...duzentos...ela dava isso também?)) Dava... ((também dava para copiar número... sequência de número...)) ((vocês faziam bagunça na sala?)) sempre tinha os bagunceiros e bagunceiras também tinha... ((bagunceiros na sala?)) é por isso que levava castigo...((e como era a bagunça...assim vocês corriam na sala... gritavam?))não... não... correr não... um puxava a roupa do outro... essas coisas...((ela dava castigo?))dava castigo... ((e que tipo de castigo ela dava?)) e ajoelhava nas pedrinhas...((ajoelhava nas pedrinhas... puxava a orelha... e cabelo ela puxava?))não...((petelequinho ela dava também?))não...reguada... reguada...reguada mesmo... ((risos))((o que acontecia se alguém desobedecesse a professora?)) se desobedecesse...((é, se respondesse pra ela?))ah... mas ninguém respondia... brava como ela era ((risos)) tá louco...((e ninguém assim... por exemplo... fugia da sala... abria a porta e saia?)) não...((e se por exemplo se ela mandasse... copie do quadro desse jeito... e a pessoa copiava do outro jeito?))isso também não me lembro...((não acontecia?))não...((e havia mais meninos ou mais meninas ?))acho que tinha mais menina...((mais meninas?))a Rosa Cali era uma delas... você sabe o que aconteceu Anna? ((hã?)) perto da sacristia que tava uma rodinha e eu disse essa Rosa quando era menina era uma loirinha muito bonita... ela disse... era não... sou...((agora pouco... antes dela falecer?)) é.. uns par de ano... ela ((minha avó)) tava junto...((que bonitinha...era... eu lembro da Rosa Cali....))e disse assim uma loirinha. ..((muito bonitinha)) ((a professora tomava leitura? passava no quadro assim o texto e dizia... Albino lia...))fazia...((e o senhor lia?)) é... daí tem que

ler...((lia bem?)) sim...((muito bonita a sua leitura?))a minha?((é))...não...não... não é muito bonita... não... regular...((soletrava... meio gaguejava...))é...((mas de medo da professora ou por que não sabia?))...às vezes porque não sabia...((o que acontecia com quem não fizesse as tarefas? a pessoa chegava assim... ah... esqueci de fazer a tarefa...))ah... isso eu nunca vi acontecer...((todo mundo fazia?)) fazia... a mulher era brava...((se não a régua cantava?))não tinha essa história... ((risos))((tá já perguntei se sentavam todo o dia no mesmo lugar... o senhor disse que não! nos lugares sentava onde queria... né... as carteiras eram individuais... também...e o senhor lembra se aprendeu a ler rápido?))eu?((é)).aprendi! é... não foi muito difícil...((no que ela começou a ensinar, o senhor já foi aprendendo. era só ensinar ...))ensinando a fazer o número um... foi embora...((e vocês cantavam músicas na escola? ela ensinava musiquinha?))musiquinha? se ensinavam?((é))não...ela só ensinava a cantar o hino...((não tinha nenhuma cantiga... nem religiosa que ela ensinava?))não... só o que era de origem polonesa tinha que ficar uma hora a mais pra aprender a rezar em polonês... e essa Apolônia... que falava só em polonês em casa... não pode pronunciar direito... daí já entrou de castigo...((e tinha aula de religião na escola?))tinha...((e ela dava também?))sim...((era estilo uma catequese?))sim...((e agora deixa eu fazer uma outra pergunta... a matemática que o senhor aprendeu na escola... fazer continha... resolver problema... as medidas... serviu para a sua vida?))serviu... deu pra mim quebrar o galho...((deu para o senhor... viver?))claro..((no dia a dia... fazer contas...))claro... sei de cabeça...((cálculos de cabeça...))faço... pergunte aí pra Bernadete... faço... ((e na escola vocês faziam cálculos de cabeça ou era só com a continha?))só na continha...((não podia fazer de cabeça?))não... nem ensinava...nada disso...((essa eu já perguntei... como o senhor sabe calcular as finanças e entende tão bem de construção? sabe economizar tão bem...isso foi porque o senhor aprendeu na vida ou foi por causa da escola?))aprendi na vida...((também economia... a fazer os cálculos todos né?))na vida...((as pessoas comentam até na nossa família que o senhor tem uma memória muito boa. que o senhor conta muitas histórias também. tem alguma história que o senhor pudesse contar? uma história contada por seus pais ou pelos seus avós ?))bom... aquela já contei... tá gravada né? ((tá... mas aquela gravação não serve para essa gravação))...pois é...((pausa))((o senhor não conta para mim uma historinha? da lagoa?))bom... da lagoa... a lagoa tava seca por duas vezes... e por duas vezes entrei de moto lá e tava tudo rachado... seca...

seca... seca... duas vezes entrei na lagoa grande de moto....((de moto?))de moto...((e a lenda da lagoa?))bom... a lenda da lagoa o que eu ouvi contar... que teve um... sei lá... numa sexta-feira... tipo pra provocar... pra abusar...((ahan)) e deu um estrondo enorme... sumiu casa... sumiu, o pessoal desapareceu tudo... ficou aquele buracão... vi os antigos contar...((e os antigos eram os seus avós?))é... os avós...os pais... os avós... contavam em casa...((e o Padilhão?))ah... o Padilhão é mas...já contei essa ou não?((não))essa aqui é o seguinte... então tinha o dinheiro era em ouro... enterravam em um pote ou conforme a quantia e daí... os padres jesuítas que tinham esse dinheiro com a ideia de comprar o Brasil... mas o Padilhão fez diferente... ele tinha uma tropa de burro... puxava os de Paranaguá pra cá... pra manter sal e algum paninho... que o Brasil não fabricava coisa nenhuma na época... e o último da tropa era o dono que vinha com a ... esperava entocado o dono da tropa e ficou... foi acumulando as onças... eram umas moedas grandes. ..eu vi uma vez... moeda grande.. de ouro puro.. quando deu mais ou menos uma carga pra um burro pegou um escravo pretinho e foi pro rodeio... daí ele perguntou pro pretinho..cuida do dinheiro? cuida.. daí ele degolou e enterrou junto com as onças...((mas meu Deus))diz que nem o exército pode mexer naquilo...((que coisa... né?))ou chove então tem que correr... mas se você for um caçador... lá com ideia de caçar e não fazer aquilo... não acontece nada... mas se for de mexer... **foi um espirita lá de Curitiba e baixou o pretinho... lá o espírito do pretinho... fez ele prometer que ele ia entregar o ouro tal dia...** prometeu...quando tavam arrumando em Curitiba pra vir.. daí ele ia descer em Balsa Nova... porque o rodeio é pra cá. caiu morto...((nossa))pronto... acabou...tem... o negrinho ia entregar o dinheiro... mas não entregou porque mataram ele....((e a lenda do lobisomem?))ah... já é outra coisa...esse aí eu vi...((viu? não é lenda?))não... como aqui em você... eu encontrei ele no carreador... tava escuro... quando eu vi... aquele...gritei... ele roncou e saiu lá pra baixo.... era perto da casa...((e o senhor ficou com medo?))sim... mas ...((e sobre aquela história que eu gosto que o senhor contava quando eu era criança... do velório?)) ah... do velório? ((essa eu acho a mais divertida de todas))então era o seguinte... não ficava como é hoje os mais queridos velando... escolhiam bem... duas pessoas... um era bem corajoso e outro bem medroso... e tavam lá... velando... o dono da casa disse... quando der sede vão lá no paiol... tem um quinto de vinho... podem buscar o vinho e tomar.... foi lá pelas meia noite e pouco... o corajoso disse pro outro: vai lá buscar o vinho. ..não... não vou... vai você... acabou indo o medroso

buscar... e não quis ficar com o defunto... daí enquanto ele foi buscar o vinho... ele pegou o defunto e pôs na cadeira e pôs o sobretudo dele no defunto e o outro daqui a pouco veio com o vinho querendo dar pro morto que tava sentado na cadeira e ele tava do lado no lugar do defunto... ele... então tanto quis... então tome o vinho... e na frente do que era pra ser o morto... disse... se ele não quiser beber... traga aqui... que eu bebo... pulou a janela e foi embora...((risos)) o medroso...((risos)) ((mas veja... tem agora uma outra história que o senhor queira contar...ou não?)) tem diversas... mas eu não lembro na hora...a maior bobagem que eu fiz na minha vida foi... foi às onze horas eu com o Joaquim Sales... descemos no Itaquí e vamos pra Palmeira? Vamos... era onze horas, hora de almoço... fomos pra Palmeira... chegamos às três horas da tarde... tudo saibro... buraco... assistimos o jogo e viemos embora....quando o sol tava bem entrando... saímos de lá... quando chegamos nos papagaio.. já tava usando a luz da bicicleta. ...o farol do companheiro... e disse.. eu não aguento mais Albino... eu disse... pare o caminhão... os jogadores que vinham vindo era coberto com encerado.... parou e pararam... quem ajudou a erguer as bicicletas foi o João Borges... ((risos)) falou pro filho... falou... é verdade isso... não é só história... é cheguei em casa e lanchei.. tudo... às sete horas já tava na fábrica trabalhando... que tal que saúde... não tinha mais o que molhar...((que idade o senhor tinha?))deixa eu penar agora... acho que ali un((pausa))dezesesseis...quinze anos...((era menino))é mocinho... bom de perna... a serra pela velha nunca empurrei bicicleta...((sempre veio pedalando?))sempre pedalando...((até hoje... né?))se precisar ir pra Curitiba de bicicleta... eu vou... vou... se for preciso... eu vou....((então... tá bom...é...muito obrigada pela sua entrevista... ela vai ajudar muito no meu trabalho...certeza))de nada...muito importante pro meu trabalho...tem mais coisa... mas a gente não lembra de tudo...((hum...hum... mas eu queria saber mesmo era da matemática...))ahan...((a matemática é que eu queria saber...))é...((que beleza...))

3ª Entrevista: 12/11/14

Duração: 7' 30

Local: Residência do entrevistado

((Bom dia senhor Albino Augusto...)) bom dia...((vamos fazer mais uma entrevista...)) vamos...((então vai acontecer o seguinte...eu vou primeiro mostrar um

caderninho pro senhor e o senhor vai dar uma olhadinha e ver se esse caderninho parece com o seu quando o senhor usava na escola)) ((ruído das folhas do caderno)) é velho esse aí ... ((é... 67)) é... parecido ((parecido...)) é... ((era assim fazia trabalhinho... continhas desse jeito)) tá amarelo...((é de 67 esse aí... parece com o seu caderno)) () é... que mais eu usava aí também é lousa... hoje usam lousa... ((não)) ((não... não existe mais né... fala de minha avó)) ((não existe mais a lousinha)) ((ele também tinha a letra mais feia que nesse caderno... minha avó falando)) ((é)) ((risos)) ((então deixa eu mostrar uma lousinha)) ((ele tinha garrancho... diz a minha avó)) ((É)) ((a lousinha era mais o menos assim)) não... ((era diferente a lousinha)) lisa... a parte de dentro era lisa... não tinha nada ((*ahan* não essa aqui também não tem linha é que a impressão é que não ficou muito boa)) *ahan* ... não era assim ((mas era assim quadradinha... interroga a minha avó)) é... quando ((era assim tá então essa imagem já era)) ((eu não sei que material que era... minha avó tenta mediar)) ((eu acho que era o mesmo material do quadro)) ((isso mesmo...era... minha avó afirma)) ((um quadro negro só que pequenininha)) ((era... a vovó fala... isso mesmo... era)) ((e aí vocês escreviam com giz)) era... ((tá)) ((então veja aqui ó... assim que a professora trabalhava medidas... as frações)) não...não...não () ((mas ela repartia a laranja né)) É...É...((mas ela não fazia desenhos parecidos com esse... não...)) não... ((não fazia)) a laranja ela dividia...cortava uma laranja pra mostrar como era ... *hã*... multiplicar ((como era multiplicar ...tá)) ((essa matéria... geometria... o senhor teve na escola...)) não... ((nunca teve essa matéria...)) não... não... não...((e mapas...vocês faziam mapas...estilo esse aqui... o mapa do Paraná)) não... ((também não... não tinha mapa)) não... ((tabuada tinha...)) tinha... tabuada tinha... ((e era assim que vocês faziam a tabuada)) tabuada tinha... ((e copiavam várias vezes)) é... ((mas copiava na lousa né... diz minha avó)) é... ((tudo escrito na lousa né... fazia continha desse jeito)) não fazia... que eu me lembre não... (mais e menos diz minha vó)) ((é tem de mais... de menos e de vezes e arme e efetue tá escrito)) ((acho que sim minha avó diz)) esse aí eu não me lembro... ((não lembra se fazia continha... é vamos ver continha...)) mas tanto tempo... ((é oitenta e três)) ((continha de mais fazia assim...)) a de mais fazia...((era desse jeito)) *ahan*... ((e e vezes era desse jeito aqui...)) É...*ahan*... ((e vamos ver de menos... era assim ó)) também era...((ia o número e caía a sementinha)) *ahan*... ((bem... era desse jeito... e de dividir... vamos ver...se era assim de dividir)) dessa aí ... nessa parte eu era fraco... ((era fraco)) a única

coisa que eu era fraco era na de dividir...((dividir *né*)) ela fazia assim pelo processo curto ou pelo processo longo...) eu acho que por essa parte aqui... ((pelo curto)) é pelo curto... ((não era pelo processo longo então)) não... ((perfeito...)) a falecida Irmã Josefina... era brava e bonita ((risos)) ((brava e bonita)) ((vô veja se ela passava algum problema assim ó)) eu acho que é mais ou menos isso... ((assim o problema e agora vamos ver essas imagen aqui ó...quais dessas salas de aula parece mais com a sua sala de aula... tá então vamos ver ó... aqui nessa sala tem uma Irmã em pé)) essa tá parecido... ((a Irmã Josefina se vestia assim...)) não... com chapéu não... não... nunca vi ela de chapéu () ((era de veuzinho... e essa aqui ó... também tem uma Irmã)) ela se vestia assim... ((era assim que ela se vestia)) ((essa acho que tá mais igual *né* diz a vó...)) é... era em volta assim ó.... carteira em fila... ((enfileirada... tá...estilo assim)) aqui o que é... ((uma sala de aula... não tem a professora)) () ((tem o quadro e as carteiras)) só tinha uma mesa... tinha régua pra ela bater em nós e... ((risos)) eu digo em nós mas nunca apanhei de régua... ((de régua não... não apanhou aí *né*)) não... ((então era a figura enfileirada assim... só que a Irmã se vestia desse jeito...)) **((isso... responde a minha avó)) é... as carteiras eram nesse sistema aí** ((eram em fileiras)) ela ficava lá na frente... de frente pros alunos... aqui ela tá de costa para os alunos... ((ela tá... pra alguns ela tá virada de costas)) por exemplo se a sala era assim... nós ficávamos em uma carteira e ela lá... sentada numa mesinha...((isolada de vocês)) é... ((então senhor Albino Augusto eram essas as perguntas)) ((era pouca coisa... diz minha avó)) ((que eu queria fazer para o senhor... só tem umas coisinhas agora que eu preciso perguntar... sem imagens... se a professora ensinava a ler no relógio)) aprender o relógio... ((isso)) não... eu sentei na praça e fiquei cuidando do relógio... da torre e aprendi sozinho... ((aprendeu a ver as horas sozinho)) eu fiquei uma hora lá pra ver como é que funcionava o negócio... ((*ahan* ... na outra entrevista o senhor falou na fabriquinha do tio Berto... como é o nome da fabriquinha dele...)) Cerâmica Rio Branco... ((Cerâmica Rio Branco... e o senhor poderia me explicar como é que fazia a brincadeira da búrica...)) a com as mãos... fazia um buraquinho no terreiro... e joga... o que chegar mais perto ou entra no búrico ou então depois pega a bolinha e põe aqui... um bate no outro... ((*hum*... e a última pergunta agora... o que é um bocó...)) bocó é-é um pedaço de pano que a mãe costura e pra por a lousa, os cadernos tudo pra escola...((estilo uma mochila)) ((isso iz a vó)) é... e as meninas de cestinha e taquarinha assim... ((de palha... de palha... responde a minha avó)) de palha... ((de palha... aí elas tinham duas asinhas

assim... daí pegava... completa a minha avó))((que bonitinha...)) o bocó que nem hoje ((é de pano... diz a minha avó)) ((de atravessado no corpo)) é ... de pano... ((daí costurava assim...deixava um pedaço aqui... pra poder... explica a avó)) vinham da Campina de a pé... do Botiatuva... era longe... não tinha como hoje essa maravilha de ônibus puxando criança... se não tiver lugar pra ir sentado... já tão reclamando... ((é... exatamente...)) hoje é uma maravilha... ((uma maravilha né...mas então eram essas perguntas que eu queria fazer... era bem pouquinha coisa... muito obrigada por sua entrevista... vamos salvar aqui agora)) ((risos)) ((e iga Bino tamo sempre às ordens...diz minha avó)) é tamo aí pronto pra responder ((fale vetchoto)) quando quiser vir aí... venha eu te conto...

O menino que habita o ancião: meu avô

A 1ª entrevista foi agendada para o dia 17/04/14. Cheguei um pouco antes do horário combinado, meu avô estava descansando, como faz diariamente. Aproveitei para conversar com minha avó Duda e saborear um tijolinho de abóbora que sabe fazer como ninguém.

Logo meu avô se apresentou muito animado e nos cumprimentamos. Comentei que após o término da entrevista, gostaria de fotografá-lo, para registrar o momento. Rapidamente, pediu licença para trocar de roupa. Retornou todo arrumado, com roupa de ir à missa

Pedi que escolhesse o espaço para a entrevista, um local em que se sentisse confortável. Optou pela sala de TV e sentou-se em seu sofá cativo.

O depoente estava muito preocupado com as perguntas que faria. Disse-me que tinha medo de não saber responder. Tranquilei-o resumindo a temática das perguntas. Ele disse que era muito fácil e desatou a falar sobre o assunto. Pedi que se acalmasse que já iniciaríamos a entrevista.

Diário de campo – 17/04/14

Entreguei-lhe a carta de apresentação e ele disse que não precisava. Relatei que era um protocolo necessário para as entrevistas com todas as pessoas que entrevistaria. Fiz a leitura da carta. Pedi-lhe o seu documento de identidade para fotografá-lo e preenchi a sua ficha cadastral.

Apresentei-lhe as fichas impressas em folha A4, na fonte Ariel tamanho 88 e 90, em tinta preta, letras maiúsculas e expliquei que poderia organizá-las com a sequência que preferisse. As fichas obedeciam a uma ordem cronológica dos acontecimentos, com base nas informações que tenho sobre sua vida, o que não sabia e precisaria saber.

Selecionei um total de 52 palavras-chave para que se soltasse um pouco, comentasse temas que lhe são interessantes e discorresse sobre o assunto: APRESENTAÇÃO PESSOAL – PROFISSÃO-PRIMEIRO EMPREGO-ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU-PAIS E IRMÃOS-INFÂNCIA-A CASA ONDE MORAVA-BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA – BRINQUEDOS-AMIGOS NA INFÂNCIA-DIVERTIMENTO QUANDO CRIANÇA-BRASIL EM 1930-PARANÁ EM 1930-CAMPO LARGO EM 1930-PREFEITO-ESCOLA EM QUE ESTUDOU-

PROFESSORAS-COLÉGIO SANTA TEREZINHA – ESPAÇO DA ESCOLA – COMO CHEGAVA À ESCOLA-COM QUEM IA À ESCOLA-MATEMÁTICA-MATERIAL ESCOLAR-ONDE COPIAVAM A MATÉRIA – TABUADA-CONTINHAS-COMO ERAM AS AULAS – LIÇÕES DE CASA – O QUE APRENDEU NA ESCOLA – O QUE FOI BOM NA ESCOLA - MERENDA ESCOLAR – HORA DO RECREIO – LEITURA – CÓPIA – CASTIGOS – RELIGIÃO NA ESCOLA – UNIFORME – BOLETIM – PROVAS – BIBLIOTECA – LIVROS – POR QUE NÃO CONTINUOU OS ESTUDOS – PRAÇA DO COLÉGIO – CHAFARIZ – IGREJA MATRIZ – PRAÇA DA POLÔNIA – MALANDRAGENS DE MENINO – A GRANJA – HISTÓRIAS DE CAMPO LARGO – GETÚLIO VARGAS – MEIOS DE TRANSPORTE – COMEMORAÇÕES DE FERIADOS. As impressões da entrevista constam através de recortes do diário de campo:

O depoente comentou que pensava que teria que escrever todas as respostas nas fichas. Em alguns momentos buscou falar o mais próximo da linguagem padrão. Durante quase toda a entrevista manteve um nível relaxado de linguagem, como faz no cotidiano. Algumas palavras ele soletrou, outras leu com facilidade. Não desenvolveu as respostas, apenas as comentava. Informações que sei que ele sabe, relatou que não lembrava. Esquivava-se da escola. Queria contar histórias da sua vida. Estava muito alegre e satisfeito. Ofereceu-se para outras entrevistas. A minha falta de experiência comprometeu a entrevista. Não sabia que poderia mediar. Pensei que as fichas o guiariam e que não poderia interferir nesse processo. Confesso que fiquei frustrada.

Diário de campo – 17/04/14

Expliquei-lhe que faria duas entrevistas, a 1ª com palavras em fichas, a 2ª através de um questionário, e que a temática seria a mesma: a Alfabetização Matemática, ou seja, a Matemática que havia aprendido na escola no período em que estudou: do 1º ao 3º ano primário.

Colocou as fichas sobre o colo e olhou-as rapidamente, sem curiosidade. Separou a ficha GETÚLIO VARGAS. Disse-me que deixaria por último. Cresci ouvindo meu avô falar sobre Getúlio e sabia que é seu assunto favorito.

Estava muito preocupado com o gravador, que estava a seu lado, no braço do sofá. Curvava-se para falar próximo ao gravador. Comentei que o aparelho gravaria a distância e poderia ficar bem tranquilo. Ele continuou se curvando. A cada ficha

que pegava, a lia em voz alta. Comentava-a brevemente e a depositava no sofá ao lado. Nos descritores de fatos sobre a escola, parava, olhava rapidamente para a porta, como se estivesse aguardando alguém, olhava para mim e respondia. A entrevista teve a duração aproximada de 30 minutos. Ele deu boas gargalhadas. Divertiu-se.

Combinamos que a próxima entrevista seria no 2º semestre e que seria avisado com antecedência. Fotografei-o. Sorriu para a fotografia. Ouvimos um trecho da gravação e o depoente apreciou a sua fala.

Após a transcrição da entrevista, apresentei-a a meu Orientador em duas versões: a primeira literalmente, preservando as marcas de oralidade; a segunda, com o polimento do texto. O Professor Carlos sugeriu que lesse Dino Preti, pois sabia de meu interesse de um estudo futuro sobre os níveis de linguagem presentes na entrevista.

O Professor pediu que fizéssemos uma entrevista como pré-requisito para a disciplina “História da Educação Matemática no Brasil”. No dia 21/05/14 encaminhei-lhe um *e-mail* solicitando a sua autorização para a realização da 2ª entrevista com meu avô. Logo o Professor retornou com a resposta afirmativa.

Combinamos para 23/05/14, entretanto chovia torrencialmente e telefonei para meu avô cancelando a entrevista. Quando chove, costuma dormir por um longo período à tarde e não quis perturbar seu descanso. Agendamos para 30/05/14, no horário das 14 h, em sua residência.

Gostaria que a 2ª entrevista ocorresse na Praça Atílio Barbosa, ou Praça da Matriz, como é popularmente conhecida, porque no espaço dessa praça é que meu avô brincava durante o recreio em seu tempo de escola, a fim de que evocasse suas lembranças. Entretanto, o fluxo de veículos e transeuntes não permitiria a realização da mesma.

Estive na Casa Paroquial, espaço em que se encontravam as salas de aula do Colégio Santa Terezinha, quando meu avô estudava. Conversei com a recepcionista e expliquei-lhe sobre o meu estudo e que gostaria de fazer uma entrevista em uma das salas. Mas a informação que recebi, foi de que o Padre não permitiria e não insisti.

Elaborei um questionário bem longo, a fim de explorar ao máximo as suas respostas de meu avô. De fato o que ocorreu foi outra entrevista.

1. Qual é a lembrança mais antiga de sua infância?

2. Onde o senhor morava na infância? O senhor morou sempre na mesma casa? Como era essa casa?
3. Quem morava com o senhor?
4. Quem eram seus pais, irmãos e irmãs?
5. Onde seus pais trabalhavam?
6. Qual é a lembrança mais antiga da escola?
7. A escola era longe de sua casa? Como o senhor chegava à escola?
8. Como era a escola? Onde ficava?
9. Quem eram as suas professoras?
10. O senhor se lembra de seus colegas?
11. Seus colegas estão vivos?
12. Qual era seu melhor amigo na época de infância?
13. Havia muitos alunos na sala de aula?
14. Que materiais escolares o senhor utilizava?
15. O senhor se lembra da rotina da sala de aula? (Como iniciava a aula, o que vocês faziam primeiro?).
16. O que a professora ensinava?
17. O senhor se lembra de alguma matéria?
18. O senhor gostava de estudar?
19. O que o senhor mais gostava na escola?
20. Por que não continuou seus estudos?
21. O que o senhor se lembra da matemática?
22. O senhor tinha facilidade em fazer continhas?
23. O senhor decorava a tabuada?
24. Havia tarefa de casa?
25. O senhor aprendeu geometria na escola?
26. O senhor aprendeu sobre as medidas?
27. A professora passava textos no quadro? Vocês faziam cópias?
28. Copiavam continhas?
29. Como a professora corrigia as continhas?
30. O que acontecia quando vocês erravam as continhas?
31. A professora passava problemas de matemática?
32. A professora fazia provas?
33. Como ela dava as notas para vocês passarem de ano?

34. Havia intervalo de recreio? O que vocês faziam?
35. A professora passava sequência de números no quadro?
36. Vocês faziam bagunça na sala?
37. O que acontecia se alguém desobedecesse a professora?
38. Vocês brincavam na escola?
39. Havia mais meninos ou meninas em sua sala?
40. A professora tomava leitura?
41. Havia tarefa de casa?
42. O que acontecia com quem não fizesse as tarefas?
43. Como eram as carteiras na sala de aula?
44. Vocês sentavam todo o dia no mesmo lugar?
45. Quando alguém não entendia a matéria, a professora explicava novamente?
46. O senhor aprendeu a ler rápido?
47. Vocês cantavam músicas na escola?
48. O senhor se lembra das brincadeiras da infância?
49. A matemática que o senhor aprendeu na escola serviu para a sua vida?
Como o senhor sabe calcular as finanças e entende tão bem de construção?
50. As pessoas comentam sempre sobre sua memória. O senhor se lembra de histórias contadas por seus pais e avós durante a sua infância?

Conforme o combinado, compareci em data e local determinado. Meu avô me aguardava. Estava arrumado com roupa de ir à missa, como na entrevista anterior.

Sentou-se em seu sofá preferido e minha avó permaneceu a seu lado. Minha tia caçula estava na casa de meus avós e ele pediu que ouvisse a entrevista. No áudio pode-se ouvir em dois momentos os diálogos de minha avó e minha tia. Meu avô parecia aquele menino de 1930, esqueci-me por certo tempo que conversava com um ancião.

Coloquei o gravador, como na entrevista anterior, a seu lado, no braço do sofá. Expliquei-lhe que faria perguntas sobre o seu tempo de escola e que seriam perguntas parecidas com as palavras das fichas.

Usei o questionário como base. Não o segui à risca, porque precisei simplificar as perguntas. Aglutinei-as, mudei a ordem. Inclusive não me preocupei com a linguagem padrão. Há muitas redundâncias e vícios de linguagem e marcadores de discurso no áudio. Afinal, estava “no território do entrevistado”!

Após cada resposta, precisei retomar a pergunta ou completá-la para que desenvolvesse melhor. A entrevista teve a duração de pouco mais que 39 minutos e ao término, fotografei-o. Comentou que o que não havia ficado de acordo na entrevista, que cortasse.

Comentei que assim que transcrevesse e textualizasse a entrevista, a traria para que lesse e verificasse se estaria em conformidade com sua narração. Ao final de cada entrevista, redigi o diário de campo.

O senhor Albino, meu avô estava ansioso pela segunda entrevista. Como na primeira entrevista, continuou respondendo brevemente. Precisei perguntar novamente, completar as perguntas. Continuou se esquivando da escola e logo no início da entrevista comentou que seu problema na escola era a Matemática. Ele ainda tem muita mágoa da professora. Referiu-se à Irmã como freira. Fugia do assunto, queria contar outras histórias. Falava dos colegas como se apenas eles fossem velhos. Reforçava que as pessoas citadas estavam mortas. Pelo que entendi meu avô era o primeiro da chamada. Ele mencionou que no tiro de guerra “também” era o “testa de ferro”, o primeiro e fez esse comentário depois que comentou sobre a tabuada. Também relatou que a Irmã falava os problemas, quer dizer, ela os ditava.

Na 1ª entrevista disse que não havia provas na escola. Na 2ª entrevista falou sobre as provas. Na 1ª entrevista disse-me que descansavam na hora do recreio, na 2ª entrevista disse que brincavam onde hoje é a Sacristia da Igreja Matriz. Na 1ª entrevista falou que a professora circulava pela sala, na 2ª que não lembrava. Em nenhum momento preocupou-se com o gravador que estava no mesmo lugar da 1ª entrevista. Estava mais solto. Minha avó permaneceu na sala. Pareceu-me que foi fator de segurança para ele. Muitas informações eu desconhecia. Que maravilha de pesquisa! O que me pareceu é que uma entrevista direcionada auxiliou no processo. Quando perguntei se gostaria de contar uma história, disse-me que já havia contado na outra entrevista. Temo que o tenha induzido a determinadas respostas. Fiquei muito satisfeita! Um menino vivaz habita o ancião.

Diário de campo – 01/06/14.

Ouvi as entrevistas várias vezes. Li e reli as transcrições e não fiquei satisfeita! Foi muito difícil envolvê-lo para que falasse sobre a Matemática.

O processo de transcrição foi difícil e moroso, por conta da minha falta de experiência. Precisei voltar e ouvir muitas vezes. Transcrevi a 1ª entrevista em torno de 7 horas praticamente corridas, só parei para almoçar.

Na 2ª entrevista demorei em torno de 10 horas. Guardei a versão original da forma transcrita, sem correções. Posteriormente pretendo analisar a linguagem. Meu avô fala muito rápido, conserva alguns traços do vocabulário ao longo do tempo e a fala encontrou-se no nível relaxado.

Organizei a narrativa da versão textualizada em sequência linear dos fatos, a fim de que facilitasse para o leitor. Após a leitura de Dino Preti, retomei as transcrições porque as havia realizado em forma de questionário e organizei-as, com as normas devidamente. A textualização foi feita com tranquilidade. Apreciei cada palavra. Fiz três versões: a primeira com todas as informações, a segunda preservando algumas histórias e a terceira contemplando apenas a infância e a escola.

Durante uma conversa rápida por telefone, no dia 27/09/14, o entrevistado me explicou o que seria a brincadeira do “trejo” e a palavra “pirole”. Tais informações se encontram em nota de rodapé, da versão textualizada.

Houve a necessidade de uma 3ª entrevista, no dia 12/11/14, um dia após seu aniversário de 92 anos, a fim de buscar mais informações sobre o seu tempo de escola. Optei por recurso de imagens, tais como fotos de classes de escolas religiosas, da década de 20, de 30 e 40; lousinha; adição com três parcelas, subtração com reserva “cai a sementinha”, multiplicação e divisão pelos processos longo e curto; uma situação-problema do campo conceitual aditivo de transformação simples; um exercício de arrem e efetue; representação de figuras geométricas; mapa; ilustrações de frações; tabuada e um caderno de Cálculo de 1967. A entrevista durou pouco mais que 7 minutos. Transcrevo as impressões registradas no diário de campo:

Nessa entrevista meu avô não estava muito motivado a falar. Logo que cheguei perguntou “o que você quer saber mais, eu já te falei tudo o que lembrava da escola”. Eu e minha avó achamos muito engraçado. Fiz a entrevista na copa da casa, a meu pedido, para que pudesse manusear as imagens. Deixei o gravador longe dele, em um móvel ao lado da mesa e ele nem o percebeu. Minha avó permaneceu no mesmo ambiente, inclusive mediu alguns questionamentos. Percebe-se a sua presença, no áudio da entrevista. Meu avô deixou explícito no olhar a cumplicidade com a fotografia da década de 20, a subtração com reserva, a divisão pelo processo curto e o caderno. Contou-me que certo dia se agarrou no portão de casa para não ir à escola e quando sua mãe conseguiu soltá-lo, parte do portão estava em suas mãos. Riu muito sobre esse episódio e me diverti com sua inocência.

Diário de campo – 12/11/14.

Antes de encerrar a entrevista, pedi-lhe que me explicasse o que é um “bocó”, para que pudesse registrar esse vocábulo em nota de rodapé. Aproveitei o momento para fotografá-lo entre algumas imagens utilizadas na entrevista. Como é muito vaidoso, pediu licença para ajeitar o cabelo.

Transcrevi a entrevista no mesmo dia e organizei a versão final. No dia 18/11/14 assinamos a carta de cessão. A seguir apresento a versão textualizada das entrevistas com Albino Augusto. A narrativa dos depoimentos funciona como um preâmbulo para a compreensão de aspectos peculiares dos primeiros anos da Matemática escolar ensinada pelas Irmãs da Congregação da Sagrada Família, que posteriormente garantirá seu *status* na história da educação do município. Foi Albino quem me norteou as entrevistas com os outros depoentes, pois a partir das entrevistas com ele pude fazer os ajustes necessários.

Albino Augusto nasceu na localidade do Retiro, em Campo Largo – PR, que fica a 12 km do centro da cidade, no dia 11/11/1922. Estudou até o 3º ano primário e trabalhou em sua vida profissional, na indústria cerâmica. Está aposentado desde 1968. (Conforme consulta ao Registro de Identificação e entrevista realizada no dia 13/11/14)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, ALBINO AUGUSTO, portador (a) do RG 184.237, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado desenvolvida por Anna Carolina Galhart, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, ALBINO AUGUSTO, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 18 de novembro de 2014.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a):

Albino Augusto

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora:

Anna Carolina Galhart

TABELIONATO ANDRADE - CAMPO LARGO - F

Tabelia Florestina Andrade Stocco
R. Rui Barbosa, 1050 - Fone: (41) 3291-190

Reconheço a(s) firma(s) de:
ALBINO AUGUSTO - ALBINO AUGUSTO.....
por SEMELHANÇA; face a impossibilidade do signatário comparecer na Serventia

Em testemunho da verdade
CAMPO LARGO, 15/12/2014.

Ione Maria Pereira de Andrade
Escrevente 014-IONE MARIA PEREIRA DE ANDRADE
ESCREVENTE

IFUNARPEN - SELLO DIGITAL
fe9FH6 . seWkt . Lx6m3 - daFib . 4wIS
Valide em <http://funarpen.com.br>

ANEXO I

Zita Yolanda Netzel

Data da Entrevista: 10/09/14

Duração: 76'15

Local: Residência da Entrevistada

((Bom dia:: professora Zita...)) bom dia:: ((tudo bem?))((falamos juntas *né*...))
 é tudo bem graças a Deus... ((vamos começar agora a entrevista com a professora
 Zita:: que foi a minha professora na primeira série...me ensinou a ler...me ensinou a
 escrever...e é um prazer imenso estar nesse momento aqui com a professora Zita::
 ...)) muito obrigada...((professora Zita... a senhora autoriza que essa entrevista seja
 gravada::...)) autorizo sim... ((e que seja transcrita ... textualizada também?))
 também...((então muito obrigada e vamos começar então...)) vamos começar... o
 que eu teria para falar da minha infância::foi uma infância muito difícil... eu... era o
 tempo que...não setinha uma mochila::...não se tinha uma mala para levar
 material...a gente levava o caderninho::a cartilha na mão:: ... e em casa::...também
 era muito penoso...e foi lutado... lutado... até que venceu... ((e a senhora lembra do
 nome da cartilha?)) Asaema...((Asaema?)) Asaema..*ahan*...((veja é uma cartilha que
 eu não conheço...)) bem antiga:: ... Asaema... a casa onde eu morava:: era uma
 casa muito :: antiga :: do tempo do meu avô Alberto...e:: meus pais vieram do
 Retiro:: lá onde moravam e::...fixamos residência aqui mesmo na rua Barão::...
 nesse terreno grande ... aqui nós tínhamos a família inteira...e... meus pais... meu
 pai trabalhava fora... e a minha mãe cuidava dos animais::...do quintal e nós
 (pequenos) ajudávamos também...((ruído da rua))... era uma casa bem
 antiga::...e::... não dá pra contar muito detalhe *né*?...((pode... ela era de madeira...
 ela...)) ela era de madeira::...pintada com cal...terra colorida::...bem antiga...a casa
 era tão antiga que nem vidraça tinha...((*ahan*...))...só janela escura ((*hum*...)) ...no
 meio dos arvoredos... muito bonita...era pobre::...mas a gente era feliz...((que bom...
 que cor que era essa casa?)) ela era branca:: com uma barra cor de rosa na frente...
 usava-se barra para pintar... vasinho de flor:: ((tudo coloridinho...)) tudo colorido...as
 brincadeiras de criança...eram as melhores possíveis... inocentes... brincávamos as
 meninas... os meninos da redondeza:: ...nós batíamos bete... nós chutávamos
 futebol aqui na pracinha::...jogávamos bolinha de gude...e quando a gente perdia a

gente ia pra cima dos meninos::...éramos valentes... era uma porção::...((uhun))... e até...((ruído da rua))...com os cavalos do vizinho::nós pegávamos escondido os cavalos...no potreiro::... e subíamos no cavalo e andávamos aí pelo bairro ((risos))... sem sela... sem nada...((vocês aprontavam *hein...*)) tudo escondido...tinha um olho de água que a gente::...ia tomar... tinha que arredar aqueles sapinhos pretos... sabe... ((hum)) para poder pegar a água...o no riozinho... onde a minha mãe lavava a roupa::...tive uma infância assim que a gente brincava...tinha as brincadeiras assim de subir nas árvores...e subia... mas... era tudo brincadeira::...((ruído da rua))...coisa que traz muita saudade hoje...((ruído da rua)) ((cão latindo na rua))... pra pular corda... nós íamos no mato:: cortar aquele::... ((cão latindo na rua))... era um cipó...pra poder pular... então a gente ficava:: com as pernas tudo machucada::... ((risos))... não tinha corda... era o cipó...((o cipó))... que ele aguentava bater no chão e a gente estava...((risos))... foi muito bonito... ((divertido::))... é:: ...olha... na escola que eu estudei::as comemorações de feriado eram...poucas...muito poucas... ((tinha desfile cívico?)) tinha::... mas daí eu já entrei ... tava no:: ... acho que terceiro ... quarto ano primário... ((ahan))... e::muito pouco daí...tinha o desfile do tempo do guarda-pó branco ainda...((era branco)) ...era bonito... tudo simples... não era como agora...que tem tanto recurso... tanta modernidade...mas:: era bonito...mas...do colégio onde eu estudei... **do Instituto. Santa Terezinha...** ele ...*hã*... tinha muito pouca comemoração... às vezes...para nos alegrar... A Irmã Regina que era a diretora...mandava nós todos pra::... aquele mato do falecido Sovierzoski... ((ahan))...hoje tem prédios...((ahan))...nós íamos fazer piquenique...nosso passeio de escola...((hã))...((veja só::))... a tabuada... eu aprendi na base da varinha...((ruído da porta rangendo)) e até hoje eu não esqueci...porque tinha que decorar...((passarinho cantando))...depois que a gente decorava do dois... do três... do quatro... daí tinha a vez do salteado... ((ahan)) e daí se a gente não soubesse...responder... já vinha com a... ((ela tomava a tabuada))... tomava...não pode... tinha que...estar na ponta da língua...depois era salteado para saber se sabia bem...((sei... a tabuada))... é...((e a senhora escrevia a tabuada pra decorar... lia a tabuada pra decorar...como que decorava?))ela...passava... a freira era Irmã Efrema...ela passava no quadro e a gente copiava...na lousa... porque naquele tempo... os quadros eram poucos... ((uhun)) e então a gente tinha lousa... a gente tinha...um giz e um paninho...pendurado para apagar...e daí levava a lousa e...ia pra casa com o dever...mas era uma lousa pequena... tipo uma caixa de sapato...

((*ahan*))...e:: ali a gente aprendia...se não soubesse::...daí já viu... ((era régua...))
uhun... era na base de castigo...((buzina na rua))... naquele tempo não era de
 ...chamarem os pais pra...((*uhun*))...pra conversar...dizer se a criança tinha
 dificuldade:: ou não tinha...era cobrança mesmo...((elas agrediam fisicamente))
 sim...batiam nas crianças... a Irmã Efrema era medonha...((porta rangendo)) ...ela::
 ...punha as letras...no quadro... as vogais... quando a gente começou a aprender:: ...
 mostrava uma régua bem:: comprida::... e a gente tinha que repetir com ela... ((porta
 rangendo))...e depois tinha que ler sozinho...e daí ir no quadro escrever...copiar
 aquelas letras...*sabe*...o quadro delas eram maior...((*ahan*)) e depois era na lousa...((
 e o dela era verde ou era preto?)) ...preto::...com a moldura verde...((a lousinha que
 a senhora usava também?))... *ahan*... ((eram as duas iguais... uma grande e uma
 pequena...))... é:: a grande era da ...((professora)) e aquela a gente levava também...
 era preta:: e a moldura assim... era verdinha...era penoso... mas... valia a pena...já
 falei *né* ((material escolar já falou))...já falei...((ruído)) as continhas...que a gente
 aprendia::... era na base de::...expressão oral...era dois mais dois... era cinco mais
 quatro::...e tinha que::... estar sabendo...mas pra trazer pra casa... então... a gente
 tinha que trazer com muito:: capricho... muito cuidado...às vezes chovia tinha... que
 por a lousa dentro da roupa...debaixo da roupa...pra não apagar a continha...((isso...
 para o giz não apagar)) é.. e:: a minha irmã... a minha mãe e até o meu pai montava
 continhas ...às vezes em outro papel::...pra que eu aprendesse ali... pra depois::
 fazer na lousa...((eles ajudavam em casa...eles ajudavam?))... era::um pouco...mas
 ajudavam...o pai insistia muito no caderno de caligrafia::...((*ah sim*...))...pra ter letra
 bonita::...ele dizia...e::...era o que... entre pai e mãe...ele que mais olhava os meus
 deveres...((ele que olhava a tarefa::))... é:: a minha mãe tinha muito serviço::
 caseiro::... muita coisa pra fazer...e ele:: daí quando vinha do serviço::ficava por ali...
 tomava banho:: e daí... a gente com lampião::...ajudava a gente...((na tarefa))... é::...
 quer dizer que ele-ele ensinava e tinha que fazer sozinho... *sabe* ...((*ahan*)) pra não
 dar... daí:: ...a gente aprendia polonês também::...((ah ele queria que aprendesse))...
 é::...cantava em polonês:: e queria que a gente cantasse junto::...quando ele estava
 bem de vida... ele:: era muito bom:: o pai assim:: um pai mais amoroso:: ((e eu só
 quero fazer uma pergunta sobre as continhas...))...pode fazer... ((as continhas que
 tinham na escola eram as quatro operações?)) era::... começou com...começamos
 pela continha de mais... daí menos...a multiplicação... **e depois a divisão...((*ahan*))**
 mas naquele tempo não tinha tanto material para que a professora ensinasse...não

como no tempo em que eu trabalhei... eu tingia palitos:: ((*ahan*)) ... vermelho... verde... pra somar tantos vermelhos... naquele tempo não tinha:: era do decorar e acabou-se... ((*ahan*)) ((e as continhas de menos era para chegar... cai a sementinha...)) era para emprestar...((para emprestar))... para emprestar...daí o método que eu ensinei foi diferente...((*hã*... no meu tempo era para chegar)) era para chegar... ((cai a sementinha))...três pra chegar em cinco quanto falta...((*ahan*))... daí eu achei que era o melhor...((*ahan*)) e graças a Deus todos aprenderam...((no seu tempo então cortava os números ou não?))... não:: ((*não*))... não cortava...era a cabecinha que tinha que funcionar... ((por exemplo cálculo mental)) ... é::...((e as divisões eram processo longo ou curto?)) ... curto... ((*curto*)) ...depois na quarta série do primário é que veio aquele método do processo longo...mas daí a própria professora ... não sei se eu falo... não estava bem preparada...e então:: foi cortado... aí ficamos só com a divisão pelo processo curto... ((pelo processo curto... e as professoras... foi uma mudança grande ... *né?*))... é:: e no segundo ano foi o tempo de ...((ruído externo))... nós estudamos aqui no...Clube Polônês::eram salas de aula... naquele tempo aquela carteira que tinha o buraco... a gente colocava o tinteiro ali... e daí tinha que copiar... estavam passando pontos...era de História...de Geografia...tinha que molhar a pena ali pra escrever no caderno...daí borrava::era...((ficava nervosa))... daí era na base do mata borrão...foi penoso mas... é::aquele-aquela base não saiu da cabeça::...((nunca esqueceu...fez um bom primário))... eu vejo agora que tem vezes que a pessoa pergunta... quanto que é três mais quatro... não sabem responder::...e a gente guardou a tabuada que até pode me perguntar...((pode perguntar que tá decorada))... é:: ((e em que ano que a senhora entrou na escola...no Instituto Santa Terezinha?)) ((ruído externo))... eu não me lembro bem...mas acho que... bem::: em quarenta e sete...((quarenta e sete))... daí em quarenta e oito::já tinha oito anos e fiz a primeira comunhão...em quarenta e sete... mas aí era na casa pequena o Instituto Santa Terezinha...ah:: eu vou falar...mas daí depois você corte... ((*ahan*))... as professoras eram freiras...e daí eram aquelas...postulantes... que vinham de fora::e daí elas se tornavam professoras...((ruído)) ...e daí tinha junto a dona Odete Schimalezki... dava aula de trabalhos manuais...ensinava ...((no primário?))... era:: não que ela fosse na sala...((*uhun*))...ia que tinha dom pra fazer alguma coisa ia...((ruído externo))... ia numa outra sala e daí... ensinavam...((uma oficina))... então... era tipo uma oficina::ali:: quem podia levava::: coisas mais caras... lençol pra bordar...aprendi a

fazer tricô com ela...((*hum*... que lindo::))... até montei uma blusinha ali... ((no primário:: risos))... era um tempo que exigiam... tinha que fazer...é.. quem não queria aprender não ia...ficava três... quatro... nas carteiras fazendo cópia...qualquer coisa... ((*sei*))... e aprendíamos... graças a Deus...((que bom))... isso eu já falei... ((*uhun*))... o nosso uniforme... Carolina...era o guarda-pozinho branco...não tinha:... padrão...era aquele estilo só...as meninas usavam um babado na frente com um cintinho atrás... e os meninos...com o guarda-pó abotoado na frente...((ah *tá*))... *ahan*...((e uma coisa que eu queria perguntar::acho que tem uma por baixo aqui... sobre ... aqui ó... sobre a::aula.. assim... a professora tinha uma rotina:: ela chegava::... ela fazia primeiro isso... depois ela fazia aquilo ou não?))...não:: ((não tinha))... não tinha planejamento... ((ah *sei*)) era tudo... como diz o caso... um tempo mais antigo...os recursos da escola eram muito pobres...e:: a gente... o tanto que me lembro::...a gente nunca viu a Irmã escrever no diário... no caderno...o que ela iria dar naquela aula:: ((*uhun*)) aquilo vinha por ocasião... ((*ahan*))... ((ela tinha um livro que ela usava para dar aula... ou não?)) não... ((*não?*)) não::...((tirava as aulas da cabeça dela::)) é:: com certeza...ela preparava no quarto dela ou na sala de refeição... ela preparava o que ela iria falar... ou o que ela iria...ensinar... mas...que eu visse escrito...não::... ((*hum*))...((porque eu lembro que no meu tempo de escola:: ... tinha uma rotina:: e eu também como professora tinha uma rotina:: primeiro a gente chegava... fazia a oração::)) é:: ((corrigia tarefa::))... daí fazia perguntas salteadas::...((*isso*::))... e daí aquele que era mais fraco a gente levava... eu levava... levava no quadro...pra escrever essa palavra ou aquela... ou... fazer aquela continha::... qual número que dava soma::...e qual era o maior... qual era o menor...puxava bastante a cabeça...agora...quando eu estudei... principalmente no...na casa de baixo... a do Instituto:: ...era muito fraquinho::... ((*uhun*))... isso eu posso dizer... muito fraquinho...((não tinha uma rotina então na aula...)) é::...as crianças do Macedo Soares caçoavam de nós...((*ahan*))... vocês-não-sabem-na-da::... ((cantarolando))... eles passavam ... inclusive o meu marido...((*ahan*))... ((o Macedo era renomado... *né?*))... é... boas professoras... uma tal de dona Leonilda::... e outras:: que no momento eu não me lembro do nome...mas era assim... bem mais preparado::... mais forte::...ensino mais caprichado::...mais recurso... mas ali era a (sem recurso) uma escola pobre... ((*sei*...é:: o começo ali do Colégio foi complicado::))...foi...foi complicado e:: como diz... foi falta de recurso... ((*ahan*))... ((a senhora havia mencionado anteriormente que começou a aula na

casa velha::)) na casa velha...((daí)) ...que era chamado de Instituto Santa Terezinha ...((*ahan*))...daí foi desmanchado e:: ...tínhamos aula no Clube Polonês:: pra que aquela casa fosse derrubada:: e ali foram fazendo alicerce::desse gigante que é agora aí o Sagrada Família... ((*ahan...foi*))...((um gigante *né*))... um elefante branco dormindo...((e é bonito *né*))... é::...((eu sou apaixonada por esse prédio:)) é::... lá passei dezoito anos...((trabalhando...))...é:: trabalhando dezoito...mas o ginásio eu já fiz ali... ((*ahan*))...do tempo...era ginásio *né* ...((*ahan... o ginásio Sagrada Família*))... é Sagrada Família... ((ruído externo))...e:::..... no que eu comecei a lecionar aqui no Colégio:: era escrito Escola Estadual Padre José de Anchieta...antes de Sagrada Família...que foi no ginásio... ((*ahan*)) mas antes de () era no ginásio é:: quando eu comecei a lecionar ali... quando eu escrevia na ...((ah... era Escola de Aplicação)) ... Escola de Aplicação Padre José de Anchieta...((*uhun*))...foi:: foi cortado... diminuído a frase::...depois ficou só com Sagrada Família... ((*ahan... depois mudou o nome pro Sagrada:::)) ...*ahan*... mudou...aí já tinha professoras...professores...de várias matérias::...inclusive o falecido professor Tito... um baluarte ali dentro... ((foi *né*))... foi...((ele até pagava os professores quando não tinha concurso:: a Madalena Getikoski que me contou isso::)) que ele pagava? ((que ele pagava))... desse fato eu não sabia...((*uhun*))...eu sabia que quando eu entrei no ginásio::... de tanto a Irmã Regina insistir... daí...nós não tínhamos recurso::... porque era pago... daí eu ... o professor Tito foi na Prefeitura... o prefeito era o falecido Guimarães... ((*ahan*)) e ele conseguiu que a Prefeitura pagava o ginásio pra mim...((custeava))...devo muito ao professor Tito...((*nossa::... o professor Tito foi *né*... uma pessoa muito especial*))... é:::... depois de... não me lembro bem... mas... na média de dois anos depois... daí passou a ser...é:::... paga... tudo pago pelo governo...o estadual ... ((*ahan se tornou*))... era o tempo do falecido professor Luiz Munhoz...também... bravo que era...((risos))... ((e uma coisa que eu queria perguntar...o Instituto Santa Terezinha era pago ou era pública?)) ...olha Carolina... eu:: não tenho certeza... mas acho que não era pago... **eu lembro que as Irmãs nos davam cestas pra gente:::...**pra gente ir nas casas onde tinha figo:: onde tinha pêssego:: pra buscar pra elas...((*ah...se*))...até ali na Popular Nova que a gente vinha...aí um dia eu disse para Irmã Regina...e o dinheiro pra comprar?...ela disse...não...eles têm que dar pra nós...bem assim ela disse... ((risos))...((*danadinhas*))...mas eu não lembro que tivesse que pagar...se tinha...não estou recordando...acho que não...((e boletim tinha?))...não...((não tinha boletim... e*

como é que vocês sabiam as notas?))...ó:::.... quando ia chegando o final do ano...é::: ...é::: ...a Irmã Efrema... a professora...depois Irmã Julinha...depois Irmã Izidora...ia indo...sabe...((uhun...))...daí também ela dizia...você está fraco... você está fraco...tem que estudar mais...tem que acompanhar melhor as aulas...e... eu sei que eles davam papelzinho escrito lá aprovado:::.. ((ah...))...aprovada... e daí tinha bem no cantinho que tinha passado...((ah))... não era um boletim oficial...sabe...((uhun...))...era um papel destacado de algum caderno...com certeza... e daí ali tinha aprovado ou reprovado...((veja isso))...mas ali passava tudo... ahan...((e a senhora comentou que os cadernos eram poucos...))...poucos...((mas as professoras...as Irmãs... corrigiam os cadernos?))...olha...é:::....isso foi depois do segundo ano ((ahan))... no primeiro ano...só a lousa...((só a lousa)) e daí no segundo já tinha caderno... mas eram...escassos...era o caderno de caligrafia:::..um caderno pra pontos:::..um caderno que era pra Matemática...ahan...((era quadriculado?))... quadriculado...a religião na escola:::..era coisa oficial...que naquele tempo era só religião católica e...que era ensinada nas escolas...e::: ali a gente aprendeu tudo...tanto que eu fiz a primeira comunhão com oito anos...a gente aprendia...chegava tinha que rezar...uma porção de oração:::..o Pai Nosso:::..e várias jaculatórias...que a gente tinha que repetir...e foi uma escola que ensinou bastante...foi uma base boa...elas eram religiosas...então tinha...o fundamento era a religião...((a religião... e todos...os alunos eram católicos?)) ...eram católicos...depois que...depois de muito tempo é que apareceu...eu não posso me lembrar do nome...mas tinha um que era...protestante...mas ele não era discriminado...((ahan))((era tratado igual aos outros))...ele não queria assistir aula...ele era de uma família do Itaqui...ele não queria assistir a aula de religião...daí a Irmã deixava ele sair no pátio...((uhun...não era obrigatório))...não era obrigatório.....só que ela levava ali...((gesticula))..tinha que dizer aqueles atos...de...caridade...atos de-de penitência:::..uma porção de oração...tudo decorado...((tudo decorado))...tudo decorado...hoje em dia as crianças não sabem...a Rozana deu aula de religião...a criança chegava com seis anos na aula... não sabia fazer em nome do Pai...((hum))...nem sabia que existia Deus...agora nós éramos levamos ali:::((gesticula))...dia do santo tinha que rezar para aquele santo...((sim)) era uma maravilha...((a Irmã Dolores até hoje faz isso...)) é:::....que bom...((ela fala umas palavras:::..sobre o santo... como ele nasceu:::..)) como viveu...((ahan e ela faz a oração todo o dia no microfone ela faz a oração::: canta

com as crianças:))...é...ela sempre foi...energica:: mas...((*ahan*))...sempre com sabedoria...((sempre...ela é muito sábia))...muito preparada...muito...muito...o dia em que ela não estiver mais ali::eu não sei o que será desse ginásio...desse Colégio...((pois é...agora ela tá só com os pequenos))...primário né...o fundamental que dizem agora...((isso))...aquele tempo era o primário...o ginásio...((cuidava de tudo))...de tudo ...é::...e com o problema de saúde ela foi diminuindo né...((e também a idade...ela fez setenta anos aí a Congregação não permite...mais...)) é::...ela é mais velha que eu...((*ahan*...ela vai fazer oitenta em janeiro...e daí quando ela fez setenta anos...ela ficou só com os pequenos...))...sobre a Matemática...eu já falei...era aprendido oralmente...depois escrito no quadro...na lousa que a gente levava pra casa...e:::...com muito pouco recurso...a gente não sabia uma figura geométrica::...não tinha oportunidade...((ela trabalhava medidas? alguma coisa de medidas a professora?)) não::...((não trabalhava...nem geometria não trabalhava))...não...não...no primário não...((continha e tabuada))...continha...tabuada ...e fazer cópia...((problemas...ela passava problemas?))...só do segundo ano em diante...((primeiro ano não tinha...))...no segundo ano já tinha problema...lembro que era passado probleminha no quadro daí a gente copiava com tinta:: ((nossa::)) nossa vida...foi muito penoso...daí ali que começou a ter um pouco de recurso...mas pouco...porque elas não tinham condição de comprar o material...((seí))...e a escola naquele tempo aí... que eu me lembre bem já era paga...depois é que passou para o estado...((*uhun*...e o probleminha vocês faziam sentença matemática::operação e resposta?))...é::cálculo...sentença...cálculo e resposta...((risos))...((é no meu tempo era sentença matemática::daí fazia um traço)) no meio para separar...((isso..daí operação:: colocava Op ponto e daí R da resposta)) da resposta...((e eu sempre esquecia a resposta:: eu era muito fraca:: em Matemática:: risos)) eu também...foi o que eu te falei no começo... de minha parte não existiria números...((risos)) ai...((é uma coisa que eu queria perguntar também da Matemática...ela passava assim no quadro pra vocês completarem a sequência? zero...um...dois...escreva até cem...por exemplo:::))mandava escrever números num dia vamos supor...eu não me lembro bem se era todo o dia...mas escreva de dez até quarenta...((*ahan*)) () daí no outro dia era de quarenta até oitenta...tinha que escrever lá e fazer em casa também...para não esquecer...mas assim completar...não...((e ela trabalhava assim os vizinhos:: o antecessor...sucessor...ela trabalhava:: pares e ímpares:::)) eu vou

fechar aquela porta...((que ventania né?)) essa perna aqui...((cuidado para levantar...)) ...((ruído da porta)) é que essa fechadura é ruim...((ruído da porta)) aí :: agora eu quero ver se abre... ((agora não abre mais)) não ... a madeira esticou ... então e você perguntou dos vizinhos ... ((isso)) no primeiro ano não tinha isso ... ((no segundo tinha?)) ... acho que também não ... eram ::: como eu falei no começo ... não havia planejamento ... ((*ahan*)) tinha assim a sequência da aula *sabe* ... ((sei)) ... chegava ... rezava ... aquilo era fundamental ... e daí ou entrava na leitura ou na cópia ... ela punha umas palavrinhas no quadro ... a gente tinha que copiar na lousa ... e:: depois :: ... no ca-caderninho também ... acho que pra desenho a gente levava ainda a lousa ... no segundo ano ... ((levava a lousa)) levava a lousa ... desenhos ...((pra fazer desenhos)) ... pra fazer desenhos ... ((ela dava aula de desenho também)) ela não ensinava ... ((*ahan*)) ela mandava ... desenhar isso ... às vezes ela punha um exemplo no quadro ... foi assim que eu aprendi a desenhar a vaca:: e:: mas fazer desenho ... desenho ... a gente fazia casinha :: árvore...uma balança:: criança com sombrinha :: era aquilo ali ... ((aquele básico::)) é:: ... não é que nem agora *né* ((*uhun* ... na leitura... como a senhora era na leitura?)) ... na leitura eu era boa ... ((era boa ... gostava de ler...)) gostava de ler ... portanto agora eu não gosto ... não ... nem jornal ... e:: ... mas para aprender a ler ... eu aprendi bem ligeiro ... ((rápido aprendeu a ler...)) aprendi... ((ela trabalhava as sílabas?)) ... é:: eu sei que ... eu me lembro ... muito da palavra boneca ... ((boneca)) ela escreveu bo-ne-ca e daí tinha que soletrar com ela **... decorar a palavra ... daí ela ...** escrevia e a gente tinha que falar ... responder oralmente ... depois ela tornava a escrever e a gente copiava na lousa ... ((eu tinha uma raiva do Cezar ... quando ele foi seu aluno no primeiro ano porque ele tinha uma cartilha ... da Mimi ... queria pra mim aquela cartilha ...)) da Mimi ... ((cartilha da Mimi ... uma macaca :: que todas as letrinhas aquela macaca aparecia ... tinha um textinho com a macaca ... muito linda ... ela era uma macaca com vestido ... acho que de bolinhas amarelas ... lacinho na cabecinha ... e a minha cartilha era tão feia:: eu acho que a minha era Sodrê se eu não me engano ...)) Sodrê ...essa cartilha eu me lembro... agora da macaca não:: ((era a Mimi e acho que não foi muito tempo que implantaram essa cartilha no Colégio:: gostava da cartilha... lembro que eu tomava a lição do Cezar e a Mirian Brunetta ia lá passear... brincar com ele ... tomava a lição dos dois ... e eu gostava de tomar ...)) a Mirian foi uma aluna boa... ((a Mirian Brunetta ... eles davam a mãozinha e tomava a leitura dos dois ... mas eu tomava a leitura não porque eu era uma boa

irmã ... porque eu queria me apossar da cartilha dele... risos)) segundas intenções... ((eu adorava aquela cartilha... estudava a lição ... eu lia todas as lições daquela cartilha...)) se bem que o Cezar ... não é assunto de eu dar aulas ... mas quando ia ler a leitura... ler a lição que ia ser estudada em casa... vinha no meu colo pra ler ... ((hã eu lembro... também sentava no seu colo para ler a lição...é::)) é...tinha muito...((eu lembro um dia que eu entrei na sua sala... eu fui emprestar algum material ...a professora Terezinha Druzik pediu ... vai lá na sala da professora Zita e empresta um material... eu não lembro que material que era...)) é que eu tinha bastante material...((é um livro... uma coisa assim ... era ajudante dela naquele dia ... cheguei na sala e a senhora estava trabalhando com a letra c e a Daniele Robacher escreveu carroça sem o cedilha... risos)) carroça... ((nunca esqueço daí ela ... ajudei ela a arrumar daí...)) ajudou? ((ajudei... porque daí ela não entendia o que era isso...daí eu ajudei a Daniele que também era uma pestinha)) era...((ela era terrível... ajudei ela eu lembro da turminha ... o Cezar sentado... sempre estudando que ele sempre era o melhor aluno do Colégio)) foi ...ele:: foi da turma do Luciano ...((foi da turma do Luciano)) e ele:: sentava na primeira carteira ... os pés dele não batia no chão... ((é ele era pequenininho)) e ele fazia cada desenho... que até eu levei lá pra...na secretaria ... o astronauta:: ... uma porção de coisas que era de espantar... a ideia dele ... ((é mesmo ... ele desenhava bem... ele ia bem na Matemática... ele escrevia bem... ele lia bem...o Cezar era um aluno exemplar...muito bom aluno e a Patrícia Rodrigues também era dessa turma ... eu lembro bem da Patrícia...))... morava aqui embaixo...((uhun tem uma foto que foi no dia das crianças ... então a senhora tá no cantinho do quadro:: ...com as mãos dentro do guarda-pó... olhando pro Cezar ... e ele tá em cima duma cadeira olhando pro fundo da sala ... e a Mirian com a Patrícia estão as duas conversando assim... uma olhando pra outra ... vou trazer essa foto pra senhora ver)) tenho duas ou três tirada dessa festa da criança.... que tinham algumas que me chamavam de louca... porque eu fazia aquela festa e levava bolo...levava refrigerante ((ahan)) e tinha aquele de... ((ruído externo)) fazer aparecer a imagem... não lembro agora o nome ... eu levei cobertores de casa para fazer as imagens ((era o retroprojektor)) ... o projetor... foi bastante gratificante ... agora mudou tudo né ... agora é só computador ... e-mail...((é as coisas mudaram... a festa eu lembro dessa festa... a senhora fez pra minha turma também ... um bolão de morango... assim ... desse:: tamanho::)) é... e tinham outras que eram seguras... achavam que eu esbanjava... mas a criança

é criança ... toda a criança quer ter um carinho... quer ter um **...((ahan uma festa né))** quanto que vinha gente que... mãe que...agradecia...vinha lá na sala falar comigo ou pra perguntar como é que ia ou como está se comportando:: é uma maravilha:: aquele nosso... o meu tempo de estudante ((ruído externo)) não era assim... ((a senhora sabe que...eu nunca esqueço... eu era ruim na Matemática... e eu achava que eu era pior do que eu era ... e eu lembro que nas continhas de menos... era o meu suplício... que ... um dia a Berna me dava reforço em casa porque eu não entendia aquelas continhas... lembro que era penúltima página do caderno:: fiz a continha... errei... a senhora foi lá e apagou ... fiz a continha e errei... daí comecei a chorar... minhas lágrimas começaram a cair em cima do caderno...aí rasgou a folha:: minha última folha eu tive que usar... e daí eu fiquei mais nervosa porque o meu caderno acabou... meu Deus do céu... *mas a aprende não é?*)) aprende:: errando... caindo... é que se levanta e se aprende... é isso aí... ((é verdade))...castigos de escola eu já te falei ... qualquer coisinha errada... a gente tinha um.... não vou dizer que a professora surrasse de surrar... tinha uma reguada... ((uhun))... tinha castigo do ponto... porque naquele tempo não se deixava sem recreio... acho que elas não sabiam dessa tática... era só... mas... a gente recebia o castigo... ((e elas puxavam a orelha ou não?)) de puxar a orelha não me lembro... acho que não...o delas mais era uma régua... uma régua... ((e batiam mesmo...)) e sem dó... ((e na mãozinha mesmo?)) não... ((na mãozinha mesmo)) eu não me lembro de ter batido na mão... mas era ... ((nas costas)) é... ((meu vô contou duma história que a Irmã pôs a mão do Elvino Trevisan ... pôs a mão em cima da mão dela... e ele puxou a mão e ela deu a reguada na mão dela... isso meu avô me contou...risos)) *hã*... que tal isso:: ...((na mão na hora assim.... e ela... taft)) elas não:: é que eu disse... falta de preparo ((ahan)) porque elas vinham de fora... das colônias... e:: ... ((muito jovens)) novinhas... não tinham preparo... então elas não sabiam fazer uma aula com sequência... ((não eram orientadas também)) não::: ... nem depois que havia planejamento... e:: ... a aula preparada... eu fazia recorte de jornal.... ((pois é)) ali não tinha nada... era lousa e... faça se não faz... apanha...((pois é)) eu aprendi muito em casa com meu pai ((canto de passarinhos)) ... a falecida Verinha me ajudava também... e::: foi a leitura eu gostava muito:::... a cópia... Anna Carolina... era aquilo que já disse... a... Irmã escrevia no quadro:: e a gente tinha que copiar na lousa... mas isso... a gente não conhecia as palavras ainda... ((ahan)) não tinha feito aquele conhecimento de letra p ...g... a gente copiava e não sabia o

que que era... a gente não tinha entrado no assunto assim... ((sei)) p de pato... g de gato essa coisa... ela punha a palavra e a gente tinha que copiar... às vezes nem sabia... o que que era e daí ela fazia as letras... ((e vocês só usavam a letra de mão?)) só cursiva... ((nunca usavam a caixa alta ou a script?)) não::... ((só a letra cursiva)) só cursiva... ((meu tempo de escola também)) era escola muito:: como eu falei ... fraca:: ((canto de passarinho)) se elas escutarem isso daí vão me pegar pelo cabelo... mas é verdade... ((é história:: não é a senhora que vai falar ...é a própria história que vai contar isso)) ((tosse)) é... ((que o ensino evoluiu... ele melhorou)) melhorou... em todos os aspectos... se bem que agora... penso eu assim... que com tanta evolução...com tanta tecnologia... as crianças são favorecidas para resolver os problemas... para ler coisas novas... conhecer coisas novas... que se você mandar uma criança escrever uma carta ou fazer uma redação... a criança não sabe ... por que? ...porque se ele escrever uma palavra... ele bate no teclado ali e aparece o que ele quer.. ((uhun)) não usa a cabeça para escrever... **por que tem tanta reprovação no vestibular na redação?** e Marcelo que fez faculdade e agora lida com computador... aí na confecção... e lida com e-mail e me disse... olhe mãe se eu tivesse hoje que escrever uma carta... ou um texto ou ... escrever um poema... diz ele ... nunca eu jamais o faria... porque não sei mais escrever... é tudo no computador... ((uhun)) e as crianças de agora sim... desde que começou a aparecer a calculadora:: o ensino foi facilitado ... mas pro íntimo da criança...prejudicou...daí a criança não memorizava...quanto que é três mais quatro...porque ele apertava na maquininha e saía o resultado... sei... era um problema de memorização...((e a senhora vem de uma escola que memorizou muito né?)) é ...porque era decorado...tinha que decorar e acabou... tudo o que esra escrito em Geografia... História... fosse lá história de Campo Largo... no terceiro ano... tinha que ser decorado... ((eu quando tava no segundo ano já tinha era dissertação)) isto mesmo...((daí tinha que decorar o textinho... minha escola... daí tinha que colocar na prova...igualzinho tava no caderno...e eu guardava muito fácil... então eu não esquecia de nenhum...)) gostava de leitura... ((gostava de leitura eu gostava)) ...eu também ...tive sempre muita facilidade para aprender ...((eu gostava bastante...gostava de memorizar também))...é...era memorização...até inclusive um aluno ...o Matias do doutor Ghering... ele fez o primeiro ano comigo... vagabundo... relaxado...desinteressado...tudo assim...todos os defeitos ele tinha...mas ele tinha calculadora... a mãe escondia pra ele não levar pra aula... ele dava um jeito de

descobrir onde estava ...((mas olhe só...)) é pra... um dia ela conversou comigo e disse...o que eu faço... porque ele não memoriza...ele não se preocupa ver que tanto mais tanto dá tanto... ele aperta o botão e tem o resultado então... não acaba pondo na cabecinha... ((toda vida...é verdade...)) onde a gente copiava a matéria...na lousa..primeira série... na lousa e no segundo ano já tinha um caderno de caligrafia que a gente fazia para endireitar a letra...copiava frases...a boneca é bonita...ia no caderno de caligrafia e fazia para que a letra ficasse boa ((ficasse boa)) é...e o resto...de Matemática tinha um caderninho ... naquele tempo nem tinha caderno espiral...((era brochura)) era brochura...é isso ali...e não tinha margem nem ...tinha que fazer e às vezes saía torta...oh beleza...((e tinha régua para fazer margem?)) no terceiro ano já tinha...era aquelas régua de madeira ... que ((uhun)) quando sujava tinha que lavar...((tinha que lavar)) ((e a senhora gostava de caligrafia?)) gostava...gostava muito ((eu também gostava de caligrafia::gostava de fazer caligrafia))foi aí que eu consegui a ter a letra parelho...((a senhora sabe que eu encontrei a Ariete Carlesso)) ...uhun... ((no velório da mãe dela infelizmente... que eu encontrei com ela nesse momento...e eu contei pra ela que eu lembrava quando ela foi minha estagiária no primeiro ano:: que ela fez uma maquete do Sítio do Picapau Amarelo... e os crachás nossos das meninas eram da Emília e dos meninos eram do Visconde::)) que tal... ((eu me lembro dela...era ela e a Gema... a Gema é falecida...era uma ruiva que morava na Rondinha ... e ela até trabalhou um tempo de secretária no Colégio e ela me chamava muito a atenção ... a Gema...porque ela era canhota... e eu nunca tinha visto uma professora canhota...no primeiro ano eu tava... e eu lembro...))que tal... ((é eu contei pra Ariete e ela nossa ficou tão surpresa...)) ((ruído do vento)) tem coisas que a gente não esquece...encontra-se pessoas na rua ali...ô::...dona Zita como é que vai e tal... a senhora lembra de mim... a senhora me deu aula...pois tantos alunos que eu tive...((muitos)) anos... né ...daí::: um tal de Alfredo...um italiano da Ferraria...daí eu já sou avô...eu só passei a mão assim no rosto digo...qual é a razão de ficar velha... ((risos)) avô... ((já é avô))...ahan...muitos ...nossa vida.. quando a gente encontra assim...porque a criança é uma coisa...depois que cresce muda né...((uhun)) mas gente velha não::...fica só naquilo... umas rugas a mais... e eles...mudam bastante... a gente não lembra de todos...((impossível))... acho que vou fechar aquela janela né Carolina?((como a senhora se sentir melhor)) ((ruído da janela)) ai... ai((e a senhora lembra que ano a senhora entrou pra lecionar no Sagrada?)) ((ruído da janela)) ((era ainda Escola de

Aplicação?))(ruído estridente da janela)) quero ver uma coisa...((latido)) eu estava... eu já tinha o Marcelo... ele está com quarenta e nove anos...((latido))porque da Rondinha eu vim pra Granja ((ah...a senhora trabalhou na Rondinha)) é trabalhei no São Caetano...não aqui perto da igreja... lá ... e daí eu vim... foi pedido transferência...me transferiram pro Clotário Portugal...e daí eu cheguei com a barriguinha do Marcelo:: ela me olhou...cumprimentei...daí a Izolda olhou bem pra barriga e disse... que pena:: eu queria uma professora pro quarto ano ... mas que pegasse do começo até o fim do ano... daí naquilo eu tive uma dor tão grande... digo...pois todas as mulheres têm o direito de ter seu filho *né*... daí eu disse...não tem problema Izolda... eu vou... ver se eu encontro outro lugar... não... já que você foi transferida pra cá...eu te arranjo qualquer serviço...((qualquer serviço)) é...disse.. então eu vou pra casa...eu ...daí eu resolvo...vim chorando do Clotário Portugal...fui na prefeitura velha...perto da Casa da Cultura...entrei no gabinete do prefeito Newton Puppi, a quem eu devo muito:...e..ele disse assim...você sabe o número do...protocolo... aí eu disse ...não tenho Newton...e aquelas lágrimas...daí ele disse...não tem problema...hoje eu vou pra Curitiba... eu já falo com o Mario Faraco...já trazemos você pra cá...sem dizer...isso é um caso à parte...mas ele me colocou na Estação de Enologia ...inclusive ele mandou os funcionários da granja fazerem não... aumentarem...repartirem uma sala de aula que era grande pra que eu tivesse a minha sala pra dar aula...((*hum*))... o segundo ano era da professora Arlete... ela ficou com uma turma e eu com outra...então você veja...um prefeito fazer isso aí... ((latidos)) mandar arrumar a sala para que eu tivesse onde trabalhar...não voltei ((pro Clotário)) pro Clotário pra dizer... não vou ficar...depois acho que ela soube por outras pessoas *né*... ((*ahan*)) direto pra cá ((tinha uma escola ali então)) é tinha uma escola na entrada do portão...no lado esquerdo...((*uhun*)) daí ali que a Irmã Izidora veio...insistiu...pra que eu fosse pro Colégio...((ah)) e eu tinha um certo receio porque ... eu achava que ali era muito chique...muito...filhinhos de papai...((*ahan*)) então eu me achava que não estava apta pra um ambiente desse ((*sei*)) daí eu disse...olhe Irmã Izidora...eu vou pensar... o que que eu vou fazer... daí em cinco dias veio ela e mais uma freira que eu não me lembro o nome ... e sei dizer que daí deu certo... eu topei e fui pra lá... e daí eu fiquei dezoito anos...((dezoito anos...)) onde eu me aposentei ((veja que beleza))...primeiro ano...toda a vida...((é a senhora...)) ela me perguntou se eu queria quarto ano ou primeiro...daí eu preferi o primeiro *né*... gostava de criança

pequena...mais fácil...eu não gostava de Matemática ((risos))... ter que dar a Matemática da quarta série né... ((risos)) é e sei dizer que me dei bem...preparava material...e ali tinha livros que lia...cadernos...toda a vida...foi...mas voltando ao assunto...onde eu copiava a matéria né? que era na lousa...no caderno depois... amigos de infância...eram muitos Anna...((a senhora lembra de algum deles?))...me lembro...falecido Carlos Burkoski...o Jacó Debas...**Paulinho Martaus...é...daqui de perto...**a família do Boarão...os mais velhos...e... as meninas tinha Áurea Lopes...que já é falecida... a Nati Campagnaro...as filhas... as irmãs Martini ((as irmãs Martini?)) é a Edile ... a Ariete... a Laurita...a Antonieta... a Ana Zanlorenzi que tinha um bar ali na esquina...agora ela mudou-se dali...éramos em bastante...((ruído externo)) essa pracinha era pouco aí para gente brincar... tinha roseiras... aquela rosinha louca que dizem... então a gente brincava mãe-pega e tinha que passar pelo meio daquelas roseiras... a gente vivia com as pernas tudo arranhadas..((risos)) era uma infância...((que divertido)) cansávamos daqui nós íamos brincar de mãe-pega nos galhos dos cedros do Weber...((olha só))... subia na árvores... e de uma árvores ia só pra outra pra pegar... pulando...e esfolava os braços e chegava em casa ... escondia ainda para não apanhar...((risos)) que infância boa...mas foi... a gente era feliz e não sabia...porque era tudo brincadeiras sadias...tinha uma valeta perto do polonês... uma valeta...bem funda...então um ficava ali que era o sapo... e nós pulávamos pra cá e pra lá e o qual ele pegasse tinha que ser o sapo...((risos)) era tudo ...sabe aquelas brincadeiras tão...((inocente)) inocente...é...na família do Chemin também a Glaci... falecida Glaci...Beverli...a Reni... ((brincavam tudo...)) é a Reni era a mais quieta...tímida assim... mas aí vou te contar... a Tereza Debas também... e o Jacó irmão dele...dela...era muito gratificante... ((e gastavam energia)) nossa vida...quando ia chegando quatro e meia...quatro e quinze... a minha mãe vinha no portão e só dizia...Zita:: ((risos)) e eu tinha que deixar a turma e vir...tratar as vacas...cortar o pasto...colocar comida para as galinhas... ah...ela não perdoava...((ah que não viesse...)) e se não viesse...((nossa)) era uma educação rígida...sabe?((não desobedecia né)) não::...se respondesse Deus o livre...((é...)) agora... as professoras... Anna carolina... do...primário...((*ahan*)) já o fundamental... eram muito despreparadas...((e os nomes delas a senhora lembra?)) lembro... a Irmã Efrema...a Irmã Julinha...a Irmã Izidora ... a Irmã Regina ... isso do primário...você quer saber *né?*((*ahan*))...eu acho que só essas e daí a professora de artes que era a professora Odete...((a Odete Cola?)) Schimalezki... irmã do prefeito

Herculano Schimaleski ((ruído)) ela era solteirona...sabe... muito prendada ((uhun))...mas ela dava preferência praquelas que tinham ((poder aquisitivo)) mais poder aquisitivo é... ((e tinha aula de artes)) é ...mas era uma vez por semana ((ahan)) ((uma vez por semana...mas já tinha algo diferente né)) ali que eu aprendi a fazer o tricô...((ah sim)) bordar... um ponto lá...haste sabe ... ((aquele ponto correntinha...)) é ... o ponto correntinha e como foi ficando...porque quanta coisa eu fiz...((aprendeu mesmo)) aprendi...((valeu a pena)) agora com quem que eu ia pra escola ...com o meu irmão...o Floriano...((ruído)) daí ele era mais velho que eu...ele saiu antes da...antes que eu...mas só que daí ele não fez o ginásio...porque nós estávamos em situação difícil...o Berto estava na guerra... o Padre João estava no Seminário...o...teu avô foi trabalhar em Irati...ficou eu a mamãe...o papai...o Florico e a Virinha... a Virinha tinha quatorze anos...o Florico tinha doze...e trabalhavam na Cerâmica Campo Largo...aquela que é do ... criança se trabalhava ((sei)) e eu de tanto a Irmã Regina insistir...isso dito como eu já contei... daí...eu fiz o ginásio...já no prédio novo...e elas não tiveram daí...não tinha oportunidade de estudar por causa da situação... e naquela época...o meu pai não andava muito bem...então era uma situação muito difícil...eles tinham que trabalhar ((pra ajudar)) pra ajudar na família né... ((é a família)) ((pera...tem mais uma que ficou ó... como chegava à escola...vocês iam à pé pra escola...)) a pé...com sol...com chuva...com geada...((os professores já foi...esse aqui é como ia à escola)) era a pé...chovia...nós tínhamos uma capa de...tipo um feltro...umas capas azul marinho...então o Florico vestia...e punha eu debaixo de um pedaço da capa e a gente...ia escondendo a lousa pra não...((pra não molhar...)) vejam como era difícil a situação...era mesmo... depois ...no primeiro ano eu ganhei uma malinha de papelão...mas fiquei tão feliz...faceira...lembro da malinha como se fosse hoje... uma malinha desse tamanho...((gesticula)) que nem mala de viagem...sabe... ((sei)) de papelão...e não podia molhar também porque desmanchava...((desmanchava...tinha que segurar protegendo...))ahan...era tudo penoso Carolina...((é difícil né)) não é que nem hoje...que escolhem a mochila que querem ((e vai cada dia com uma mochila)) o tênis que querem...a gente nem tinha...((iam descalço para a escola?)) no primeiro ano sim... daí depois a gente ganhou um calçado chamado loirinha ...tinha um senhor que fazia por aí...era com a sola de pneu...e daí ele punha umas tirinhas trançadas...e atrás era com fivelinha...dizia que o primeiro dia que eu pus aquele courinho ...me comeu todo o..peito do pé que chegou a fazer bolha...((ah... tadinha))

que sofrimento... ((não tava acostumada né)) não...((sempre com o pezinho no chão)) aquele couro áspero...a parte de baixo principalmente...e daí sapato mesmo...foi na primeira comunhão...((era caro...era difícil mesmo...)) de comprar...eu lembro que em meu tempo de criança isso eu não falei na infância...que a gente trocava o milho pelo fubá...()ou então o trigo pelo arroz...a gente dava o feijão e trazia outra coisa...((ruído)) assim o que era de cereais sabe... ((as trocas)) as famílias trocavam o que um tinha...emprestava...trocava com o outro...((trocava por isso...trocava por aquilo...)) galinha...ovos... ((pra ver como que é né?)) era a vida... eu ...hoje é a fartura ((é hoje tem tudo)) vai...dá preguiça de ir no mercado comprar um pacote de bolacha...se bem que eu fazia de bacia ((risos)) verdade...((fazia bolacha)) bolacha...nhoque...ravioli...congelava ... daí punha a porção...tinha a hora que queria...então... as crianças de hoje tem tudo...e mais um pouco e ainda não sabem aproveitar...é minha opinião... eles não sabem aproveitar...porque essa evolução da tecnologia que está tão avançada...deixa as crianças preguiçosas...eles só querem saber de ficar ali...tem doença de coluna ((de ficar no computador)) de ficar no computador...o espaço da escola Carolina... era pequeno o pátio...a sala ali...eram umas salas...até mais ou menos arejadas...mas era um tanto pequena...((canto de passarinho)) um pátio...razoável...pras turmas...daí tinha uns degraus altos daí que subia...onde ia fazer a construção...quando já estavam começando...eu caí e bati a cabeça assim ((aponta para a nuca)) atrás...((que perigo)) é a gente tinha que subir e descer... quem subia e descia antes era o melhor...((nossa)) é aquelas brincadeiras inocentes né ((na escola tinha quatro salas de aula?)) não... não...eu sei que nós íamos pra aula de manhã... ((de manhã)) de manhã... e daí à tarde...tinha outro primeiro ano...porque o segundo...já foi aqui no polonês...((ah...então por um tempo ficou só o primeiro ano lá...)) só o primeiro ano...((ah sim)) que eu acho que foi em quarenta e sete que eu fui lá... ((*ahan*)) quarenta e seis ou quarenta e sete...não me lembro bem...((então a senhora fez do segundo até o quarto ano no Polonês?)) só o segundo ((só o segundo)) e:::... e o terceiro...no quarto ano já fomos no prédio novo...((no prédio... já tinha o prédio)) já tinha o prédio...tudo... não é como é agora...que foi aumentado pra cá...aumentado pra lá...aumentado pra dentro né...mas já foi ali...((e daí as Irmãs moravam dentro do prédio?)) dentro do prédio...tipo uma clausura ((era um Convento né?)) era...e tinham as internas... tinham aspirantes... a gente ia à Igreja então tinha dois ou três bancos lá da frente...que eram reservados só para as freiras... aquele bando

assim...agora você vai lá vê a Irmã Dolores...a Irmã Madalena...uma aqui...outra lá...((ahan)) ((risos)) () ((é elas ficavam todas juntas né? quando eu era criança e ia à missa elas estavam todas juntas...)) é...depois foi acabando...merenda escolar...não tinha...((não tinha merenda?)) não... cada um levava de casa...((uhun)) levava o que queria e o que podia né? ((tinha um intervalinho de recreio?)) tinha...né...onde nós quase se arrebetava de tanto correr de tanto pular... ((risos)) Deus do céu... o espaço...vamos supor que era como esse espaço aqui da entrada da minha casa...e daí brincar de mãe-pega...((risos)) era uma turma contra outra sabe... aí então...um caía se machucava...o outro chorava...o outro ia brigar...tudo aquela brincadeira de criança... ((ahan))... mas merenda...não tinha...((a senhora lembra)) eu não sei bem se era no dia da criança que ou era numa comemoração cívica...que nós íamos no mato do Sovierzoski fazer piquenique e daí elas davam capilé com água...((capilé com água)) é ... e capilé que misturava na água...((ahan...é vermelho)) e daí uma vez ... não sei a qual das freiras que levou...uma cesta assim de sonho...daí cada um ganhava um sonho...((nossa... que delícia né?)) ahan... de tão bem feito ((que coisa boa)) e daí no prédio novo já foi melhorando...tinha o tempo da procissão da ... Corpus Christi que daí a gente ia jogando flor da cestinha vestidas de anjo...e...((risos)) e daí quando...tiravam a roupa elas serviam um café pra gente...((ai que bom né... que bacana...)) ahan lembro até do torresminho...que a gente tinha que pegar com a colher e por no pão...e elas eram assim...mais gente...amorosa assim vamos dizer...((mais humanas... pacientes)) ahan ...mas aquela daquele capilé ... água...sonho...eu me lembro muito bem... ((ai que bom))...tinha que passar numa pinguela...num riozinho...então pra nós era...((uma festa))...nossa...((risos)) hora do recreio ((e na hora do recreio...como vocês entravam... tinha um sinal?)) tocava uma sinetinha... pra sair pro recreio também ...era um sininho amarelo...((ahan...e quantos alunos tinha na sala assim mais ou menos a senhora lembra?)) eram uns dezesseis ou dezoito... ((uma turma bem menor que a sua de primeira série)) sim... a minha era de trinta e cinco...no tempo em que eu dei aula né ... porque assim quando eu estudei era uma turma...não era... e daí tinha assim...família... gente da família Puppi e de um Castagnoli...mas eu não lembro os nomes... ((sei)) mas eram poucos alunos...daí...foi aqui no segundo ano já tinha bem mais ((bem mais)) bem mais...daí veio gente bem de mais longe...que frequentavam ali ((meu avô contou que vinham da Campina:::)) da Campina a pé daqui ... da Colônia Cristina...não tinha

condição...que vinham fazer compra...com carroça...daí aproveitavam e vinham de carroça...((meu Deus...)) era penoso...do Botiatuva ((é do Botiatuva ele falou...mas é engraçado porque lá na Campina tinha a Escola São João que era multisseriada... por que eles não estudavam lá?)) olha isso eu não sei te contar...((uhun)) devia de ser pela prefeitura... porque ali dava aula a falecida Emília Stoco...((só a dona Emília dava aula lá?)) é...e...mas eu não me lembro de que ano elas começaram a trabalhar...((é de certo foi bem depois né?)) é eu **acho que foi depois porque era o Macedo Soares que era...**((que era o grupo né)) a cúpula do ensino em Campo Largo...daí tinha esse Instituto...daí montaram o Clotário Portugal...e aí foram aumentando tanto as escolas né... daqui a uns dias até falta escola né... ((é tem bastante)) falta...((não consegue abranger toda a rede de alunos né)) é bastante...isso já te falei...((já falou... ahan)) ...((ruído)) sobre os pais e irmãos...eu já te falei...nós éramos em se-seis...a mãe trabalhava em casa...no quintal...cuidava dos animais...e meu pai tinha roça e depois passou a trabalhar na Esteatita...até que morreu...mas a irmandade era::...assim...um pra cá...outro pra lá...que nem o Berto...o Padre João em São Paulo...mais tarde a Virinha começou a namorar... o teu avô foi pra Irati... e ficamos nós as crianças...mas quando se reunia...era...((a senhora é a mais...temporão?)) eu sou a última...((dá uma boa diferença dos outros...)) não...((não)) hum...hum... é::... o meu irmão Florico...deve ter lá uns dois anos a mais que eu só...mas nesse intervalo...tinha outro...porque no total minha mãe teve quatorze...mas foi naquele tempo que deu aquela doença do ...tifo:: ((ahan))...e::...os colonos fizeram uma promessa pra São Marcos... aí eles vinham fazer a missa aqui na Igreja Matriz...e faziam leilão...((ahan)) a-a família fazia o enterro de uma criança quando acabava já tinha outra morrendo ((meu Deus do céu)) mamãe perdeu dois ou três naquela época...((com o tifo))...com o tifo...muito penoso...((não tinha recurso né)) não tinha... é naquela época tinha o falecido...Barbosa...o farmacêutico Mauro Portugal...e:: foi aquele tempo...depois:: que veio o Doutor Leniro...((ah... sim))...depois é daí tinha... veio o Hospital São Lucas...muito mais tarde...né... naquela época de crianças...foi uma mortalidade que tava assustando...porque...tinha família que enterrou três...((nossa::)) na mesma semana...((nossa que triste...)) era (pegativo) é...((as criancinhas... nossa:: muito triste))...que eu estudei Carolina...e fiz o primário ali...o ginásio no Sagrada Família...e a Escola Normal...o segundo grau...eu fiz...na Lapa ((nossa:: que longe:: morou lá daí?)) morei...por dois anos...porque aqui ainda não tinha começado a

escola normal...daí eu fiz o primeiro ano lá...e o segundo...daí abriu aqui...então eu achei aí que pra começar o primeiro ano...e daí lá eu só tinha o terceiro pra fazer né...melhor né...((porque daí era Escola Normal Padre José de Anchieta:)) aqui...((uhun))... lá era...Escola Normal Novo Ateneu ((Novo Ateneu))...é Novo Ateneu...a última vez que estive lá com minha comadre nós passamos ... nós pulávamos o muro pra tomar chimarrão na casa da vizinha ((risos))...nós aprontávamos...((aprontavam...))...então nós éramos muito amigas...eu com a Tereza e a tal de Maria Antonia com a Cecília...nós pulávamos um muro pra cá...e elas pra lá...assim em um intervalo de aula ou num recreio...sabe...((latidos))...e um dia nós chegamos...era aula de anatomia...e daí o professor entrava...o falecido doutor Luiz...entrava pra dar aula e chaveava a porta...e não pudemos entrar...e naquele dia ele deu bem aula sobre glândulas ...falou muito sobre o fígado...e daí...ficamos no corredor né...((risos)) daí pra depois copiar a matéria das outras...nós quatro no corredor feito quatro boneca parada...((risos)) eu com a Tereza que éramos as duas loirinhas chamavam de borboleta...e sei dizer que passado uma semana:: copiamos a matéria...tudo bem...copiamos...e não foi de cair na prova...final...as glândulas...e eu nem tinha...copiei...mas não li...não estudei...aquilo ali ((risos)) e caiu...tirei quatro:: na prova...((ah... não sabia o fígado...)) sabia nada sobre o fígado...((risos)) que era a maior glândula...interna né...porque fora é a pele...e::...depois foi...foi...ficamos nervosas e eu com o Padre João lá...na Lapa...então eu tinha um pouco de medo dele né...porque ele me ajudava lá na pensão do-do orfanato onde eu parei...era orfanato e também uma parte...um asilo pra velhos ((uhun)) velhas...só mulher...e...então ele ajudava da maneira assim...ele tinha muita amizade com o povo...das colônias...ele ganhava...ele sabia conversar...ganhava saco de batata...saco de feijão...é...traziam quireira pra fazer comida...e um meio porco...tudo lá pro orfanato onde eu estava...então era a maneira como ele ajudava...a pagar a minha pensão...você vê como tudo era sacrificado ((nossa:: estar na Lapa...ter que morar lá...))às vezes eu queria vir pra casa mas não dava o dinheiro para a passagem...((tinha que ficar)) tinha que ficar...daí...eu namorava o Rubis...daí uma vez por mês ele ia pra lá...outra vez eu vinha...((ah sim...faziam revezamento)) sim...eu tava pra lá e ele vinha tomar chimarrão com a mamãe ...com a falecida Virinha...((ahan)) e carta toda a semana...((carta toda a semana...)) eia...esses tempos queimei um monte de carta...((risos)) não adianta guardar...é pra mim o que eu tinha que sentir...ver e viver eu já tinha

feito...pros filhos...pros netos não vai interessar...((telefone)) você me dá licença...((claro...eu ponho uma pausa aqui...pode ficar tranquila...)) ((ruídos externos)) profissão minha depois de formada...em cinquenta e sete...e daí em cinquenta e oito eu já comecei a trabalhar na escola da Ferraria ((*ahan* ...Ferraria)) porque naquela época...as professoras que...se formavam não podiam ficar primeiro na cidade...tinha que primeiro fazer...o interior ((ah...sim...)) daí eu fui nomeada pra Ferraria...e daí que passei pro Caetano...São Caetano...precisavam muito de professora...e depois que acabei vindo pra cá...bem cigana...((risos)) é pra cá...((eu também comecei no interior)) e agora não...agora já ((todas no centro)) querem...o centro e a melhor escola que tem *né*... a famosa como dizem ((a melhor)) naquele tempo eu tinha que ir com o ônibus das sete horas e daí o ônibus que era pela estrada velha passava ao meio dia...chegava em casa uma-uma hora...era penoso...((é ...nossa...chegar uma hora do trabalho...e a senhora trabalhava vinte horas? sempre vinte horas)) sempre vinte horas...((no começo era de manhã depois a senhora passou pra tarde?)) olha a maior parte...é...Ferraria e na Rondinha eu trabalhava de manhã...e depois quando eu vim pra cá eu trabalhei à tarde...tanto na granja como no Colégio...((porque quando a senhora foi minha professora era à tarde...)) à tarde...daí você em vez de escrever Anna Carolina Galhart...você escrevia Anna Carolina Augusto... ((é...risos)) e o:::... e eu comentei acho que com tua mãe que você tinha que acrescentar o nome do teu pai ((*ahan*)) porque poderia ter problema mais tarde...com um documento ou com alguma coisa...você saber que era só Augusto...((*ahan*)) entendeu...((e eu não tinha Augusto...nunca tive...)) não *né* nos documentos ((não...nunca)) no Colégio tanto você quanto o Cezar...((Augusto)) Cezar...((é Henrique)) Henrique Augusto...((risos)) daí um dia eu disse pra ele...sabe o que Cezar...você apague...esse Augusto...com borrachinha bem caprichado:: devagar Galhart e daí não sei se ele sabia lhart eu escrevi no quadro e ele copiou...*uhun*...porque digo...daí mais tarde...acostuma com isso e...mais tarde ele ((não sabe))...não é que não vai saber...porque a mãe vai contar...((*uhun*))mas...uma coisa que...((é o correto *né*)) tinha que corrigir...((a senhora fez muito bem...)) cortar já no meio *né*...((exato...o que não é...não é...)) me lembro quando você nasceu...teu pai...foi visitar tua mãe...e a Miliani pegava você e não botava no braço dele...((risos)) daí nós até saímos comentando...mas que malvada...teu-teu pai sentado assim no sofá...quieto...e a Miliani pegava você e embalava perto de uma cômoda...que tinha na casa da tua vó...nunca esqueço daquela cena...((eia tia

Miliani)) ((mas então acho que nós conversamos né tia Zita...)) conversamos... ((então eu quero agradecer...a sua participação...a sua entrevista...)) desculpe alguma coisa...se foi ...((ótima)) mal interpretada...ou mal redigida...ou mal posicionada...mas é o que eu senti...((latidos)) e o que eu fiz... desde a infância...((latido)) coisas de escola...dificuldades...a penúria...porque era penoso mesmo...e tanto por parte minha de infância...de família...como da escola...era muito pobre aquele tempo...não tinha recurso...((não...mas foi uma entrevista muito:::boa e foi bom porque eu voltei no tempo também...isso deixa a gente muito feliz né)) é bom... tem coisas...recordação que deixa a gente triste...mas têm outras que retornam alegria né?((que deixam a gente bem feliz mesmo...então eu agradeço e encerro essa entrevista por aqui...muito obrigada:::)) por nada Carolina sempre às ordens..((que bom...))

Data da Entrevista: 13/11/14

Duração: 13'18

Local: Residência da Entrevistada

((Boa tarde professora Zita::)) boa tarde minha neta.. ((tudo bem...)) tudo bem...((então professora Zita nós vamos começar agora a... segunda entrevista e nós vamos perguntar algumas questões para complementar aquela primeira entrevista)) tudo bem...((tá... a primeira coisa que eu queria que a senhora fizesse ... pegasse esse caderninho que é de 1967 e desse uma olhadinha pra ver se parece com o seu caderno no tempo da escola...)) no tempo em que eu lecionava... ((no tempo em que a senhora estudava::)) ((ruído das folhas do caderno)) o tempo do caderno xadrez...((é)) ((latidos na rua)) e do tempo em que é:: que como quando eu estudava não tinha margem ((não tinha margem)) *ahan* ... isso aqui a gente aprendeu eu aprendi os problemas... esse caderno é de quem... do teu pai...((não.... esse caderno eu consegui com uma colega)) *ahan* ((ele é de Araucária... é dum parente dela... eu não conheço a pessoa)) assim que eu ensinava ... que eu aprendi fazer careta ... palhacinho com sombrinha ((risos)) carimbo do ovo... esse aqui não é tão:: antigo né... ((esse é de 67)) setenta e sete... ((sessenta)) ah... *ahan*... ((67... eu acho que até tem a data... o cabeçalho em algum lugar ... deve ter)) deve ter... é o tempo da solução do cálculo a resposta ((isso... caderno de cálculos)) é... não tinha ((ruído)) o tempo que se levava caderno pra corrigir em casa

... ((*ahan*... pense que sofrimento...)) trazia de duas matérias... na sacola de palha... ((uma sacholada)) e no tempo que eu estudei era a lousa que como eu já te falei pequeninha com aquele pouquinho de exercício... pra não gastar muito giz...((nossa... meu Deus... risos)) é isso aí Anna... os romanos... ótimo e é interessante que o que a gente decorou naquela época a gente não esqueceu... que nem a tabuada... cada dia era de supetão assim... que perguntavam... é:: a tabuada tal... a tabuada do 3... do 9... então... era tão decorado que a gente nunca mais esquece... hoje em dia as crianças se vão resolver uma multiplicação... eles não sabem... ((não sabem e números romanos a senhora estudou também...)) estudei... mas isso já foi no 4º ano primário... ((ah... no quarto ano)) quarto ano ((no comecinho não tinha...)) ((latidos na rua)) 5x6... 30 para 30... 1((risos)) essa foi boa viu... ((risos)) ((tá errada a continha)) é... mas era isso aí mesmo... ((tá bem parecido com o seu caderno...)) era parecido... i-isso já no 2º ano... 3º ano porque no 1º ano era só a lousa... ((só a lousa e mais Língua Portuguesa decerto)) olha não tinha essa parte de interpretação de texto:: uma redação ... então assim quando chegava-se a uma data muito:: importante daí a gente tinha que escrever assim... tipo versinho *sabe* ... as férias... o passeio que a gente tinha feito ((ah...)) que era no mato do Sovierzoski era ali o piquenique e ((ruído)) era coisa mínima ... agora não... é a redação e interpretação de texto ((interpretação de texto)) tudo... () daí desenvolvem a linguagem desenvolvem o vocabulário tudo... mas naquele tempo...não... era o tempo de nós imo e nós fumo ((risos)) verdade... é ... ((meu Deus)) mas é isso aí... ((então o caderno era parecido)) parecido... ((é do 2º ano esse aí)) isso mesmo do 2º ano... porque no 1º ano era coisa mínima ((*ahan*)) o mais deles era cantar reza ((é-é nesse sentido... então... na outra entrevista a senhora falou bastante sobre as subtrações e as divisões... então eu queria perguntar assim ó... vocês faziam adições com várias parcelas...)) s-só com duas parcelas eu acho que no... ((ruído)) que no 3º ano já foi colocado 3 parcelas ((no 3º ano já)) pra mim que eu me lembre no 3º ano ((ruídos)) ((*uhun* e as multiplicações... quando vocês multiplicavam a dezena e tinham multiplicado a unidade) ***ahan* ((o que vocês colocavam pra cancelar a casa da unidade...))** ((ruídos)) era o zero ((o zero...)) não... ou será que dependia do número Anna... ((por exemplo 42x24... daí fazia o 4 que é a unidade)) 4 x4... 16 ... ia o 6 e o 1 lá em cima ((isso... e daí quando fazia o 2 já multiplicou o 4 e pra multiplicar o 2 como é que fazia...)) ((latidos)) daí o 2 voltava no... na primeira unidade do de mas dezena da dezena não ((da unidade))

da unidade de cima ((*uhun*... mas o que vocês colocavam na casa daí pra fazer a multiplicação da segunda parcela...colocava mais... colocava zero.... colocava alguma coisa pra cancelar...)) eu acredito que era o 0 ((o 0)) que eu me lembro era o 0 ((puxa *hein* que bacana)) porque o 0 a gente sempre aprendeu que o 0 à esquerda não valia nada *né* ((*ahan*)) então eu não me lembro bem mas eu acho que era o 0 ((o 0)) porque olha que faz anos *né* ((*nossa*)) sessenta anos... setenta((*nossa*)) era com 6 anos que eu tava aprendendo... com 7... ((pois é e me conte uma coisa vocês faziam prova real)) acho que só no 4º ano ((4º ano vocês faziam prova real)) é acho que foi aqui no tempo... não foi no pedaço do prédio novo lá... do ginásio ((entendi)) que o 2º e o 3º foi aqui no Polonês e daí o 4º ano foi lá... falecida Irmã Regina ((risos)) depois eu vou te contar o que eu perguntei pra ela ((*hã* e uma coisa que eu quero perguntar também... a senhora fazia contagem nos dedinhos... usava os dedinhos pra contar...)) com os dedos... ((e a professora deixava usar os dedinhos...)) deixava... ((ela não se incomodava)) porque a gente não tinha recurso... depois... não sei se no final do ano... acho que no 2º ano que a gente é:: teve a tabuada ((ruídos)) que vinha com toda a multiplicação... a maneira de subtrair... a maneira de somar... mas era com uma tabuada especial... a metade desse caderno aqui ó... ((metade do caderno)) eu tinha aí... um bom tempo guardado... ((mas era um livrinho de tabuada então...)) era tipo um livrinho de tabuada ((ah era um livrinho com a capa vermelha:: conforme a edição era capa vermelha ... conforme era uma capa bege)) tinha a minha parece que era com bege... agora a estampa tinha coisas ((eram umas crianças acho que duas crianças na capa... tinha esse livro de tabuada também... *ahan* tinha)) devia de ser essa só sei que a cor era bege a minha ((*ahan* era e conforme a edição ia mudando)) era tipo aqueles caderninhos que usavam antigamente pra fazer compra nos empórios ((uma cadernetinha)) é pra assinar o que comprava e o valor ((*ahan* era bem isso só que com brochura *né*)) com brochura ((*ahan* isso mesmo... então agora eu vou fazer as últimas perguntas... na outra entrevista a senhora mencionou algumas palavras assim que não são comuns no vocabulário hoje em dia *né* que muitas pessoas não conhecem... então eu queria que a senhora explicasse primeiro o que é um mata-borrão)) era um pedaço de... como se fosse um papel poroso que a gente derramava tinta que o tinteiro estava ali no buraquinho da carteira e ((*uhun*)) a gente pegava a caneta com aquela pena e pra escrever ((*ahan*)) e se vinha muita tinta:: ficava aquela mancha... ((*sei*)) a gente tinha esse mata-borrão que era tipo um.....

como é que eu vou dizer ((parecido com uma esponja:)) é:: não ele era fino ((fino)) fino um pouco mais grosso que esse que ele absorvia toda a tinta ((*ah sei*)) então por isso que a gente chamava de mata-borrão punha ali em cima da tinta derramada às vezes molhava até do tinteiro na carteira a gente punha aquele mata-borrão... mata-borrão e aquilo absorvia ((*ahan*)) e a mancha a gente tirava o restinho com a borracha ((*ah sim... nossa que sofrimento*)) era sofrimento ((barbaridade)) olha e-e se derramasse... era problema... ((*nossa*)) era problema... ((*ahan... e agora o que era um caderno de pontos...*)) seria... seria não... foi um caderno assim que a gente anotava Estudos Sociais... parte de História... parte de Geografia... e na parte final do **caderno era de Religião... canto... é:: versinhos que a gente aprendia... como eu aprendi um que até hoje eu nunca esqueci... eu não posso dizer agora *né...*** ((pode dizer... claro:: ...)) posso... era assim... a gente tinha muito teatro... então a Madre fazia aniversário:: então as freiras preparavam uma festinha... pra ela e daí o tema eram as flores... pra mim deram o tema deram o versinho da violeta então eu tinha que recitar... sou a humilde violetinha entre as folhas escondidas... saí hoje pra saudar Nossa Senhora Aparecida... ((*que bonitinho...*)) é... você veja eu tinha 6 pra 7 anos... ((*quantos anos...*)) é:: nunca esqueci... ((ficou marcado o versinho)) ficou... ((*tão bonitinho...*)) é a violeta ((*ai que amorzinho*)) aí tinha o cravo...a rosa...o lírio que foi muito bonito mas eu não me lembro de todos ((*mas a senhora parece uma violetinha mesmo*)) ((risos)) ai ...((*que bonitinho o versinho... e agora outra pergunta... o que é capilé...*)) capilé era um líquido que era comprado em garrafa e se misturava com água no lugar de um refrigerante ((*e ele tinha sabor do quê...*)) mais a groselha... ((*sabor de groselha*)) a gente punha vamos supor a altura de 2 ... 3 dedos de capilé e completava o copo com água... aquilo era refrescante... o meu marido tomava tanto que foi apelidado de capilé ((*capilé eu lembro... eu pergunto porque a senhora falou e no desfile do Corpus Christi*)) a gente levava cestinha de flor... ((*isso*)) e ficava jogando as flores... ((*e vocês ganharam capilé daí depois*)) depois é ((*com torresminho*)) e as Irmãs levavam que a gente foi tudo bem arrumadinha primeiro éramos vestidas de anjo daí de vestido branco... e daí a gente quando terminava a procissão a missa:: as Irmãs levavam a gente numa sala lá embaixo no colégio velho então daí elas ofereciam pra nós sonhinhos e daí tinha pão feito em casa tinha aquele torresminho bem miudinho... era uma delícia ((*que coisa boa né e a senhora quer agora contar o que a Irmã Regina lhe respondeu...ou não quer...*)) eu acho... ((*não...*)) porque é assunto:: ((*entendi...ahan assunto mais*

doutros assuntos)) *ahan* eu isso é na aula de religião... ((*ah sim*)) e daí eu achei que não...((não cabe *né*))... não cabe... ((então vamos encerrar essa entrevista por aqui... era isso que eu...essas questões que eu gostaria de complementar na primeira entrevista:: e a senhora já autorizou que eu posso divulgar *né* que eu posso transformar num texto:: e divulgar com seu consentimento para a minha pesquisa)) pode...pode.... ((quero agradecer)) me sinto até com justo orgulho ((*nossa e eu*)) de saber que minha segunda sobrinha está numa num estudo numa fase tão importante da vida... ((*ai que coisa boa e assim*)) e me realizo vendo vocês todos... é:: ((ruído)) com seus ideais ... como é que a gente pode se expressar... com os ideais formalizados... ((*ah*)) vencendo tudo de frente pra vida... ((*ai*)) bastante sucesso ((muito obrigada... então muito obrigada e uma boa tarde)) pra você também... ((ruído))

Guarda-pó branco... guarda-pó rosa

A 1ª entrevista com a minha professora da 1ª série, Zita, aconteceu em sua residência no dia 10/09/14, às 8 h. Havíamos conversado anteriormente por telefone na metade do mês de agosto. A professora Zita, que também é minha tia-avó sempre foi carinhosamente chamada pelos alunos como tia Zita. Entrevistaria a menina vivaz que me ensinou a ler, a escrever e a enxergar o horizonte das palavras: a professora de horizontologia.

Estava protelando essa entrevista porque a depoente sofreu uma queda e estava convalescendo. O primeiro contato foi no dia 07/07/14, e durante a confirmação por telefone, ela já tentou relatar alguns aspectos. Mencionou que separaria o guarda-pó, guardado como lembrança do tempo em que lecionava.

Cheguei a sua residência no horário combinado. Recebeu-me muito bem e disponível, sempre alegre e bem-humorada. Caminhava com certa dificuldade, mas havia arrumado o cabelo.

Pedi que escolhesse um local adequado para a entrevista, optou pela sala de visitas. Lá se encontrava o guarda-pó, rosa, imponente, do tempo que lecionava, exposto em uma cadeira. A professora preferiu sentar em um sofá bem confortável porque estava com dificuldades ainda para se locomover. Fiz a leitura da carta de apresentação e expliquei-lhe sobre os procedimentos da entrevista, tais como a utilização de fichas com descritores, o processo de transcrição e textualização, provável agendamento de outra entrevista e carta de cessão para publicação.

Tia Zita ficou apreensiva quando avisei que gravaria a entrevista. Já havia comentado por telefone, entretanto, provavelmente não tenha lhe chamado a atenção. Pedi-me que se relatasse algo comprometedor, cortasse. Garanti-lhe que nada seria publicado sem o seu consentimento.

Em seguida, entreguei-lhe 30 fichas em papel sulfite A4, fonte Arial 88 e 90, tinta preta, contendo as palavras-chave para a constituição da fonte, as mesmas selecionadas daquelas utilizadas na 1ª entrevista com o 1º depoente: PROFISSÃO - PRIMEIRO EMPREGO- ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU- PAIS E IRMÃOS-INFÂNCIA- A CASA ONDE MORAVA-BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA – AMIGOS NA INFÂNCIA-ESCOLA EM QUE ESTUDOU-PROFESSORAS- ESPAÇO DA ESCOLA – COMO CHEGAVA À ESCOLA- COM QUEM IA À ESCOLA- MATEMÁTICA- MATERIAL ESCOLAR- ONDE COPIAVAM A MATÉRIA – TABUADA- CONTINHAS-

COMO ERAM AS AULAS – LIÇÕES DE CASA – O QUE APRENDEU NA ESCOLA – MERENDA ESCOLAR – HORA DO RECREIO – LEITURA – CÓPIA – CASTIGOS – RELIGIÃO NA ESCOLA – UNIFORME – BOLETIM – PROVAS – BIBLIOTECA – LIVROS – COMEMORAÇÕES DE FERIADOS.

Solicitei que organizasse as fichas conforme a sequência que quisesse falar e também caso não se sentisse à vontade para comentar sobre o tema, poderia descartá-lo. A professora observou as fichas rapidamente e comentou que aquela organização estava ótima.

Preenchi a ficha cadastral com os seus dados. O gravador ficou posicionado no braço do sofá e a depoente nem o percebeu. Começou a dissertar sobre os assuntos, na ordem em que estavam. Sentamos lado a lado e demos boas risadas juntas. Relatava sobre um dos descritores e depositava a ficha no sofá ao lado, no mesmo em que me sentava. Algumas observações foram transcritas no diário de campo:

A tia Zita me aguardava para a entrevista. Embora estivesse convalescendo de uma queda que resultou em fraturas, estava sempre com o sorriso no rosto, o cabelo arrumado e a alegria de sempre. Foi um prazer imenso conversar com ela e rememorar a minha infância. Ela preferiu ficar na sala de visitas sentada em um sofá. Olhou rapidamente as fichas e deixou na ordem em que estavam. Dissertou sobre todos os assuntos e mostrou-se preocupada com alguns aspectos que abordaria. Mirava a porta da frente da sala como se estivesse buscando recordações. Mostrou-se divertir com as lembranças da infância. Enquanto narrava a lembranças de escola, estabelecia um paralelo com a sua prática como docente. A partir da narrativa de tia Zita uma dúvida surgiu: quem sabe seja ela o ponto zero.

Diário de campo: 17/09/14

A partir do momento em que a professora narrava entrei no túnel do tempo e voltei a 1978, minha infância, estava junto da minha professora de horizontologia, aquela que havia me ensinado a ler, a escrever, a descobrir o mundo mágico das palavras. Tia Zita também foi a professora de meu irmão, um ano mais novo, e quando estudava na 2ª série, fazia o possível para fugir até a sua sala para lhe roubar um abraço carinhoso. A foto ilustra a comemoração do dia das crianças, conforme o registro do quadro negro. Tia Zita, à direita, com seu guarda-pó rosa e

meu irmão ao centro posando para o fotógrafo, no fundo da sala. As carteiras estão organizadas em círculo e as meninas conversam descontraídas.

Figura 6: 1ª série de 1979¹¹

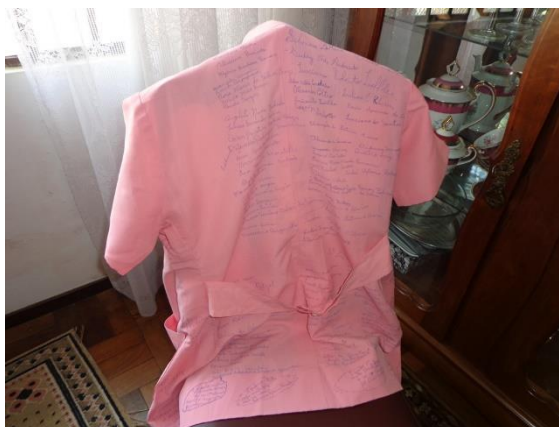


Fonte: Acervo da depoente

A mesma sensação pareceu-me acontecer com a depoente. Falava de seu passado de maneira nostálgica, com saudade e com ternura. Estabelecia paralelos com o presente, como foi o caso dos recursos e das condições de vida. Parecia feliz. Não se preocupou com o tempo.

Fomos interrompidas por uma ligação e pela porta que rangia com o vento, entretanto, nada comprometeu a sua narrativa. Antes do comentário da última ficha, fotografei-a. A entrevista durou pouco mais que 76 minutos e a alertei que poderia haver uma segunda entrevista para complementar a primeira. Antes da despedida, tia Zita fez algumas ligações a fim de me ajudar a encontrar depoentes que estudaram na década de 50. Pediu-me que fotografasse o seu guarda-pó com as assinaturas de colegas e alunos de seu último dia de trabalho. Fotografei também o seu registro de identidade, no entanto, acabou a bateria de minha câmera e precisei recorrer ao celular.

¹¹ A foto é descrita por parte da pesquisadora durante a entrevista, conforme consta no áudio da 1ª entrevista.

Figura 7: Guarda-pó professora Zita

Fonte: A Autora (2014)

Organizei o diário de campo em momento posterior à entrevista, porque fui envolvida com seu depoimento e quis aproveitar ao máximo os minutos que passamos juntas. O processo de transcrição fluiu rapidamente, a fala da narradora foi pausada e audível. Levei em torno de 20 horas interrompidas: ouvia, digitava, parava, alongava o braço, fazia outra atividade e retornava a ouvir.

No momento da primeira versão textualizada, o meu desejo era deixar a narrativa com idas e vindas como foi o seu depoimento, pois essa estrutura me pareceu muito natural. Entretanto, como a depoente não havia organizado uma sequência, optei por um texto linear por tema e cronologia para facilitar ao leitor.

Percebi que a fotografia de seu registro de identidade não ficou de boa qualidade, e seria necessária uma nova foto. Teria que focar mais no questionário da 2ª entrevista questões sobre as adições e multiplicações, prova real, se utilizava os dedos para contagens e também alguns vocábulos que foram utilizados para notas de rodapé como mata-borrão, caderno de pontos e capilé. Sei do que se tratam, contudo, as definições da depoente seriam mais oportunas.

Cheguei à residência da depoente para a 2ª entrevista em torno das 12 h e 45 min., do dia 13/11/14. Havíamos combinado por telefone a data, o período e o local, no dia 10/11/14. Zita examinava as flores no jardim. Solicitei que conversássemos em um local diferente da primeira entrevista, pois gostaria muito que manuseasse um caderno de cálculo de 1967. Dirigimo-nos à cozinha e sentamos em torno da mesa. Posicionei o gravador a sua frente e iniciamos a nossa conversa.

Expliquei a ela que na 1ª entrevista havia relatado bastante sobre subtrações e divisões e que gostaria de saber como eram as adições, se tinham muitas

parcelas, e como operava as multiplicações. Também, se faziam prova real e para fazer contagens se utilizava dos dedos. A depoente folheou atentamente o caderno comentando os registros. Após o relato sobre a Matemática, pedi que comentasse o significado de algumas palavras citadas na primeira entrevista, tais como mata-borrão, caderno de pontos e capilé. Para encerrar, fotografei o seu documento de identidade, pois a foto da primeira entrevista não ficou legível. A 2ª entrevista durou pouco mais que 13 minutos. A seguir, apresento o diário de campo com algumas impressões.

Antes do início da entrevista, sentamo-nos na sala de visitas e conversamos sobre a sua infância: as lembranças das brincadeiras, dos pais, irmãos, amigos e afazeres domésticos na labuta com a lavoura. A depoente comentou o quanto sentia saudades do passado, apesar da vida difícil e de poucos recursos. Demos boas risadas juntas, pois Zita é muito alegre e comunicativa.

Diário de campo – 14/11/14.

No mesmo dia da entrevista fiz a transcrição e a textualização final. No dia seguinte, 14/11 entreguei-lhe o texto impresso. No domingo, 16/11, telefonou-me e relatou que a versão estava de acordo com o seu depoimento e no dia 18/11 visitei-a novamente para que assinasse a carta de cessão. A seguir, convido o leitor a desfrutar da narrativa de Zita Yolanda Netzel. A depoente pode ser considerada o ponto zero das narrativas, já que vivenciou a construção do prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família como estudante e atuou como professora da Escola de Aplicação Padre José de Anchieta e do Colégio Estadual Sagrada Família: a menina que usava guarda-pó branco, a professora que vestia guarda-pó rosa.

Zita Yolanda Netzel nasceu no centro da cidade de Campo Largo - PR, no dia 14/05/1938. Concluiu o curso Normal no Colégio Novo Ateneu, na Lapa. Atuou como professora primária na Escola de Aplicação Padre José de Anchieta e no Colégio Estadual Sagrada Família, sempre como alfabetizadora de 1ª série. Está aposentada desde 1982. (Conforme Registro de Identificação e entrevista realizada no dia 10/09/14)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, ZITA YOLANDA NETZEL, portador (a) do RG 507.814-8, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado desenvolvida por Anna Carolina Galhart, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, ZITA YOLANDA NETZEL, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 18 de novembro de 2014.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Zita Yolanda Augusto Netzel

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Anna Carolina Galhart

TABELIONATO ANDRADE

TABELIONATO ANDRADE - CAMPO LARGO - P
 Tabela Florestina Andrade Stocco
 R. Rui Barbosa, 1050 - Fone: (41) 3291-190

Reconheço a(s) firma(s) de:
 YOLONXIOI-ZITA YOLANDA AUGUSTO NETZEL
 por SEMELHANÇA; face a impossibilidade
 do signatário comparecer na Serventia

Em testemunho da verdade
 CAMPO LARGO, 15/12/2014.

Ione Maria Pereira de Andrade
 Escrevente

014-IONE MARIA PEREIRA DE ANDRADE
 ESCRIVENTE

FUNARPEN - SELLO DIGITAL
 159rH6 . sedkt . h6Wkv - mxQ1L . DmlS
 Valide em <http://funarpen.com.br>

ANEXO J

CURITIBA, SABADO 1/3/58

DIÁRIO OFICIAL

<p>cola de Aplicação anexa à Escola Normal Secundária de Andaraí.</p> <p>Curitiba, em 14 de fevereiro de 1958.</p> <p>137.º da Independência e 70.º da República.</p> <p>(aa) MOYSES LUPION Vidal Vanhoni Ref. Prot. n. 2076-58-PG.</p> <p>DECRETO N. 14728 O Governador do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições e sob proposta da Secretaria de Educação e Cultura,</p> <p>DECRETA:</p> <p>Artigo único — Fica criada uma Escola de Aplicação anexa à Escola Normal Secundária de Assaí.</p> <p>Curitiba, em 14 de fevereiro de 1958.</p> <p>137.º da Independência e 70.º da República.</p> <p>(aa) MOYSES LUPION Vidal Vanhoni Ref. Prot. n. 2076-58-PG — 02396</p> <p>DECRETO N. 14727 O Governador do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições e sob proposta da Secretaria de Educação e Cultura,</p> <p>DECRETA:</p> <p>Artigo único — Fica criada uma Escola de Aplicação anexa à Escola Normal Secundária de Cornélio Procopio.</p> <p>Curitiba, em 14 de fevereiro de 1958.</p> <p>137.º da Independência e 70.º da República.</p> <p>(aa) MOYSES LUPION Vidal Vanhoni Ref. Prot. n. 2076-58-PG — 02379</p> <p>DECRETO N. 14728 O Governador do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições e sob proposta da Secretaria de Educação e Cultura,</p> <p>DECRETA:</p> <p>Artigo único — Fica criada uma Escola de Aplicação anexa à Escola Normal Secundária de Campo Largo.</p> <p>Curitiba, em 14 de fevereiro de 1958.</p> <p>137.º da Independência e 70.º da República.</p> <p>(aa) MOYSES LUPION Vidal Vanhoni Ref. Prot. n. 2076-58-PG</p> <p>DECRETO N. 14729 O Governador do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições e sob proposta da Secretaria de Educação e Cultura,</p> <p>DECRETA:</p> <p>Artigo único — Fica criada uma Escola de Aplicação anexa à Escola Normal Secundária de Cambé.</p> <p>Curitiba, em 14 de fevereiro de 1958.</p> <p>137.º da Independência e 70.º da República.</p> <p>(aa) MOYSES LUPION Vidal Vanhoni Ref. Prot. n. 2076-58-PG — 02399</p> <p>DECRETO N. 14730</p>	<p>137.º da Independência e 70.º da República.</p> <p>DEPARTAMENTO DE IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO</p> <p>CÓPIA AUTÊNTICA DO 190 Nº 7 DE 7</p> <p>DE 3 DE 1958 PÁGINA Nº 3</p> <p>CURITIBA, EM 26 DE 12 DE 1972</p> <p><i>João De Deus Freitas Netto</i> JOÃO DEDEUS FREITAS NETTO DIRETOR</p> <p>(aa) MOYSES LUPION Vidal Vanhoni Ref. Prot. n. 2076-58-PG — 02403</p> <p>DECRETO N. 14734 O Governador do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições e sob proposta da Secretaria de Educação e Cultura,</p> <p>DECRETA:</p> <p>Artigo único — Fica criada uma Escola de Aplicação anexa à Escola Normal Secundária de Jandaia do Sul.</p> <p>Curitiba, em 14 de fevereiro de 1958.</p> <p>137.º da Independência e 70.º da República.</p> <p>(aa) MOYSES LUPION Vidal Vanhoni Ref. Prot. n. 2076-58-PG — 02404</p> <p>DECRETO N. 14735 O Governador do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições e sob proposta da Secretaria de Educação e Cultura,</p> <p>DECRETA:</p> <p>Artigo único — Fica criada uma Escola de Aplicação anexa à Escola Normal Secundária de Londrina.</p> <p>Curitiba, em 14 de fevereiro de 1958.</p> <p>137.º da Independência e 70.º da República.</p> <p>(aa) MOYSES LUPION Vidal Vanhoni Ref. Prot. n. 2076-58-PG — 02405-g</p> <p>DECRETO N. 14736 O Governador do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições e sob proposta da Secretaria de Educação e Cultura,</p> <p>DECRETA:</p> <p>Artigo único — Fica criada uma Escola de Aplicação anexa à Escola Normal Secundária de Maringá.</p> <p>Curitiba, em 14 de fevereiro de 1958.</p> <p>137.º da Independência e 70.º da República.</p> <p>(aa) MOYSES LUPION Vidal Vanhoni Ref. Prot. n. 2076-58-PG — 02406-g</p>
---	--

ANEXO K

Alberto Bianco

1ª Entrevista: 29/09/14

Duração: 43'56

Local: Biblioteca Pública Municipal Dr. José Antonio Puppi

((Bom dia professor Bianco)) bom dia... ((tudo bem?)) tudo bem... ((vamos começar a nossa entrevista?)) sim... ((você permite que essa entrevista seja gravada ... transcrita e textualizada?)) sim... ((então muito obrigada professor...será muito importante para a minha pesquisa...)) tá... é... a minha infância aconteceu na colônia de italianos ((chuva muito forte)) Colônia Balbino Cunha... mais conhecida como Colônia Campina... é... como eu sou de uma família italiana:: eu basicamente vivi toda a minha infância:: é:: lá na comunidade de Colônia Campina... depois meus pais é... resolveram mudar-se para Campo para o centro de Campo Largo onde eu justamente vim e passei depois o resto da minha infância:: aqui mais no centro de Campo Largo ((então você nasceu na Colônia Balbino Cunha)) na Colônia Balbino Cunha ((que dá uns doze quilômetros do centro mais ou menos)) isso... doze a quinze quilômetros do centro ((*uhun*)) *uhun* a casa onde morava era uma casa ainda...é ... dos meus...avós... é:: uma casa tipicamente de... italiana e depois que viemos para Campo Largo daí logicamente meu pai construiu uma casa mais simples...tudo *né* ((chuva torrencial)) e com o decorrer dos anos houve um pouco de modificação na casa ((*uhun*)) os pais ainda são vivos... o pai tem oitenta e quatro a mãe tem oitenta e seis eu tenho um irmão que:: é casado e daí tenho é:: sobrinhos ((sobrinhos deixa só eu te perguntar uma coisa dessa casa... era em alvenaria em madeira::)) era em madeira ((em madeira e a cor dessa casa como é que era)) ai na época era meio amarela:: se pintava muito amarelo ou branco ((*uhun*)) tá branco era ((tinha assim virabrequim aqueles detalhes todos)) tinha...tinha...tinha....sim...sim...sim...*ahá* era tipicamente italiana ((casas bonitas *né*)) *ahan* ((essas casas)) *ahan* ((então *ok*)) tá...escola que eu estudei...então foi Escola de Aplicação Padre José de Anchieta eu iniciei ali os meus estudos em mil novecentos e sessenta e sete na primeira série tá... ((chuva muito forte)) como o meu pai trabalhava na Incepa meu pai começou a trabalhar na Incepa aí a Incepa sempre sempre acabou fornecendo então tanto o uniforme que era na época camisa branca e calça azul-marinho e congá ((risos)) e então a Incepa fornecia realmente o

material que eram os cadernos e lápis e borracha ali ((*uhun*)) então foi aonde justamente eu estudei ((e a calça tinha uma listra branca?)) não ((não tinha...toda azul-marinho...)) toda azul-marinho e camisa branca ((e tinha algum emblema na camisa ou não?)) é:: tinha Escola:: é Padre:: é:: Escola de Aplicação Padre José de Anchieta ((ah tinha então)) isto ... e o espaço da escola era um espaço ainda meio pequeno porque o Colégio ali o Colégio Sagrada Família eles ainda estavam construindo e aumentando o espaço ((chuva forte)) então o espaço da escola era um espaço basicamente pequeno era o pátio onde é coberto ali embaixo ((ah onde é coberto que era a escola?)) é ((ali que ficava ... acho que a maior parte do espaço era do Ginásio)) isso era para as... daí chamava ali ficava na parte de baixo ali ((*ahan*)) tá...hora de recreio...hora de recreio era onde todo mundo participava os professores estavam no recreio:: é...brincando de roda ...pular corda...jogando peteca...ou é:: brincando de lenço-atrás:: ((olha só que delícia de recreio)) era uma... delícia ...todos os professores tinha sempre um professor na hora do recreio junto com:: os alunos ((e ela brincava junto?)) brincava principalmente de roda de::lenço-atrás ((e tinha muitas crianças na escola?)) nossa muita muita criança a maioria eram de filhos de funcionários da Incepa ((*uhun*)) ((os filhos da Incepa)) isso ((chuva forte)) as brincadeiras de criança da época eram o seguinte quase as mesmas brincadeiras de:: pular corda brincadeiras de...roda:: lenço-atrás *né* é eram mais brincadeiras mesmo de criança ((você brincava de rolimã também?)) não não não ((sorrindo)) ((você era tranquilo)) era *ahan* ((risos)) brincadeiras de criança a merenda escolar era um pouquinho escassa quase não havia merenda na época as Irmãs ainda forneciam merenda porque:: elas tinham uma chácara:: onde é hoje lá as Populares Novas e então elas traziam muita::verdura e::: ((mantimentos)) os mantimentos ali elas traziam praticamente da chácara:: então a merenda era muito escassa mesmo as Irmãs faziam um esforço a Incepa ajudava também na-na-na ((merenda)) na doação de merenda junto com a cooperativa ((e eles pediam para vocês levarem alguma coisa para a sopa:: alguma coisa assim?)) às vezes muitas vezes verdura a gente levava *né* principalmente cebolinha *né* é:: couve *né* quem pudesse levar um pouco de arroz:: ((batata)) batata *certo* ... ((*uhun*)) então era muito interessante ali mas sempre havia a merenda ali tá castigos eu não tive ((risos)) ((mas os colegas tinham?)) ah colegas se...alguns sim tá:: ((e como eram os castigos?)) os castigos da época eram o seguinte ... não fez a tarefa ficava sem o recreio ((ah ficava sem o recreio)) é... ficava sem recreio ficava na sala de aula ((não

tinha uma ata um livro negro)) não... ((e elas batiam nas crianças...)) ah tinha uma Irmã de manhã que puxava a orelha ((a orelha)) é... ((quem era a diretora na época?)) era a Irmã Apolônia Margarida () ((ah a Irmã Apolônia eu li sobre ela alguma coisa)) é...*ahan* isso ((a Irmã Apolônia foi a diretora)) *isso* ((chuva forte)) material escolar era então fornecido pela Incepa ((*ahan*)) então não podíamos nos queixar porque tinha bastante material escolar ((tinha bastante material escolar)) *ahan* ((tinha lápis de cor também?)) tinha... régua lápis cadernos é nós tínhamos bastante material que era ((a Incepa aquela potência que era *né*)) e:: então os materiais eram realmente fornecidos pela Incepa ((*ahan*)) ((ajudava os funcionários)) isso o uniforme também era dado pela Incepa ((*hum*)) então lá fornecia:: a Incepa lá tinha um curso de que dava de costureiras lá e essas mesmas costureiras faziam lá tiravam a medida e elas mesmas costuravam e elas entregavam o uniforme ((elas faziam o uniforme)) *isso*... calça azul-marinho e:: camisa branca:: ((*uhun*)) tá... com quem ia à escola geralmente eu ia ali com meus vizinhos *certo*... o... tinha o Sérgio dos Anjos Sueli dos Anjos as suas irmãs:: todos os vizinhos ali nós íamos *hã* juntos na escola eu sempre estudei à tarde então a gente ia junto com eles na escola ((iam a pé)) a pé é porque morávamos aqui perto na Domanski e como a o terreno do mato do Sovierzoski... os pinos do Sovierzoski tinha um carreiro nós atravessávamos aquilo e já chegávamos então à escola ((a escola o acesso era fácil)) é como-como se chegava à escola uma maneira também fácil a pé é *né* não tinha muita distância ((os pais não se preocupavam *né*...)) não não ((com o carreiro)) não não ((essa que é a verdade)) *isso* as principais professoras então começando desde a primeira série era a Irmã Filotéia era uma Irmã... muito rigorosa:: havia uma disciplina:: *né* segundo ano Irmã:: Genoveva ((muita chuva)) *né* no terceiro ano professora Reni... Ferreira no quarto irmã Luzia e no quinto **professora Amélia Marcovicz Kuroski tá eram muito exigentes** ali ((eram rígidas)) rígidas é os amigos da infância que eu tenho eram muitos os que eu estudava era o-o Sérgio dos Anjos Joceli *né* ::as Irmãs ali que eram meus vizinhos próximos ali da gente que eram mais os amigos da infância que estudávamos na mesma ((*uhun*)) ((era a professora Sueli de Língua Portuguesa a sua colega? Sueli dos Anjos não era a professora de Língua Portuguesa?)) não ... elas hoje essas moças são casadas elas não são professoras ((*uhun*)) tá os *hã*::: o Sérgio dos Anjos trabalha ali no MIC *sabe* onde copiava a matéria... então... a matéria era passada no quadro e todos os alunos copiavam ((e o quadro era negro ou era verde?)) negro tá sempre quadro negro ((chuva)) *né*

então nós tínhamos ali justamente todo mundo copiava a matéria ((*uhun*)) *né* ((e daí você tinha livro didático?)) tinha um lá aquela cartilha muito antiga que até então não recordo o nome ((Caminho Suave não era?)) *humhum* ((balança a cabeça negativamente)) não era ((era Asaema também não era?)) não lembro aquele nome era muito antiga ((Cartilha Sodré)) acho que sim eu não lembro Anna ((o nome da cartilha)) eu não lembro ((mas outros livros não tinha depois nas outras séries? Só na primeira série mesmo primeiro ano?)) é primeiro ano *tá*... mas a maioria da matéria era copiada ((era copiada)) *uhun* ((ela ditava um pouco também)) também:: havia o ditado:: ((*ahan*)) em português depois ela mesmo corrigia eu achava muito interessante a professora Reni levava para casa aquela sacolada sacolas de cadernos para corrigir ((*uhun*)) ((e me fale uma coisa elas corrigiam na sala elas iam passando corrigindo ou não? E davam nota no caderno?)) *ahan* levavam para casa ((corrigiam tudinho descontavam erro)) todinho elas levavam para casa elas não corrigiam nada ((nada na sala)) é ((*ahan*)) saíam com aquelas sacolas de caderno ((meu Deus e você lembra quantos alunos tinha mais ou menos na sala?)) nós éramos quase ...trinta ((trinta alunos *uhun*)) é ((e o caderninho tinha o caderninho de Matemática?)) Matemática caderninho de Português:: e os outros caderninhos lá de ((caligrafia)) caligrafia:: caderno de caligrafia tinha outras disciplinas lá que ((pontos)) cadernos de pontos ((que copiava pontos tudo naquele caderno)) *isso ahan* cópia normal *né* quem não tinha boa letra ia fazer caligrafia *né* ((ruído)) ((e ela mandava no quadro pra corrigir ou não?)) mandava ((passava um exercício mandava no quadro)) *ahan* o aluno ia pro quadro corrigir *tá* ((e não tinha castigo pra quando assim a criança não sabia a matéria?)) ((chuva)) levava às vezes uns puxões de orelha ((porque não sabia ou não estudava)) é levava uns puxões de orelha *tá* ((fazia muita cópia então)) muita cópia muita leitura também leitura era tomado na frente a professora tomava a leitura *né* é::: abria o livro mas tomava basicamente a leitura dos alunos ((tinha uma professora que tomava leitura numa outra sala?)) tinha tinha principalmente as normalistas ((normalistas)) que faziam é::: ((o estágio)) o estágio elas então que tomavam a leitura ((que na verdade a Escola de Aplicação surgiu pra isso)) *isso* ((para os fins das normalistas)) ((e a professora lia pra vocês na sala pegava um livro e lia uma historinha pra vocês ou não?)) não ((tinha um momento para a leitura?)) na época eu até agora não lembro vamos dizer se havia aquele momento de leitura mas eu acho que não ((não tinha leitura)) não tinha *tá* ((*uhun*)) ((chuva torrencial)) a Matemática era muito rigorosa principalmente tabuada::

((tabuada)) é a tabuada você tinha que saber *né* e tinha muito na Matemática na época a gente usava muito os palitos:: do sorvete ((usavam palito?)) é ... palitos de sorvete...único material que se possuía:: ((veja que beleza:: o melhor material que tem é palito)) é ((trabalhava professor com o quadro valor lugar também ou não? ou era só com os palitos professor?)) era só com os palitos realmente ((e o que ela fazia com os palitos?)) ela fazia continhas assim... continha de menos continha de mais *né tá* então continha mais aí acrescentava continha menos tirava ((ah... tudo com os palitos)) é ((a Irmã fazia isso)) *ahan* a Irmã fazia isso *tá* ((que bacana *hein*)) é também na tabuada muito rigoroso não sabia a tabuada não ia pro recreio ((vocês usavam o livrinho de tabuada?)) sim um livrinho muito antigo ((com a capa vermelha)) é *isto* ((e castigo por causa de tabuada não tinha?)) não... ((e ela trabalhava primeiro uma tabuada depois outra)) outra então essa semana tabuada do dois ((tosse)) depois outra semana tabuada do ((três)) três ((e assim por diante)) e assim por diante ((e tomava salteado?)) salteado e também as continhas de dividir tinha que também saber fazer ((saber fazer as continhas depois eu quero perguntar bem:: das continhas que é o próximo item que você colocou aí você lembra dos nomes dos conteúdos de Matemática? que ficaram marcados pra você?)) foi a tabuada ((a tabuada que mais te marcou)) mais marcou nunca mais a gente esquece ((trabalhava geometria?)) não ((medidas?)) ah sim trabalhou muito medidas sim *ahan* principalmente a questão de litro::decalitro:: ((os múltiplos e os submúltiplos)) os múltiplos *né certo* e também muitas continhas de dividir é ((e vocês faziam aquela transformação de medidas? transformar de metro pra quilômetro?)) ah sim quilômetro hectâmetro ((e usava tabelinha ou não?)) usava *ahan certo* ((então e as continhas deixa agora eu perguntar das continhas... continha de mais vocês faziam bastante continha de mais?)) muito muita continha ((com várias parcelas?)) com várias parcelas e depois também é::as continhas de dividir ((*ahan*)) é não era como hoje fazem era no processo longo:: ((era pelo processo longo?)) longo ((hoje também é)) ah *tá* ((hoje também)) não se faz pelo processo curto? ((não a gente até:: quando eu trabalhava com quinto ano no Sagrada no Anchieta nós introduzimos no quinto ano o processo curto quando trabalhei no Reino não foi introduzido sempre pelo longo)) ah... ((então no seu tempo também era com o processo longo)) longo *ahan* ((e ela usava palitos na divisão também?)) também ... ((nossa mas que professora moderna essa *hein*?)) é era a professora Amélia ((a Amélia que usava palitos)) *uhun* ((e subtração como você

aprendeu?)) ((chuva fortíssima)) eu tirava ((cortava)) isso ((não era do cai a sementinha?)) não não ((como é hoje em dia do corte)) tira ((empresta do número anterior e vai fazendo as trocas)) isso emprestava ((e ela usava palito para fazer as subtrações também?)) também... sempre os palitos o único material... às vezes até mesmo feijão ((ah feijão também?)) isso é usava feijão milho ((olha:: que beleza::)) é sabe ((nossa que escola boa da década de sessenta porque na década de setenta não tinha isso)) não era muito bom ((professor Bianco e as multiplicações como é que vocês faziam vocês consultavam a tabuada para fazer as multiplicações?)) não ((não podia)) não não não tinha que saber *certo*... ((e nas contas vocês usavam os termos das operações?)) não ((não usava parcela dividendo subtraendo isso não usava e nem tinha prova real?)) não ((não tinha prova real e problemas?)) ah os problemas eram realmente ela dava um problema e ela tinha que realmente saber se era de dividir se era de multiplicar se era mais se era menos ((muita chuva)) e no começo do ano ela não dava assim um vocabulário específico para as operações por exemplo assim operações de adição a mais ganhou)) não ((não fazia isso)) não não ela não fazia isso ((*uhun*)) certo ((deixa eu perguntar mais uma coisa prova real vocês não faziam isso eu já perguntei *né*)) não ((e faziam a multiplicação com material concreto com palito feijões também?)) isso:: ((puxa que bacana eu não sabia desse detalhe)) a tabuada tinha que saber na ponta da língua *certo* igual a professora mandava na mesa tabuada tal você tinha que dizer *né* três vezes um três três vezes dois seis ((ah tinha que cantar)) três vezes três ((a tabuada)) **isso:: tinha que cantar essa tabuada** ((cantar a tabuada)) é ((tá uma pergunta que eu quero fazer agora é dos problemas ela passava o problema no quadro vocês copiavam no caderno de Matemática)) isso:: ((daí como você fazia o problema)) eu para resolver o problema:: geralmente se dava o problema na sala de aula ((*ahan*)) tá então ela ia dar o problema nós estávamos estudando a tabuada do três ela dava o problema sobre a tabuada do três ((*ah sim*)) se era tabuada do cinco ela iria dar um problema da tabuada do cinco ((então ela não misturava os problemas ela dava tudo separadinho só da tabuada só da divisão)) divisão só da multiplicação ((multiplicação)) mais menos ((*ahan* e faziam assim vocês tinham que armar lá sentença matemática:: traço operação::)) tinha que fazer assim cálculo solução e resposta ((cálculo solução e resposta)) isso ((que diferente...veja)) isso tinha que fazer o cálculo as contas passar um traço e resposta ((ah que legal)) ((e vocês tinham um caderno de casa e um caderno de escola tinha?)) tinha também ((nunca

se perdia copiava em outro)) não não não o de casa era assim ela levava corrigia trazia devolvia levava corrigia quase sempre semanalmente essa correção ((e ela pegava e recolhia guardava no armário alguma coisa?)) isto:: *ahan* depois ia devolvendo *tá* a religião na escola era muito forte *ahan* principalmente porque era uma escola de Irmãs e sempre sempre nesta aula havia:: ah orações realmente *né* a Irmã Isidora o nome da Irmã é Apolônia mas o nome religioso era conhecida como Irmã Isidora ((ah... a Irmã Apolônia e a Irmã Isidora é a mesma Irmã)) é... a mesma Irmã só que o nome religioso ((Irmã Isidora)) Irmã Isidora todo mundo conhecia ela como Irmã Isidora somente o toque do sino ((como a nossa Irmã Dolores)) isso:: e daí oração e depois início das aulas ((professor quando vocês chegavam na escola vocês formavam uma fila?)) fila ali embaixo daquela descida ali ((chuva forte)) ((na rampa)) para baixo da rampa depois subia a escada em cima ((e daí vocês subiam a escada ela chamava assim turma por turma pra subir?)) isso:: turma por turma ((e daí vocês chegavam na sala)) *uhun* ((vocês faziam uma oração?)) não porque ela já tinha feito ((ela fazia no pátio)) fazia no pátio ((com todas as crianças vocês cantavam no pátio também?)) sim ((músicas religiosas)) tinha é:: esses hinos religiosos uma coisa muito interessante quando vinha o bispo falar fazer visita:: pastoral então havia apresentações:: cantos religiosos muito ((pra ele)) pra ele ((veja que interessante e ela daí vocês entravam dentro da sala)) *hum* ((vocês sentavam no lugar que quisessem?)) não:: ((ela arrumava como ela queria)) isso cada um no seu lugar ((*hum*)) ((não podia trocar nunca?)) não não era o ano todo sempre ali ((naquele mesmo lugar e vocês faziam trabalho em grupo ou não?)) não ((risos)) ((sempre a fileira)) a fila *ahan* não ((e tinha uma rotina na sala? primeiro vocês chegavam vocês iam fazer isso vocês iam fazer aquilo ou)) não não ((ela não trabalhava primeiro a Matemática ou a Língua Portuguesa)) não não não ((e você lembra se ela tinha um caderno de planejamento em cima da mesa?)) tinha ((tinha um planejamento)) tinha tinha ((e daí ela olhava ali copiava e passava no quadro)) isso *ahan* isto não havia hora atividade ((risos)) ((não havia)) é ((no tempo que eu comecei também não tinha)) é elas preparavam em casa ((tudo em casa *né*?)) é *ahan* ((isso era uma coisa incrível)) agora ali também devo destacar era a Helga que trabalhou anos ali ((Helga Marthaus)) é a que vem de vez em quando ajudar a Matemática a ela ajuda muito ((a Maria Madalena)) a Maria Madalena lá ((Madalena Getikoski)) isso:: *ahan* ((já trabalhava naquela época...já trabalhava na escola)) já já ih já trabalhava as lições de casa eram quando se mandava o Português *né*

geralmente cópias cópias cópias cópias né a:: Matemática era os problemas que tinha que fazer né era difícil na época porque ((chuva)) quase poucas famílias tinham luz na época não havia muitas famílias que tinham luz assim então a gente estudava na base do lampião ((do lampião é era complicado né)) é ((e tinha arme e efetue?)) ah isto ((tinha continhas bastante)) bastante continhas né armar efetuar ou os problemas que se dava na época lá né sempre sempre as lições de casa não fazia a lição ficava sem recreio ((ficava sem recreio)) isto tá... ((e ela via a lição ou não?)) via dava visto visto sempre visto ((pra ver se tava feita a lição né)) as aulas eram ... no estilo de cada professor né na época hã:: as Irmãs tinham o seu jeito e as professoras leigas também tá ((muita chuva)) mas eram aulas disciplinadas tá não havia conversa barulho né batendo o recreio saíam esta fila esta fila esta fila ((gesticula)) ((tinha sinal?)) tinha tinha um sininho tá e:: eram muito disciplinadas realmente as aulas ((você gostava da escola?)) eu gostava uhun ((você ia pra escola animado assim gostava bastante?)) bastante ((e qual era a professora que você mais se identificava?)) eu gostava muito das Irmãs ((das Irmãs)) é ... a professora Reni também... foi assim que ajudou bastante principalmente né era ah muito muito dedicada a professora Reni e:: às vezes a professora tinha uma confiança muito na gente que nem a professora Reni sempre queria que eu fosse lá antes de começar as aulas ajudar a trazer a sacola de cadernos que levava pra casa ajudar levar a sacola de cadernos pra ela corrigir de novo tá então ((você ajudava espécie de um secretário)) o secretário dela é ahan ((chuva)) então as aulas eram basicamente meio metódicas assim mas muito boas () todo mundo aprendia:: né não havia conversas nada nada ((ahan))((tinha reprovação)) hã ((tinha reprovação?)) tinha nossa é o que mais tinha passou passou não passou ((ficava no outro ano)) ficava o outro ano é não discutiam ((hum)) certo passa passa não passa ficava o boletim quase era numa folhinha de papel tá simples com as notas realmente né era:: azul ou vermelha ((azul ou vermelha)) é é eram essas as notas ali ((e os pais eram chamados na escola?)) se havia indisciplina sim eles vinham chamavam ((e quando não estavam acompanhando na escola?)) quase eu não me lembro na época se chamavam não mas geralmente eram chamados realmente ((eram mais da questão da disciplina mesmo)) é ahan ((muita chuva)) as comemorações de feriado eram muito:: é... é relevantes né na época né nos feriados principalmente os religiosos:: né e os desfiles todo mundo tinha que ir ((no sete de setembro)) sim... todo mundo ((tinha que marchar)) sim tinha então era um ...muito muito disciplinado realmente ((

você lembra se elas faziam uma oração por exemplo dia do determinado santo se elas faziam oração pra esse santo)) faziam *uhun* a Irmã Isidora sempre ((sempre fazia)) sempre sempre ((e vocês tinham aula de Ensino Religioso na escola ou não?)) na época eu não lembro ((e Educação Física?)) não... ((nem Artes?)) não ((tinha aula especial nenhuma)) não não ((risos)) não não ((e tinha Biblioteca naquela época?)) tinha tinha ((tinha...)) a gente ia quem era a bibliotecária era a Marilis ((a Marilis?)) é é a gente ia pegar os livrinhos de historinha que nós íamos lá no Ginásio ((chuva muito forte)) tinha vários livros de historinha lá mais ou menos onde hoje funciona uma sala lá do ginásio *né* então nós íamos lá em fila trocar os livrinhos de leitura ((faziam empréstimo de livros)) **de livros é de uma semana para a outra** ((levavam para casa)) é levávamos para casa e líamos((e tinha cobrança dessa leitura ou vocês liam só porque por)) não... tinha na sala de aula...tinha muita cobrança é ((elas perguntavam)) *ahan* perguntavam ((e você lembra na caligrafia o que vocês faziam na caligrafia?)) na caligrafia ...é::: tinha que ser a ((tinha que ser o alfabeto)) o alfabeto ... é a b c ((*uhun*)) ((as frases também)) as frases é elas passavam a caligrafia você tinha que fazer a professora passava ((passava no meu tempo também era a professora que passava a caligrafia às vezes você copiava a folha inteira aquilo)) *ahan tá* o que aprendeu na escola:: na escola ((risos)) aprendemos muita... ((chuva muito forte)) muitas questões *né* tanto no Português quanto... ((na Matemática)) na Matemática:: no Ensino Religioso:: na História... na época *né* na Geografia tanto que na época era bem tradicional *né* ((professor vocês faziam trabalhavam com mapas?)) eu até não lembro realmente na época ((se vocês trabalhavam com mapas)) não... não lembro da época se trabalhava com mapas ((*uhun* e desenho?)) ah havia o desenho realmente ((muita chuva)) *tá* o caderno de desenho *certo* específico para desenho realmente ((daí vocês desenhavam e ela passava desenho no quadro pra vocês copiarem ou não?)) era o carimbo ((ah o carimbo...)) ((ruído)) é tinha muito carimbo pra você pintar *né* no ali era carimbos ((carimbos)) é ((e você lembra se na primeira série primeiro ano você lembra se você tinha carimbos dos conjuntos?)) ((chuva forte)) é isso eu não lembro ((se tinha carimbo dos conjuntos porque na minha primeira série o que mais tinha era o carimbo dos conjuntos)) é isso eu não tô lembrado realmente se tinha ou não ali ((*ahan* e me conta uma coisa vocês faziam sequência de número por exemplo escreva do zero até o cem)) *ahan* sim sei havia ((circule os pares)) os ímpares sim havia muitos ((decomponha)) isso decomponha esse número isto havia ((dê os

vizinhos)) isto também ((fazia os vizinhos também)) *ahan* ((escreva de dois em dois)) isto também ((ordem crescente)) e ordem decrescente ((tudo isso você tinha também na escola)) tinha *ahan* ((muitas continhas e muitos problemas)) problemas muito muito muito ((os problemas eram problemas que você tinha que pensar ou eram problemas para fazer a conta)) eram problemas para você:: fazer a conta ((tinha mesmo para dar conta da conta)) ((risos)) ((chuva torrencial)) até que série estudou eu fiz até a Faculdade e daí duas Pós-Graduações ((*ahan* Filosofia você fez onde?)) na PUC ((na PUC)) isto é *ahan* e daí também se incluiu História *né* ((*ahan*)) então profissão professor realmente *né* ((você já está aposentado?)) já já estou aposentado então a profissão professor não sei se ((*uhun* tá ótimo)) primeiro emprego que eu tive é::: como eu estudei depois mil novecentos e setenta e quatro fui para o seminário:: daí eu fique eu fiz tanto quinta oitava quanto Ensino Médio no seminário:: nas férias ((muita chuva)) então eu fui trabalhar de empregado ali na fábrica de louça Rio Branco pra pagar um pouco os estudos porque é meu pai e minha mãe quase não conseguiam ((chovia forte)) ele trabalhava na Incepa e minha mãe também ajudava minha mãe trabalhava de zeladora na escola ajudava até um pouco a Escola Estação de Enologia ((sim)) tá então minha mãe ajudava lá até dona Laurita Cequinel que às vezes sozinha lá na escola não dava conta não conseguia vencer de limpar toda a Escola de Estação de Enologia que hoje destruíram a escola ((*ahan*)) às vezes a minha mãe pedia a minha mãe trabalhava pra dona Laurita é quase como uma empregada ((sei)) e às vezes a dona Laurita pedia para a minha mãe ajudar lá é:::na escola porque a Escola Estação de Enologia só funcionava à tarde *né* elas iam de manhã limpar...varrer a escola lá *né* ((sei)) as escolas que nem na granja só para fazer um paralelo os alunos lá não iam de uniforme...iam de guarda-pó todo mundo de guarda-pó branco *né certo* então hoje se você fizer uma entrevista ali com a professora ai eu me esqueço o nome dela ela trabalhou na granja anos ((eu fiz com a tia Zita)) ah a Zita trabalhou e daí tem a outra professora lá ela mora ali nos fundos ali perto da Mania da Gula ali ((essa professora eu não sei quem é perto da Mania da Gula eu não sei quem é ela também trabalhava na Estação de Enologia)) ((chuva muito forte)) ela trabalhou anos na Estação de Enologia *ahan* ((é a professora Zita falou que bom no Instituto Santa Terezinha usava guarda-pó branco)) ah sei sei ((é usavam no tempo que era aqui a escola e no tempo que era lá no Clube Polônês)) *ahan* usavam sempre o guarda-pó branco ...mas as normalistas depois tinham um uniforme próprio elas iam justamente de

saia azul ((chuva fortíssima)) camisa branca ((ah eu vi foto que tem do desfile elas descendo ali na frente do Chafariz eu vi elas com esse uniforme)) isto é então trabalhei como meu primeiro emprego na Cerâmica Rio Branco depois:: ali pra pagar a faculdade eu consegui um emprego nas Livrarias Curitiba:: tá então de manhã estudava na faculdade na PUC na Universidade Católica e à tarde eu trabalhei muitos anos ali para conseguir pagar nas Livrarias Curitiba ((conversa na rua)) terminei a faculdade daí o professor Eulógio me convidou precisava de professor me convidou daí comecei a trabalhar em mil novecentos e oitenta e três no Colégio Cenecista Presidente Kennedy daí como professor e de lá daí deslanchei daí depois ali no do Kennedy pro dei aulas CLT no estado na época tinha Educação Moral e Cívica né e OSPB então não tinha muitos professores ... então em mil novecentos e oitenta e quatro comecei dando aula de Educação Moral e Cívica no Sagrada depois também no Sagrada de Filosofia:: até mesmo de Psicologia lá do Desenvolvimento:: né é ((conversa na rua)) então em oitenta e quatro começamos dando aula depois em oitenta e cinco precisavam de professor em Três Córregos ((ruídos)) daí a Claudete Andreassa me convidou para dar aula em Três Córregos daí fiquei lá em Três Córregos até noventa e dois é:: até como diretor:: daí noventa e dois fiz o concurso no estado acabei passando ((ruído)) e assim até quando consegui me aposentar tanto no estado quanto na prefeitura ((na prefeitura)) isto ((e na prefeitura você não chegou a trabalhar com os pequenos)) ((chuva)) não:: dando aula não ((só no Reino)) só no Reino da Loucinha foi aquele ano terrível ali ((risos)) ((as crianças te adoravam)) ah é... ((nossa...elas te adoravam elas queriam cada pouco ir na biblioteca emprestar alguma coisa só pra falar com você)) ((risos)) ((daí você contou uma história da múmia encantou eles todos eles adoraram adoraram demais::)) ahan ((professor deixa eu fazer mais umas perguntas sobre a Matemática)) uhun ((é a professora quando ela trabalhava com as medidas ela chegou a trabalhar com a balança na sala?) eu não lembro ((não lembra nem outros instrumentos assim a fita métrica:: ou a trena)) geralmente fita métrica ((ela trabalhava ela mostrava esses instrumentos)) isso:: ((vocês chegaram a fazer alguma receita na escola?)) não **(((nunca fizeram nenhuma receita pra trabalhar medidas nem pra festa nada ?)))** não as festas muito comemoradas eram as festas juninas tinha festa junina com as danças a dança caipira:: ((chuva)) bem tradicional mesmo ((tinha desfile cívico?)) desfile cívico ahan ((as questões religiosas::)) ahan ((e você lembra das frações?)) ah lembro ((mas ela repartia alguma coisa na sala trabalhava com carimbo como ela

trabalhava?) sempre era com carimbo ((sempre com carimbo?)) *ahan* sempre com carimbo ((*uhun tá* e uma coisa assim que eu queria perguntar pra você essa Matemática que você aprendeu na escola:: ela te ajudou na vida?)) muito... muito se não fosse ali realmente hoje ah::: eu não sei o que () pelo menos a questão da tabuada *né né* ((*uhun*)) nós não tínhamos máquina de calcular nada é:: sabe ou não sabe ((a borracha e)) lápis ((*uhun*)) *né* ((e esse aqui)) é e ali a cabeça ((muito raciocínio)) é *né* era duma forma bem tradicional aquela Matemática bem tradicional ((memorização)) memorização e só ((chuva)) ((e essa memorização te ajudou na vida pra alguma coisa você aprendeu a memorizar por causa da escola::)) por causa da escola ajudou muito principalmente porque hoje você vê lá por exemplo sabe seis vezes seis já sabe *não é* já aquilo lá ((é automático *né*)) não é que nem vai lá vai calcular é seis mais dois *né* ((sim)) dá e hoje a máquina então as questões mais práticas mas na época não ((*uhun*)) ((não tinha *né*)) não tinha ((e você gostava mais de Matemática ou de Língua Portuguesa?)) eu até gostava mais da Língua Portuguesa porque a Matemática:: foi um pé no calo ((risos)) é ((você achava difícil Matemática?)) eu achava um pouco difícil se bem que no ensino no:: depois que você terminava o quinto ano você pra entrar na primeira série ginasial tinha o exame de admissão ((tinha)) então é no curso ginasial que mais penei foi na Matemática ((na Matemática)) é sabe do que nas outras disciplinas Português ((*ahan*)) ((muita chuva)) ((e então você fez o ginásio no seminário?)) no seminário ((não chegou a fazer nem estudou no Ginásio Sagrada Família)) não no seminário ((sempre lá nem estudou fez o Normal fez)) não era o ginasial e o Científico ((*hum* certo entendi)) *ahan* ((e ficaram boas recordações da escola? da Escola de Aplicação?)) muitas muitas principalmente das professoras ali *ahan* tanto da Irmã Luzia da Irmã Filotéia:: da Reni:: *né* da professora Amélia que às vezes olha assim e lembra não lembra da gente:: *né* ((a Amélia)) é isto *né sabe* muito interessante... ((então tá professor é eu vou fazer o seguinte eu vou transcrever essa entrevista toda)) *ahan* aí eu vou textualizar e o que faltar eu vou conversar com você para um outro momento a gente conversar daí complementar a entrevista)) *ahan* tudo bem ((mas eu gostaria de dizer que é um prazer imenso tê-lo na minha pesquisa)) tá ((eu fico muito feliz)) obrigado ((muito bom)) obrigado ((então obrigada eu vou salvar aqui a entrevista certo?)) *certo...*

2ª Entrevista: 19/11/14

Duração: 6'03

Local: Biblioteca Pública Municipal "Dr. José Antonio Puppi"

((Boa tarde professor Bianco...)) boa tarde...((tudo bem...)) tudo bem...((vamos começar a nossa segunda entrevista...)) vamos... ((então professor eu queria complementar aquela primeira entrevista que nós fizemos fazendo algumas perguntas pra você... tá... então a primeira eu queria saber como que vocês faziam na escola as multiplicações...)) as multiplicações eram feitas no processo longo:: é... sem ser basicamente na- no processo curto:: *né*... então tínhamos a:: tanto as multiplicações quanto as divisões:: *né* de as continhas de dividir também eram feitas no processo longo:: e não no processo extremamente curto *né*... ((sim... professor... por exemplo... a professora passava no quadro a multiplicação quarenta e dois vezes vinte e quatro... quando vocês multiplicavam o quatro que é unidade...)) *uhun*... ((o que que vocês colocavam para cancelar a casa da dezena... quando vocês iam multiplicar o dois...)) deixava simplesmente em branco... ((não colocava nenhum sinal...)) não...nada...nada... não colocava nem um zero ali... simplesmente pulava... nós tínhamos o caderno de:: quadrinhos e simplesmente se pulava:: é:: ((posso pegar... é que vou usar mesmo... fala a pessoa que entra na sala e interrompe a gravação...)) certo... é que nós estamos fazendo uma entrevista aqui... Marcos... ((será que posso... esse aqui pode... posso fazer alguma coisa aqui... insiste o rapaz)) você espera um pouco ... espera um pouco... dá para você esperar um pouquinho...((sim...sim...sim... responde o rapaz)) ((podemos continuar não tem problema depois eu corto isso...)) tá... você corta... ((corto:: fique tranquilo::)) é:: então as multiplicações... é porque tinha o caderno de Matemática e ele já tinha os quadradinhos... então deixavase basicamente em branco aquela:: aquela casa... então... pulava-se uma casinha... como se dizia ((a casa da unidade)) da unidade... para se fazer o complemento... analisar e depois se fazia a soma realmente... ((ok... professor... então agora vamos perguntar a segunda pergunta... vocês faziam adições com mais de duas parcelas...)) sim... *uhun* principalmente no quinto:: ano...no quinto ano que nós tínhamos lá... primeiro ano segundo terceiro quarto e quinto ano... então no quinto ano era feito com é:: ... mais de-de duas ou parcelas...((*uhun* e na outra entrevista o senhor falou sobre os materiais manipuláveis que vocês usavam ... palitos que a professora usava...)) é:: ((palitos))

palitos de dolé... além disso também muitas vezes milho:... feijão que se usava e os dedos eram uns dos pontos muito importantes que a gente às vezes acabava justamente é:: usando como... ((ela deixava usar os de dedinhos...)) isso... não tínhamos máquina de cálculos... sim... então se separa unidade... o que eram dezenas... centena... unidade de milhar:: ... né... então... ((com os palitos)) palitos... ((feijões também...)) feijões até... palitos de sorvete... único elemento que tínhamos na época para:: a aprendizagem... ((*ahan*... e uma coisa professor... onde que ela guardava os palitos...)) os palitos eram sempre é:: embrulhados com:: um elástico e guardados no armário ((elástico de dinheiro)) isso:: com elástico de dinheiro... ((e ela guardava no armário da sala daí...)) da sala... *uhun*... ((perfeito... então vamos fazer a última pergunta... como que eram as provas:: as provas vocês tinham que copiar no caderno:: ou tinha uma prova impressa já...)) as provas eram impressas... começavam a uma da tarde:: e iam até as três horas:: da tarde ... às três horas da tarde eles entregavam essas provas *né* ((ruído)) e:: quem justamente terminasse antes daí vinha para casa ... é:: e o nosso horário era até as três horas... então eram provas impressas... bem rigorosas realmente:: ... *tá*... e:: eram feitas em casa ... **ainda se usava aquelas provas rodadas no stencil ((*ahan* no mimeógrafo)) no mimeógrafo... a álcool e:: era feita em casa outrbas provas mais simplesinhas ()** eram feitas e copiadas no caderno ((estilo um teste)) estilo um teste que eram feitas basicamente em sala de aula ((tinha um caderninho pra copiar essas provas)) tinha... tinha... ((e as provas tinha uma semana de provas pelo jeito...)) é sempre era... começava na segunda... na terça... na quarta e... quinta ((*uhun*... então tinha uma semana de provas...)) é:: é:: *ahan* que eram bem mais rigorosas daí... hum... certo....((perfeito professor...então eram essas as perguntas que eu gostaria de fazer... e pelo que nós conversamos na primeira entrevista você autoriza que eu transcreva textualize e divulgue esses dados *né*)) autorizo... ((então eu quero te agradecer muito por você contribuir com minha pesquisa...)) ah... muito obrigado... ((muito obrigada professor de coração mesmo...)) obrigado... ((obrigada)) () ((risos))

À luz do lampião

A 1ª entrevista com o Professor Alberto Bianco aconteceu no dia 29/09/14, durante o período da manhã, em uma das salas da Biblioteca Pública Municipal “Dr. José Antonio Puppi”, ponto turístico da cidade. A sugestão do local partiu do próprio entrevistado, por se tratar de um espaço que lhe é acolhedor. O Professor havia reservado uma sala para a entrevista que foi gentilmente cedida pela responsável Professora Suzana Vidal. Os aspectos relevantes da entrevista foram apresentados através de recortes do diário de campo:

Cheguei um pouco antes do horário combinado e o Professor já me aguardava todo animado. Chovia muito. Apresentou-me para os funcionários da Biblioteca e relatou sobre a minha pesquisa.

Diário de campo: 29/09/2014.

Conversei antecipadamente com o Professor, uma vez via endereço eletrônico e duas vezes por telefone. O Professor Bianco foi meu professor de História e Filosofia durante o Magistério. Foi ele que me motivou a ler Kirkegaard, Heidegger, Sartre, Kant, Comte, Marx, Platão, entre tantos filósofos. Chamou-me muito a atenção na entrevista, a forma como relatou que fazia as tarefas à luz do lampião.

A primeira vez em que conversamos, foi por acaso, no início do ano e na ocasião, o Professor precisava entrar em contato com um dos meus colegas de trabalho, o Coordenador de História, Professor Marcelo Bueno. Quando comentei sobre minha pesquisa, logo relatou que havia estudado na Escola de Aplicação Padre José de Anchieta e me indicou uma historiadora como depoente.

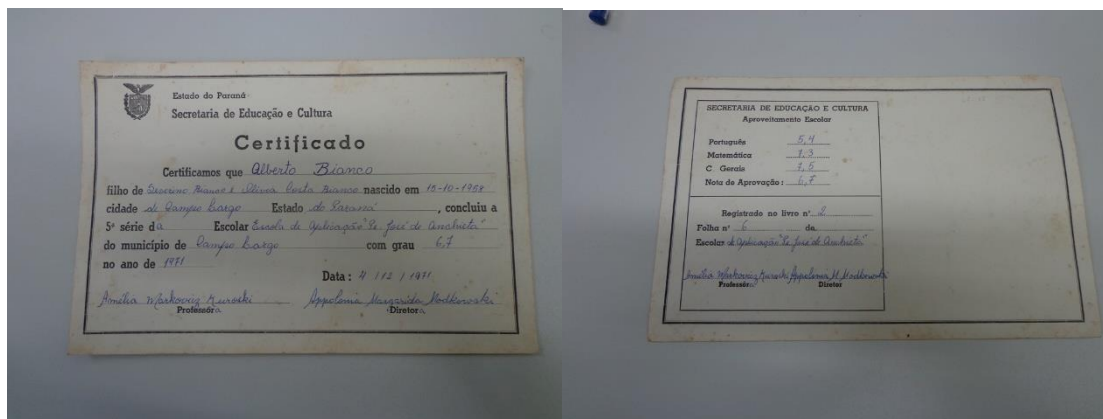
Expliquei-lhe que em minha dissertação não caberiam pessoas famosas e o Professor Bianco disponibilizou-se a me ajudar. Comentei que faria as entrevistas a partir do 2º semestre.

No início de agosto, o Professor Marcelo Bueno informou-me o endereço eletrônico do Professor Bianco. Escrevi-lhe um *e-mail* e me retornou informando o número de seu telefone residencial e solicitando que conversássemos. Na terceira semana de setembro telefonei para o depoente e agendamos a entrevista.

Cheguei um pouco antes do horário combinado, que era 8 h e 30 min., o Professor já me aguardava todo animado. Assim que nos acomodamos na sala em

que aconteceu a entrevista, o Professor Bianco me mostrou muito orgulhoso o seu boletim escolar, referente ao 5º ano primário. Pedi para fotografar, pois esse documento é uma imagem muito significativa para a coletânea de fontes sobre a Escola de Aplicação Padre José de Anchieta.

Figura 8: Boletim escolar de Alberto



Fonte: Acervo do depoente

Esperei-o estar preparado e sentei à sua esquerda. Em seguida, entreguei-lhe minha carta de apresentação, o Professor a leu em silêncio. Depois preenchi a sua ficha cadastral. Como não havia trazido o documento de identidade, na 2ª entrevista houve o registro do mesmo.

Antes de iniciarmos, pedi que ordenasse os descritores da forma que melhor auxiliassem em seu depoimento. Utilizei as mesmas 30 fichas que anteriormente subsidiaram as entrevistas de Michele, Zita e Mônica. O Professor Bianco (Alberto) observou-as cautelosamente e pouco alterou a organização. Fotografei esse momento, sem que percebesse.

Posicionei o gravador à sua frente, sobre a mesa. A entrevista durou pouco mais que 43 minutos e perdemos a conta do tempo. A princípio, o professor parecia pouco à vontade, olhava para a porta lateral e limitava-se a comentar brevemente os descritores. Não parecia se incomodar com o gravador, no entanto, estranhei muito porque o Professor é falante e mostrou-se motivado para a pesquisa. Interferi o tempo todo fazendo perguntas e exemplificando, conforme consta no áudio. Havia imaginado que a entrevista duraria em torno de 2 horas. Embora tenha dissertado sobre todas as fichas, a 2ª entrevista deveria ser planejada com cautela.

Sugeri que fizéssemos a próxima entrevista no prédio da Congregação. O professor comentou que se a Irmã Lúcia não ficasse contrariada, seria uma ótima ideia.

O processo de transcrição foi muito rápido, em torno de 8 horas. Ouvia e digitava aproximadamente por 5 minutos, parava e retomava. A gravação ficou muito boa, porque o professor falou pausadamente e não houve interrupção. Nem a torrencial chuva atrapalhou o áudio.

No momento da 1ª versão textualizada organizei-a por blocos temáticos: apresentação pessoal, escola, professores, Língua Portuguesa, Matemática, festividades e formação profissional de maneira linear. Somente no encerramento, optei por fazer quase uma digressão, no rompimento com o presente e retomada do passado.

Percebi que na próxima entrevista deveria abordar algumas questões: multiplicação, adição e o uso dos materiais manipuláveis, que foram mencionados e perguntar sobre as provas. Assim que conclui a textualização, no dia 01/10/14, encaminhei-a via endereço eletrônico e no mesmo dia o Professor me retornou comentando que havia ficado emocionado com o texto.

No dia 19/11/14 realizei a 2ª entrevista com Alberto. Por meio de *e-mail*, sugeri que a entrevista acontecesse no prédio da Congregação, pois a Irmã Lúcia havia autorizado, contudo, o depoente preferiu que fosse na biblioteca pública, como na 1ª entrevista e combinou o horário das 13 h e 30 min. O colaborador estava ciente de que a conversa seria rápida, a fim de complementar alguns aspectos do primeiro depoimento: como eram realizadas as multiplicações; se faziam adição com mais de 2 parcelas; onde os materiais manipuláveis, mencionados na 1ª entrevista eram guardados; como eram organizadas as provas e se usava os dedos para calcular.

A responsável pela biblioteca Suzana Vidal disponibilizou a mesma sala para a entrevista. Sentamo-nos aos mesmos lugares e posicionei o gravador próximo ao depoente. Apresento um trecho extraído do diário de campo, relatando algumas impressões da 2ª entrevista.

Já no início da entrevista fomos interrompidos por um dos funcionários da biblioteca, conforme consta no áudio, situação que deixou o professor muito constrangido. Comentei com o depoente que não havia problemas, como não houve, pois não comprometeu a entrevista. Não precisei perguntar se usava os dedos para calcular, pois o depoente comentou esse aspecto. Após a nossa conversa fomos brindar esse momento em uma confeitaria da cidade.

Diário de campo – 19/11/14

A entrevista teve a duração de pouco mais que 6 minutos e foi muito produtiva. No mesmo dia fiz a transcrição, a textualização e encaminhei a versão final para o e-mail de Alberto que me retornou no outro dia, autorizando a divulgação de sua história com a Matemática. No dia 25/11/14 assinamos a carta de cessão. Em seguida encontra-se a narrativa das entrevistas com Alberto Bianco.

Alberto Bianco nasceu na Colônia Balbino Cunha, situada a aproximadamente 15 km do centro de Campo Largo – PR, no dia 15/10/1958. Coursou Filosofia e História, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná e atuou como professor de História, Educação Moral e Cívica, OSPB, Psicologia do Desenvolvimento e Filosofia no Colégio Estadual Sagrada Família. Está aposentado desde 2014. (Conforme registro de Identificação e entrevista em 29/09/14)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, ALBERTO BIANCO, portador (a) do RG2.094.021-2, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado desenvolvida por Anna Carolina Galhart, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, ALBERTO BIANCO, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 25 de novembro de 2014.

TABELIONATO
ANDRADE

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Alberto Bianco

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Anna Carolina Galhart



TABELIONATO ANDRADE - CAMPO LARGO - PI
Tabela Florestina Andrade Stocco
R. Rui Barbosa, 1050 - Fone: (41) 3291-1900

Reconheço a(s) firma(s) de:
[LONXhY0]-ALBERTO BIANCO.....
por SEMELHANÇA; face a impossibilidade
do signatário comparecer na Serventia

Em testemunho da verdade
CAMPO LARGO, 15/12/2014.

Ione Maria Pereira de Andrade
Escrevente VI4-IONE MARIA PEREIRA DE ANDRADE
ESCREVENTE

IFUNARPEN - SELLO DIGITAL
i9rH6 . 9e4kt . YsmCO - B2rRb . z61S
Valide em <http://funarpen.com.br>

ANEXO L

ALTERAÇÃO DA DENOMINAÇÃO

Diário Oficial nº 166
de 29.10.76

DECRETO Nº 2431
O GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ, usando das atribuições que lhe confere o Art. 47, itens II e XVI, da Constituição Estadual, sob proposta da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura, nos termos da Lei Federal nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixa Diretrizes e Bases do Ensino de 1ª e 2ª Graus, e do Parecer nº 136/74, do Grupo de Legislação e Normas, homologado pela Resolução nº 1.160/76 e satisfeitos os requisitos contidos nas Deliberações nºs 26/72 e 40/75, do Conselho Estadual de Educação,

DECRETA:

Art. 1º - Fica autorizado a funcionar nos termos da legislação vigente, o COMPLEXO ESCOLAR "PADRE JOSÉ DE ANCHIETA", no município de Campo Largo, mantido pelo Governo do Estado do Paraná, resultante da reorganização do Ginásio Estadual Sagrada Família, Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, Casa Escolar João XXIII, Casa Escolar D. Pedro II e Grupo Escolar Otalípio Pereira de Andrade, todos do mesmo município.

Art. 2º - O Ginásio Estadual Sagrada Família e a Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, passarão a constituir-se em um único estabelecimento, sob a denominação de Escola Sagrada Família - Ensino de 1ª Grau.

Art. 3º - As Casas Escolares João XXIII, D. Pedro II e o Grupo Escolar Otalípio Pereira de Andrade, passarão a denominar-se Escola João XXIII - Ensino de 1ª Grau, Escola D. Pedro II - Ensino de 1ª Grau e Escola Otalípio Pereira de Andrade - Ensino de 1ª Grau, respectivamente.

Art. 4º - Em decorrência do disposto no artigo 1º, os estabelecimentos manterão em regime de extinção gradativa o funcionamento das séries referentes aos cursos regidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

Parágrafo Único - Fica ratificada a validade dos atos escolares anteriores ao processo de reorganização, desde que realizados por prévia e expressa autorização da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura.

Art. 5º - Ficam mantidas as funções e atribuições já existentes nos referidos estabelecimentos de ensino, as quais serão adaptadas à nova estrutura do Estabelecimento ora reorganizado.

Art. 6º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Curitiba, 26 de outubro de 1976,
159ª da Independência e 88ª da República.

JAYME CARNE JUNIOR
Governador do Estado

ANEXO M

DECRETO DE AUTORIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Diário Oficial nº 215
de 09.01.1978

DECRETO N.º 4501

O Governador do Estado do Paraná, usando das atribuições que lhe confere o art. 47, itens II e XVI, da Constituição Estadual, sob proposta da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura,

DECRETA:

Art. 1.º — Os artigos 1.º e 2.º do Decreto n.º 2.431, de 28 de outubro de 1976, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 1.º — Fica autorizado a funcionar nos termos da legislação vigente, o Complexo Escolar “Pe. José de Anchieta”. — Ensino de 1.º e 2.º Graus, no município de Campo Largo, mantido pelo Governo do Estado do Paraná, resultante da reorganização do Ginásio Estadual “Sagrada Família”, Escola Normal Colegial Estadual Pe. José de Anchieta, Escola de Aplicação Pe. José de Anchieta, Casa Escolar Papa João XXIII, Casa Escolar D. Pedro II e Grupo Escolar Otalpio Pereira de Andrade, todos do mesmo município.

Art. 2.º — O Ginásio Estadual “Sagrada Família”, a Escola Normal Colegial Estadual Pe. José de Anchieta e a Escola de Aplicação Pe. José de Anchieta, passarão a constituir-se em um único estabelecimento, sob a denominação de Colégio “Sagrada Família” — Ensino de 1.º e 2.º Graus”.

Art. 3.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Curitiba, em 03 de janeiro de 1978; 157.º da Independência e 80.º da República.

JAYME CANET JUNIOR

Governador do Estado

Francisco Borsari Netto

Secretário de Estado da Educação e da Cultura

Ref. prot. n.º 12646-77-SEEC. L

ANEXO N

RECONHECIMENTO DO ESTABELECIMENTO

Em 10-8-82:

RESOLUÇÃO Nº 2.141-82

RESOLVE

Art. 1.º — Fica reconhecido o Curso de 1.º Grau — Regular e o Curso de 2.º Grau — Regular, com as habilitações: Plena Magistério, Básica em Saúde e em Eletricidade, do Colégio Sagrada Família — Ensino de 1.º e 2.º Graus no município de Campo Largo.

Art. 2.º — Em decorrência do disposto no artigo anterior, fica reconhecido o Colégio Sagrada Família — Ensino de 1.º e 2.º Graus, de Campo Largo, mantido pelo Governo do Estado do Paraná.

Art. 3.º — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Diário Oficial nº 1366
de 31.08.1982

ANEXO O

Mônica Dalponte Ukasinski

Data da Entrevista: 19/09/14

Duração: 69'23

Local: Sala de Reuniões – Secretaria Municipal de Educação

((ruídos)) Eu vou e volto...((ah...não faz mal)) ((boa tarde Mônica...))boa tarde Anna...((vamos começar a entrevista então::... com a Mônica...que estudou no Colégio Sagrada Família... só a vida inteirinha))isso mesmo...((que irá relatar alguns aspectos importantes para nós...))então eu vou começar contando da minha infância ((perfeito))é::quando eu tinha quatro anos a minha mãe faleceu::...devido a um infarto fulminante::e foi a partir daí que eu tive contato que os vizinhos tiveram contato com a Irmã Dolores...para que eu pudesse ingressar na escola um ano mais cedo...o certo seria de a gente ingressar a partir dos cinco anos naquela época((som de telefone)) ((*ahan*)) eu com quatro então eu fiz duas educações educação infantil ((*ahan*)) ((em que ano você entrou?)) setenta e cinco¹² ((setenta e cinco você entrou no Sagrada)) no pré...no pré três jardim de infância ((sei)) naquela época *né* tive que entrar e fazer duas vezes porque eu não tinha idade para acompanhar uma primeira série... então eu fiz duas vezes adorei *né* porque era a professora Detinha ((risos)) amo ela ((a Detinha Ferreira?)) a Detinha que é minha inspiração até hoje ((um amor)) é mesmo... então eu-eu morava lá na região do Caratuva:: na entrada da Ferraria ...então era região *né* não era considerada rural mas região bem afastada do centro... é e precisava de ir de ônibus pra-pra vir pra escola e:: eu morava nessa minha casa na época que eu comecei a estudar só com o meu pai...porque o meu irmão mais novo com a minha avó aqui em Campo Largo e eu tive só que morar com o meu pai ...não queria ficar com a vó...queria ficar com o pai ((*uhun*))meu pai...depois de um ano de falecimento da minha mãe ele resolveu casar de novo ((risos)) com uma moça de dezesseis anos agora ele teve dois filhos com ela ((teus irmãos)) meus irmãos muito queridos::... ((Mônica::: se você quiser ir virando as fichinhas pra você não se perder...)) tranquilo... então são meus dois irmãos com os quais eu convivo até hoje *né* então vivi com eles lá...sempre naquela casa naquele lugar e sempre tendo que vir pra Campo Largo pra estudar no Sagrada Família

12

A depoente se refere ao ano de 75, quando na verdade é 1979.

((risos))((vindo do Caratuva todo o dia)) sempre de escolar todo o dia ((sempre de escolar pequenininha daquele jeito)) pequenininha daquele jeito junto com os coleguinhas tinha basicamente a mesma idade...um ou outro que era um pouquinho maior que tinha que:: cuidar dos menores ((uhun)) ficava por muitas vezes na praça do Colégio esperando o transporte escolar:: me perdia:: por lá perdia o ônibus...o pai brigava tinha de vir lá de longe buscar *sabe* por várias vezes acabava acontecendo isso ((uhun)) então era uma realidade que hoje ainda:: a gente vê *né* ((presente ainda)) nas escolas em todas as escolas *né* então comecei no Sagrada Família na escola que agora é Anchieta Escola Municipal antigamente era Escola ((era Colégio Sagrada família)) Colégio Estadual Sagrada Família é tenho até camisetinha dele lá...camisetinha não...a foto com a camiseta ((a foto eu quero essa foto)) eu vou trazer pra você...então sempre estudei lá até o terceiro ano do Magistério... como era o espaço da escola...bom... era...a escola é ampla:: *né* tem muitos::degraus mas eu adorava estudar...então...quando a gente fazia Educação Infantil era embaixo...então eu não via a hora de ir para a primeira série para subir as escadas porque eu achava tão bonito aquelas crianças subindo as escadas e eu não subia...((risos)) ((a tua sala era aquela)) no pátio ((aquela que era de Educação Física)) do Magistério *né* ((sim...)) muito legal...então não via a hora então os dois prés que eu fiz eu fiz lá ((e a tua sala tinha as paredes pintadas ou não?)) não eram pintadas elas eram se eu não me engano elas tinham (revestimento) em cerâmica ((porque teve um tempo que elas pintaram...elas decoraram as salas tudo bonitinho)) não era assim...era de cerâmica...então tinha o espaço da sala de aula e em seguida tinha uma salinha pequena que guardava no Magistério alguns materiais ... e ali era onde a gente fazia também::um monte...tinha vários materiais que eram utilizados pela Educação Infantil também ali ((era uma espécie de porão aquela sala *né*)) era até hoje eu falo térreo mas era um porão... um porãozão que parece que se transformou em banheiro ((isso agora é banheiro...masculino)) é então:: já é um espaço ...o espaço sempre foi muito amplo *né* ((então quer dizer que você começou no sótão... no porão e depois foi para o sótão no Magistério)) foi ((risos)) no sótão não era porque depois ((mas quase *né*)) depois do Magistério tem mais um o **sótão lá em cima *né* ((tem)) foi então é uma coisa assim (uma coisa bem rica)** ((que legal)) as escadas eram o meu sonho de consumo desde que estava na Educação Infantil subir aquelas escadas então era e tal ((e você nem imagina como eu fiquei contente quando você me falou que você estudou lá na década de setenta...)) é:::...

nossa é maravilhoso... ((beleza)) nossa... lembro de todos os nomes das professoras:: nossa...((você vai me falar tudo isso depois)) *ahan* então...como o espaço era grande um pouquinho na hora do recreio gostávamos muito de brincar de mãe-mãe-pegar a Irmã tinha um certo receio porque daí a gente pegava menina pega menino:: e ficava no banheiro:: ((sorrindo)) a Irmã não gostava:: havia alguns projetos que as professoras de vez em quando lá a gente brincava de cantiga de roda:: então lá isso era incentivado em sala de aula então bastante musiquinhas que eu sei hoje eu aprendi na hora do recreio brincando ((brincando)) de roda ((olha... era recreio dirigido *né*)) e que aí hoje a gente não vê muito nas escolas ((ruído externo)) que seria primordial ter alguém ser responsável por dirigir mas digamos assim pra ((organizar)) orientar assim *né* porque as crianças são muito soltas... nós também gostávamos de ficar soltas... quando eu fui diretora agora eu fazia a mesma coisa brigava como a Irmã Dolores brigava banheiro não é lugar pra ficar brincando eles trancavam toda a passagem do banheiro pra quê... pra ficar brincando... pra ficar se escondendo dos meninos as meninas *né* ((*uhun*)) daí eu falava assim... não pode e eles falavam... mas a gente tá brincando dire...me via na função da Irmã Dolores ::: ((ruído externo)) enquanto diretora *né* ((sorrindo)) e não me enxergava no papel do aluno porque eu também fui ((também brincou)) também brinquei o que eu percebia... que quando eu via que tinha que cuidar dos alunos no recreio:: eles pediam ...dizem canta com a gente...((*hum*)) então era a maior felicidade deles... quando eu estava no recreio eu brincava às vezes de cantiga de roda então eu acho que ainda falta uma coisa que foi é e não deveria de ter ido...e ser resgatado:: ((*uhun*)) ((Mônica quem era a diretora quando você entrou lá você lembra?)) era a Irmã Dolores ((não era a Irmã Idalina?)) ah... é verdade... no início a Irmã Idalina... ((a Irmã Idalina *né*?)) isso a Irmã Idalina já na quarta série era a Irmã Dolores era a Irmã Idalina mas eu não sei até que série até quando ela ficou ... eu não lembro dela da figura dela bem guardado eu lembro dela... eu lembro dela...lembro que ela era diretora e a Irmã Dolores era dos maiores...((do ginásio)) isso depois a Irmã Dolores assumiu... *uhun* ((porque no meu tempo a Irmã Idalina entrava na sala e olhava a caligrafia)) *uhun* isso caligrafia::... a cor da meia que você usava:: se você estava todinho de uniforme:: ((ruído externo)) se tava de calça tanto uma quanto a outra chegava a erguer a calça da gente para ver se estava de meia branca ((*ahan* elas faziam isso *né*)) na quarta série eu lembro muito bem a figura da Irmã porque ficou marcado a questão do ((risos)) a questão da varada ela andava com a varinha dela

né não que ela desse... mas ela aiaiai vire pra frente ((*ahan*)) então a gente se assustava então ficou marcado pra mim esse momento *né* na quarta série ((na quarta série você levou uma varada)) levei uma varada ((risos)) sem merecer eu só fui olhar pra trás uma amiguinha a gente tava conversando e eu olhei pra trás ela... vire pra frente... *ahan*... nem foi uma varada...foi só pra me chamar a atenção...((só pra assustar)) *ahan* ((risos)) no horário do recreio também nunca deixei de comer nunca deixei de comer o lanche da escola porque era uma comida que eu adorava:: principalmente aquela sopa que tinha as carninhas... ((de soja...pts)) é o pts que eu amava:: que aquela sopa hoje a gente não vê mais... nas sopas das escolas... mas era uma sopa que eu adorava o macarrãozinho também:: a única coisa que eu peguei um tempo também que tinha não lembro se você lembra eram os leitinhos no início que era um leite no início você chegava na escola e daí pegava o teu copinho e ia se servir do leite ((como eu não tomava leite não)) pois é... fazia... eu fui duas três vezes pra poder sair da sala:: eu não tolero leite ((risos)) então eu quase vomitava só pra sair da sala ((mas que malandra)) é eu era bem malandrinha mas eu sempre fui bem quietinha na sala de aula comia quieto () é o espaço era bem menor que hoje o espaço pra merenda lá ((é)) a cozinha assim digamos o espaço continua o mesmo então as brincadeiras que eu já falei que acho que tem que ser resgatado *né* a gente brincava muito:: de brincadeiras de criança *né* o próprio mãe-pega **hoje em dia querem pegar as meninas e os meninos** e as meninas mas com outra:: intenção((era tudo inocente *né*)) era tudo brincadeira cola... era uma graça brincar de mãe-cola...eu ficava lá meia hora esperando ((trinta e três)) *ahan*... como que é aquele...aquele elefante...não... carneirinho carneirão ((carneirinho carneirão)) subir em cima daquelas...tinha aqueles dois degraus enormes *lembra* ((*lembro*)) carneirinho carneirão não sei o quê daí a gente puxava ((bom barqueiro)) ((salada saladinha)) elástico...((era campeã do Colégio)) *ahan* você veja como eram as coisas eu ganhei elástico do meu pai porque naquela época ele não tinha essa visão que ele tem hoje e tal ...daí eu consegui comprar um pedaço de elástico pra levar pra escola porque até então...por muito tempo as pessoas brincando e eu não podia levar o meu elástico::...((minha mãe também não deixava)) não deixava...porque achava perigoso...mas eu brincava eu adorava...((você vê que é uma coisa saudável)) nossa...muito boa...nossa e a própria história da salada mista não tinha essa conotação pera...maçã...uva...((assim *ahan* você escolhe a fruta)) isso...não era...quando você beijava...beijava no rostinho...e não era assim malicioso e a gente

brincava entre meninas...((uhun)) então não tinha malícia nenhuma...((deixa eu te fazer uma pergunta antes de você ir pro próximo ...quando batia o sinal do recreio você gritava?)) claro que gritava...quem não gritava naquele:: Colégio? ((risos)) todo mundo gritava ((todo mundo gritava ...risos... por que você gritava?)) por causa dos outros ((risos)) e daí a gente briga com as crianças até hoje... por que ... ((tanto barulho)) até bater o sino gritava...((risos)) era muito bom...((era eu gritava muito)) eu gritava demais gente... às vezes ficava assim ((leva as mãos às orelhas)) de tanto grito... porque lugar baixo lá né naquele lugar assim fechado né que tem o ele ecoa né ((ele ecoa...escuta tinha uma professora que cuidava do recreio no teu tempo?)) tinha uma tia se não me engano...que cuidava ((porque no meu tempo todo o recreio era uma professora:: que cuidava que ficava cuidando)) não...na minha época ((faziam uma escala)) é eu não lembro desse detalhe Anna... eu não lembro...mas eu lembro que sempre tinha alguém... quando a gente tava brincando de roda tinha junto um adulto:: sempre...aí quando não tinha a gente brincava de mãe e aí que a Irmã não gostava...((e você lembra que tinha uma merendeira chamada Cristina::)) chamada Cristina...((uma loira bem alta brava::)) não lembro dessa mulher... ((eu lembro da Cristina)) não lembro da Cristina merendeira eu não lembro muito delas assim... assim de lembrar que marcou alguma coisa...((e tinha que levar verdura no teu tempo?)) tinha que levar:: levava verdura... a Irmã mandava levar nossa eu adorava não sei você ((levava verdura para ajudar... a Irmã agradecia...)) você só uma batatinha... você só ... e lá em casa nós fazíamos um fervo pra levar mais coisa não sei se você era assim ((sim pra ajudar...)) e depois era tão bom comer a sopinha que a gente ajudava a fazer ((então o vô plantava couve daí ele me dava folhas pra eu levar...couve bonita)) e daí ficava até mais saborosa...((nossa era tão gostosa...aquela sopa mesmo)) nossa era muito:: ah isso de levar assim a comida antigamente... não é de tão antigamente assim ...nossa era completamente diferenciada da comida de hoje ((era tudo natural)) é ((tudo enlatado tudo pronto e você estudava de manhã ou à tarde?)) sempre à tarde... nunca estudei de manhã na minha vida...com exceção das aulas do Magistério que eu tive que estudar...aos sábados... sempre à tarde...eu nunca fiquei de castigo Anna ... nunca porque assim...eu era bem quietinha na sala...bem quietinha...vou te falar...comia quieto...pensava bobagem...mas assim ((risos)) eu nunca fiquei de castigo no mais os meninos que ficavam a gente sabia porque eles iam sempre falar com a Irmã:: o castigo da gente era falar com a Irmã ou mandar bilhete na agenda...sim ((ahan))

isso eles levavam...bilhete na agenda e assim...algumas coisas que ficam na vida da gente não é o castigo ...é o modo como você é chamado a atenção né então eu lembro do segundo... da segunda série a minha professora:: que na hora que ela estava fazendo fazendo na agenda eu fui falar com ela e daí eu fiquei olhando né mas não que eu quisesse saber de cima pra baixo ou de ponta cabeça ela olhou pra mim... dá pra você parar de olhar para mim...isso me marcou... que fica olhando pra o que a gente tá escrevendo... você vê eu nem conseguia eu tinha acabado de me alfabetizar **então são coisas que marcam às vezes então...** você ser chamado a atenção em determinadas situações ((levar uma advertência::)) isso é uma coisa assim que penso até hoje enquanto profissional daí mas castigos assim que eu lembro da minha época era mais... assim é:: ... os meninos que mais se destacavam ...nesse quesito aí de bagunça eles iam conversar com a Irmã eram chamados ((e nunca teve na tua turma de ficar de castigo a turma inteira?)) tivemos... sem recreio...((sem recreio depois do horário não?)) depois do horário não porque a Irmã sabia que tinha os horários de ônibus né era muita:: gente de lá que vinha estudar pra cá assim da Ferrari do Caratua do Cercadinho então era muito:: eram dois ônibus lotados praticamente eu vinha no segundo ônibus era muita gente ((muita gente né)) não deixavam no finalzinho por causa disso né daí a gente saía e já:: mas era assim... saía você descia você se virava não é como é hoje que todos os pais ... vão direito olham que tem que cuidar com...todo mundo saía se eu fosse pequena ou não eu teria que cuidar não tinha ninguém responsável pra me pegar e me levar até a praça do Colégio que era onde eu esperava o transporte na hora em que chegava o transporte era aquela empurração era daquela sabe hoje eu vejo que tem que ter alguém porque os pais tão mais em cima porque tem que tomar conta ter mais preocupação antigamente não era assim ((não tinha)) é não tinha e a gente se preocupa era a bagunça da criança era mais saudável...digamos assim ((verdade)) ai material escolar ((hum)) ((ruído externo)) então o material escolar era o seguinte sempre os meus materiais eram encapados a minha madrasta ia comprar no começo do ano e eu não ia junto como a gente faz com os filhos da gente que a gente leva junto escolhe:: tudo bonitinho sempre a minha madrasta ia lá comprava encapava os cadernos com folha de papel tigre aquele verde e daí com plástico ((ruído externo)) assim ((sei)) e daí sempre com o nome em tudo:: em tudo em tudo assim nessa questão a minha madrasta foi bem organizada ((tudo identificado)) sempre sempre assim na era das canetinhas :: na época da pasta dental com sabor

era tudo muito caro então eu não tinha dessas eu tinha sempre a mais simples tinha cola com cheirinho não sei se você chegou a lembrar ((lembro)) a borracha com cheirinho era sempre do mais simples mas sempre muito bem bonitinho ((A Irmã também não gostava muito dessas coisas diferentes)) não ((ela queria o básico *né* o funcional)) até quando em reunião ela dizia olhem encapem com isso e a minha madrasta levava a risca isso sempre levou eu digo sabe aquelas canetinhas que vinha num estojinho no Facebook ((Silvapen)) *ahan* sabe aquelas que tinha umas florzinhas... então aquelas eram o meu sonho de consumo mas eu nunca tive entendeu... ((se)) o meu pai não podia comprar era tudo muito caro então eu tinha que caminhar com o que eu tinha.... então o lápis tinha que durar o ano inteiro:: e não como a gente faz hoje com os filhos:: depois da metade do ano comprava tudo de novo:: até porque a gente tem um grau de conhecimento maior do que os pais da gente ((sim)) e que o material não dura o ano inteiro((tem essa noção *né*)) é bem mas o material assim nunca faltou a questão do livro didático tinha o livro didático a cartilha ((você lembra dos livros didáticos?)) ((telefone)) eu lembro ((a cartilha)) lembro era o Caminho Suave ((Caminho Suave? você não é do tempo da Cartilha da Mimi?)) não no meu era Caminho Suave ((telefone)) não ...era Caminho Suave e daí é ((telefone)) toda vez...toda vez... vou falar disso depois na leitura mas é bom ressaltar ia todo o dia Anna pra casa uma família silábica pra ler... e que a minha madrasta fazia...ela era bem rígida nessa questão... eu tinha que tirar dez:: se eu tirasse nove eu tinha que falar porque eu errei ((*uhun*)) *sabe* então...é bem complicado assim era ba-be-bi-bo-bu *cê* tinha que saber ((*sim*)) o boi baba ((risos)) e só a:: qual o outro texto ((o Ivo viu a uva)) então era bem complicado você tinha aquele modelo e você tinha que reproduzir muitas vezes que nem forme frases às vezes também é uma coisa que me marcou porque era o tipo de frase que eu aprendi ((*sim*)) não podia:: querer escrever outra coisa era só aquilo que era exemplo da cartilha a leitura era uma aula e você tinha que saber então ... às vezes eu apanhei muito por causa da leitura:: levei muitas chapuletadas porque no começo pense uma criança ainda tinha que ler na cartilha Caminho Suave **não era caixa alta ((era script e cursiva *né* e com pontilhados para completar))** sim ... como uma criança tinha o bebê daí tinha o ba-be-bi-bo-bu dos dois jeitos a minha madrasta tomava ba-be-bi-bo-bu daí embaixo tinha também e daí tomava salteado fora as palavrinhas que eu tinha que ler baba bobo Bia ((bibi risos umas coisas nada a ver)) nada a ver é isso aí mesmo nada a ver significado nenhum:: ((risos)) ((sem

significado)) quando eu falei do uniforme do material mesma coisa com o uniforme até algumas vezes já comentamos *né* a questão do uniforme era o azul:: com listra fininha branca do lado:: o tênis era conga e a camiseta era a branca do Sagrada só que daí do uniforme era assim tinha o Adidas que era o maravilhoso:: mais caro e tinha aquele mais simples com aquela listra ((ou o Alcolor)) é o uniforme? ((não Adidas pensei o tênis)) o tênis sim ((o meu era mais simples)) o meu era a conga ((eu tinha o Alcolor)) era chique pra mim não dava então eu só tive a conga mesmo acho que na quarta série meu pai conseguiu comprar um Alcolor daí a gente ficou louca de feliz *né* ((era lindinho *né*)) é era como se fosse o All Star azul agora *né* o tenzinho baixo era bom então esse era o tipo de uniforme e quase todo mundo comprava não tinha criança que não tinha:: lá...é e eu também não via a Irmã emprestando...((todo mundo tinha)) todo mundo tinha:: era um uniforme simples não era tão caro::e:: e que todo mundo tinha desde o mais pobre até o mais-mais de classe social melhor de poder aquisitivos melhor ((e a tua camiseta tinha assim aquele brasão do Paraná enorme?)) o brasão do Paraná escrito dentro Colégio ((Sagrada Família)) não sei se não estou com a foto aí depois eu te mostro...taí tá bem guardadinha ((eu quero essa foto quero colocar na minha dissertação)) cabelinho curtinho eu tenho cabelinho então eu sofri alguns *bullying's* aí porque se fosse hoje era *bullying* ((eu também usava cabelo curto... a mãe não deixava ter cabelo comprido::)) antigamente era assim tinha bastante criança que tinha ((cabelinho curto)) é não tinha meninas com cabelão:: ((*ahan*)) veja a Ana Paula Abbud a Ana Paula sempre com o cabelinho curto e nem sabe nunca vi cabelão ((a mãe não deixava ter cabelão)) *ahan* eu acho que por causa de ((piolho)) também tinha piolho naquela época ((e delas cuidarem porque não podia ir com o cabelo solto naquela época)) e tinha as vistorias ((é tinha que ir com o cabelo preso)) não sei se você tinha medo eu tinha medo porque daí eles iam vistoriar os cabelos () olhavam de dois em dois pra olhar a cabecinha ((e tinha uma vez por semana unha e cabelo)) unha e cabelo ((lembro disso meia também branca)) tinha que ser branca ai-ai-ai se a meia era preta ((é ela fazia tirar o tênis pra ver se a meia tava limpa *né*)) fazia co-com quem eu ia à escola então com os meus vizinhos não tinha ninguém como eu falei não tinha ninguém que me levasse assim ai me pai vai me levar minha mãe minha madrasta vai me buscar não...era sempre ((ruído)) com os vizinhos ((de escolar)) no ônibus escolar ((ônibus escolar é a mesma resposta)) bom as professoras que eu tive lembro de todas as professoras tinha a Terezinha da

primeira série ((Terezinha Robacher))... eu acho que é essa ((professora)) mãe do Márcio ((isso)) não a Amélia é mãe do Márcio ((isso a Amélia é a mãe do Márcio Terezinha Robacher professora da primeira série)) eu nem sei se ela tá viva ainda... ((tá)) tá...((Terezinha tá viva)) Terezinha então é:: de segunda série a Nilce ((a Nilce Marques)) então a Nilce que era bem brava bem ((rígida)) ninguém queria ir com ela ((risos)) daí na terceira série meu Deus que professora maravilhosa essa eu queria encontrar também a Edelmara ((a Edelmara::)) *ahan* nossa que professora assim ((uma calma...)) uma calma com aquelas crianças assim nunca por mais que fosse difícil ela dava um jeito de contornar não sei assim tudo ela tinha um jeito *sabe* meu Deus aquela professora foi maravilhosa... é depois da Detinha ela é minha inspiração no:: ((na quarta série)) Amélia ((a professora Amélia)) Amélia já ((Amélia Kuroski)) ela era bem rígida bem rígida a gente tinha que pegar na quarta série os verbos pra ((eu me lembro)) ela tomava da gente tudo então era:: ((ruídos)) decorava *né* a gente tinha que decorar sem saber empregar muitas vezes hoje a gente entende porque se usa tal forma mas naquela época uma criança de nove para dez anos por que tinha que estudar aquilo? ((era chato *né*)) era chato era:: mas as professoras meu Deus a Detinha é:: até hoje é minha inspiração **olhe meu Deus** **minha profe mostro até pro meu filho** ((aquela paciência:: que ela tem)) eu lembro da musiquinha das vogais:: ((risos)) ó-ó-ó- óculos- da- vovó ((cantarolando)) ó-ó-ó ((risos)) e ela cantava daí cantava dum ano pro outro no outro ano eu ficava louca de feliz porque eu já sabia ((risos)) ((que dó repetiu o pré tadinha)) ((risos)) então você veja como que é tem aquele cheiro ainda quando eu entro lá no Magistério quando eu entrava na sala de Educação Física eu sentia o cheiro do pré ((telefone)) aquele cheiro aquele cheiro da escola ficou marcado ((telefone)) ((a tua primeira referência foi ela)) nossa foi ela e foi um momento marcante da minha vida *entende?*((*uhun*))

Porque depois da perda da mãe o que você vai fazer você vai querer uma figura ((a professora)) a professora *né?* e ela graças a Deus me ((toda maternal toda querida)) e não era só comigo todo mundo *sabe* ((todo mundo ela era)) então eu sei eu falo assim que eu tenho como referência assim as minhas professoras por isso que eu enquanto professora e enquanto:: gestora enquanto qualquer eu-eu sou mais da conversa e tenho um pouquinho delas na hora de apaziguar:: de ser assim firme sem ser indelicada:: eu sei fazer isso a Edelmara então:: ela tinha uns difícilinho lá que ela dava um jeito eu não entendia como ela conseguia e as crianças e os

meninos falavam é professora tô errado mesmo que ela conversava é muito bom eu lembro de todas as minhas professoras ((ai que linda...)) adoro elas de paixão a Terezinha que eu nunca mais vi nem a Edelmara a Amélia já vi a Detinha vejo sempre a Nilce também vejo a Nilce ((tão todas aposentadas)) todas a Edelmara que eu não sei se ela tá ((telefone)) ((tá aposentada)) eu não sei se ela tá morando aqui ((ela mora nas Águas Claras)) é:: ai a professora eu queria rever ela muito boa... quanto a amigos na infância eu tive poucos amigos uma pessoa muito quieta:: muito certinha aí as pessoas não se chegavam muito mas na segunda série do Ensino Fundamental mais ou menos não... é:: mais ou menos na terceira quarta série com a Marcela Enik ((uhun)) até hoje a Marcela ((a Marcela)) acompanhou a gente teve que se separar só no segundo grau porque ela fez ((o Científico acho que ela fez)) é era o ((Propedêutico)) Propedêutico lá meu pai não queria que eu estudasse de manhã veja só mais ou menos você veja só o que um pai faz na vida de um filho eu não queria fazer Magistério queria acabar fazendo o Propedêutico porque dava mais campo *sabe* aquela coisa hoje em dia tempos depois mas meu pai não você vai à tarde e vai fazer o Magistério:: porque você tem que levar a tua irmã:: teu irmão pra escola que era o Igor que na época tinha sete anos então eu não tive opção tive que fazer o Magistério porque eu tinha que levar o meu irmão à tarde e meu pai não queria *né* ((mas eu também fui obrigada a fazer o Magistério)) e daí só fomos separadas eu com a Marcela naquele período ((naquele período)) ((telefone)) naquele período veja hoje moramos uma do lado da casa da outra sem ninguém ((risos)) tudo assim do nada assim uma comprou terreno a outra comprou casa do lado do terreno da outra e assim ((risos)) e sem :: orga-organizar nada então a Marcela foi uma grande amiga na minha vida...foi não é ...embora a gente esteja distante porque a gente quase não se fala... então eu tenho saudade dos meninos porque então como a Marcela era sempre a ((risos)) sempre ela era a mais bonitinha digamos assim os meninos davam em cima dela então a gente tinha muito amizade com os meninos inclusive os bagunceiros que o Jetikoski...o Carlos *sabe* o Jacir então era sempre os-os meninos que a gente se dava melhor ...um amigo mesmo de verdade era o Jacir que até hoje também que era o Wiezbicki a gente se dá super bem conversa ainda na boa ... conheço a mulher dele o filho dele mas também a maior amiga e melhor amiga sempre foi a Marcela e sempre será ((a Marcela)) ai meu Deus voltando já fiz uma salada tentei arrumar mas não deu ((não tá tranquilo)) onde copiava a matéria então nos cadernos eram sempre nos

cadernos cópia de pontos é:: pontos cardeais a professora passava um ponto você tinha que copiar ela passava olhando pra ver se tava copiado certo então era muito pouco material impresso:: até porque o material impresso que tínhamos era no:: stencil ((telefone)) e que tinha acho que era muito pouco ((e era a prova só a prova)) e o material impresso que a gente mais tinha era o livro didático:: ((telefone)) era muito pouca coisa o resto era tudo cópia ((uhun)) cópia cópia cópia ((e tinha um caderno de teste?)) tinha o caderno de teste ai **Anna se soubesse que eu tinha até um pouco tempo atrás** ((caderninho de teste)) eu joguei fora ((a gente joga não guarda as coisas né)) que dó adorava aquele caderno de teste nossa até da letra da professora ali do lado que acho que tudo era nota dela caneta vermelha ((e tinha o caderno de pontos também)) de pontos ((e daí o caderno de)) Língua ((o caderno que a gente chamava de linha)) caderno de linha pra casa e tinha o caderno de ((de escola caderno de Matemática pra escola também eu também tinha esses cadernos)) às vezes eu me pergunto.como é que a gente não se perdia... ((não se perdia nada nada né)) não ((então me fale uma coisa se... a professora corrigia os teus cadernos)) a professora...sempre corrigia ((dava nota no caderno?)) dava nota no caderno dava nota se não dava ((descontava erro)) *ahan* descontava nota ela colocava embaixo assim ((isso)) e quando ela não descontava nota e quando ela não dava nota colocava assim visto:: então sempre quis ser professora pra colocar visto escrever visto assim embaixo da assinatura nunca consegui porque o máximo que eu conseguia fazer era colocar um v embaixo ((visto né)) e tinha que ter ((e teus cadernos eram de brochura?)) sempre de brochura eu não tinha caderno de espiral no na de primeiro ao quarto ano de primeira a quarta série eu nunca tive caderno de espiral nunca ((e você lembra se o teu era série ou era ano ainda?)) era série primeira série segunda série terceira série quarta série era série o meu era série ((acho que o meu era ano)) não o meu era série certeza absoluta ((era série)) o meu era quarta série as cópias que eu já falei que eram muitas ((você gostava de copiar os pontos?)) eu não gostava de copiar os pontos o que eu adorava copiar era quando a professora mandava assim um texto do livro pra copiar em casa ((hum)) eu adorava copiar ((eu também gostava)) nossa como adorava eu caprichava eu achava bonito assim um caderno ((copiava o desenho do livro também)) também também né cópia era o que a gente mais fazia naquela época de primeira a quarta ((tinha que copiar o texto daí o vocabulário)) ah é que era o vocabulário ou o glossário que daí a gente não sabia o que era glossário na época ((risos)) que vinha

nos livros lembra? ((vocabulário)) depois era glossário lembra ((glossário)) ((risos))
 ((daí tinha que copiar interpretação de texto era primeiro compreensão do texto e
 depois interpretação do texto né)) a compreensão:: eram respostas:: é ((bem
 objetivas né)) é:: eram coisas mais pessoais eu acho e a interpretação:: ((tinha que
 consultar o texto)) *ahan* bem isso ((me diga uma coisa você lembra das
 dissertações?)) lembro ((que tinha que decorar e escrever linha vírgula por vírgula?
)) *uhun* ((eu adorava isso daí)) eu também gosto ((adorava)) também gostava de
 fazer isso gostava de fazer o que eu não gostava é uma coisa que hoje eu vejo isso
 era trabalhar com diferentes gêneros eram trabalhados né você veja pra nós sempre
 nos foi apresentado os diferentes gêneros poesia:: né ((mas depois era pouco era
 poesia... o narrativo...)) e narrativa ((telefone)) ((poesia e narrativo que tinha)) é
 ((texto informativo a gente não tinha)) não tinha acesso ((e história em quadrinho
 também não tinha)) ((telefone)) na minha sala tinha Anna sacola com o livro o livro
 ((telefone)) ((aquela sacola colorida com os livrinhos eu também)) tinha as asinhas
né era um programa lembra? ((lembro)) cada cor em uma sala daí toda a semana ou
 todo ((telefone)) tinha um horário para você ler ((fazer leitura)) era gostoso eu me
 aconchegava naquele horário é mas assim é mesmo é uma coisa que eu nunca
 parei pra pensar informativo nenhum ((não tinha informativo e daí texto de história
 era aquele a dissertação do ponto só)) só na época acho que não tinha livro de
 História né Matemática eu não lembro de ter ((na Língua Portuguesa só)) só Língua
 Portuguesa era o único que ((Língua Portuguesa)) então era só tudo cópia pense
 ((tudo cópia e ditado também)) e daí às vezes o ditado é que pegava porque daí a
 professora ditava era um textão e a gente tinha que depois quando ela ia corrigir a
 gente ainda perdia a nota ((não podia nem respirar quando ela ditava)) era bem
 complicado da leitura eu já falei bastante pra você né que eu adorava mas era mais
 de quinta a oitava não... ((não)) é:: a leitura que eu falei que eu gostava muito::era
 do que a gente tinha em sala de aula a leitura não era () na quinta série a gente
 fazia empréstimo na biblioteca ((fazia)) era primeira série não tinha esse momento
 então ((era aquele momento que a professora também lia)) *uhun* ((ela também ela
 lendo todo mundo lembra)) lembro lembro poucas vezes da professora ler para a
 gente lembro da professora Detinha lendo pra mim mas das outras nenhuma lendo
 nenhum tipo de história que engraçado ((você não tinha né um momento de fazer a
 leitura da Bíblia?)) não não ((porque quando eu tava na quarta série a professora
 Maria de Jesus fazia todo dia um lia um trecho da Bíblia)) não ((tinha que estudar

em casa e apresentar pros colegas)) não essa não isso eu não fiz mas olhe que engraçado não tinha nem um momento lendo que elas liam pra gente lembro da Detinha com os clássicos só só os clássicos *sabe* ((sei)) Patinho Feio ((que não tinham outros livros eram os clássicos *né*)) era legal porque você era louca pra chegar na quinta série e ler e levar livro embora ((você não tinha Artes?)) nossa:: de Artes não ((com a dona Odete Cola)) sim com a Odete mas a Odete era na quinta série ((ruído externo)) eu não tive no começo ((eu tive na primeira série com ela)) mas primeiro a quarto ano não era primeira a quarta série não sei Anna ((eu tinha Artes)) eu não lembro de nada de Artes ((tinha Artes sim)) eu lembro de Educação Física ((Educação Física)) era com a Odete ((eu tive primeiro com a Neuzeli depois com a Detinha Lavall)) é que eu morria de medo dela ((é eu também morria aquela mulher era uma estúpida *né*?)) não acho que era a pessoa ideal pra tar trabalhando com a criança mas em todo o caso ((é)) era o que tinha praquele momento ((risos)) naquele tempo *né*? mas Artes eu não lembro ((tive na primeira série tive aula de Artes)) eu não tive aula ((fazia até cinzeiro lembrancinha com crochêzinho)) não eu não tive isso eu nem sei te dizer ((com garrafa fazia de Q-boa fazia um negócio assim com a garrafa de Q-boa daí trazia resto de tecido a minha avó fez umas florzinhas de crochê e a gente colou naquela garrafa e cotou a tampa assim e fez um potinho para dar no dia das mães)) ((risos)) com coisa de Q-boa já pensou? ((pra guardar as coisas de bordado meu Deus)) ((risos)) não eu não tive Artes ((eu tive Artes com a dona Odete)) não... o que eu gostava muito é que tem essa parte eu tive ((pode falar agora)) não era das datas comemorativas *né* que eu gostava muito assim falando das de dar pra mãe eu lembro do dia das crianças porque era uma coisa que a gente ficava esperando *né* ((nossa)) era sempre com a coca com cachorro-quente ((ai)) ou era aquela wime lembra ((a wime lembro a wime)) tão gostoso ((era aquele guaraná)) era wime ficava marcado na minha história com o cachorro-quente ((o cachorro-quente *né* e daí brincava muito a gente aproveitava)) muito ((a professora da primeira série levava um bolo)) *uhun* ((com guaraná e a professora Maria de Jesus também fazia um pão de sardinha)) nossa...no meu tempo não tinha ((ela encomendava um pão no Bimbo era um pão d' água e depois dava um pra cada um)) que delícia ((mas era muito bom aquilo era uma coisa não comia sardinha na minha casa nem morta)) comia lá ((claro)) nossa já era assim já era na época eles levavam na sala a gente comia na sala porque a garrafa era de vidro a gente tomava na sala e comia o cachorro-quente na sala ((na sala?)) sim

todos os anos era assim ((mas na primeira e na quarta série as professoras deram))
 é pra mim não ((elas deram)) ai meu Deus a Matemática ((agora vem o que me
 interessa)) a Matemática ((de Matemática)) a Matemática era a Matemática ((e que
 você gostava de Matemática ou não?)) na época da primeira a quarta série sim...
 ((gostava)) gostava porque eu sempre tive uma grande facilidade de memorização
 ((você ia bem)) ia bem ((nunca teve vermelha em Matemática?)) nunca tive vermelha
 em Matemática ((nem na prova nem no teste)) não nunca... até porque as provas e
 os testes eram reproduções daquilo que a gente fazia no caderno ((uhun)) só
 mudava os números ((exatamente)) então ((o nome em algum problema)) então eu
 lembro que a Matemática pra mim veja na Educação Infantil já começou a ser
 trabalhada daquela forma bem::::: tradicional trabalhar com a coordenação motora::
 ((o número)) a sequência:: então num quadradinho faz a diagonal no outro faz a
 vertical então tá diagonal horizontal vertical tinha uma dificuldade pra fazer isso
 então ela acabou sendo trabalhada assim depois lembro olha nem quadro valor
 lugar eu lembro não existia isso né eu não lembro se foi trabalhado quadro valor
 lugar ((com palito? trabalhavam com palito?)) não se ela trabalhou com palito eu
 deletei da minha memória ((então a professora Zita na primeira série ela trabalhou
 sempre com palito)) aí que tá então deixa eu te contar a Zita era que todo mundo
 queria ficar com a Zita porque a Zita a gente sabia que ia fazer um trabalho
 diferenciado né e o jeito que ela trabalhava era diferente e eu fiquei **com a mais é**
((mais tradicional então a Zita ela tinha o quadro valor lugar eu não entendia aquele
 negócio)) é ((e ela tinha os palitos que ela tingia de verde e de vermelho)) veja uma
 coisa que não me marcou Anna foi a única coisa que te falei foi que tinha que fazer
 as sequências e eu tinha que fazer muito as sequências ((era do)) conte do um ao
 cinquenta... conte de dois em dois ((vizinhos)) dê os vizinhos ((os conjuntos tinha?))
 tinha ((com carimbos)) no início da primeira série tinha trabalhava-se primeiro com
 os conjuntos depois com a numeração em si ((gente eu adorava aqueles conjuntos))
 aqueles palhacinhos ((pintar aqueles palhacinhos...cachorrinho na casinha)) eu
 adorava:: nossa gostava daquilo eu também adorava ((risos)) ((ah... como eu
 gostava...)) ((risos)) e a Matemática em si a tabuada pra nós pra mim por exemplo
 sempre foi só apresentada eu nunca entendi o que é dois duas vezes o dois ((em
 coro)) eu também ((nunca entendi)) então era passado agora pra trabalhar a
 tabuada do dois pra amanhã estudem e você tinha que saber na ponta da língua
 ((na ponta da língua e daí a professora não tinha um cartaz com a tabuada?)) tinha o

cartaz e daí ela tirava ou virava ((dobrava né?)) tirava ou virava () e daí também ((telefone)) como tinha um caderno de leitura e também tinha o caderno da tabuada ((e o livrinho da tabuada?)) o livrinho que nós tínhamos que comprar ((capa vermelha)) nós tivemos que comprar não sei você ((*ahan*)) eu usei por vários anos até a quarta série era pedido no material ((o livrinho da tabuada exatamente)) era para consulta então eu lembro bem ((ruído)) aprendi a ((aquelas))((telefone)) eu não aprendi a ((não entendia o significado)) e os lápis...a minha madrasta comprou até os lápis com a tabuada ((risos)) ((eu tinha também)) porque era mais fácil pra ver ((*uhun*)) ((mas a minha professora não deixava ter a Terezinha da segunda série e a professora Albina não deixavam ter lápis com a tabuada ela recolhia tudo:)) ainda mais no dia de prova né?((telefone)) ((não ela não deixava ter tinha que guardar na cabeça)) a Matemática é em tudo veja bem no sistema de medidas também ((telefone)) meu Deus do céu eu ficava decorando aquela tabela:: ((a tabela das medidas)) e depois lembro que tinha que por o numerozinho que tava na vírgula embaixo da ((transformar aquele inferno)) transformar a gente não entendia porque era aquilo ((exato)) acertava porque eu te falei eu sempre me sai bem mas não que eu entendesse alguma coisa ((tá então deixa eu perguntar agora então vamos por partes:: que você falou da Matemática você lembra dos problemas?)) lembro ((tá...como que você resolvia os problemas)) sentença matemática operação resposta sempre traço no meio ((traço no meio tá)) sempre isso ((você lembra dos problemas do que que eram os problemas?)) sim... Mariazinha tem quatro balas ganhou mais quatro com quanto ficou? Ficou com tanan balas ((como estava na pergunta tinha que ser a resposta e me fale uma coisa como você fazia subtração?)) como a subtração eu fazia de sementinha ((cai a sementinha faz para chegar tal)) cai a sementinha ((risos)) ((para chegar cai a sementinha)) *ahan* então eu me batia bastante muito quando eu tive que ensinar pros meus alunos a subtração com reserva com empréstimo porque eu não-não sabia ((telefone)) que era dali que saía eu sabia que caía ((telefone)) e que tinha sementinha mas eu não sabia nunca ninguém pegou o material dourado:: ou os palitos pra me mostrar que desagrupou ou entende... ((e quando tinha que cortar pra ensinar de zero lembra quando a gente começou)) nossa:: ((na centena então eu também sou do tempo do cai a sementinha e você não imaginava a sementinha caindo?)) ((risos)) imaginava ((eu imaginava uma semente de laranja caindo)) ((risos)) ai que amor Anna você veja como que é mas eu me bati tanto e sabe que eu vou te contar a verdade sabe quando eu

aprendi que o dez porque que aquele um valia dez fazia o valor relativo ((e o valor absoluto)) sabe da onde que eu aprendi... quando eu fui trabalhar com primeira série que eu peguei o quadro valor lugar peguei os palitos ((e agrupou)) agrupei coloquei na dezena e coloquei embaixo assim uma dezena zero unidade e daí que eu puxa é por isso que o um vale dez nessa quando eu fui dar aula pra primeira série pela primeira vez ((primeira vez que triste isso...)) é muito triste *né* nós não tínhamos muitas possibilidades... de aprendizagem digamos assim ((não tinha *né*)) ((coitadas das nossas professoras)) e nós éramos ...nós aprendemos sozinhos *né* ((tá da subtração já me falou da adição não tinha segredo)) ai ai a continha **da divisão era método curto método comprido eu fui aprender** agora quando eu fui lecionar ((pra ensinar)) ((telefone)) agora não *né*...((quando eu comecei lá com a segunda série meu Deus em mil novecentos e noventa que eu fui aprender)) e como é difícil *né* meu Deus do céu ((ruídos)) eu prefiro fazer o curto porque a gente tá tão acostumada ((*então nossa então*)) e o método da multiplicação eu tenho que visualizar a multiplicação tenho que fazer digamos assim quatro vezes quinze tenho que visualizar na minha cabeça:: vai o cinco e depois vai o um tem gente que já é *paft buft* ((*ahan*)) e a divisão também veja o meu filho aprendeu de forma diferente eu não:: ele aprendeu a dividir assim trezentos e cinquenta por dezessete eu aprendi diferente trezentos e cinquenta então vamos separar trinta e sete ((*ahan*)) vou separar o três por um *entende*... então são coisas que a gente nem sabe como a gente aprendeu é mecanismo mesmo é pura reprodução o tempo inteiro *né* você tentando fazer tentando fazer pra você poder aprender foi assim ((e a professora tomava a tabuada?)) tomava nossa tomava ((assobio)) e se aí ia na salinha tomar a leitura ia tomar a tabuada ((tinha uma professora que tomava também?)) tinha:: e ia notinha também na onde tinha leia a tabuada e estude:: e você ia pra outra salinha e ela assim você tinha que falar a tabuada e daí ela colocava a notinha lá ... é triste isso *né* ((risos)) se você for pensar *né* ((ruído)) ((e daí você fazia assim também escreva de dois em dois escreva de três em três também tinha)) de três em três de quatro em quatro de cinco em cinco ((escrever por extenso o número)) ((ruídos)) componha e decomponha muito componha e decomponha ((componha e decomponha)) só que era um componha e decomponha que tinha que escrever ((sim por extenso)) quatro centenas ((não era um componha)) que hoje a gente tem que ensinar pras crianças cem mais quatro unidades assim uma centena zero dezena quatro unidades ((quatro unidades)) e tinha que escrever ((simples::))

simples ainda é sempre o componha e o decomponha eu gostava de fazer ((gostava)) ((risos)) adorava fazer e os vizinhos era engraçado porque os vizinhos eu não tinha dificuldade mas hoje a gente vê que as crianças têm toda a dificuldade né ((sim)) eu não sei como é que entrou na cabeça da gente mas e-e pras crianças eu passei bastante tempo com primeira segunda série ((primeiro)) como é difícil os vizinhos Anna meu Deus do céu... ((verdade e trabalhava as medidas só com a tabelinha não tinha outras medidas? fazia alguma receita?)) não...não não tinha isso nunca ((e dinheirinho)) não na minha época não foi é medidas de massa::: ((capacidade)) capacidade e ((comprimento)) isso daí cada dia era um fazia um textinho dava um pontinho fazia a tabelinha de transformação:: e só ((e muitas contas em casa você fazia?)) muitas sempre arme e efetue arme e efetue arme e efetue era quase todo o dia para casa ((e era arme e efetue e uma cópia ainda né?)) arme efetue e uma cópia e daí não era duas três continhas era umas dez ((era umas dez)) é Deus o livre então continhas eu tive muita ((muita continha)) não era continha como a gente faz hoje a partir de uma situação- problema era ((conta solta)) solta ((algoritmo mesmo)) pra treino mesmo ((tabuada você já falou bastante)) ((ruídos)) eu tinha ensino religioso na escola é por ser colégio de...((Irmãs)) Irmãs tinha Ensino Religioso mas é era um Ensino Religioso que eu gostava nunca se opôs era um Ensino Religioso que sabe aquele negócio que nem fede nem cheira não ficou marcado pra mim muito marcado ((e me fale na tua sala tinha ...alunos de outra religião?)) na minha sala... na minha sala não tinha aluno de outra religião ((só tinha católico né?)) só tinha católico por mais que a gente saiba que digam que isso não acontecia não tinha na minha sala não lembro nenhum nenhum nenhuma vez até a quarta série não tinha ninguém que era de outra religião ninguém *ahan* ((todo mundo fazia catequese::)) todo mundo fazia ((ia à missa)) *ahan* ((que a Irmã entrava na sala e perguntava)) *uhun* exatamente não tinha ninguém de outra religião diferente de hoje *né* ((bem diferente)) que bom *né* ((eu me lembro também não tinha)) **só que na religião era elas trabalhavam questão de valores com a gente mas** **■** eles também falavam de Jesus de Maria ((telefone)) da história deles Bíblia ((telefone)) é lembro que de vez em quando tinha pessoas que liam de vez em quando a Bíblia ((ruído uma pessoa entra na sala e interrompe a entrevista)) a religião era praticamente isso ((me fale a professora entrava e fazia a oração)) sempre ((todo o dia né?)) todo o dia daí eu não lembro se foi no quinto ano na quinta série que a Irmã já tinha o-a as caixinhas mas acho que eram lá na quinta

série ((telefone)) é ((não tinha mesmo *né*)) não ((não tinha)) e oração tinha que fazer era quase sempre o pai Nosso ou a Ave Maria ((telefone)) () sempre sempre rezava ((e você lembra do sininho? Do intervalo? que ela batia um sininho?)) isso ((na saída na entrada)) na saída sim ((no recreio)) o sininho dela sim nada informatizado que nem hoje *né* com sininho ((elas tocavam música você lembra da música da primavera?)) então tinha música da primavera do semeador lá é ((é)) um passarinho voou tananá ((cantarolando)) nós tínhamos que apresentar e ela usava a caixinha ela tinha uma caixinha ((tinha na diretoria)) e nas salas devia ter já as caixinhas ((é tinha sim)) porque na segunda série nós cantamos a música da sementinha e do semeador do pequeno semeador como é que é da parábola do semeador ((uhun))... ((eu lembro bem da primavera:: e do dia da árvore e da Páscoa também)) *ahan* ((ruído)) essa já ((você já falou das lições)) como eram as aulas ((como eram as aulas se tinha uma rotina)) *ahan* não tinha nada previamente agendado chegava lá e peguem o caderninho tal e ((ela guardava no armário os cadernos?)) ((eu ficava com os cadernos de casa na mala e os outros no armário)) *ahan* ((no armário)) exatamente ficavam no armário de casa só aquele que levava no dia ((e me fale você lembra de ela ter um planejamento? Um caderno que ela usava?)) eu não ((risos)) você lembra? não lembro ((risos)) ((elas chegavam e passavam no quadro)) ((risos)) a única coisa que me lembro que eu me lembre que elas pegavam era o livro didático porque o que a gente fazia... elas reproduziam aquilo que tava no livro didático pro caderno às vezes elas nem pediam pra gente copiar do livro didático elas passavam no quadro ((uhun)) e muitos que a gente podia até ter que nem ((ruídos)) é História Geografia Ciências elas usavam os livros que elas pesquisavam creio eu passavam lá os pontos pra gente ((ditavam um monte *né*)) é ((não tinha caderno naquela época não é eu não lembro de naquela época elas terem caderno de planejamento eu lembro do livro de chamada)) eu tenho uma amiga bem conhecida que é a Dani Kuroski que ela guardou da Amélia *né* e tem gente que guarda ((então... a Ana Luiza deve ter guardado deve ter uma coisa guardada da professora planejamento parece que ela tem alguma coisa guardada)) que legal *né* porque eu não lembro de e não era uma coisa visível *né* os alunos sabem que a gente tem o caderno em cima da mesa e ((não ficava visível)) não pode mexer se tinha não era uma coisa assim que nos chamasse a atenção era uma coisa bem discreto ((tinha livro negro das tarefas?)) tinha ... o nosso não era livro negro era caderno vermelhinho caderno vermelho da professora ((o nosso era

um livro de ata)) o nosso era vermelho ah...((telefone)) o nosso não era advertência era ocorrência que a gente ia assinar com a Irmã se a gente não fazia a tarefa era bem complicado então era essa a forma de pressão como mostravam ser ((e as unhas também né o cabelo limpo e as unhas também elas anotavam tudo)) tudo não tinha agenda nós não tínhamos agenda tínhamos só cadernetinha lembra... ((*ahan* cadernetinha)) quando você estudou já tinha ((tinha agenda)) não você já tinha as cadernetinhas... ((tinha)) cadernetinha tinha até que era ((eu achava um amor aquilo adorava cadernetinha)) era como agenda ((como agenda)) e não era tantos bilhetes não eram tantos bilhetes como as escolas hoje né era mais a gente que copiava ((a gente que copiava tudo)) era impresso nada ((eu acho que a secretária datilografava um e passava na sala e entregava pra **professora e ela passava no quadro daí**) *ahan* ((tudo muita cópia)) meu Deus ((era muita cópia)) treino treino treino ((verdade)) boletim meu boletim acho que eu tenho tudo na casa do meu pai se eu não me engano na malinha da minha mãe da minha mãe eu digo porque ela tem as coisas dela e daí eu acabei colocando meus boletins lá né ((ruídos)) boletins eu adorava quando chegava o boletim gente... eu sabia que nunca ficava com vermelha ((*uhun*)) então era muito gostoso ter boletim de cartolininha né escrito assim pense ((você sabe que eu tenho o boletim da terceira série os outros eu não tenho e no meu não tem Matemática tá Iniciação às Ciências acho que é Comunicação e Expressão)) Comunicação e Expressão sim era a Língua Portuguesa ((no meu não tá escrito Matemática)) nossa vou até olhar lá ((dê uma olhada no teu que o meu não tem)) vou olhar ((o meu é de mil novecentos e oitenta)) o meu é Comunicação e Expressão eu tenho certeza que é Matemática e Comunicação e Expressão ((dê uma olhadinha o meu tá Iniciação às Ciências)) nossa...eu vou dar uma olhada mesmo ((e acho que é Estudos Sociais)) Geografia e História e Religião ((Religião no meu não tem nota)) não ((de quinta a oitava é que tinha nota daí em Religião)) eu vou dar uma olhadinha no pai nesse final de semana ((para você ver lá me cata um boletim desses lá pra eu digitalizar)) *uhun* era tudo escrito a mão ((*ahan* tudo::escrito a mão só o boletim que era datilografado nota tudo passado a mão)) nossa quando eu comecei era assim a Silvana((mas eu também Maria Joana eu passava tudo a nota quando eu era secretária da escola de todos os alunos era passado a punho começou em noventa e quer ver quando começou... o sistema noventa e quatro começou a informatização do sistema)) ((ruídos)) noventa e quatro... ((noventa e quatro antes disso era tudo a punho)) veja

isso vinte anos só ((é novo isso)) é então porque eu entrei em noventa e um noventa e um noventa e dois noventa e três que era a Silvana que era a pedagoga lá no Dona Fina ((é a Silvana né era tudo a punho)) é e legal né essas comemorações né ((você gostava?)) a única coisa que eu não gostava pra falar a verdade que a gente não sei se no teu tempo era assim é pouca diferença de nós duas né na rampa né ((na rampa)) e aí os pais assistiam não assistiam? ((a minha mãe nunca)) então a minha nunca ia mesmo e quando era o dia dos pais porque eu não tinha mãe ((pois é né a homenagem era pro nada a minha mãe também não ia)) mas tinha essa folia né de cada uma ir e depois na segunda série a cada bimestre alguém ficava responsável por fazer lembra? cada semana uma fazia ((a Madalena Getikoski nossa que sempre fazia cada coisa linda né)) ahan ... não era ruim ((o folclore ela sempre ficava com o folclore a Madalena com teatro)) ai e tinha umas músicas que a Irmã gostava de introduzir músicas das parábolas ((ahan)) ... então essas músicas eu lembro que a gente cantava ia lá na frente:: em datas comemorativas não era como na ((ficava uma turma responsável)) uhun ((a professora escolhia às vezes quatro que liam bem pra ler no microfone)) uhun e a gente ficava atrás de figurante só pra cantar quando era todo mundo junto ((é ahan de figurante mesmo)) ahan ((escuta e desfile de Sete de Setembro você participava?)) não ((eu participei um ano só que teve sorteio)) nunca desfilei nunca desfilei no desfile ((eu odiava:: isso daí)) eu nunca... sempre teve desfile então ((teve)) ...eu nunca tive bom... ((acho que era porque você morava longe)) pode ser que seja daí nunca fui selecionada ((uhun)) bom primeiro o que eu aprendi na escola ... eu acho que tudo o que eu sei hoje né embora do jeito que foi diferente do que é hoje né do que foi no passado:: mas alguma coisa tudo que eu sei eu sei fazer uma expressão uma continha seja lá eu sei interpretar fazer uma leitura eu gosto:: de ler gosto muito de ler é :: o que que pra mim... talvez nem pudesse ter significado mas a gente via por que por causa da nota né não sei se por isso a gente de repente aprendeu né com toda a pressão o meu era não aprendeu né mas eu gostava gosto de lembrar do tempo da escola sabe quando dá aquela a rosa abriu a porta e apagou tudo **nossa parece abriu a porta e apagou tudo tô imaginado a situação** ((você t';a viajando dentro do Sagrada né?)) tô viajando dentro do Sagrada o que ficou pra mim da escola ... é difícil né essa pergunta é bem difícil nossa porque tudo o que eu aprendi é tudo o que eu sei hoje eu só fui aprimorando ((você acha assim que a escola te formou pra vida?)) com certeza não... assim academicamente:: não formou pra vida eu tive que como

eu te falei Anna nem o próprio Magistério porque tudo ah eu tive que aprender aula dando eu tive que aprender o um do dez ali dez palitinhos quando eu tive que dar aula *entende* então eu devia ser feito lá no comecinho e não foi feito ((a base nossa)) é triste isso *sabe* é ver como a gente foi é isso é sabe que a gente foi coagida foi coagida pra poder aprender alguma coisa entre aspas no sentido de memorizar mesmo é mas não preparou pra vida não isso eu não posso dizer porque daí eu tô sendo ((tá sendo injusta)) a escola não preparou pra vida e preparou para aqueles que queriam assumir fazer um cargo mais certinho mais porque lá fora alguém que trabalhasse com cálculo só é esse aí mais não ((esquema incansável de cálculos)) aí sim porque a gente sabe que em matemática era cálculo puro não é isso que a gente faz *né* ((escuta e na escola você lembra dos conteúdos os nomes dos conteúdos?)) lembro era o Sol ... os pontos cardeais:: daí era ((de Matemática)) de Matemática era valor relativo:: valor absoluto era divisão daí nas continhas tinha assim tinha que estudar e decorar todas as partes das operações ((os termos das operações)) *ahan* lembro de cada termo((minuendo subtraendo)) *ahan* dividendo ((soma soma parcela parcela soma ou total)) *ahan* e fazia e ainda colocar flechinha em tudo:: ((risos)) é verdade ((*uhun*)) ((me fale uma coisa você lembra do mínimo múltiplo comum?)) nossa:: lembro *ahan* até hoje agora eu entendi deixa eu começar ((risos)) eu apenas reproduzi aquilo que a professora falava pra fazer divide divide não divide põe zero divide divide não divide abaixou quando terminou tudo deu zero você passa a barra e multiplica ((e você lembra do...conteúdo que ia te perguntar sistema monetário já perguntei e das medidas já perguntei frações)) nossa:: como era difícil lembro mas era difícil entender fração não tinha nada no concreto fração nada no concreto (9 com carimbo tinha?) ca... muito pouco carimbo não tinha carimbo a gente tinha nos quadradinhos a gente desenhava nos quadradinhos ... do próprio caderno ((carimbos eram mais pra conjuntos mesmo *né*?) *uhun* ((tinha acho que os carimbos de conjuntos)) *ahan* já prontinhos *né* é isso eu não lembro mesmo mas assim o que a gente tem que perceber que sabe o que eu sinto que aprendi na escola que pra aquele momento época aquilo era bom pra esta época se pegar uma criança que está hoje na primeira série e ser alfabetizada em da forma que foi ou que seja trabalhada a Matemática da forma que foi eu acho que não vai pra frente eu acho que vai e::: nós vamos em tudo que é sentido porque a criança vê muito mais informação do que dentro da escola ((sim)) e antigamente não a gente ficava o que a gente fazia? Aquela vidinha da escola da gente de dentro de casa não ((lá

que era)) lá que era não tinha computador não tinha internet não tinha celular não tinha *wi fi* lá era a fonte do conhecimento ((era)) só que daquele conhecimento que era específico daquele jeito ((na escola)) porque a escola não dá mais conta de ensinar ela precisa ser ir além disso tem que trazer muito ao contrário antes a criança ia lá aprender agora:: ela já conseguiu um monte:: de aprendizagens que a escola precisa dar conta também ((exatamente sistematizar tudo isso)) sistematizar tudo isso **estudei até até eu já tenho Pós-Graduação então eu já estudei o Magistério** lá no próprio Sagrada Família daí eu é Educação Infantil Adicional ((ah você fez adicional)) em Curitiba adoro a Educação Infantil amo de paixão também depois da Educação Infantil são as séries iniciais primeiro e segundo ano aí depois que eu fiz Adicional Infantil eu fiz o tal do IESDE *né* que eu tinha acabado de ganhar bebê ((um horror aquilo *né*)) ahan depois eu fiz a UEL já fiz Pós em Educação Infantil também e o Pós que to terminando agora em Educação Especial ((Educação Especial daí tua segunda Pós agora))segunda Pós sou professora estou atualmente aqui na Secretaria a convite da minha pedagoga e do professor assim estou tentando me achar é o primeiro ano que estou aqui trabalhei já por seis anos como gestora tô já há vinte e três anos na rede e trabalhei como diretora também seis anos pedagoga também e agora uma experiência nova que tô gostando também tá sendo diferente ((trabalhar com área)) não tá ruim é diferente ((*hum é novo né*)) é novo ((é bom um desafio)) meu primeiro emprego foi na Escola Municipal é... Dona Fina então eu trabalhei lá seis anos da minha vida depois eu trabalhei no interior um ano é sim pra depois o Primeiro de Maio ((começou primeiro no Dona Fina daí foi pro interior)) ahan daí vim pro Primeiro de Maio ((pro Primeiro de Maio)) e fiquei hoje já noventa e oito noventa e nove já ((faz tempinho)) faz tempinho é ((dezesesseis anos me fale uma coisa você tem vinte e três anos de rede?)) não vinte três anos de carreira ((é)) na rede eu tenho vinte anos ((vinte anos)) porque eu trabalhei Anna dois anos como ((contratada)) contratada porque no ano que eu me formei não fizeram concurso fizeram em noventa e dois noventa e dois eu não passei noventa e três eu passei e assim ((eu fiz esse concurso de noventa e dois)) ah então eu passei em noventa e três isso e depois em noventa e cinco ((tem os dois padrões)) tenho os dois padrões mas de carreira que eu posso dizer assim ((é vinte e três)) vinte e três anos ((eu vinte e cinco)) então quantas coisas aconteceram então eu a gente tem uma vida dentro disso ((nossa e como)) o meu emprego foi lá na Dona Fina adorava aquele lugar lugar pequeno que era e quem vai ver hoje tá aquele lugarzão

((nossa nem fale mas Mônica era isso que eu queria olha só uma hora e sete uma hora e oito vai completar)) nossa nem parece ((foi um prazer::: essa conversa foi mais um bate-papo *né*)) também gostei ((foi uma coisa tão maravilhosa::)) e foi legal assim que eu fui na hora em que a Rosa abriu a porta ali eu parece que ela me tirou do lugar que eu tava... muito eu foi agradável ((que bom Mônica provavelmente vai ter um outro momento que nós vamos)) tá ((conversar)) sim daí você o que você precisa e eu vou ver com a Irmã Lúcia eu gostaria muito de fazer um momento lá dentro do Sagrada)) hum joia ((*né* depois nós combinamos um momento lá dentro pra gente conversar até numa sala no pátio de repente)) muito legal é que pra mim foi um momento assim porque eu passei por uma dor muito grande então aquilo pra mim o Sagrada foi ((um refúgio quase)) nossa sabe eu fui muito bem acolhida todo mundo falava da Irmã Dolores eu tinha receio eu adorava aquela mulher ((aquela)) adoro:: ela até hoje então pra mim aquela mulher lembro de até hoje ela falando de mim pra uma pessoa adulta que eu não lembro quem era veja essa aqui perdeu a mãe que dó a gente acolheu lembro:: dela falando isso veja é esse é o lado humano dela lá ((é verdade mas então vamos encerrar por aqui Mônica querida muito obrigada é uma prazer)) imagine o prazer foi meu falar da minha época da minha infância ((da tua história)) *ahan* lembrar ((então eu vou encerrar por aqui)).

Data da Entrevista: 04/11/14

Duração: 4'09

Local: Sala de aula do 3º ano - Escola Municipal Anchieta

((ruídos)) ((Boa tarde Mônica ...)) boa tarde Anna... ((tudo bem?)) tudo bem... ((então Mônica... vamos complementar a primeira entrevista sobre alguns aspectos que nós conversamos ... então primeiramente eu queria que você me dissesse o que você lembra sobre a prova real)) prova real... pra mim é:: a operação inversa *né* por exemplo adição ... subtração... multiplicação... divisão... e vice-versa... apenas... eu aprendi assim ((mas fazia prova real na escola?)) fazíamos prova real na escola ((chuva forte)) ((com frequência?)) se eu não me engano acho que no terceiro ou quarto ano que a gente quarta série *né* que a gente fazia *ahan* ... terceira série quarta série () ((Mônica outras questões que eu queria conversar com você... você

falou bastante da divisão e da subtração... e o que você lembra da adição e da multiplicação?) ... eu:: da adição pra mim eu acho que era a:: algo mais... fácil pra fazer e a multiplicação... a professora não colocava essa questão pra gente da multiplicação do três mais três mais três ... ela colocava apenas superficialmente *né* e ela não fazia essa relação no concreto ((chuva muito forte)) e muito muito superficial *né* não tinha sistematização com concreto ((e me fale uma coisa... quando vocês faziam multiplicação por dois algarismos ... quando vocês cancelavam a casa da unidade)) colocava um maizinho embaixo ((colocava um maizinho embaixo)) isso::... ((não colocava zero)) não... colocava sempre um maizinho... ((certo... e agora eu quero que você me explique o que é caderno de pontos)) Nossa Senhora... ((risos)) caderno de pontos... ((isso)) era o caderno que tinha os pontos... os textos que a professora passava digamos ... por exemplo tinha pontos cardeais... tinha o ponto dos pontos cardeais... *né*... o:: sistema solar... ponto do sistema solar... era um caderno de textos na verdade... era uma cópia do quadro *né* ((texto informativo)) era um textos informativos que eram passados no quadro e a gente copiava...((e o que é um ponto?)) ((chuva)) naquela época ou hoje... ((naquela época)) naquela época o ponto era pra ser estudado e decorado pra prova e a partir deles tinha alguns questionários *né* eu digo que a gente memorizava e pra que depois caísse nas provas ((o ponto então era o texto)) era o texto informativo... hoje nós chamamos de texto informativo ((é que eu quero fazer uma notinha de rodapé... porque você falou na entrevista dos pontos)) *uhun* ((por isso que eu gostaria que você explicasse com tuas palavras)) *uhun* ((por isso que eu pedi)) *uhun* ((então Mônica querida eram essas questões que eu queria conversar com você:: que ficaram alguns parênteses... pra primeira entrevista que foi muito::: boa... você falou tudo na primeira entrevista)) é o que eu não lembro muito é essa dentre relacionar a adição com a multiplicação... eu lembro que a professora ela falava alguma coisa por exemplo três vezes o três três mais três mas nunca era passado era se trabalhado com o concreto e na questão do das multiplicações com dois ou mais algarismos a gente colocava um maizinho embaixo ((e na primeira e na segunda série vocês faziam adições com mais de um com duas três quatro parcelas)) sim ... três parcelas eu lembro que sim *uhum* com três parcelas sim ((e você lembra que eram operações mais fáceis)) eram ... pra mim eram mais fáceis ((chuva forte)) ((então Mônica... vamos encerrar essa entrevista por aqui:: você autoriza que essa entrevista seja é:: transcrita...)) sim... ((textualizada)) sim...com certeza...((ótimo e

logo eu vou procurar você pra você ler a versão final e assinar a carta de de cessão autorizando a publicação da entrevista)) com certeza... ((tá... então antecipadamente eu te agradeço... muito obrigada pelas tuas contribuições...)) eu é que agradeço ((obrigada querida)) eu agradeço... é gostoso...

A menina e o leite

A 1ª entrevista com Mônica aconteceu no dia 19/09/14, durante o período da tarde, na sala de reuniões da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte, no Bloco 3 do Centro Administrativo Municipal João Bassani Sobrinho. Havíamos conversado, pessoalmente, durante os encontros semanais do PNAIC, por meio de endereço eletrônico e via telefone. Reunimo-nos nesse espaço, porque Mônica havia comentado anteriormente que durante a sexta-feira à tarde há expediente interno e seria tranquilo. Transcrevo um trecho do diário de campo:

Chovia muito, mas fizemos questão de fazer a entrevista porque gostaríamos de apurar informações sobre o Colégio Estadual Sagrada Família. Assim que chegamos ao local da entrevista, fomos muito bem recebidos por nossos colegas de trabalho, já que atuo na Coordenação de Língua Portuguesa da Equipe de Ensino, com Mônica e encontro-me afastada para cursar o Mestrado.

Diário de campo: 21/09/14

Logo dirigimo-nos à sala de reuniões e agi da mesma forma que me portei com os demais depoentes. Sentei-me em frente à depoente e posicionei o gravador em cima da mesa, próximo a ela. Mônica leu em silêncio a carta de apresentação e já havia me passado por *e-mail* a sua ficha cadastral, preenchida. Foram utilizadas as mesmas fichas da entrevista com a depoente Zita. Pedi que organizasse as fichas de acordo com a ordem que gostaria de narrar e que se sentisse muito à vontade caso não quisesse relatar sobre determinado descritor, descartando-o.

Mônica separou as fichas em 5 grupos: infância, escola, demais atividades, Matemática e experiência profissional. Enquanto fazia essa organização, a fotografei. A foto que seleccionei bem ilustra a espontaneidade da entrevista.

Em seguida agrupou as fichas separadamente, conforme a temática e iniciamos a gravação. Sugerir que virasse as fichas com o verso para cima, assim ficaria mais fácil seu controle. Havia muito barulho pelos corredores e em outras salas, todavia conseguimos nos manter concentradas e descontraídas, conforme registro em diário de campo.

Mônica organizou as fichas em 5 grupos: infância, escola, demais atividades, Matemática e experiência profissional. A depoente fala muito rápido. Dissertou sobre todas as fichas. Mônica literalmente entrou no túnel do tempo. Olhava a porta de acesso a outra sala, como se estivesse observando o passado à sua frente. Em determinado momento a recepcionista, Professora Rosa, esqueceu que estávamos na sala e entrou para guardar um ventilador. Foi explícito o choque de Mônica. Levou um grande susto e precisou se recompor.

Diário de campo: 21/09/2014.

A entrevista durou 69 minutos e perdemos a conta do tempo. Foi muito bacana porque foi mais um bate-papo do que uma entrevista. Somos contemporâneas e muitas questões que foram lembradas, compõem nossas histórias e trajetórias escolares. A depoente nem percebeu que estava sendo gravada, pois agiu naturalmente. Optei pelo título “A menina e o leite”, pois retrata um episódio da vida escolar de Mônica que me chamou a atenção durante a 1ª entrevista e poderá ser observado pelo leitor, na versão textualizada. Combinamos que faríamos a próxima entrevista no prédio da Congregação.

O processo de transcrição foi rápido, aproximadamente 20 horas. Ouvia e digitava aproximadamente por 5 minutos, parava, alongava os braços e retomava. Apreciei imensamente essa transcrição. No momento da 1ª versão textualizada a organizei de acordo com a sequência da depoente, quase fielmente.

Encaminhei o texto à depoente no dia 01/10/14, entretanto Mônica não teve tempo de responder. Recebi um *e-mail* no dia 06/10/14, que havia encontrado todos os boletins escolares dos anos iniciais do Ensino Fundamental, conforme consta no áudio.

Percebi que na próxima entrevista deveria abordar 3 questões: prova real, multiplicação e adição. Como acabei me esquecendo de fotografar o registro de identidade de Mônica, o fiz em outro momento, durante a formação do PNAIC.

A 2ª entrevista aconteceu no dia 04/11/14 e como a 1ª entrevista foi muito produtiva, essa não precisaria ocorrer, poderíamos até trocar as informações por *e-mail*. Entretanto para garantir lealdade à metodologia, fiz uma entrevista relâmpago de apenas pouco mais que 4 minutos, a fim de abordar os seguintes aspectos que passaram despercebidos durante a 1ª entrevista: a prova real no cotidiano escolar,

pois sabemos que era muito comum nessa época, e as operações de adição e multiplicação, já que a depoente se ateu a narrar sobre a subtração e a divisão.

Também pedi que explicasse o que seria um caderno de pontos, mencionado na 1ª entrevista, a fim de que o leitor encontrasse subsídios de leitura, através de nota de rodapé. Fiz a transcrição e a textualização da entrevista no dia 05/11/14. No mesmo dia encaminhei a versão final para a depoente por *e-mail*. No dia 11/11/14, assinamos a carta de cessão. A imagem a seguir é a cópia do boletim escolar de Mônica, do ano de 1983, quando frequentava a 2ª série, conforme relatei anteriormente.

Figura 9: Boletim de Mônica

RESULTADOS										
MATERIAS	1º PERÍODO		2º PERÍODO		3º PERÍODO		4º PERÍODO		MÉD. ANUAL	MÉD. FINAL
	AV.	REC. ESC.	AV.	REC. ESC.	AV.	REC. ESC.	AV.	REC. ESC.		
COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO	83	77			74	84				79
INTEGRAÇÃO SOCIAL	85	86			76	84				82
INIC. AS CIÊNCIAS	88	86			83	88				86
FALTAS										

DENTE		Período	Data	Assinatura do Pai ou Responsável
1º	12/5/83			<i>Adelino Dalponte</i>
2º	1/1/84			<i>Adelino Dalponte</i>
3º	1/1/84			<i>Adelino Dalponte</i>
4º	1/1/84			

ESTADO DO PARANÁ		DECRETO n.º 4571 de 3/01/78	
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO		Rua 15 de Novembro, 1775	
BOLETIM ESCOLAR		Fone 92-1123	
ENSINO DE 1º GRAU - 1ª A 4ª SÉRIE		CAMPO LARGO - Pr.	
" COLÉGIO SAGRADA FAMÍLIA RESUMO DE 1º E 2º GRAUS "		ESTAB. DE ENSINO	
LOCALIDADE: CAMPO LARGO		MUNICÍPIO:	
1982		ANO LETIVO	
MÔNICA DALPONTE		ALUNDA	
24		ID	
NILCE MELO MARQUES		28	
PROF. COORDEN.		SÉRIE	
		" E "	
		TURMA	
		TURNO	

Fonte: Acervo da depoente

Apresento a versão textualizada de Mônica Dalponte Ukasinski sobre suas lembranças como aluna do Colégio Estadual Sagrada Família. As lembranças de Mônica estão muito próximas das minhas lembranças como aluna.

Mônica Dalponte Ukasinski nasceu na região do Caratuva, em Campo Largo – PR, no dia 24/03/1974. Coursou Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina e é pedagoga da Rede Municipal de Campo Largo. (Conforme Registro de Identificação e entrevista em 04/11/2014)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, MÔNICA DALPONTE UKASINSKI, portador (a) do RG 5.663.437-1, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado desenvolvida por Anna Carolina Galhart, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, MÔNICA DALPONTE UKASINSKI, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 03 de fevereiro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Mônica Dalponte Ukasinski

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Anna Carolina Galhart

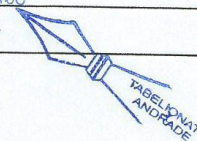
TABELIONATO ANDRADE - CAMPO LARGO - PR
 Tabela Florestina Andrade Stocco
 R. Rui Barbosa, 1050 - Fone: (41) 3291-1900

Reconheço a(s) firma(s) de:
 L3bvdJU0J-MÔNICA DALPONTE UKASINSKI...
 por SEMELHANÇA; face a impossibilidade
 do signatário comparecer na Serventia.

Em testemunho da da verdade,
 CAMPO LARGO, 03/02/2015

014-IDNE
 TABELIONATO ANDRADE
 ESCRIVENTE

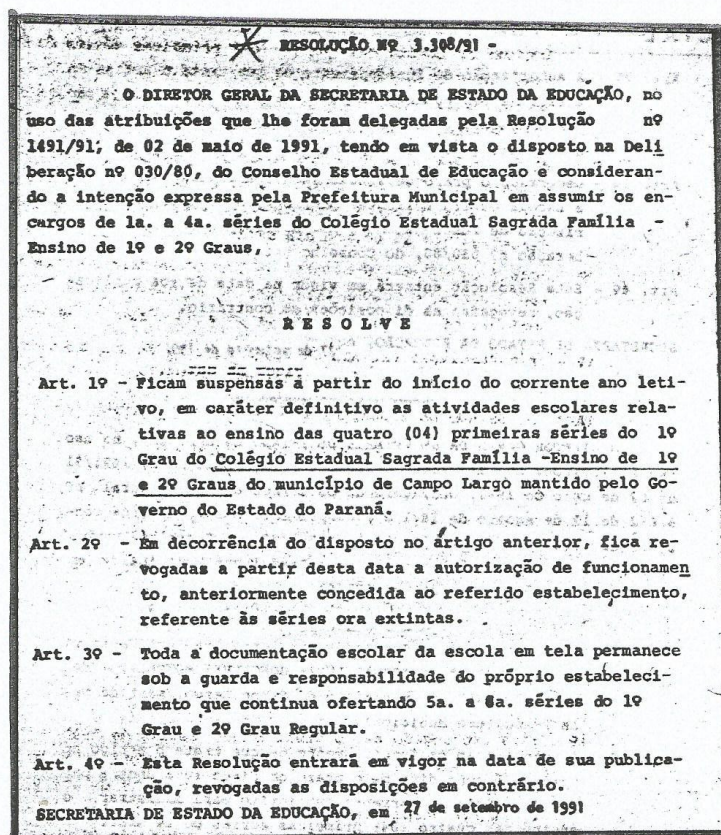
UFUNARPEN - SELO DIGITAL
 dmBv6 . 9az94 . 2VMH1 - x6j1J . LAAS
 Valide em <http://funarpen.com.br>



ANEXO P

SUSPENSÃO DAS ATIVIDADES ESCOLARES DE 1ª à 4ª série do 1º GRAU
do COLÉGIO ESTADUAL SAGRADA FAMÍLIA - ENS. DE 1º E 2º GRAUS

D.O. nº 3617 de 11.10.91



ANEXO Q



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO LARGO
ESTADO DO PARANÁ

" D E C R E T O Nº 065/91 "

Data: 7 de maio de 1991 .

O PREFEITO MUNICIPAL DE CAMPO LARGO, Estado do Paraná, usando de suas atribuições conferidas por lei, e considerando o Termo de Cooperação Técnico-Financeira firmado entre o Município de Campo Largo e o Governo do Estado do Paraná, através da Secretaria Estadual de Educação, em 29 de janeiro de 1991, e com a intenção de assumir os encargos de manutenção de Pré-Escolar e 1a. a 4a. série do 1º grau do Colégio Estadual Sagrada Família,

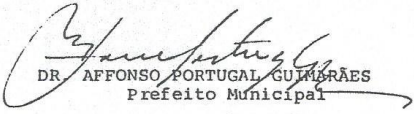
D E C R E T A:

Art. 1º - Fica criada a Escola Municipal Pe. José de Anchieta - Ensino de Pré-Escolar e 1º Grau (1a. a 4a. série).

Art. 2º - Fica a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes, responsável pela formação do corpo técnico-administrativo da referida escola.

Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogado o Decreto nº 015/91.

Edifício da Prefeitura Municipal de Campo Largo,
em 7 de maio de 1991.


DR. AFFONSO PORTUGAL GUIMARÃES
Prefeito Municipal

ANEXO R



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO LARGO

ESTADO DO PARANÁ publicado no Jornal
FOLHA DE CAMPO LARGO

" DECRETO Nº 110/92 " 187, página 1a

Data: 21 de dezembro de 1992.

24 de dezembro
1992

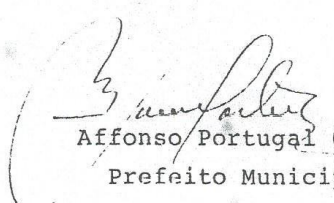
O PREFEITO MUNICIPAL DE CAMPO LARGO, Estado do
usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

DECRETA:

Art. 1º. Fica alterada a denominação da Escola Municipal Pe. José de Anchieta - Ensino de Pré-Escolar e 1º Grau, criada pelo Decreto nº 065, de 07.05.91, para Escola Municipal Anchieta - Ensino de Pré-Escolar e 1º Grau.

Art. 2º. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Edifício da Prefeitura Municipal de Campo Largo, em 21 de dezembro de 1992.


Affonso Portugal Guimarães
Prefeito Municipal

ANEXO S

Michele Laís Fracaro Iarek

1ª Entrevista: 25/08/14

Duração: 92'49

Local: Residência da Entrevistada

((Vamos começar a entrevista com a Michele... Michele que foi minha aluna durante três anos... Michele eu posso gravar...transcrever...textualizar os dados... a tua fala...tudo tranquilo...))tudo tranquilo::((vamos começar Michele...))essa ficha aqui foi a escola que eu estudei... foi o Sagrada Família e Escola Municipal Anchieta... é:: do Pré até o Ensino Médio...já posso ir pra próxima?((pode ir pra próxima...)) então a hora do recreio...acontecia de manhã das nove e meia até umas quinze para as dez... gente... no Pré eu lembro que o recreio era maior((risos)) ((então... coisa boa...)) ((risos))dava para aproveitar melhor...((risos)) () brincar...dava pra fazer refeição *né* com tranquilidade... já no Anchieta ainda tinha um tempinho um pouquinho maior:: então::... dava pra lanchar:: mas era um pouquinho...*ah* já no Ensino Médio era bem mais rápido...só descer já comer alguma coisa ir ao banheiro... hora de subir...*ai*::hora do recreio que eu lembro a gente fazia a merenda... a refeição e também aproveitava pra conversar e::... ou quando era mais criança ainda... fazer as brincadeiras... quando ainda dava tempo...((brincadeiras na hora do intervalo...))algumas (antiguihas) tipo adoleta ...((hum...)) é::...na época também tinha uns elásticos lá ... ficava pulando::...acho que mais essas assim que eu... ((brincar de cordas vocês não brincavam...)) corda eu::...lembro que não... ((Não tinha amarelinha pintado no chão ainda...)) tinha... depois dum tempo pra cá por causa das reformas... mas tinha... mas eu lembro que amarelinha a gente não brincava tanto...era essas adoleta::...ou alguma de pular elástico...pular elástico... de palmas... assim de mãos...*ahan* ((não era Califórnia o nome da brincadeira?)) era Eu com ela... nós com todos... ((ah...)) batendo em quatro as mãos tinha que ter agilidade...((ahan... era uma espécie dum brinquedo cantado...))Isso...daí tinha que memorizar em quem você ia primeiro e tal...((então sequência rapidinha...)) ahan...Aí da merenda escolar... eu lembro que na escola sempre tinha merenda escolar... quando eu gostava do lanche eu comia... principalmente quando era Nescau... *ah*::((coisa doce assim...))coisa doce ... sucrilhos...iogurte... ((risos)) Não gostava

muito das sopas que tinha porque de manhã ... comer sopa ((risos)) já não ((risos)) e também levava minhas bolachinhas... meu lanchinho lá... uma fruta...e aproveitava comer na:: merenda...aí o espaço da escola... acho que no Sagrada Família lá no Anchieta era amplo::então a gente tinha bastante espaço apesar de ter bastante aluno dividindo o mesmo espaço...mas a gente conseguia se organizar... é em relação às salas de aula acho que era muito organizado... então::... em comparação com outras escolas... acho que a gente tinha uma das melhores estruturas lá...inclusive a nível de particular... acho que era como na época... então as quadras eram todas...(estruturadas) bem estruturadas ... tinha material pros alunos né ... os professores corriam muito atrás dos materiais didáticos pra ensinar e... tinha a caixinha de som na aula ((apito do micro-ondas)) isso ajudava bastante né... pra dar os recados... fazer oração ... e:: ... o vídeo... quando precisava assistir vídeo... o vídeo ia até a sala de aula né (a sala) ou tinha a sala de vídeo ... acho que nesse ponto foi bem ((era uma estrutura de colégio particular né?)) é... então:: eu me sentia feliz lá... ((ai que bom...)) aí como eu chegava à escola... no começo... do Anchieta minha mãe já estudava lá na escola... **então eu ia com ela de bicicleta... ela me levava... aí no acho que no primeiro ano... no caso do Pré né... que daí ela me levava::** ela ficava junto comigo estudando:: e eu ia pra aula... nos outros anos ela continuava me levando... e me deixava lá e aí ia trabalhar:: e com o passar do tempo...depois quando eu já tinha mais de dez anos... doze assim... daí eu começava a ir com minha prima... aí já estudava lá íamos nós duas assim... de ônibus... a pé mesmo... ((já tinha o escolar na tua época?)) Escolar acho que lá pela ... quando eu tinha uns doze... treze anos... lá pelo sexto... sétimo ano que começou a ter... então até esse período a gente ia a pé mesmo... que era perto assim ((não era tão longe)) vinte minutos de casa... então dava pra ir a pé... ia... e voltava a pé... ((não era tão pertinho... não... vinte minutos né?)) andando assim... então tinha que sair (seis) sete horas de casa pra chegar sete e meia que era o horário ((vinte minutos eu levo até o centro...mais ou menos então)) é:: ((não era tão pertinho))um pouquinho né... ((mas a gente naquela época não ligava... quando é criança caminha anda longe))é:: é verdade... e nos dias que chovia ((sorrindo)) o meu pai ou o meu tio que também morava do lado essa...minha prima que ia comigo... daí eles levavam a gente de carro((não era a Gislaine?)) a Gislaine... ((sorrindo)) tranquilo ((risos)) era o melhor... (não ficava sofrendo assim) ((risos)) ((é)) aí já respondi com quem ia à escola... então::... com a minha mãe e depois ((com a Gislaine)) com a

Gislaine... depois então com o meu primo que começou a estudar lá na escola ((risos)) também... que era um pouquinho mais novinho... irmão da Gislaine... ((tinha várias companhias)) *ahan...* é:: daí depois quando tinha o escolar a gente acabava voltando de escolar::... inclusive com a Viviane *né...* ((risos)) ((coitadinha da Vivi)) ((risos)) daí a gente tinha mais amizade *né...*então... era mais divertido ainda... ((risos)) ((que legal... esse tempo é muito bom...))nossa:: nem fale...aí as professoras que eu tive... lembro de todas::... desde o Pré até...((o Médio você lembra de todas...)) principalmente de você que me deu ((ah::)) segundo terceiro e quarto ano ((três anos))((risos)) então pra mim foi assim muito... fiquei muito contente... ((ah::)) cada ano a gente ia lá escutar qual professor você ia ...ficava na expectativa *né:* ((ah::)) aí quando a Irmã Dolores falava Anna::Carolina:: pensava... de novo? mas será que tá certo? era ela de novo... e cada ano era você ((foi você, o Fernando e a Emily)) a Emily... ((que foram os três meus alunos))... os três...daí eu pensava... será que não vão trocar? porque já é ... a Irmã fazia uma salada cada ano... misturava tudo os alunos assim::... pra não cair com o mesmo professor... pra não cair na mesma sala... mesmos colegas... ((e passou *né...*))tive sorte... aí eu voltava ((risos)) toda faceira... a minha mãe também... *ai* que bom! A Anna... ((quem teve sorte fui eu...)) ((risos)) ((*né?*)) ai... porque eu gostava muito do teu trabalho... sempre fui bem... nunca tive dificuldade...((sempre foi boa aluna *né?*)) sempre em tudo... e::... você explicava... eu prestava atenção... então pra mim... teu ritmo de trabalho... ((você conseguiu acompanhar *né?*)) não só o ensino como também você era muito amorosa com os alunos *né?* ((*ah...* acho que eu era muito brava::)) não::brigava com quem merecia *né...* a gente tem sempre uns alunos que saem fora dos eixos... mas no geral você era muito amorosa *né?* ((*ah*)) ((risos)) ((você sabe Michele que a gente com os anos vai ficando mais enérgica *né*)) *ahan...*((eu tô ficando o contrário... ficando mais tranquila...mais paciente...eu vejo pela última turma que eu tive em dois mil e doze... que fui nossa:: mas tão mais tranquila...do que no começo)) *ahan* ((acho que deve ser a experiência *né*)) deve ser... o Leandro esses dias eu tava comentando com ele *ai* a professora que ele lembra que deu aula no mesmo colégio dele... que acabou me dando aula na creche... *daí* eu falei... tive aula com aquela professora:: ela é uma amor... nossa:: mas ela é brava... quando ela dava aula no CAIC ela era brava:: ((risos)) a gente sabia que a turma dela era tudo quietinho...dava uns berros:: e tal lá *né* ... eu falei... já conheci ela sei lá uns... dez anos depois e ela já tava bem mais tranquila... na creche... sei lá.. acho que não

era um serviço tão:: sei lá...era até menos alunos e tal... ((se identificou melhor no perfil dos pequenos...)) é:: então:...((tem tudo isso)) tudo relativo assim... então eu tive sorte com as minhas professoras... ((que bom)) muito bom ((risos)) ((eu tô no meio)) ((risos)) e daí os amigos de infância:: ... alguns lá eu tenho ainda até:: hoje... alguns a gente perde o contato né... mas que muita gente já entrou no Pré lá comigo...e foi indo foi passando (o tempo) ... a maioria só saiu do Sagrada quando saiu do Ensino Médio... conseguiu uma oportunidade em algum colégio particular:: ou fazer... bolsa... é:: cursinho junto né:: **a gente acabou se desviando desses alunos que estavam lá desde o começo... mas que estudava desde o Pré::** a gente lembra bem mais do rosto... quando encontra por aí... ah :: estudei com o fulano... mas:: acho que eu ... em relação a amigos eu procurei pessoas assim mais um pouco mais comportadas:: ((que)) que também era do meu perfil né então... eu tenho uma amiga que eu já tenho desde::...de... da época de Ensino Fundamental é a Tânia... Tânia Carla ((Tânia Carla Aggio foi minha aluna)) foi tua aluna também... é minha amiga...nossa:: acho que é a amiga mais antiga que tenho... ela assim... ((sorrindo)) estudou junto se eu não me engano era no segundo...no terceiro... ano também...((aí estudaram juntas pro resto da vida)) daí eu tive sorte... a única coisa ruim no Sagrada era que não... talvez não deixar ... que cada ano trocavam as turmas ... então:... você já perdia um pouco do vínculo... amigo de um... aí você já trocava e daí... ((sorrindo)) ((misturava tudo)) acabava misturando... bom porque você conhecia novas pessoas... e não gerava aquele tumulto que era... aquela coisarada e... trabalhos eu sempre procurava fazer com... quando dava:: pra escolher com acho que com um mais comportado... () não gostava de carregar muito (bagunceiro) junto porque acabava atrapalhando((risos)) o desenvolvimento dos outros... é o que a minha mãe fala... gente ...que é que ela dá aula... às vezes tem um aquele que tá interessado... que já aprendeu e no grupinho dele lá tem outro que nem sabe contar e::... ((ruído)) nem sabe a tabuada... nem sabe os números... fica tão difícil né... equilibrar porque o aluno que já sabe... já sabe... e ele quer coisa nova... e o que não sabe também não tá se esforçando pra aprender né...esse acho que é um dos grandes males do ensino... as nossas turmas eram bem grandes... ((eram)) com muitos alunos infelizmente...((muitos alunos)) mas acho que a qualidade do ensino não foi:: prejudicada... até em função disso porque os professores eram muito dedicados assim... traziam atividades de fora:: pra gente fazer na sala e coisa pronta... assim... corriam atrás mesmo das atividades... e::

davam conta do recado *né*...por isso deixaram assim de fazer um ensino com menos qualidade *né*... aí onde copiavam a matéria... a gente copiava no meu caderno *né* alguns cadernos eu-eu guardei mas daí não sei acho que acabei me desfazendo... então hoje eu não lembro de ter nenhum (mais precisamente) eu tinha uns que eram bem do teu ano e ((risos)) e lembro da minha letrinha eu me arrependi de não ter guardado acabei jogando fora bem depois... assim... ((a gente se desfaz das coisas...)) se desfaz... na época a minha mãe falava... ai... não... eu guardava muita coisa do colégio e chegou uma hora que não ... passa... se desfaça e aí então acabei me desfazendo e aí ela falava... ai...não... eu precisava ver teus cadernos lá...((risos)) pra ver se achava umas atividades parecidas lá ((risos)) pra ver também se tinha alguma sugestão ((pra hoje *né*)) então acho que era mais no caderno que a gente copiava::folhas *né* pra trazer com atividade:: aí...:lembro também que no Pré tinha aqueles materiais que é tudo madeirinha (como é que é) ((Material Dourado)) dourado ((Escala Cuisenàire todo colorido)) isso:: eu lembro que no Pré a gente trabalhava muito com essa ((com a Escala Cuisenàire *né*)) Escala Cuisenàire ((que cada cor é dum tamainho)) isso ((e comparando os tamainhos)) é:: (as unidades::)) isso:: eu lembro que muito que no Pré eu aprendia muito isso...era assim toda a semana várias eu tinha esse ((a Escala Cuisenàire pra trabalhar)) **pra trabalhar unidade separar unidade fazia unidade:: centena:: ((e o Material Dourado também trabalhava?))** também tanto um quanto outro tanto o colorido quanto esse ((da cor da madeira *né*)) *ahan*... eu lembro que a gente fazia atividades em grupo e também daí anotava no caderno... fazia ... a professora passava um número lá... tinha que além de montar no jogo *né* montar as pecinhas ((montava o material)) ainda pintava lá no caderno ((a representação)) a representação ainda... então mais no caderno talvez em folhas... que a professora pegava depois ((quem era a tua professora no Pré?)) a Sônia ((a Sônia... Sônia Fabris)) é ... nunca mais vi ela ((tá aposentada...ela foi pra Curitiba morar e já se aposentou)) que tal... ((pois é faz anos já...)) é logo acho que-que eu passei da turminha dela acho que ela logo saiu ali do Sagrada ((ela fez Filosofia e ela foi trabalhar em Curitiba em uma escola do Estado porque ela era do Estado ... sabe quando teve aquela limpa do Estado que tirou todos os professores ... então ela resolveu ficar por Curitiba já e daí ela ficou trabalhando com crianças pequenas de uma escola estadual que ofertava os anos iniciais... e ela ficou por lá...ela já deve estar aposentada... nossa:: ela era ótima *né*) eu lembro que nessa parte de Matemática assim ... eu lembro muito desse material

... ((ela trabalhava bastante com o Material Dourado e com a Escala Cuisenàire))
muito:: e também o alfabeto e número ((alfabeto móvel)) *ahan* em EVA ... EVA já
tinha ((e madeira também...)) encaixava também umas coisas ... não sei se era
madeira ... tipo números e letras... eu não consigo lembrar exatamente mas era EVA
acho que naquela época devia estar começando EVA ((*uhum*)) a fazerem as coisas
de EVA e também plástico ou às vezes também em papel mais firminho... aí eles
davam potinhos pra gente... aí a gente montava o nome... ((quanta lembrança...))
((risos)) aí eles entregavam já o pacotinho com o alfabeto e com o número... e tinha
lá no quadro todo o alfabeto e a sequência numérica ... daí a gente tinha que sempre
estar montando alguma... juntar sílabas:: ou então os números... de somar ((soma?))
soma não... mas acho que... ((sequência?)) sim... reconhecimento dos números *né?*
((alguma associação com quantidades? Representação dos números com as
quantidades? atividades com pecinhas e objetos?)) eu acho que sim... ((também
fazia isso)) não isso só na escola como na creche *né* porque eu passava a manhã
na escola e à tarde eu ia pra creche e lá eu também fazia o Pré... e:: havia o Jardim
II ...hã... que era na época... então eu lembro que nessa fase na creche também eu
aprendia um pouco disso de dar quantidades... a professora fazia desenhos de...
quatro alunos faltaram ... daí faz o número... quatro representa quantos alunos
faltaram... então acho que isso complementou bastante assim... ((então ela fazia no
quadro isso?)) a maioria era no quadro... desenhado sempre... na época não tinha
muito recurso era mais (na creche) assim ou então eles faziam recorte de revista ((
ruído externo)) então era algum recorte de alguma coisa então eu lembro que eu
aprendi isso bem ((ruído externo)) nessa fase de (escolarização) mesmo ((pois é...
veja que bacana...)) então... hoje eu falo que eu indico hoje pra quem tem filho... às
vezes fica meio com medo de deixar em creche... essas coisas ou em escola... eu
acho que é ótimo deixar a criança ... desde agora com essa nova Lei a criança vai
bem mais cedo para a escola... mas antigamente não tinha isso *né* ... ((não
obrigava)) a criança às vezes entrava direto no Pré ... quando o pai queria ou direto
no primeiro ano ((na primeira série)) direto na primeira série então já::... já entrava
ali com toda aquela ... pra aprender... já quem passou um período na creche já tinha
noção... de números... de contagem *né*... de quantidade também... então isso ... já
nos meus quatro anos.. não sei... cinco... eu já tinha noção disso assim... então mais
uma coisa que complementou a escola ... ((*uhum*... você já trazia de casa essas
noções?)) também... porque minha mãe incentivava também... como ela dava aula

nessa época... não... nessa época ela tava fazendo Magistério... então outra coisa importante é que eu via ela preparando os materiais pra fazer estágio ... o tempo inteiro eu tava ali acompanhando ... tinha bingo... cartelinhas de bingo... pra jogar *né* ... bem coisa de Matemática ... o que ela fazia era de soma ... mais dois e tinha que colocar o resultado lá na ... ((na cartelinha)) na cartela ... **então isso também me ajudou porque eu tava acompanhando sempre as atividades que ela fazia eu gostava de pegar lá pra brincar *né*** ((risos)) aproveitava às vezes com a minha prima e as atividades que ela preparava eu aproveitava ((risos)) ((te estimulava...)) ahan...é uma coisa que eu sentia prazer lá... então ... desde pequena sempre tive interesse por essas atividades assim... principalmente se fosse uma coisa meio diferente ... cartelinha *né* ((chamava a atenção))... eu lembro disso até hoje... dela pintando ... canetinha rosa... então era ((ah menina ... rosa)) era uma brincadeira... daí eu com a minha prima... e minha mãe sempre incentivou a... e ela também além de pintar ali... ela brincava comigo ... tinha nunca teve preguiça ou nada... sempre foi de brincar ali dessas coisas ... muitos joguinhos quando eu era criança ... não era tão ligada a TV como os de hoje ((sorrindo)) ((a geração de hoje)) então eu acho que eu gostava mesmo era dessa coisa prática... inclusive em... na televisão eu não gostava de muito de desenho... de assistir um ou outro... mas a minha ... meu prazer era assistir esses programas de Bom Dia e C&A que eles ensinavam a fazer as coisas *ah*... fazer algum brinquedinho e que era bem da minha época *né*... isso ensinavam a fazer coisinhas que a criança sabia fazer e recortava e colava então lembro bem isso assim que... dos dias que eu ficava em casa:: eu gostava disso assim... ((Castelo Rá-tim-bum...)) bastante... ((é os programas eram muito bons...)) acho que nesse sentido fui privilegiada assim... ((saber selecionar também *né*)) ((fique ... o marido de Michele chega ao local da entrevista)) em relação a cópia... a cópia de quadro assim? ((é... como era o treino da cópia e se tinha muita cópia na escola...)) tinha ... na minha época teve muita cópia porque não tinha tanto livro ... até tinha... os professores até variavam um pouco... usava um pouco o livro... mas a cópia existia... assim... o professor ia passar texto... copiava do quadro (fazia) escrevia um texto... copiava todo:: o texto como o aluno tinha escrito lá *né* e daí ia lá e todo o mundo ajudava junto bonitinho... arrumar o textinho aí copiava:: tudo de novo ... o texto lá... corrigido::esse eu lembro de bastante cópia... as atividades... de todas as matérias... () na maioria copiada do quadro mesmo...pouca coisa assim de livro... é... de livro assim um texto a mais pra ler e alguma atividade pra responder lá

((e fotocopiado era muito pouco... a Irmã... né)) de xerox você diz... é era pouco ((controlava bastante)) o que eu lembro do stencil né ((*ahan*)) que tinha ... quando tinha alguma coisa copiada era de stencil... que eu você mesmo escrevia... era tudo manuscrito ((*ahan*)) daí eu lembro que as continhas também de Matemática né ... divisão... multiplicação... era tudo feito no quadro ... todo o processo no quadro... tudo a gente copiava também que ... corrigir tudo... era tudo minucioso... acho que isso era ...((comum))era comum ... era uma coisa que os alunos nem reclamavam né ... ((hoje em dia...)) hoje em dia se for passar muita coisa né ... ai professora eu tô cansada... né... ((*ahan*)) tem até ... na Faculdade... quando eu fui fazer Faculdade ... a cópia quase que não existia mais... ((sorrindo)) que os professores já passavam a aula lá no-no projetor e você não precisava copiar porque estava disponível *on-line* ... por incrível que pareça eu tive sempre esse hábito de copiar as coisas... às vezes o professor estava falando... explicando uma coisa oral... eu copiava::... porque eu tenho memória eu acho que de cópia... ((visual)) então ... tenho que copiar pra eu memorizar... eu escutar a pessoa falando ou só der uma lida muito rápida... () acho que eu não gravo tão bem... e cópia assim... é uma coisa que me ajudou e me ajuda muito principalmente quando eu preciso memorizar alguma coisa... porque sou eu que estou fazendo a cópia do jeito que eu imagino... ali organizando a informação... até pra estudar pra prova... eu lia todo o conteúdo e fazia um rascunho escrevendo e na hora da prova eu lembrava o que eu tinha escrito ((na Universidade daí?)) tanto na escola quanto na Universidade ... fazia isso porque já lá na parte do Ensino Médio... Fundamental... tinha um pouco mais de livros... e quando precisava estudos através dos livros... eu lia o conteúdo e copiava:: de novo:: pra lembrar... fazia um tipo de resumo pra lembrar... lembro... eu fazia muito isso... ((como um auxiliar)) () talvez não tanto Matemática porque era uma coisa que eu tinha que saber... refazia as atividades... também copiava ... mas não exigia tanta cópia quanto era coisa de conteúdo que precisava de memorização... () *ah* os castigos... castigos na minha época eu lembro que eram mais pros alunos que não eram muito comportados... aprontando... pentelhando... e os castigos eram a professora mudar de lugar::... já até na hora de organizar os alunos sentados já tinha uma organização ali pra evitar que conversa de mais puxasse os assuntos que fossem atrapalhar no decorrer da aula... e... aqueles bem bagunceiros sentavam bem na frente... aí eu lembro que geralmente eu fiva sentada no meio da sala né ... e eu não gostava... eu gostava de ficar... mais pra frente... eu acho que eu prestava mais atenção... acho que quanto

mais pra trás a gente senta... o nível de atenção diminui... se alguém levanta você já observa pra se distrair... vem conversar... fica mais longe da professora... eu gostava mais de sentar mais na frente... mas no Ensino Fundamental eu fica mais pra trás por causa do meu tamanho... tinha bastante baixinho... então... ((risos)) ficavam tudo na frente os mais pequenininhos... aí os castigos eram mais esses... assim... da professora mudar o aluno... advertência... dar bilhete na agenda para os pais ... inclusive alunos assim quando chegava ao extremo... saiam da sala e iam pra diretoria... mas eu lembro de nunca ter ido pra diretoria... não... receber um castigo assim... talvez tenha recebido algum bilhete na agenda por ter esquecido alguma coisa assim ... mas não deixado de fazer... porque eu sempre fazia ... a professora passava algum bilhete... trazer tal material... mas alguém não levava ((levava um bilhetinho daí)) mas nada assim grave que... tenha preocupado ((que tenha te traumatizado)) é... então todo mundo já tinha medo da diretoria né... bem crítica assim né ... ((risos)) a gente evitava o máximo de ter que ir lá ... na diretoria... conversar com a Irmã Dolores ou a Rosal-Rosalva ((era a Detinha de manhã)) ahan ... a Rosalba Rosalva passou depois né ((ela era do Ginásio depois... de quinta a oitava)) então... aí com relação a leitura eu fui de ler bastante... principalmente quando eram livros infantis quando eu tava no Fundamental né ... eu lia bastante... gostava... de ler... minha mãe também sempre lia pra mim... algum livrinho ou outro... lembro também que a gente emprestava os livros da biblioteca pra ler em casa... então... era uma atividade legal porque tinha bastante livrinho legal e eu sempre me interessava assim ((gostava de fazer leitura)) gostava... acho que depois com o passar do tempo... eu fui perdendo um pouco assim ... por ter ... no começo... quando eu estava na infância... eu tinha aquele ... era um prazer ler... fazer as atividades era uma leitura... então era uma coisa prazerosa... nossa... tinha todo o tempo disponível... com o passar do tempo... quando a gente chegou no Ensino Médio... a gente tinha muita :: coisa pra fazer e... então acabava lendo só os livros que eram obrigatórios... lá de Literatura... os autores ((os clássicos)) até pra estudar pro vestibular... então a gente acabava lendo realmente aquilo que acabava sendo pedido... não muito... nem dava muito tempo para ficar lendo o que quisesse né... gosto de tal autor... vou ler tal livro lá... na medida do possível eu até lia né... mas eu tinha muito pouco tempo... (exatamente) por ter muito trabalho... muita prova... eu não trabalhava... eu ficava em casa mas... ocupava bem o tempo para tanta atividade ((sempre estudando)) falei... acho que o Sagrada era um diferencial

por muitas atividades pros alunos... porque... na creche eu tinha outros colegas de outras escolas ... nem tinha tarefas pra fazer... e eu não... eu chegava em casa da creche umas cinco e pouco e tinha minhas coisas pra fazer e depois também ia pra creche... ia pra escola cedo... voltava ((bastante tarefa)) muito trabalho prático também ... aí tomava muito... muito tempo assim... é que eu queria fazer as coisas bem feito assim... ((perfeccionista né)) é e os trabalhos também eram ... exigiam bastante do aluno... então::... acho que era bom porque eu lembro ... hoje se você me perguntar das provas o que eu nem lembre tanto... dos conteúdos... das coisas mas... acho que dos trabalhinhos... ((lembra)) eu lembro aí:: com relação a leitura acho que é ... gostava de ler... mas foi mais em um período de adolescência de infância adolescência que eu li inclusive fazia competição assim pra ler pegava ((quem lia mais)) tipo tinha uma média...ler cem livros no ano... eu já cheguei a ver isso... começava a contar... a nomear... livro assim autor fazia uma ficha ... meio que minha meta ler cem livros no ano ... teve um ano que eu consegui cem cento e pouco maior orgulho né ((nossa muito bom)) mas daí depois eu tive ((padrões de primeiro mundo)) ((risos)) tudo esses livros era mais assim de história né já no sentido de ter matérias específicas não isso acho que não tinha tanto assim ((eram narrativas)) narrativas ((fábulas... contos de fada.. era leitura de fruição mesmo que você gostava)) agora eu não lembro assim ler livros que por exemplo assim ensinasse Matemática ((ah sim ahan)) ou outro conteúdo assim Ciências né que ... a maioria dos livros eram voltados pra isso até hoje acho que tem mais variedades de livros que são livros de montar né que tem lá na FENAC livro com quebra-cabeça... na nossa época não tinha isso ((não tinha)) até se tinha a gente não tinha acesso a isso talvez porque ... era muito caro ou era realmente assim disponível ... os livros eram aqueles livros né o que diferenciava era... era a impressão::... figuras coloridas... mas que nem hoje eu acho que as crianças têm disponível e acessível pra ... não são caros... você já compra... pros meus priminhos assim que são pequenos eu gosto de dar livros que eles montem desmontem ... tem alguns de contar né tem que contar lá que faz barulho tem uma música e eu achei isso bem mais interessante ((quando você tava saindo da quarta série que teve o primeiro programa de leitura atualizado do governo federal “Literatura em minha casa”)) hum ((daí começou a chegar bastante livro na escola)) uhun ((foi a partir dessa época uns dois mil... dois mil e um começaram a chegar os livros ... dois mil que foi o lançamento “ Literatura em minha casa”)) aí quando eu passei ((ahan aí

que começou programa de leitura... e vindo bastante livro... dois mil e sete o governo começou a lançar caixas pras escolas daqueles livros lindos::lindos o ano passado vieram caixas... a caixa já é maravilhosa decorada cheio de livro lindo colorido pros pequeninhos primeiro ao terceiro ano daí)) incentivar ((tá vindo muito livro agora pras escolas programa de leitura)) é eu lembro que na minha época todo ano o aluno comprava na lista de materiais comprava um livro e... ficava pra escola ((pra alimentar a biblioteca até hoje é assim)) é bom assim porque com isso a gente tinha mais disponibilidade dos livros né ... se não fosse assim a gente sabe que os pais não vão ficar comprando livro o tempo inteiro pros filhos né ... ainda mais na minha época... hoje em dia até compram ... mas ... e gibi que eu também gostava de ler ((bastante né tinha na sala a caixinha... todas tinham)) então acho que gibis ... também... principalmente em minha época... período ... lazer das crianças que tinham tempo livre... então... era pra aproveitar e fazer a leitura ... **ai a Matemática...** **enquanto todos::os alunos detestavam Matemática eu::gostava ((risos)) ((deixa até eu ouvir melhor risos))** o que é um problema acho que pra muita gente (sempre comento com a mãe) que eu sempre fui o oposto... não... era assim... sempre tinha aluno que gostava de Português e não gostava de Matemática... ou aqueles que gostavam de Matemática e não gostavam de Português era sempre assim... o oposto e eu não... eu gostava sempre dos dois... me dei bem nos dois... acho que nunca tive dificuldade com Português nem com Matemática... assim...acho que foi bom ((você gostava na mesma medida)) na mesma medida... eu achava fácil Matemática assim... aprendia::... então eu prestava atenção...(eu) via como era pra fazer captava aquilo e... pra mim era fácil ... difícil talvez ...(o desafio) para os outros alunos é que talvez não consigam prestar atenção ou entender ((você entendia bem)) eu entendia eu acho que ((era claro... uma explicação você entendia)) *ahan* ou então se eu não conseguia entender de primeira... quando a professora ia fazer ou refazer alguma atividade eu prestava atenção e-e conseguia... alguma dúvida... levantava a mão e perguntava.... mas acho que não tive dificuldades com isso assim... ((você lembra de conteúdos de Matemática?)) ai de nomear assim... eu lembro muito de... de divisão ... multiplicação que eu fazia as atividades... frações... as operações... um pouco de acho que é álgebra ... geometria ((geometria)) geometria:: ((o que você lembra de geometria?)) eu lembro que tinha as formas lá... os polígonos ... os edros lá... tetraedro... cubo... o que a gente montava ((os prismas e as pirâmides)) isso a gente ... eu lembro disso assim... ((e usava Blocos Lógicos?

as formas em madeira coloridos? vermelho... azul e amarelo? caixa com quarenta e oito peças?) usava principalmente acho que no Pré e na primeira foi assim ((que usava Blocos Lógicos)) usava e esses blocos assim ((e você lembra que atividade que fazia com eles?)) não... não lembro assim ...muito que eu ... lembro que a gente copiava no caderno:: ((você passava o contorno?)) passava o contorno... pegava na folha e desenhava ((não fazia bonequinho com eles?)) fazia... algumas vezes fazia... juntava... pega o triângulo faz o corpinho... a bolinha a cabeça:: ((fazia comparação assim de tamanho::forma::)) fazia também ((os atributos dos Blocos Lógicos... que bom...lembra bastante coisa de Matemática)) *ahan* ((você lembra se tinha problema... se passava problemas pra resolver?)) lembro... mas na segunda a quarta série que tinha situações-problema daí pra resolver... que tinha as situações lá que envolviam a quantidade... a soma a diferença... é:: acho que um pouco assim até de espacial... não sei acho que envolve assim na Matemática ((sim na Matemática e vocês faziam algo com medidas... você lembra?)) medidas... lembro bem daquela tabelinha lá ((riso)) ((era na quarta série)) agora que você falou daí você tinha que transformar:: medidas... ((mas e a professora lá nos anos iniciais não trabalhava com nenhuma receita?)) receita::... ((com nenhuma medida arbitrária? Xícara... palmo... não trabalhava com isso?)) não... de recordação assim... acho que não... não lembro assim... até trabalhava com alguma receita lá ou outra... mas não muito com esse propósito... não lembro de ter feito essa atividade prática assim em sala de aula... não... experiência ((diga... pode falar a Anna corta... Michele chamando o marido Leandro para a conversa depois da entrevista)) ((eu lembro assim de usar uma xícara... fazendo receita de bolo ... tantas xícaras... tantas colheres... uma colher de ... tantos ml ou uma xícara para assimilar as medidas... a porção (que seria) ... fala de Leandro)) **((nossa você estudava também no Sagrada?)) ((no CAIC responde Leandro)) ((no CAIC... olha só...))** essa parte de receitas ...não...((não te chama a atenção...)) a maioria é do Material Dourado que eu te falei ((uma grande::...um grande relato o Material Dourado))*ahan* ((risos)) ((tudo...todo um estudo... dele...ele é muito importante mesmo... o Material Dourado... e você não lembra do Ábaco?))trabalhava com o Ábaco ((lembra do Ábaco?)) *ahan* que passava as pecinhas ... inclusive Ábaco tinha vários tipos no Sagrada... ((*ahan*)) tinha vários modelinhos:: uns que você passava as bolinhas... tipo umas continhas... ((que não era num relóginho assim quadradinho?)) isso... ((e tinha o Ábaco aberto com os pinos que você ia colocando... fazia umas trocas e as

professoras trabalhavam...)) isso até aqueles Tangram eu acho ((Tangram?trabalhava com Tangram...)) *ahan* ((mas que jóia... mas o que com o Tangram... desafio... geometria... o que era...)) montar as formas dele ((formas...)) montava um bichinho... juntava e daí tal... ((trabalhava com o Tangram também)) ((riso)) ((e tinha algum outro material que você lembra... palito... tampinha...)) ah ... tinha bastante... principalmente Pré ... primeiro ano... acho que segundo...mais Pré e primeiro ano que começava a ter as noções básicas de conta ... de quantidade... daí soma ... daí trabalhava bastante... palito de fósforo... palito de sorvete... champinha... lacre... tudo que tinha assim de peças pequenas... a gente trabalhava... montava... fazia tanto na escola quanto na creche ((e me fale uma coisa... a professora trabalhava com sucata?)) também... bastante... ((sorrindo)) ((por exemplo assim uma caixinha... abria uma caixinha:: abria colocava no caderno que era pra planificar os sólidos...)) fazia... na escola fazia isso de planificar os sólidos... e na creche trabalhava muito com montagem acho... na escola um pouco assim... mas na creche... eles incentivavam as crianças a montarem seus próprios brinquedos... então isso era muito... pegava uma caixinha... aí pegava uma tampinha... colava... rodinhas de carrinho... então isso era lá... acho que Jardim dois a gente já fazia bastante... montava uma casinha com palitos ((veja que bom)) ((risos)) ((olha que jóia)) desenho com palito de fósforo... lembro até hoje dos desenhos que a gente fazia com os palitos... pintava eles e aí montava os desenhos... ((e maquetes?)) maquete eu acho que foi mais no ensino depois da quinta série... daí a gente elaborava umas maquetes... trabalhava ... inclusive a gente tinha uma matéria que se chamava Matemática Instrumental...que na sétima série... daí lá que aplica... fazia a parte prática da Matemática ... daí a gente aprendia o conteúdo em sala ... normal... e nessa aula de Matemática Instrumental geralmente tinha algum desafio pra um... envolvendo a Matemática... então... dava maquetes de casa:: com as coisas dentro... inclusive com escala... tinha que montar a maquete com escala certinho... tinha atividades também lembro com o Tangram na época também... tinha... e outras atividades que envolviam a Geometria ... soma assim até algumas situações-problema... geralmente em equipe ((*ahan*)) então essa Matemática Instrumental era bem... diferente assim... ((e era bom?)) eu achava que ... eu não gostava muito acho que... pelo professor assim... na época da aula então... como era feito em equipes... talvez assim eu achasse que era um pouco bagunçado... tinha que fazer as coisas ali em equipe... não que ... a atividade até que era legal...

mas virava que a professora ficava o tempo todo chamando a atenção... não sei o quê... daí acho que não foi tão aproveitado assim... ((risos)) mas...mas era bom sabe...((bons tempos)) *uhun* é... a parte prática mesmo... acho que era um diferencial porque nas outras escolas não tinha instrumental... tanto que acho que nem tem mais... não tem... eu acho que não e depois... acabou saindo mesmo... aí religião... quer perguntar mais alguma coisa... quer? ((não não depois eu vou perguntando)) tá... ((acho que mais pra frente aí tem mais Matemática...)) aí religião na escola ((é essa pergunta é mais por causa do prédio *né*)) *uhun* ... a gente fazia oração todo o dia de manhã e foi importante porque acho que espiritualidade não fazia mal pra ninguém... então (os ensinamentos) vindos das Irmãs eu lembro com muito carinho porque acho que gostava de fazer... era legal essa rotina e tinha também as aulas de Ensino Religioso que eu gostava... mas na época os alunos ... ai... dane-se *né* ((risos)) então Ensino Religioso era difícil então na época... acho que era as Irmãs que davam ... um tempo foram elas que deram... então... elas já tinham a vivência delas... era uma catequese *né*... e às vezes pros alunos era acho que pros mais pervertidos eles não se interessavam mesmo...((sorrindo)) não levavam a coisa muito a sério... mas acho que era importante pros alunos... ((a Irmã todo o dia fazendo a oração...)) é ((peso tinha... a chamada ... recolhimento e tudo...)) a gente esperava por tudo isso todo o dia quando chegava... acho que se não tivesse... acontecesse alguma coisa... acho que não era o mesmo dia... então a gente esperava pela oração dela e daí ... as orações muito bonitas... inclusive apropriadas pra criança *né* ... ((as musiquinhas que ela colocava)) as músicas ... às vezes eu canto pro Leandro algumas músicas que eu lembro assim... que tinha de manhã... ah... e todas eram músicas religiosas que a Irmã cantava com os alunos ... até é... ((era engraçado ver ela com o microfone no meio das crianças cantando *né*)) acho que já entrava na sala tipo com uma energia boa assim *né* ... que daí os alunos também se acalmavam porque daí *né* no recreio era aquela correria e daí tocava a música e quando ela começava a cantar com os alunos já era uma maneira de acalmar eles e introduzir eles pra dentro de sala ((é verdade)) acho que era legal ... a Eloisa ((a Eloisa nossa... a Eloisa canta muito ((ruídos externos)) até hoje ((até hoje ela canta)) então acho como eu tive sempre esse lado de religião desenvolvido até incentivado pela minha mãe acho que pra mim era bom ((evoluiu bastante)) ah boletim...que eu tinha os boletins com poucas notas... acho que foi a partir do segundo ano sei lá que tinha boletim ((na primeira série já tinha boletim)) é ...devia

ter... e daí:: acho... não guardei todas da época assim ... mas era aquelas matérias básicas... Matemática... Português:... Ciências... geral... depois entrou Geografia e cada ano foi aumentando a quantidade de matéria que ia pro boletim... ((sorrindo)) e pra mim sempre foi tranquilo o boletim acho que sempre tive nota boa assim... minha mãe nunca foi chamada por uma vermelha ou coisa assim... ((sorrindo)) então acho que não tive a experiência de ter nota vermelha assim... se tinha foi em algum bimestre por alguma coisa ter dado errado... mas recuperava... isso bem ((tuas notas eram melhores em Língua Portuguesa ou em Matemática?)) acho que era nivelado assim... ((igual também... tudo o mesmo padrão...)) também... acho que a única nota que eu achava que era menor era Educação Física... não no Ensino Fundamental ((ah sim)) de Pré a quarta ((não tem nota)) é não tem nota e eu participava das atividades e gostava aí sobre o Ensino Médio que começou a ser avaliado... aí eu sentia um pouco de dificuldade assim... porque eu sou miudinha... nunca fui de ter muita força... e aí eu acho... que sentia um pouco de dificuldade né de Educação Física... sempre fazendo... não deixava de fazer né ... mas acho que os professores acabavam ah pra você ir melhor... e acabavam dando uma nota melhor((davam uma nota melhor)) e foi acho que uma das matérias que eu menos aprendi... que menos ensinaram também foi Educação Física... porque na escola sempre foi assim... dá a bola pros alunos... joguem vôlei ou dá uma aula pequena... né... explicando sobre o que é aquilo ali ... vôlei... o que é o basquete ou o que é ... joguem... saibam as regras... então... acho que das matérias pra mim foi uma das piores... hã... não houve aprendizado assim ... acho que comparado a outras assim... o professor sempre se dedicava na aula ... tinha resultado sempre... assim... () ((risos)) **infelizmente... acho que boletim é isso... ((era isso))** aí uniforme eu lembro que no Sagrada a gente ia... usava uniforme desde o pré... isso era muito cobrado... os alunos tinham que usar inclusive uniforme... se não a Irmã já... viesse com uma blusa de outra cor... uma blusa diferente... ou uma calça... primeiro que já lá na entrada era barrado... depois passar pela secretaria justificar o porquê... estar com uma roupa diferente... então isso foi muito cobrado... então... tinha que seguir né... não tinha muita ((risos)) ((não tinha escolha)) e acho que era bom assim... se tinha roupa do colégio... ia com a roupa do colégio... todo mundo era igual... não tinha quem se destacasse mais porque usava ((ruídos de utensílios domésticos)) roupa ou outra... acho que era tranquilo... aí... como eram as aulas... pra mim acho que sempre foram... muito boas as aulas... desde o Pré até o Ensino Médio assim...

acho que quando os professores se dedicavam... tinham esse compromisso de ensinar eu acho que... acho que até quem não gostava de estudar ((ruídos de utensílios domésticos)) acabava se interessando... já quando tinha professor que não se dedicava muito:... fazia as coisas meio relaxado... assim... então ((ruídos de utensílios domésticos)) os alunos tinham que se esforçar... no caso... se esforçar pra fazer uma coisa bem feita... mas... ((ruídos de utensílios domésticos)) poderia ter sido melhor assim... ((ruídos de utensílios domésticos)) então... ((Mi eu queria te perguntar assim... tinha uma rotina na aula? a professora iniciava... fazia uma coisa por primeiro... vocês já sabiam...)) sim... bastante... de Pré até o oitavo ano existia ... era bem demarcada... era a chegada na aula:... fazia oração... cantava o hino ... a oração... ((todo o dia o hino?)) todo o dia e daí a professora já fazia a chamada... às vezes ... na maioria das vezes fazia já no começo da aula... acabava fazendo uma atividade... depois a chamada...mas geralmente era no início da aula... daí retomava algum assunto às vezes da aula anterior ou corrigia uma tarefa do dia anterior pra daí começar uma tarefa nova... explicar... sobre a tarefa... e nas outras aulas acho que trocava depois... tinham outros professores que ... mesma rotina... ((era importante essa rotina... ou não?)) acho que era... tava assim organizado né porque queira ou não queira... o professor tem aquele tempo pra organizar aula... e se ele acabar se desviando... deixar a chamada depois pro final às vezes ((ruídos de utensílios domésticos)) batia o sino tava o professor lá fazendo a chamada... os alunos queriam sair às vezes pra recreio... era importante ter essa rotina... que daí o aluno chegava já fazia o protocolo... legal né todos os dias e daí já dava a sequência da atividade... e sempre tinha a rotina de ensinar algum conteúdo ((ruídos de utensílios domésticos)) ou passar uma atividade ((ruídos de utensílios domésticos)) corrigia essa atividade ((ruídos de utensílios domésticos)) passar tarefa pra casa... ((ruídos de utensílios domésticos)) corrige novamente... é um ciclo ((ruídos de utensílios domésticos)) acho que eram importantes porque as coisas eram... eram sequenciais... ((ruídos de utensílios domésticos)) ((uhun))

uma lógica de estar fazendo as coisas... primeiro vamos fazer uma atividade... conhecer... e acaba misturando tudo... eu gostava assim das aulas... acho que dependia muito do professor acho... até hoje ainda é que ... aluno e professor se complementam... mas o aluno também tem que ter interesse... mostrar que estudou... que sabe sobre aquele assunto... que sabe demonstrar pro aluno... que está disposto... ter paciência principalmente... ((hum... isso é verdade...)) aí o aluno

aprende... se interessa... se o professor já chegar... nem leu direito lá o que ele vai passar:: ...() o professor chegar lá abrir o livro... o que eu vou dar hoje... manda ler... isso é Ensino Médio então... aí você já perdia um pouco do interesse pelo ... não tem como...e quando as atividades... acho que diferenciadas assim... acho que era outro ânimo *né* pra aprender ((era mais dinâmico ainda *né*)) era mais dinâmico... mais divertido então... eu lembro... até **hoje eu sinto saudade de estudar... daquela rotina de escola... porque tinha aula que era tão divertida que se você ia pra se divertir e não... ai que saco...** tanto que eu lembro que eu faltava muito pouco nas aulas... só quando tava muito doente... mas falar ... ai mãe hoje eu não quero ir pra aula... quero ficar dormindo em casa ... não... nunca fiz isso... ((ficava motivada pra ir *né*)) sabia que eu não ia ... poderia perder algo que (realmente) me fizesse falta... foi tranquilo assim... aí o que eu aprendi na escola... ((sorrindo)) ((o que ficou pra tua vida da escola ... lá dos pequenininhos... de primeira a quarta)) acho que o aprendizado básico... se ele já foi bem (trabalhado) no começo todo o restante ele fica mais fácil pra você ...agora se você aprender...não aprender alguma coisa lá ... no passado... daí isso... queira ou não queira todos os anos vai ter que vai atrapalhando... vai fazendo falta... esses conhecimentos que você ainda não teve... as dificuldades vão surgindo... então eu acho que aprendi bem as coisas assim que principalmente o básico ali que eu ... as coisas básicas que eu tinha que aprender ... eu e mesmo assim isso me ajudou muito ao longo dos anos... aí tanto acho que de tabuada... somar... essas coisas... que foi bem tranquilo é... parte de valor também achei... na escola... a educação... o respeito com os outros... o trabalho em equipe assim... acho que é isso que fica assim pra vida...((que legal)) lembro que a gente tinha muita atividade em equipe... então... é uma coisa *né* que se estendeu até depois.. como eu falei... com o passar do tempo você começa a selecionar com quem você quer trabalhar ... quem vai te ajudar e quem vai e quem gosta realmente de trabalhar e te ajuda a coisa flui ((fundamentos *né*)) *uhun* ... muita coisa colorida que eu sempre fui... muito caprichosa eu acho e sempre fiz as coisas bem... bem caprichadinhas... assim... com paciência... então não era relaxada... não gostava assim...((risos)) fazer coisa relaxada desde pequena... assim sempre batalhei pra fazer tudo bem caprichadinho... ((tudo bem feitinho)) é tudo organizado:: então... isso eu acho que fica pra vida... e até também assim... com relação a elogio de professor... eu acho que... é bom isso *né* ... quando tem uma tarefa... quando o professor faz ... não necessariamente elogiar... mas só o fato de ele dizer... ai

fulano... faz assim... ficou mal feito... isso é que já te dá um incentivo... pra *né hein*... eu estou fazendo uma coisa porque eu quero ser reconhecida por o que eu fiz ... eu quero receber um mérito bom e não uma coisa... ah...você esqueceu tal coisa... é acho que... tem aluno que já não ligava muito... fazia as coisas mal feitas e ... () o professor questionava e ele ainda continuava... ah... não faz diferença... pra mim é importante isso... fazer bem feito... procurei fazer bem feito sempre... e minha mãe também sempre me incentivou... eu ia mostrar... e ela sempre dizia pra mim que isso era importante... desenvolvimento da criança... que a criança faz alguma coisa e vai mostrar ...o pai e a mãe... nossa que legal... que bonito... então:... esse incentivo que é ... ela sempre me deu esse *feedback* bom então eu acho que assim... incentivava eu a ser uma pessoa sempre melhor... bem feita... tudo... acho que isso foi importante... aí as lições de casa:: eu lembro que tinha bastante pra fazer ((risos)) tinha bastante coisa pra fazer em casa e ... eram atividades legais pra fazer em casa e... eu lembro na tua aula... bastante... a gente montava cartaz...((*hã*)) aí palavras com cedilha ... as que tem trema... aí a gente chegava em casa e procurava em jornal... revista... e no outro dia levava um monte de palavra... tinha gente que levava às vezes três palavrinhas ((nossa)) nem levava ((sorrindo)) e tinha outros que já... nossa... quanto mais palavras melhor ((não tinha nem lugar pra colar as palavras)) é e colava no cartaz... nossa... adorava... ((risos)) acho que isso ajudava muito pro vocabulário *né* ... que eu pesquisar lá na ... ter novas palavras... todos os alunos... acabavam vendo e fazendo e montando aquele vocabulário ... lendo e aprendendo... de vocabulário acho que isso me ajudou bastante... ((olha que bacana... é uma prática que foi meio abandonada na escola)) *ahan* ((o cartaz com palavras)) e sempre quando ia aprender uma regra de acentuação:... ((*ahan*)) aí marca *né* ((a ortografia *né*)) é de como se escrevia e de como () **chegar em casa... pegar a revista... um prazer assim fazer... ((e lições de Matemática você lembra?))** Matemática eu lembro bastante assim das operações pra fazer no caderno... fazia tanto em casa quanto na aula... levava as atividades assim pra fazer em casa ... daí chegava no outro dia na aula corrigia... então era mais as operações lá... divisão... ((probleminhas)) tinha situações-problema bastante... e na aula... às vezes não dava tempo de resolver tudo... a professora copiava no quadro... aí chegava em casa resolvia pro outro dia ((ruídos de utensílios domésticos)) até atividades que a professora fazia às vezes no stencil que às vezes tinha uma atividade pra fazer em casa ou alguma coisa () de Matemática assim... adicionar aí eu lembro que eu fazia

em casa também... ((fixação do conteúdo)) é mais nesse sentido de fixação do conteúdo... acho que era isso... aí continhas::... deixa eu ver o que eu fazia assim... de somar... ((é que continhas você fazia)) ah continha eu fazia bastante eu acho ((risos)) é sei lá... às vezes até estar na rua e somar as coisas assim... de ter situações em casa... ah... quanto que é cinco mais quatro... fazer mentalmente... fazer conta também... então no meu tempo não se usava a calculadora era mais o papel... ((mas e as continhas você lembra como que eram as subtrações::...divisões... processo curto... processo longo::)) dos dois tinha ... começamos aprender os mais simples... dezenas daí fazia lá a divisão... multiplicação e com o passar do tempo foi aumentando... números decimais que bastante gente tinha dificuldade porque na hora de dividir tinha que tirar a vírgula e tal então... lembro muito disso... muito de operação... era isso que eu fazia ((e me conta como que era a subtração era aquela que cortava os números ou era para chegar... era empréstimo ou era para chegar...)) *hum* acho que era para chegar... ((para chegar)) *uhun* ((não tinha aquele monte de número cortando tudo)) pra assim quando fazia uma conta ((é por exemplo oito para chegar no sete... não dá... corta ... empresta do número anterior...)) ah... isso sim... bastante... troca () esse de chegar acho que era mais mentalmente... assim... mas essa das trocas eu lembro que ela cortava *né* ((ruídos de utensílios domésticos)) quando tinha lá o zero daí tinha que emprestar do outro ((treze menos nove daí tinha que tirar)) lembro que daí a gente fazia isso... tinha que emprestar e tal::... fazia assim... essa coisa de cortar... de emprestar... número do ladinho... diminuía o que ficava... ((e as divisões?)) de cortar assim... ((era pelo processo longo ou era pelo processo curto?)) eu acho que eu aprendi o curto só na quarta série... depois que eu já tinha aprendido o outro ((risos)) ((o outro processo)) que a gente no final começou a o curto aí...pra economizar linhas no espaço aí a gente ... todo aquele processo longo... lembro muito de fazer...passava muito pra gente... isso ajudou muito((ficava mais visível o processo longo?))não... acho que era mais fácil o curto...assim... depois que eu aprendi o curto eu achava que era visualmente mais reduzido... já conseguia localizar melhor... ((é que você conseguia abstrair... é por isso... *né*...)) mas até eu aprender ele... fazer o longo lá certinho... ((é funcional assim e bem objetivo...)) **muita...muita... passava muita... é passava processo de divisão... de multiplicação... eu lembro tinha bastante pra fazer...** () daí todos ia corrigir... cada aluno ia lá no quadro fazer... às vezes tinha aluno que errava... o professor parava... fazia todo

mundo junto... via qual era a dificuldade... e acho que isso ajudou a fixar bastante... principalmente a tabuada *né*... mais ainda quando começa a trabalhar a divisão... a multiplicar... é constante *né* (acho que essa eu já vou matar...) ((risos)) ((que bom... treinou e valeu a pena...)) ((risos)) ((meu Deus)) é verdade... acho que era mais isso de conta... ah e material escolar... a gente sempre seguia a lista que o Sagrada passava... daí comprava aqueles materiais... acho que no Sagrada comparado a outras escolas... acho que a lista era imensa:: de coisas... comprar... principalmente esquadro *né* ... lembrando da Matemática... esquadro... tinha esquadro... tinha aquele redondo... circunferência... tinha transferidor... ((compasso acho que depois na quarta série ... esquadros)) então a gente teve esses materiais eram básicos... ((e usava)) e usava... ângulo *né* .. aprendemos muito bem ((quarta série *ahan*)) é daí na quarta série já começou essas coisas com réguas e tal... ((*ahan*)) e lembro bem que tinha esses materiais diferenciados... () que a gente comprava e tinha e usava ((era aquela mala carregadíssima *né*)) *uhun* ... não só os livros como muito lápis de cor também... pra destacar também *né* ... é acho que também sempre tive todos os materiais e gostei... tudo bem... ((tudo organizadinho)) tudo bem organizado... pra não ficar emprestando também... ((é ruim)) porque é ruim... ((ruído)) com relação a outra... eu gostava de emprestar praqueles que eram amigos... mas tinha gente que tinha mania de emprestar ... acho que nunca mais te devolvia e... ((risos)) coisa da gente acabava se perdendo lá... o pessoal... ((pedia doação e não emprestado)) ((risos)) essa bem que era chatinha mas... fui também sempre bem organizadinha com as minhas coisas... gostava de eu ir lá na loja escolher... não comprava coisa muito cara mas eu comprava o que eu gostava ((coisinhas bonitas)) bonitas assim... ((tudo decorado)) montava os cadernos tudo encapadinho ((tudo bonitinho)) tinha é... ((apontador coloridinho... borrachinhas coloridinhas)) *ahan* sempre ((risos)) que é menina *né* ((risos)) aí a tabuada... eu acho que também aprendi na prática e até assim os professores meio que OBRIGAVAM os alunos ... tinha que saber... aprendia-se lá ... a tabuada do dois era por etapa... não era tudo de uma vez... então se trabalhava a tabuada do dois... se aprendia do dois... depois ia pro quatro e ia aumentando... então a gente ficava decorando a tabuada... nessa época ainda... tinha na agenda... e acho que até a gente escrevia em folha ... na agenda até era meio pequeno... a gente escrevia a tabuada e... quando pra memorizar ficava falando repetindo... e tinha nos também *né* ((lápis de tabuada...)) ((você por acaso não lembra duma atividade que era o Triângulo de Condorcet? que pegava uma

folha ... tinha as tabuadas... por exemplo a do um... daí quando chegava na tabuada do cinco ela ia formando um triângulo...) eu lembro que... ((daí chegava na do dez ia até a metade ela ia conforme fosse a tabuada ela ia diminuindo porque era o triângulo que você tinha que memorizar... até a tabuada do cinco você tinha que memorizar todas ..daí os outros não porque tem a reversibilidade da tabuada ...essa atividade você não lembra?)) acho que devia fazer porque pelo nome eu lembrei... ((era...formava o desenho dum triângulo... tinham que memorizar aquele triângulo)) mas muito pouco assim... a maior parte da tabuada foi decorada ((foi decorada?)) ((porque esse triângulo eu lembro que eu fiz com vocês na segunda série)) não eu lembro assim... sabe... **vagamente... que eu cheguei a fazer isso... mas eu não consigo lembrar... o que era assim exatamente...** ((*uhun*)) mas quando disse Triângulo de Condorcet eu lembrei...mas eu não lembro como era a atividade assim...((a gente pintava acho que amarelo porque o cérebro memoriza tudo que é amarelo... *né*... eu acho que era amarelo que vocês pintaram... porque eu aprendi num curso da Prefeitura de Curitiba... daí eu apliquei com vocês e foi bem funcional)) é eu acho que deve ter ajudado bastante... porque tudo que era visual me ajudava ((ajudava... a tabuada é assustadora é muita coisa e...)) eu não usava a tabuada de agenda... não usava... de lápis que... eu achava muito pequenininha as letras... então acho que esse triângulo deve ter me ajudado assim... ((ela era de sulfite na horizontal daí era mimeografada... daí vocês pintavam e tinha que recortar o triângulo ...)) lembro vagamente assim... ((é eu lembro que trabalhei esse triângulo aí eu sempre gosto de perguntar pros meus alunos... lembram? porque é uma atividade que eu achei sempre que deu um bom retorno...)) *ahan* ((que eu gostaria que tivessem feito comigo na escola...))sim... ((mas não foi feito)) é de nome assim eu não consigo lembrar... lembrei do nome ... mas da atividade... ((você lembra de muita coisa)) ((risos)) ((materiais manipuláveis você lembra de todos)) tinha muito ((nossa isso é muito bom)) tabuada eu lembro que a gente ficava decorando mesmo... e hoje eu acho que os alunos tem preguiça mesmo... pra pensar... eles dão muito na mão ... ((e me diga uma coisa... você não falou até agora se usava os dedos pra contar...)) usava... tinha uma técnica... acho que era da tabuada do nove... que daí juntava... o oito... nove vezes nove acho que era oitenta e um ((mostra com as mãos)) juntava o da ponta tipo oito com um ((mostra com os dedos)) nove e zero dá o noventa ((mostra com as mãos)) do nove eu lembro que tinha a parte manual ((*ahan*)) os outros ... dois vezes quatro acho que valia se fosse

menor os números... tipo dois vezes três... aí quando já começava sete vezes oito aí não dava mais ((já não usava mais)) () acho que esses números altos eram decorados ... era mais fácil ((risos)) mas eu lembro que os alunos... a maioria dos alunos usava os dedos... ((você lembra se tomava a tabuada?)) tomava... bastante... então:: tinha as atividades... e assim tinha que chegar aqui sabendo a tabuada do dois... passava lá os dias estudando...aí você olhava ali... decorava... aí chegava na sala... eu lembro... cobrava:: falava um por um... perguntava... aleatoriamente... daí os alunos respondiam... gravava mais ainda... às vezes não lembrou... a gente esquecia... lembrava... aí aplicava a atividade... e pra lembrar as atividades ficava bem mais fácil quando você já sabia... ((daí automatiza né)) esquecia... um minuto... aí já travava ali... ((risos)) mas isso foi bem cobrado... por isso... assim acho que a gente decorou bem assim... e aplicou... mas no dedo eu lembro do nove... eu vou ter que ... ((risos)) ((como forma eu não lembro como é...que vai montando na mão o resultado da tabuada)) é ... *ahan*... ((eu tenho que retomar isso porque eu não lembro mais como é...)) é verdade... acho que isso ajuda assim... essas atividades práticas... sempre fica mais fácil... ((fica mais claro né)) *ahan*... ((na escola se faz o ábaco humano::)) é ... humano... ((a criança faz no lugar do ábaco... tão bonitinho... coloca as mãozinhas é... eles usam as mãozinhas pra fazer as trocas das dezenas... das unidades pelas dezenas... bonitinho...)) que tal... legal... ((humano)) acho que é interessante tudo... ((pra ajudar né... pras crianças aprenderem)) aprenderem de forma prática... acho que contribui... mais alguma coisa de tabuada que você queira perguntar... ((por enquanto não...)) aí comemoração dos feriados... eu adorava feriado... ficava em casa também... tentando para fazer alguma atividade diferente pra ... gostava de brincar... gostava muito de andar de bicicleta... brincar de boneca... então... minha mãe também ficava em casa porque é professora sempre tem dias ((de ficarem juntas)) ficar junto assim então... ((você desfilava no sete de setembro?)) desfilava... **mais desfilava pela creche... pela escola acho que desfilei um ano só...** que na creche sempre tinha algumas atividades diferentes:: ...((a tia Lolari inventava aqueles desfiles::)) é... ((temáticos... muito lindo...)) é ela ficava brava se a gente não participasse não... ((risos)) então:: ... ela já destinava o tema lá do livro e assim ... todos vestidos de livros... e o Sagrada também tinha ((tinha)) *ahan* ((teve até apresentação)) *ahan* ((viva o nosso amigo livro)) *ahan* ((você foi um livrinho?)) *ahan*... acho que eu fui ((risos)) ((bonitinho que era)) a gente entrava dentro do livro *né* ((eu tenho foto do Thales que ele foi o livro de Literatura)) ((risos))

((era bem pequenininho... dentro do livro ficou muito engraçado ... ficou um tantinho da perna dele pra fora... bonitinho)) comemoração dos feriados daí com relação às datas *né* que tinha na escola acho que era sempre trabalhado... sete de setembro...independência do Brasil... é sete de setembro... e o Tiradentes... ((ruído)) Páscoa... ((dia da árvore)) dia do índio *né* até quando tinha os dias temáticos lá... dos pais ... mãe sempre fazia apresentação:: ... e tal isso era bem elaborado por sinal ... festa junina... ((*ahan*)) então isso sempre tinha e eu sempre participava das festas juninas... acho que dancei sempre em todas ((risos)) ((que bom *né*)) ((risos)) então acho que era legal assim... tanto na escola como na creche aprendi bastante... tudo... dos feriados... das datas comemorativas então era sempre bem trabalhado... ((que jóia... boas lembranças)) é porque daí já tinha uma atividade diferente pra fazer naquele dia... era bom quando tinha dia de alguma coisa *né* ((claro que é)) dia da criança então... ((que ganha presente *né*)) lá na escola lá que tinha os brinquedos:: e cama elástica:: ((que coisa boa)) nossa era uma festa lá no Sagrada:: ((cama elástica... fila pra ir na cama elástica)) aqueles carrinhos de rolimã ((aquele chinelão que ia três naquele chinelão... a criançada agarrada.. muito engraçado))((risos)) pintura ... tinta ((é tinha umas coisas bem legais)) isso era muito divertido... a gente não via o dia... a hora que chegasse o lanche... bom ((risos)) ((melhor parte... bem isso mesmo)) falei... já entra aqui nas brincadeiras de criança... que a gente fazia lá... na escola... mas na escola não dava muito tempo... era mais acho que na Educação Física que era fazer uma atividade mais diferente ...brincar mesmo... acho que foi no Pré ... o brinquedo... tinha o dia do brinquedo ((é... verdade)) eu gostava de boneca... de desenhar assim... de desenhar... ((é)) ((risos)) ((que será que deu nisso *né*)) ((risos)) e...deixa eu ver que mais... ((foi uma criança muito intelectualizada... passou um período muito grande na escola ... você não teve essa questão de ... ah... vamos depois do almoço... juntar de ir para rua... brincar de alguma coisa... bater bola era só ir pra escola ... é o teu lugar era a escola...)) que nem como eu fiquei na creche a gente brincava ((brincava bastante... claro... com certeza)) é o tipo de coisas lúdicas... eu lembro tinha queimada ((e tinha umas oficinas também lá...)) tinha oficina lá ... eu acho que... eu acho que eu brinquei bastante assim em grupo *né* não essa coisa de brincar sozinha eu fazia em casa... às vezes com a minha prima a Gislaine brincava as duas mais ali... escola eram mais aquelas brincadeiras coletivas mesmo... de muita brincadeira de-de-de pega-pega ... brincadeira de correr assim... sabe... ((*uhun* gastar energia)) de esconde-

esconde igual essas coisas assim era o preferido... na minha idade que tinha uns dez anos acho... ((ruído)) queimada::... tudo que tinha na escola às vezes tinha também na creche... reproduzia também tinha bastante menina... a maioria era menina que ficava... aí aproveitava o tempo ((pra brincar)) brincar porque tinha também o intervalo do almoço... tinha dias da semana que era deixado lá só pra brincar *né* ... fazer esse tipo de atividade... então... acabei brincando bastante... ((bem divertido)) *ahan* ... e joguinho também... uma coisa que eu brinquei muito... até lá na creche tinha muitos jogos que eu lembro () Banco Imobiliário esses jogos aí da Estrela *né* esses na nossa época... **nossa pense...quando a gente pegava naquele dia de brincar e pegar esses jogos mesmo...** a maioria das brincadeiras eram... no espaço mesmo entre a gente... sem envolver muito brinquedo... determinado dia tinha que daí você podia pegar daí esses brinquedos ... de você brincar e daí era muito divertido... ((tinha pega vareta na tua época?)) tinha::... bastante... gostava... até hoje às vezes ((risos)) eu gosto ((gosta de brincar)) essas coisas de dominó também *né* jogava ((jogo da memória...jogo do mico...)) nossa:: bastante... principalmente na creche tinha muito disso... daí aproveitei acho que... ((aproveitou...)) *ahan*... aprendi me diverti ((que bom)) ((risos)) ((isso é muito legal *né* aprender divertindo)) daí a casa onde eu morava era na sua rua ... aquela rua que é cortada pelo meio... ninguém acha... ((risos)) ai também... é::... morava do lado da minha prima... então sempre tinha ela pra brincar...((e como era essa casa... de madeira de alvenaria)) era de alvenaria ... então quando eu era criança era uma meia água ... com o passar dos anos meus pais foram aumentando... então... ela tinha o meu quarto... tinha mais um quarto sobrando... o quarto dos meus pais... a cozinha ... sala é acho que uma boa estrutura assim... ((sempre morou na mesma casa)) sempre...desde que eu nasci ((desde que você nasceu foi a mesma casa)) *uhun*... ((tua mãe mora lá ainda)) mora ... e eu vou lá todo o dia ((risos)) ((todo o dia)) vou almoçar lá ((sério?)) é pertinho ((é pertinho é claro...)) às vezes meu pai também almoça em casa aí a gente almoça junto... daí era isso... eu sempre tive cachorro... desde que eu era pequeninha adorava cachorro ((ruído)) e gostava muito de bicho também ((risos)) às vezes criança dava uma de invocar lá... ah agora eu vou ter um porquinho da Índia ((risos)) aí eu tive um porquinho ... o porquinho morria... ai agora eu vou querer um hamster ((já ia pra outro bicho)) cachorro era ... sempre tinha... mas eu pegava sempre outros bichos ((outros bichos)) e pra... ((e gato teve)) gato eu nunca tive... meu pai sempre contava que tinha um gato... mas a

minha mãe não era muito... gato:: ela falava... ai gato é ... pode subir nas coisas ((risos)) e subir por cima assim de repente... ((é gato)) por ela ter esse receio nunca me incentivou assim a ter gato... que até na minha nona que às vezes eu ficava até quando eu não ia pra creche eu ficava na minha nona e ela também tinha gato assim... eu convivi também com ((com gato... eu gosto de gato... de tudo que é bichinho...)) então gostava bastante... ((ah bicho é tudo de bom... eu adoro bicho)) ((risos)) acho que pra criança é... ((você vê o Rodin todo o dia...)) todo o dia tadinho ((tá velhinho né)) aí ele não late mais pra mim assim pra Gislaïne... agora se tiver alguém... a Lorena... fora daí ele late ... ((daí ele é o valentão)) ((risos)) tem que latir ((nossa ...)) o Thales tava passeando com ele ontem... a gente foi no Cambuí ... o Leandro ... olha o Thales aí foi dar uma voltinha... ((risos)) acho que era mais isso assim... carro a gente demorou pra ter ... acho que foi ter carro quando eu já tinha uns oito anos ... então... nesse período é moto que tinha e assim tudo simples mas não faltava nada assim né ... claro que minha mãe fazendo de tudo pra dar as coisas que eu queria assim mas... dentro das possibilidades dela né ...uma coisa que sempre queria fazer desde pequena era fazer aula de música::de inglês essas coisas... mas ela não podia pagar ... trabalhava naquela época de atendente então... era difícil... a casa também tava em construção... aumentando uma peça... fazendo uma coisa ou outra... uma lá fora ((economia então)) é foi uma época bem mais difícil assim... eu tinha... nunca me faltou nada assim... não tinha muita regalia né... de dizer ...ah:: tal coisa tal coisa... sempre com muito esforço então valorizava muito isso dela ... **vi que ela ganhava pouco e quando ela podia se esforçava um monte pra comprar a tal da que eu queria muito... então dá ... fica...** ((você era bem tranquila também)) *ahan*... então... fazer birra com as coisas ou ficar doente...((risos)) é que já emenda na infância também... primeiro eu fui uma criança bem tranquila... gostava de estudar... ia pra creche... comecei a ir pra creche desde os meus dois anos... a mãe trabalhava na creche... então... me levava junto... aí fiquei lá até doze anos... que eu comecei a ir pra escola depois e outro período eu ia pra creche... ((não poderia mais ficar na creche)) até poderia... acho que até quinze anos... tem gente que ficou até quinze dezesseis anos ... mas aí chegou uma época que eu falei... não... agora eu vou ((não dá mais)) vou ficar em casa... era divertido... acho que... daí ficar em casa era melhor... porque daí eu podia fazer... foi uma época que começou mais atividades na escola... começou mais puxado... então... precisava de tempo pra fazer as minhas atividades... pra fazer em casa... e

eu ajudava a minha mãe em casa também... limpava ... lavava alguma louça pra ela ((os afazeres)) ajudava um pouco *né* ... *ahan* mais nisso ((marido de Michele ao telefone)) mas em relação à infância sempre foi bem tranquilo... ((menina bem boazinha)) *ahan* ... eu era bem quieta eu acho que até... ((bem quietinha... de poucas palavras)) eu acho que quando eu pegava amizade... quando eu tinha oportunidade... eu interagia... eu falava... eu me expressava... diante de situações novas eu ficava mais quietinha ((ficava analisando)) aí pais e irmãos... eu sou filha única... ((risos)) ((não tinha com quem dividir com quem brigar)) aí minha prima Gislaine que sempre fez esse papel... de irmã *né* porque ela morava do lado da minha casa ... a gente ia pra escola junto... chegava de tarde... a gente só estudou junto no primeiro ano ... depois no... acho que no Médio... que daí a gente acabou estudando junto... pelas movimentações acho que a irmã separava porque a gente é parente... o sobrenome *né* ... ela acabava separando a gente... mas teve um ano que a gente ficou junto e tal... mas a gente sempre fazia as atividades juntas *né*...era quase sempre as mesmas coisas assim... então ela fez esse papel de irmã ((de irmã... de dividir)) de brigar a gente brigava *né* ...não muito mas às vezes criança *né* () ((coisa de irmão *né*)) brigavam... às vezes a mesma atividade... gostava daí... que a gente brigava... mas aí em meia hora já tava lá ...((já tava tudo de bem *né*)) *ahan* ... e ... meus pais também foram bem tranquilos... minha mãe sempre foi mais... por estar na área da educação... me incentivar mais assim... e meu pai também me apoiava... mais reservadão assim... mas não participava tanto assim... então era mais minha mãe que pelo fato de ((estar envolvida com a escola)) estar envolvida e por ser menina... menina eu acho que sente um pouco mais ((mais apegada a mãe assim)) daí eu já ia pra creche com ela ... então eu sempre fui mais apegada a ela ... e mais era tranquilo assim... e até que série que eu estudei... eu estudei até a faculdade... ((fez especialização::*né* coisa boa)) já emendei daí a faculdade já no Ensino Médio que quis fazer e::... e fiz daí deu certo... ((e qual é a tua formação? É design)) é designer de produto ((de produto)) tem design gráfico que daí já parte pra parte visual... design moda que daí já é outra coisa também... e o meu já é designer de produto... focado no produto ((mais para móveis mesmo)) não necessariamente... mas pode até ser carro *né*... só que aí quem vai pra cá já faz especialização ... tem design de produto e daí faz especialização em eletrodoméstico... a gente teve na faculdade... trabalhou também com a parte de móveis... de interiores... com tudo quanto era material... assim... resina... essas

coisas... papelão papel algumas matérias de design visual pra deixar teu produto bonito é que eu não tinha noções de estética... de coisa bonita assim... e de moda também tivemos um pouquinho assim pra ter uma noção ... mas o foco era produto... desde projetar uma cadeira... um carro... uma moto uma bicicleta... ((veja que bacana)) foi um curso bem legal mesmo... pena que não tem tanto campo assim de trabalho né... pena que ninguém empata a vida por causa das empresas que tem em Curitiba ... uma área mais limitada difícil conseguir emprego assim *né* porque a maioria das empresas elas fazem produtos... tem designer ((*ahan*)) e estão dispostas... elas sabem que o design do produto é um diferencial ... está disposta a contratar uma equipe de designer pra desenvolver ... até terceirizando isso pra escritórios ((ah sim)) a maioria são escritórios de design que prestam serviços pra essas empresas e tal... ((veja só bom saber)) *uhun* ... pós que eu também fiz já... emendei que design de central de usuário que é focar ...projetar um produto praquele usuário... ((ruído)) bem bacana... ((risos)) ((imagino que deve ser bem)) que na parte de pesquisa... ((nossa)) você mesmo diz... a gente que estuda... pesquisa é tão importante *né* ... o principal foco da central de usuário é pesquisar quem é o usuário... projetar pra ele isso... ((muito legal)) minha profissão hoje eu sou formada em design de produto ... mas hoje eu trabalho com móveis ... já tenho mais noção de móveis... gosto disso... tanto na parte de projetar um móvel e organizar o espaço ... decoração legal assim também... e já estou há seis anos fazendo isso ((nossa)) até aproveitando aqui ... foi meu primeiro emprego ((e ficou... seis anos já)) seis anos já ((que bacana)) comecei a trabalhar lá ... no primeiro ano da faculdade e daí eu consegui entrar lá com a Lorena... com o Marcos meio dia e fui aprendendo... fui gostando... da área assim... então hoje eu acho que ((se identificou)) me identifiquei... tomara que eu goste bastante... ((nossa ... bom... mas então muito obrigada por sua entrevista ... foi um prazer falar com você... e conversamos num outro momento)) ((risos)) será um prazer... ((risos))

2ª Entrevista: 15/10/14

Duração: 28'49

Local: Residência da Entrevistadora

((Boa noite Michele::...))boa noite Anna...((vamos então dar sequência para a nossa segunda entrevista:: e nessa entrevista nós vamos completar alguns dados da

primeira entrevista)) *ok...*((você autoriza que essa entrevista seja gravada::)) *sim*((e depois transcrita...textualizada e tornada pública?)) *também...*((então vamos começar Michele... a primeira pergunta que eu tenho pra te fazer na verdade não é uma pergunta... eu queria que você desse uma olhadinha nessa caixa matemática que tem alguns objetos de matemática aqui dentro... e eu queria que você observasse quais desses objetos lembram:: os anos iniciais de escolarização::)) *ahan* ((na área de matemática... o que a tua professora do pré... da primeira... da segunda... usaram)) *uhun* ((e só confirmando um dado que você me falou por e-mail anteriormente... a tua professora de primeira série foi a Jucinéia...)) a Jucinéia ((conforme as fotos que você me encaminhou::)) *ahan* ((a Jucinéia é só isso que eu queria saber...)) ((risos)) ((então:: dá uma olhadinha nos objetos e veja o que lembra a matemática do tempo que você estudou)) *ahan* ((nos anos iniciais... pode ficar à vontade)) *ahan* ((ruído)) tem que ser necessariamente na escola... ((na escola:: na escola Anchieta...)) *tá ok...* ((o que você não usou na escola você pode descartar...)) ((ruído)) coisa mais fofa em EVA ((as coleções)) no nosso tempo não tinha ((risos)) ((essas eu ganhei dum colega ela foi para os Estados Unidos e trouxe)) de lá... ((*uhun*)) que tal ((que bonitinho *né*)) que fofo... ((ruído)) cliques eu lembro que eu utilizava:: só que não era em matemática ... é às vezes em atividade de colagem ... contar ou até como jogos... às vezes assim...sei lá ou acabava utilizando eles para fazer uma marcação ou alguma coisa ... fiz... teve uma participação pequena mas existiu ((*ahan*)) ((ruído)) isso aqui são caixinhas *né* ((são)) ((ruído))0 caixinhas eu lembro também que eu utilizei:: acho que foi também um pouco pra brincar de mercado:: pra montar sólidos e também pra montar alguns brinquedos assim... ((ruídos)) () ((ruído)) ((pode abrir fique tranquila)) ai... esse aqui é de unidade... dezena... centena...não igual a esse material assim com anotações mas eu lembro que eu usava... ((e como você usava esse material você lembra...)) era naquele... ai esqueci o nome... passava...colocava as pecinhas e encaixava... uma era de unidade outra era de dezena ou material dourado... é dourado...e aquele colorido que eu não lembro o nome de madeira ((*tá*)) e daí registros no caderno de matemática ou desenho () ((hoje a gente chama esse material de fichas escalonadas)) *hum...* e daí vai colocando em cima...((*ahan* vai fazendo a sobreposição)) *ahan* legal... desse aqui exatamente assim eu não lembro... ((ruído)) não tem problema de eu desarrumar... ((não... eu mexo nessa caixa matemática direto...mexo pra cá... mexo pra lá...nossa... eu adoro ela)) essa fita métrica aqui a

gente usava pra medir as crianças pra medir assim... ((pra medir as crianças...)) a professora tinha um ... acho que uma girafinha na sala ((e media as crianças)) e daí era feito no pé e na primeira que eu me lembro ((*ahan*)) **de cada tempo a gente ia lá e media na girafinha com a fita métrica... ((risos))** ((ah então ela fazia mais de uma vez por ano)) sim e anotava as medidas... ((usando como parâmetro a girafinha)) girafinha... não lembro exatamente se era girafa por ... mas a maioria das vezes era girafa que usava naquela época... agora algumas vezes já tem outros ((*ahan* outros)) outros bichinhos assim mas naquele tempo acho que era mais girafa ((ruído)) tampinha:: utilizava bastante pra contar várias atividades de matemática assim ... de contagem acho que de separar... ((fazer a separação e vocês classificavam)) é classificação ((separava por cores)) por cor ... a gente até levava de casa... os alunos ((a professora pedia)) *ahan* às vezes até fazia colagem com as tampinhas com a representação numérica lá ... com as tampinhas também ((com as tampinhas)) ((ruído)) esse aqui são fichas:: ((cartinhas)) cartinhas com ((pode tirar o elástico se você quiser)) com os detalhes de cada animal *né* não isso não tinha ((risos)) ((não tinha nenhum jogo parecido na sala?)) não...não lembro assim... ((nem pra trabalhar Língua Portuguesa não tinha)) ((ruído)) não tô lembrando também... acho que na minha época assim tinha poucos jogos... que nem esses assim ((esse joguinho é o Super Trunfo)) já ouvi falar...mas eu não sabia que ele era assim... ((pode ficar tranquila depois eu arrumo)) ((ruído)) elastiquinho ((risos)) eu usava no cabelo... mas não pra... ((mas não pra matemática)) ((risos)) pra matemática não ((risos)) acho que nem tinha desse tamanho no meu tempo ((tão miudinho)) ((ruído)) esse aqui era dinheirinho que tinha *né*... dinheirinho eu lembro que a gente usava também mais no pré... ((que que vocês faziam com o dinheirinho...)) acho que... brincava meio até que de mercado *né*...e daí a professora já levava o dinheirinho pronto... e distribuía pros alunos... daí ela organizava tipo dum mercado com vários produtinhos lá e tinha que ver ali comprar e daí tinha um caixa lá ((pra fazer as compras)) fazer as continhas pra ver quanto que sobrava quanto que era... mais nesse sentido assim... ((ruído)) búlica:: eu lembro que a gente às vezes levava pra escola pra brincar... mas não que a professora levasse acho... ((mas não pra trabalhar matemática)) não pra trabalhar matemática... esse aqui também não lembro... acho que não usava elástico também ((e pra amarrar o dinheirinho)) não... não... soltinho mesmo... dadinho a gente usava bastante dadinho... ((ruído)) tanto pra fazer continha no caderno:: quanto pra fazer algum joguinho:: entre os colegas

assim... ((usava dadinhos)) *uhun* até em alguns materiais da professora que eles distribuíam dadinho pra cada equipe... cada aluno e a gente aproveitava pra fazer alguma atividade assim... com eles também... ((ruído)) anotações no caderno:: ((*uhun* um registro *né*)) *ahan* ((ruído)) esse aqui também é dinheirinho... é acho que é mais dinheiro... esse também utilizava... **tanto que a professora escrevia quanto feito no computador...** ((ruído)) imitação de dinheiro ((é:)) ((risos)) ((dinheiro falso)) ((ruído)) ai essas letrinhas aqui acho que tinha bastante... ((ruído)) o no pré na primeira inclusive no pré ((ruído)) esse aqui também a gente usava pra fazer sequência numérica:: alguma coisa assim eu lembro que a gente brincava no chão com essas pecinhas porque no pré a gente começa a aprender a contar:: sequência dos números... então a professora dava a sequência ((ruído)) a gente sentava no chão em grupinhos as sequências tinha alunos que já chegavam já sabendo todos os números já tinha outros que sei lá às vezes esqueciam um no meio da sequência então... ((daí usava os números pra trabalhar)) *ahan* isso ((ruído)) deixa eu ver isso aqui:: ((ruído)) ((risos)) sonho de criança *né* eu adorava ganhar isso daqui esse brinquedinho pra brincar mas ... acho que ela não usava nada... ((bichinhos... adoro esses bichinhos)) a mãe que fala *né* criança lá brigam por... ((adoram os bichinhos)) é *ahan* ai esse é o que eu mais usei que eu mais usei na minha na minha época em todos os anos assim...muito muito mesmo...tanto pra montar os desenhos... mas sempre realçada a quantidade... ((sempre quantidade)) quantidade de palitos ...monte uma casinha... monte uma coisa e daí montava a casinha com palito via quantos palitos tinha ... às vezes até representação do número a gente fazia com o palito... () fazia o número quatro com o palitinho quanto... colocando a quantidade quatro palitos... separação por cor também...((e eles eram coloridos então)) eram coloridos ((e vocês agrupavam com macinhos como está aí?)) agrupávamos também ((amarravam elástico)) sim *ahan* tanto que você tinha perguntado do elástico aquela hora *né* eu nem... nos palitos sim mesmo... tanto que eu lembro que as primeiras contas que a gente aprendeu a fazer e o dois mais o três eram feitos ((eram feitos com palitos)) *ahan* ((era o material mais acessível)) *ahan* olha aqui tinha bastante na época então as professoras usavam colorido também já às vezes até pra diferenciar *né* mais fácil de visualizar ((*ahan*)) assim separado por cor ...minhas primeiras continhas foram através dos palitos bem mais fácil ((que bom *né*)) *uhun* ((ruído)) e às vezes tem bastante material mas acho que é a prefeitura nem sempre dispõe *né* pras professoras assim uma grande quantidade ((pois é))

((ruído)) esses aqui são... ((as maiores que não cabem junto com as outras)) ah tá ((por isso que elas ficaram aí)) as de milho daí ((*ahan*)) ((ruído)) ((daí na segunda série já usava)) *ahan* ((na segunda série...pro terceiro ano)) acho que é desse que eu lembro agora ((risos)) ((tem um aqui ó que eu deixei pra você ver se lembra alguma coisa desses)) ((ruído)) usava sim a gente representava no caderno e acho que às vezes também em folha grande que nem essa aqui... a professora fazia numa cartolina ((você não lembra se tinha um cartaz com pregas que vocês colocavam dentro os palitinhos?)) ah tinha também ((era o quadro valor lugar)) isso... ele era até tipo de tecido ((isso tinha de tecido na sala)) tinha ((acho que com plástico junto **... na frente ele tinha plástico transparente daí colocava os palitos**) **também *ahan*** esse tinha mesmo ((ruído)) ((*uhun*... perfeito... agora da caixa você já viu tudo tá... agora eu queria que você visse ... deixa eu puxar isso pra cá ... dessa caixa aqui ó)) ((ruído)) desse eu lembro também... trabalhava bastante ((ruído)) principalmente acho que no pré que daí a gente ia fazer a representação com as formas geométricas:: também pelo tamanho... comparar um menor com outro maior... circunferência... ((ruído)) ((*uhun*)) inclusive fazia no caderno... pegava () a pecinha ((e fazia o contorno)) *ahan* fazia o contorno e às vezes até brincava... brincava de montar a professora incentivava a montar... ah monte um carrinho utilizando as peças ... você fazia... ((brinquedinho)) até o encaixe das peças *uhun* ((certo)) existia bastante ((colorido bonito)) cheio de cores ((*ok* agora essa aqui ó)) ((ruído)) esse aqui é o que a gente muito usava:: ((risos)) no pré é usávamos bastante tanto a-a sem cor assim ((o dourado Material Dourado)) Material Dourado quanto essa colorida *ahan* ((Escala Cuisenàire)) Escala Cuisenàire ((bonitinha)) colorida ((vocês trabalharam bastante *né*...)) e pintava no caderno também inclusive o grandão ((é faziam do mesmo tamanho)) *ahan* esse fazia bastante ((risos)) ((pensei... vou levar a Escala porque a Michele citou)) *ahan* pessoalmente as trocas *né* de unidade de dezena de ir pra centena e tal ((vai fazendo associação com os tamanhos)) equivalência () ((isso é importante o que você falou da equivalência)) *ahan* ((das relações de equivalência... muito)) ((ruído)) ((então da caixa matemática:: nós já conversamos:: agora vou te fazer te mostrar umas imagens... tá... e vamos ver se essas imagens te lembram alguma... cena... da escola... esse aqui te lembra alguma coisa?)) é me lembra os recortes que a gente fazia de dobrar o papel ((*ahan*)) não exatamente esse desenho... mas me lembra muito da gente dobrar o papel e da gente fazer esses recortes que daí ele ia reproduzindo daí quando você

abria ficava tudo espelhado assim... simétrico... ((por...isso mesmo...era isso mesmo que eu queria que você falasse)) ((risos)) ((da simetria)) simetria ((e com outra dobradura você lembra do trabalho com outra dobradura... fazer dobradura de bichinho de casinha)) com tipo de recorte assim... ((não... dobradura)) ah dobradura bastante ((bastante dobradura e as outras dobraduras eram nas aulas de Arte ou elas eram nas aulas com a professora da sala)) acho que a maioria era da aula de Artes mesmo ((de Artes mesmo)) acho que na primeira... isso... já dava ênfase a muito disso... no pré eu não lembro se tinha Artes ou não... ((tinha)) tinha... é acho que no pré até a professora algumas vezes fazia atividades assim de dobradura ... não só de Artes mas também na primeira série que aumentava a quantidade de conteúdos... às vezes as professoras passavam e acabavam deixando ((mais pra Reni trabalhar)) *uhun* ((tá então)) inclusive na faculdade ((risos)) ((então hoje as crianças trabalham Matemática)) *uhun* ((com simetria ... agora vamos ver se essas pecinhas te lembram alguma coisa)) lembram... trapézio e o triângulo... não lembro se tinha alguma montagem... eu lembro desses formatos só ((*uhun*)) ((de algum bichinho assim não)) não ... talvez a professora até deu ... tentem fazer um bicho alguma coisa ou o barquinho ((o barquinho)) ((risos)) porque eles costumavam fazer isso bastante... entregavam as peças assim soltas e daí davam pro aluno *né façam e daí começava a brincar né e tá e ver o que formava* ((ia percebendo)) *ahan* ((muito bem... vamos ver as outras imagens... essas duas aqui ó)) ... se essa representação me lembra assim alguma coisa ((isso... se teve alguma coisa parecida assim na escola::)) sim... era representado dessa forma assim... contas de mais...de ...desse modo mesmo... certinho ((*uhun* Michele me fale uma coisa que eu queria te perguntar na outra entrevista e eu acabei esquecendo... vocês faziam prova real?)) ... ai fazíamos... inclusive com você... ((risos)) ((então... aqui é prova real... inclusive comigo)) ((risos)) agora que você falou de prova... eu olhei... a conta e não lembrei mas... agora que você falou em prova real eu lembrei que a gente fazia muito ((risos)) ((prova real ô meu Deus... então... ((muito bem... essa é a última imagem que eu quero te mostrar... tá... essa aqui ó se te lembra alguma coisa)) ai eu lembro disso ... não lembro o nome... acho que era... era a ... tabuada *né* ((tabuada)0 daí tem do nove e de todos os números... lembrei... tabuada... lembro que a gente tinha que fazer... ((o nome disso daí é tabela ou tábua pitagórica)) *uhun* ((que nós pintávamos ... vocês pintavam de uma cor ... eu não lembro também... mas eu acho que era de amarelo... só as tabuadas que vocês precisavam memorizar)) quando

você comentou aquele dia eu não lembrei... o que era... agora que você mostrou veio... eu lembrei... ((só que vocês faziam numa folha grande...)) grande... *ahan* ((no sulfite bem visual e na época nós usávamos um nome equivocado que nós havíamos aprendido num curso na prefeitura de Curitiba que era o triângulo de Condorcet que é outra coisa)) *ahan* ... ((não tem nada a ver com isso daí... nós não sabíamos... nós usávamos equivocadamente... mas era a tabela pitagórica que nós trabalhamos muito com vocês)) *hum*... quando você falou eu não lembrei que era assim de pintar... agora sim... o desenho exatamente do nome da tabuada e nessa linha daí eu lembrei... ((é isso que vocês faziam...)) *uhum* ((tá então essa é a última imagem agora eu...tenho duas perguntas pra fazer pra você... a primeira pergunta... você lembra dos nomes fora a Tânia você lembra de outros coleguinhas da primeira e da segunda série?)) lembro... você quer que eu cite... ((se você puder...lembrar e citar alguns...)) a Êmily... ((a Êmily)) o Fernando eu não lembro o sobrenome dele ((Potrchek)) é-é a Hannah... acho que a Hannah ((a Hannah foi na quarta série)) tinha a Alana Fabris... Mônica Gomes... tinha uns gêmeos que era o Willian e Cristian na minha sala de primeiro ano tinha muito gêmeos acho que tinha três gêmeos se eu não me engano ... se eu não tô enganada ((risos)) então tinha a Gislaine e a Janaína que estudou até o Ensino Médio elas ficaram ((*ahan*)) na mesma sala aí tinha esse Cristian e esse Willian que saíram já no segundo ano e tinha mais um gêmeo que eu não me lembro quem que era agora que eram três... ((eu de gêmeos tive a Janaína e a Gislaine só)) é aí ficaria mais um que eu lembro que eram três... tinha naquela época assim foi um ano meio... ((de gêmeos)) e daí caíram todos na mesma sala ((risos)) mas daí eu não lembro quem era... mas tinha a Mônica Gomes... a Gislaine minha prima que estudou comigo na primeira... daí na segunda série também tinha a Inaiá ((*uhun* a Inaiá)) a Adrielle Binhara ((*hum*)) ...acho que eram mais esses assim que eu lembro... dos que mais sentavam perto... ((você não lembra do Tiago?)) Tiago Dalagrana ... não... tinha um Leandro Dalagrana ((*ahan* o Leandro também foi meu aluno na quarta série era o Leandro)) *ahan* ((o Tiago foi na segunda... ele tinha um outro sobrenome era Dalagrana e um outro sobrenome)) **de nome assim eu não tô lembrada... mas por** foto... você viu *né* que eu te passei uma foto da primeira série... então se eu olhar lá... eu vou lembrar... ((ah sim na foto você pode lembrar...eu não percebi se ele tá ali no meio)) e tinha o Fernando Moura Leite ((tinha)) Fernandinho ((bem desembaraçado *né* tinha o Fábio também você lembra))ah... o Fábio...o Fábio José *né* ... sem falar que a gente

estudou até o Ensino Médio juntos... o Fábio... não lembro se ele estudou todos os anos comigo mas ... acho que ele estudou pré... primeira... depois ele pulou ((na segunda ele foi meu)) então na terceira e quarta eu já não lembro... mas também esse era o mico lá do Sagrada ((risos)) ((então agora a última pergunta para nós encerrarmos a entrevista tá)) () ((eu sei o significado... mas eu queria que você me explicasse pra eu fazer uma notinha de rodapé da entrevista... tá? Então eu queria que você me explicasse primeiro o que é adoleta e depois o que é pular elástico)) adoleta era um jogo:: cantado... essas brincadeiras cantadas... em que os alunos formavam um círculo e daí todos ficavam com as duas... com as palmas assim ((mostra as palmas viradas para cima)) levantadas... viradas pra cima ... daí um ia batendo na mão do outro... sobre a mão do outro... em círculo... e daí a gente ia batendo a mão... ia batendo ia batendo ia batendo e daí o último lá que não... o último quando acabava a música... não poderia deixar a pessoa bater na mão dele ((ahan)) agora se a pessoa batesse rápido na mão dele ele perdia o jogo... por exemplo ((entendi)) daí saía do jogo da ((vocês ficavam em círculo então...)) em círculo...geralmente começava com um grupo grande né... na medida que ia ((ia errando ia caindo fora...)) ahan ((tá... e agora pular elástico como que era)) pular elástico era hã... geralmente a gente precisava de quatro pra fazer... essa brincadeira... quando duas pessoas ficavam com os elásticos na-na cintura na altura da cintura pra baixo e daí os outros dois que acho que geralmente precisa de no mínimo três... daí uma pessoa tinha que fazer uma série de ... é:: como que posso dizer... de atividades com aquele elástico... então... primeiro era pular dentro do elástico... ficava em torno dessas duas pessoas... era só pular e ficava dentro do elástico... não podia se enroscar no elástico... encostar até podia... daí na segunda aí já dificultava um pouco... tinha que pular dentro... pular em cima do elástico:: ... e ele abaixava:: daí fazia uma sequência pra fora com a perna... pra dentro... então daí ia fazendo uma série de ... e ia aumentando o nível de dificuldade... se errasse e não conseguisse fazer... aí passava a vez pra outra pessoa e você tinha que ficar segurando o elástico... ((risos)) ((que divertido né)) é ((que coisa boa... então Michele querida eu quero agradecer muito essa entrevista... as duas entrevistas... então eu agora não vou mais fazer entrevista com você)) ((risos)) mas quando precisar é só... ((risos)) ((é bom né... então eu vou encerrar por aqui a entrevista... quero te agradecer muito... tá... muito obrigada... foi um prazer conversar com você...)) obrigada eu ((risos)) ((vou salvar aqui...

Bodas de trigo

A 1ª entrevista com Michele aconteceu em sua residência no dia 25/08/14, no horário das 20 h. Havíamos conversado desde janeiro através de rede social.

Resolvi desobedecer a ordem cronológica das entrevistas, por duas razões: a primeira é que gostaria de ouvir uma narrativa mais atual e o segundo é pelo fato de que somos vizinhas de condomínio, a entrevista poderia acontecer durante a noite, isso facilitou muito, pois Michele trabalha durante o dia e participa de atividades na igreja do bairro.

Assim que Michele chegou em casa, me avisou e me desloquei até seu apartamento. Recebeu-me muito bem e disponível para a entrevista. Apresentou-me seu marido Leandro que mostrou muita simpatia. Sentamos na sala de sua residência e lhe entreguei a carta de apresentação que foi lida pela depoente. Michele concordou prontamente e lhe apresentei 30 fichas em papel sulfite A4, fonte Arial 88 e 90, contendo os descritores necessários para a constituição da narrativa, com base nas mesmas fichas utilizadas na 1ª entrevista com o primeiro depoente. Relembrei-a que conversaríamos sobre a Matemática do período dos anos iniciais de escolarização.

Resolvi me acomodar a sua esquerda e posicionei o gravador a sua frente sobre a mesa. Solicitei que organizasse as fichas conforme a sequência que quisesse relatar e também caso não se sentisse confortável para falar sobre determinado tema, poderia separá-lo. Michele organizou-as em 3 grupos: escola, infância e dados pessoais. Surpreendeu-me com sua desenvoltura perante as fichas, pareceu-me algo tão natural a ela. Fotografei-a no momento da organização das fichas.

Em seguida reuniu-as e relatou-me que poderíamos iniciar a gravação. Liguei o gravador e começamos. Transcrevo a seguir, um trecho do diário de campo.

Fui invadida por um sentimento confuso, pois tive o prazer de lecionar para Michele por 3 anos consecutivos: na 2ª, na 3ª e na 4ª série, respectivamente, 1998, 1999 e 2000. Aquela menininha tranquila e estudiosa estava em minha frente na forma de uma mulher serena e comedida.

Michele relatou pausadamente facilitando a transcrição. Dissertou sobre todas as fichas. Como estudou paralelamente na creche e na escola, muitos comentários se fundem e precisei fazer a cisão durante o processo de textualização. Também comentou aspectos da rotina no Colégio Estadual Sagrada Família, durante o Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Contudo, a entrevista foi ótima.

Diário de Campo: 27/08/14.

Ao passo que relatava a sua experiência, rememoramos muitos fatos que vivenciamos juntas, ela como aluna, eu como sua professora. Juntas, podemos comemorar “bodas de trigo” e celebrar nossa união por 3 anos.

Michele lia mentalmente o descritor da ficha, olhava na direção da porta de um dos quartos e relatava o fato e em seguida a depositava sobre a mesa com a face voltada para baixo. Sempre sorrindo! Interferi muitas vezes, comentando os fatos e instigando-a a falar mais sobre o tema.

A entrevista durou pouco mais que 92 minutos e fluiu tão tranquilamente que nem nos demos conta do tempo. O único sinalizador que tivemos foi a mudança climática, pois quando cheguei em sua residência, a noite estava agradável e quente, quando saí chovia torrencialmente e trovejava. A despedida se deu através de um café maravilhoso com direito a apetitosas guloseimas e fiquei imensamente feliz com essa entrevista.

Embora o processo de transcrição tenha sido moroso, a fala pausada e audível de Michele foi facilitadora. Demorei em torno de 32 horas, intercalas no período de uma semana. Precisei fazer um trabalho bem seletivo, porque Michele relatou simultaneamente a Matemática da creche e da escola.

No momento da 1ª versão textualizada, organizei-a de acordo com a narração da depoente e percebi que na próxima entrevista deveria abordar algumas questões sobre o uso de alguns materiais manipuláveis mencionados, tais como palitos, o Material Dourado, a Escala Cuisenaire, o Tangram e os Blocos Lógicos. Também gostaria de apurar alguns dados mais precisos, como as operações, a prova real das

mesmas, o trabalho com a tabuada através da tabela pitagórica e que a depoente explicasse as brincadeiras adoleta e pular elástico com suas palavras.

No dia 01/10/14 encaminhei a versão textualizada e Michele me retornou no dia seguinte, solicitando que fizesse apenas uma correção, no nome do curso de Especialização. A 2ª entrevista aconteceu no dia 15/10/14, por opção da depoente. Propus que a última entrevista acontecesse em minha residência, pois seria interessante que Michele observasse alguns objetos que compõem a caixa matemática, um recurso portátil em que são armazenados materiais manipuláveis, utilizados durante os momentos de formação com as alfabetizadoras que participam do PNAIC.

Combinamos a entrevista para as 19h e 30 min. e um pouco antes do horário combinado telefonei para Michele que logo apareceu no local combinado, tranquila e sorridente. Pedi que se acomodasse na copa e logo iniciamos a entrevista. Liguei o gravador, em seguida, apresentei-lhe a caixa matemática e solicitei que tirasse os objetos dos recipientes, observasse-os e relembresse se eram utilizados na escola e a forma como foram trabalhados. Ressaltei que os objetos que não lembrassem o cotidiano escolar, poderiam ser descartados. Michele retirou-os, observou-os atentamente, depositou sobre a mesa e os comentou na seguinte sequência: cliques, fichas escalonadas, caixinhas de papelão, fita métrica, tampinhas de garrafa PET¹³, cartinhas do jogo “Super Trunfo”¹⁴, elásticos de cabelo e de dinheiro, cédulas de dinheiro, dados, letras e números em plástico, objetos de coleções em EVA¹⁵ e em plástico, bolinhas de gude e palitos coloridos de sorvete. Depois solicitei que observasse uma caixa de Blocos Lógicos e uma da Escala Cuisenaire. No áudio constam os ruídos dos objetos manipulados pela depoente.

Dando sequência, foram depositadas sobre a mesa uma dobradura, em folha sulfite, as pecinhas do Tangram, em EVA, cálculos de prova real e a tábua pitagórica em folha impressa. Para concluir a entrevista, solicitei que confirmasse o nome da professora da 1ª série e de alguns colegas, já que havia me encaminhado por meio de endereço eletrônico, algumas fotos do tempo de escola, e que explicasse com suas palavras o significado das brincadeiras “adoleta” e “pular elástico”,

¹³ Politereftalato de etileno, ou PET. http://pt.wikipedia.org/wiki/Politereftalato_de_etileno. Acesso em 23. Out. 2014.

¹⁴ O “Super Trunfo” é um jogo de cartas em que será o vencedor aquele que ficar com todas as cartas do baralho.

¹⁵ Sigla para o material confeccionado a partir dos elementos Espuma, Vinílica Acetinada. http://pt.wikipedia.org/wiki/Espuma_vin%C3%ADlica_acetinada. Acesso em 23. Out. 2014.

mencionadas na 1ª entrevista. Essa explicação encontra-se em nota de rodapé da versão textualizada. A seguir, apresento ao leitor, um trecho do diário de campo.

A 2ª entrevista foi muito tranquila. Um fato curioso foi que Michele me perguntou se era para relatar somente sobre a Escola Municipal Anchieta. Posteriormente, pensei em sua dificuldade em desmembrar os fatos da escola e da creche, já que frequentava simultaneamente duas instituições de ensino. As imagens utilizadas foram pertinentes no processo de trazer à tona determinados fatos. Muitas das lembranças são despertadas porque induzimos o depoente a rememorar-las, quer seja por intermédio de um questionamento, comentário ou ilustração, como foi o caso.

Diário de campo – 18/10/14

A entrevista teve a duração de pouco mais que 28 minutos e foi muito boa a experiência da utilização de objetos e imagens como dispositivo de lembranças. Fiquei muito satisfeita com o resultado da entrevista. Assim que fiz a transcrição, textualizei a versão final e a encaminhei para Michele, que retornou rapidamente com a aprovação do resultado.

No dia 13/11/14, estive na residência da depoente para que assinasse a carta de cessão. Apresento a seguir, a versão textualizada, ou seja, a narrativa de Michele.

Michele Laís Fracaro Iarek nasceu em Campo Largo – PR, no dia 27/02/1990. Possui Especialização em Design Centrado no Usuário, pela Universidade Positivo. (Conforme Registro de Identificação e entrevista em 25/08/14)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DA ENTREVISTA

Eu, MICHELE LAÍS FRACARO, portador (a) do RG 10.028.327-1, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas nesta entrevista a partir da versão final do texto redigido com base em minhas palavras.

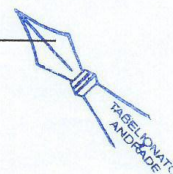
Esta autorização inclui o uso de todo o material transcrito da entrevista e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado desenvolvida por Anna Carolina Galhart, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.

Eu, MICHELE LAÍS FRACARO, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Curitiba, 05 de fevereiro de 2015.

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a): Michele Laís Fracaro

Assinatura da pesquisadora/entrevistadora: Anna Carolina Galhart



TABELIONATO ANDRADE - CAMPO LARGO - PR
 Tabela Florestina Andrade Stocco
 R. Rui Barbosa, 1050 - Fone: (41) 3291-1900

Reconheço a(s) firma(s) de:
 L3d1N1rW0J-MICHELE LAIS FRACARO.....
 por SEMELHANÇA; face a impossibilidade
 do signatário comparecer na Serventia.

Em testemunho da verdade,
 CAMPO LARGO, 05/02/2015.

014-TONE MARIN, TABELIONATO ANDRADE
 ESCRIVENTE

FUNARPEN - SELLO DIGITAL
 ZmBv6 . s4YG4 . mUJ2K - 1fnNN . ELbS
 Valide em <http://funarpen.com.br>

Ione Maria Pereira de Andrade
 Escrevente



ANEXO T
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO

ANNA CAROLINA GALHART

**“XIS”, OLHA A FOTO! RETRATOS DA ESCOLA EM GESTOS, POSES,
MOMENTOS**

Artigo apresentado como requisito para avaliação final da disciplina “Imagem e educação: possibilidades de uma pesquisa histórica”, sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Carneiro Antonio.

CURITIBA
2014

“XIS”, OLHA A FOTO! RETRATOS DA ESCOLA EM GESTOS, POSES, MOMENTOS

Anna Carolina Galhart¹⁶

Resumo:

Esse estudo compreende a leitura de imagens fotográficas, precisamente, fotografias escolares das instituições instaladas no prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, em Campo Largo – PR, compreendendo o período de 1950 a 2000. Com base no acervo de 30 fotos coletadas para a pesquisa de mestrado intitulada até o presente momento “Contas e contos, em vozes, encontros”, analisa as mudanças e permanências através de duas categorias de fotografias: arquitetura escolar e *flases* de turma, a partir das leituras realizadas durante a disciplina “Imagem e educação: possibilidades de uma pesquisa histórica”, ministrada pelo Prof. Dr. Ricardo Carneiro Antonio, durante o segundo semestre de 2014.

Palavras-chave: Leitura de imagens. Fotografias escolares. Prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família. Campo Largo – PR.

Introdução

Esse artigo é parte integrante da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática – PPGECM, da Universidade Federal do Paraná – UFPR, da linha de pesquisa Educação Matemática, intitulada até o presente momento “Contas e contos, em vozes, encontros”, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, cujo objeto de estudo propôs uma investigação a fim de constituir fontes narrativas sobre a Alfabetização em Matemática. Para alcançar essa proposta, utilizou-se da História Oral pela vertente temática, como metodologia de investigação, entrevistando os alunos, que estudaram nas cinco instituições de ensino, que contemplaram os anos iniciais do ensino fundamental, instaladas no prédio das Irmãs da Sagrada Família, em Campo Largo – PR, de 1930 a 2000: Colégio Santa Terezinha, Albino Augusto; Instituto Santa Terezinha, Zita Netzel; Escola de Aplicação Padre José de Anchieta,

16

Graduada em Letras Português Espanhol e Pedagogia com Especialização em Interdisciplinaridade na Escola e Literatura Brasileira

Alberto Bianco; Colégio Estadual Sagrada Família, Mônica Dalponte e Escola Municipal Anchieta, Michele Iarek.

Além das fontes orais, que foram transcritas e textualizadas, compuseram a pesquisa documentos e imagens. Buscou-se possibilitar uma interlocução entre as narrativas, a partir de uma leitura horizontal, à luz de um dos conceitos apresentados pelo pensador russo Mikhail Bakhtin: *exotopia*. A opção por fontes narrativas, orais e imagens, permitiu traçar um mapeamento acerca da Alfabetização em Matemática, em diferentes espaços e tempos, nas instituições escolares instaladas no prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, em seus noventa anos de história.

A partir de contato com alunos das respectivas escolas, através de rede social, endereço eletrônico e encontros, constitui-se um acervo de 30 imagens, das quais, oito foram analisadas. Abordou-se no texto, apenas a análise das imagens que retratam a arquitetura do prédio e os flashes de turma, a partir das leituras realizadas durante a disciplina “Imagem e educação: possibilidades de uma pesquisa histórica”, ministrada pelo Prof. Dr. Ricardo Carneiro Antonio, durante o segundo semestre de 2014.

O texto cujo título é “‘Xis’: olha a foto! Retratos da escola em gestos, poses, momentos” foi estruturado em quatro subtítulos: o primeiro, “A leitura de imagens”, em que se apresentou os textos de referência para a pesquisa, tais como Aumont (1993), Kossoy (1998), Souza (2001), Burke (2004), Joly (2010), Bencostta; Lima e Carvalho(2011); o segundo, “O cenário das imagens – narrativas”, situou-se o leitor em um resumo do histórico das escolas instaladas no prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família”; o terceiro, “Um olhar *exotópico* sobre as imagens”, apontou-se o referencial teórico utilizado para a análise das imagens, a partir de um dos conceitos-chave dos estudos do pensador russo Mikhail Bakhtin, *exotopia*; e o quarto, o título desse estudo, em que se buscou uma análise de oito fotografias selecionadas.

Para esse artigo foram utilizadas fotos a partir da década de 50, já que anteriormente a essa data, não se encontrou registro fotográfico. Na análise da categoria arquitetura do prédio não haverá uma discussão aprofundada sobre aspectos arquitetônicos e sim apenas uma visão generalizada, próxima do senso comum. Na sequência será apresentado um texto que subsidiou o estudo das imagens como fonte historiográfica.

A leitura de imagens

Nas próximas linhas buscou-se propor um olhar em torno de dois eixos: o que é uma imagem e como as imagens possibilitaram retratar o espaço da escola. Para contemplar essa discussão, estabeleceu-se um diálogo com alguns dos textos que foram lidos durante o primeiro semestre.

Primeiramente precisa-se saber: o que é uma imagem? Uma imagem é uma fonte narrativa, porque traz consigo histórias, momentos, descrições e fatos, possibilitando ao interlocutor o que Souza, 2001, definiu como “alfabetização do olhar”, pois invoca as narrativas de cada sujeito leitor e apreciador da mesma. Particularmente, a fotografia, como narrativa de memória, exige um repertório narrativo. Eis o grande desafio da pesquisa que se apropria das imagens como fonte: incitar no espectador o seu repertório narrativo.

Os resultados podem ser vistos nos estudos que utilizam fontes cada vez mais inovadoras, merecedoras de destacada importância, responsáveis por apresentar atores, abordagens e problemáticas originárias de diferentes campos do conhecimento que alcançam narrativas ricas em elucidações dentro do processo de construção histórica (BENCOSTTA, 2011, p.398).

As imagens, ao longo da trajetória humana, desde os primórdios, através de nossos ancestrais, ilustram os vestígios do passado, a cultura, o cotidiano, as angústias e as reflexões, impressas nas cavernas, muito antes da tecnologia da escrita, às pinturas e esculturas e suas múltiplas formas de expressão que o trabalho artesanal e os recursos tecnológicos podem proporcionar. As imagens, cujo foco de estudo já foi mencionado nesse texto, diz respeito à fotografia.

A fotografia, como testemunha de um evento histórico pode ser um material de apoio para os registros de memória. Retratam os modos de ser de determinadas culturas em tempos e espaços distintos. A partir da observação dessas fontes conseguimos perceber fatos e épocas. Toda imagem requer um olhar crítico pois instaura uma memória, possibilita leituras e identidades.

A representação fotográfica não corresponde necessariamente à verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência. Suas informações se abrem às diferentes “leituras” que cada receptor dela faz um dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações (KOSSOY,1998,

p.38). O referente que foi fotografado estava na frente da câmera, logo a cena retrata um momento. Como um instrumento de comunicação entre as pessoas, a imagem também pode servir de instrumento de intercessão entre o homem e o próprio mundo (JOLY, 2010, p.59), porque possibilitou imaginar o passado e colocar-se “face a face com a história” (BURKE, 2004, p.17). Entretanto, como a fotografia passou a retratar a história?

Para os historiadores do início do século XX, a familiaridade com as imagens foi constituída, em grande parte, pelos seus usos nos museus (LIMA; CARVALHO, 2011, p.37). Ao longo do século XX, o aprimoramento das lentes, o aumento da sensibilidade dos filmes, a agilidade das pequenas câmeras e a possibilidade do instantâneo instrumentalizaram circuitos como o fotojornalismo e as ciências, inclusive a Sociologia e a Antropologia, que faziam uso técnico da fotografia. No Brasil, a preocupação com o patrimônio fotográfico brasileiro, que começava a despertar interesse de colecionadores estrangeiros, impulsionou atividades de mapeamento que culminaram em descobertas de coleções. Essas iniciativas alcançaram um *boom* extraordinário entre meados dos anos 1970 e 1980. A partir dos anos 1990, o interesse de historiadores, antropólogos e sociólogos pela fotografia alargou-se (*Ibid.id.* p.39-41).

No âmbito da escola, as fotografias difundiram-se no início do século XX, sendo os mais comuns, os retratos de classe, cujo fim seria meramente comercial, entretanto, essa forma de recordar a escola atrelou-se ao valor social que as instituições escolares passaram a assumir. Os pais ou responsáveis pelas crianças são o público-alvo para o consumo desse tipo de fotografia que para muitos faz parte do álbum de família (SOUZA, 2001, p.80).

O espectador, ao contemplar a imagem, assume uma função primordial como leitor da imagem e do que possa representar, ao identificar e rememorar os vestígios do passado representados nos signos que constituem cenas de tempos e espaços. “Compreende-se por que esse papel do espectador é tão central para a teoria de Gombrich: é ele quem faz a imagem” (AUMONT, 1993, p. 90).

Em certo sentido, podemos afirmar que tais registros são objetos culturais que guardam fortes vínculos entre a memória dos personagens da escola e a memória da própria instituição, visto que enquanto documentos, essas fotografias se consistem em testemunho e representação da escola primária em determinada época, pois revelam a um só tempo o modo de ser, mas também o de se conceber a

escola; além de revelar formas determinadas de os sujeitos se comportarem e representarem seus papéis – professor, aluno, classe etc. Elas trazem informações sobre a cultura (BENCOSTTA, 2011, p.400).

Possibilitou-se uma discussão acerca da relevância da imagem, no caso a fotografia escolar, como patrimônio historiográfico, pois a mesma retrata um tempo e um espaço vivido. A seguir, expõe-se um breve histórico das instituições que abrigaram as cenas que serão discutidas na última parte desse artigo.

O cenário das imagens – narrativas

A história das instituições que foram instaladas no prédio da Congregação da Associação Família de Maria tem início em 15 de janeiro de 1925, através do trabalho da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, Irmã Úrsula Przydrozna, que atuava como supervisora; Irmã Filomena Kosidocki, na época, diretora e regente do 3º e 4º ano; Ladislava Bodnar, professora do 2º ano; Irmã Sofia Raluch, organista e regente do 1º ano e como havia muitos poloneses em Campo Largo, logo a Irmã Anastácia foi designada para lecionar o idioma.

Campo Largo tem suas origens a partir do ciclo do ouro no Paraná e pelo desenvolvimento da pecuária, em meados do século XVI, como pouso dos tropeiros que vinham de Viamão, no Rio Grande do Sul e seguiam até Sorocaba em São Paulo. Em 1819, o Capitão João Antônio da Costa doou parte de sua propriedade para a colonização, que posteriormente venha a ser influenciada pelos italianos e poloneses. Oficialmente o município de Campo Largo foi desmembrado de Curitiba na data de 23 de fevereiro de 1871. O mapa que segue, localiza o município de Campo Largo na região metropolitana de Curitiba, no estado do Paraná.

Figura 1- Campo Largo no estado do Paraná¹⁷



Fonte: A Autora (2014)

A Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família foi fundada pelo Sacerdote polonês, canonizado no dia 11 de outubro de 2009, **Zygmunt Felinski**, em Petersburgo, na Rússia, no dia 27 de dezembro de 1857. Em 1906 a Congregação chega ao Brasil instalando-se em Paranaguá e em 1911 regressam a Curitiba.

As aulas ministradas pelas Irmãs aconteciam na residência do vigário, Padre Ladislau Kula ofertando o ensino particular. Por cinco anos enfrentaram dificuldades, pois as famílias não tinham condições de custear as mensalidades. A fim de melhor atender a comunidade escolar, foi efetuado um empréstimo dos colonos da região para que se adquirisse uma casa, onde hoje está o prédio da Congregação, entretanto a casa era pequena e não comportava o número de alunos. Após cinco meses a casa foi reformada e recebeu o nome de Colégio Santa Terezinha. Em seguida, as Irmãs e abriram um internato, para que as crianças aprendessem atividades manuais e pintura, sob a direção da Irmã Tereza Rebacky.

Em plena Segunda Guerra Mundial, no ano de 1939 , as Irmãs enfrentaram muitas dificuldades, chegando a passar fome. Os alunos foram transferidos para o Grupo Escolar Macedo Soares, permanecendo apenas 25 crianças e as internas. O Prefeito Antonio Gabardo aconselhou que as Irmãs a fechassem o Colégio, todavia o vigário Aloísio Domanski as incentivou para que prosseguissem. A Assistência Social de Curitiba solicitou que aproximadamente 100 crianças fossem assistidas e

¹⁷ Figura em tamanho reduzido. Disponível em <https://www.google.com.br/searchq=mapa+de+campo+largo+no+estado+do+parana>. Acesso em 30.set.2014.

com isso surge a necessidade de ampliação das salas para melhor atendê-las. Em 1942 o Colégio Santa Terezinha passa a se chamar Instituto Santa Terezinha.

Logo surge a necessidade de se construir um Ginásio no município, e apesar das dificuldades e a desaprovação da Superiora do Colégio Sagrada Família, em Curitiba, as Irmãs contavam com o apoio do Prefeito Joaquim Ribas de Andrade, do vigário Monsenhor Aloísio Domanski e do Vereador Pedro Sovierzoski, que juntamente com a Madre Superiora Irmã Regina Kachinski percorreram as Colônias Dom Pedro, Cristina e Figueiredo e conseguiram empréstimo para a construção. Concomitantemente, a Irmã Cristina Iubel foi a responsável pela elaboração do plano curricular e do processo escolar para a devida aprovação. O senhor Pedro Sovierzoski pagava os operários da construção e auxiliava a carregar os carrinhos de areia e tijolos. Assim que a antiga casa foi derrubada, iniciou-se a construção. Em 03 de março de 1947 foi lançada a pedra fundamental para a realização do sonho de um ginásio em Campo Largo. No dia 15 de março iniciaram as aulas, ministradas no Clube Polonês. As obras foram concluídas em 1949. A imagem retrata o trajeto das Irmãs e dos alunos até os espaços em que aconteciam as aulas durante a construção do prédio.

Figura 2 – Trajeto entre as escolas¹⁸



Fonte: A Autora (2014)

Em 1958 o Ginásio foi estadualizado sendo denominado Ginásio Estadual Sagrada Família. Anteriormente, e a fim de que os alunos pudessem continuar os estudos, em 23 de fevereiro de 1956, pelo Decreto nº 543, assinado pelo

¹⁸ Figura em tamanho reduzido. Disponível em [https://www.google.com.br/maps/search/Col%C3%A9gio+Sagrada+Fam%](https://www.google.com.br/maps/search/Col%C3%A9gio+Sagrada+Fam%20). Acesso em 30. Set. 2014.

Governador Moisés Lupion, foi criada a Escola Normal Secundária Padre José de Anchieta.

Logo após essa instalação, houve a necessidade de uma escola para que as normalistas pudessem fazer a prática de ensino, sendo criada a Escola de Aplicação Padre José de Anchieta, que funcionava na casa das Irmãs, como Instituto Santa Terezinha, onde centenas de crianças receberam ensino primário e religioso.

No ano de 1967, a Escola de Aplicação, sob a direção da Irmã Regina, contava com 113 alunos, os quais tinham como professoras regentes as Irmãs Isidora, Lucila, Anete e Regina. A partir de 14 de fevereiro de 1958, de acordo com o Decreto nº 14.728, publicado no Diário Oficial do Estado do Paraná de 1º de março de 1958 começa a funcionar a Escola de Aplicação Padre José de Anchieta.

Buscou-se apresentar ao leitor, um breve histórico sobre a construção do prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, espaço em que foram instaladas as instituições de ensino retratadas em algumas das imagens propostas. A seguir, em linhas gerais exhibe-se o conceito-chave da teoria de Mikhail Bakhtin, *exotopia*, o qual fundamentou a análise das fotografias escolares.

Um olhar *exotópico* sobre as imagens

A análise das fotografias selecionadas se dará com base em um dos conceitos-chave da teoria do pensador russo Mikhail Bakhtin (1895 – 1975), *exotopia*. Entende-se por *exotopia* como um conceito de Bakhtin que tem relação com tempo e espaço e refere-se à atividade criadora em geral – inicialmente à atividade estética posteriormente à atividade da pesquisa em Ciências Humanas.

O conceito de *exotopia* pauta-se no que Bakhtin denominou de *excedente da visão humana*, pois “quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são excessivamente vividos por nós dois, não coincidem” (BAKHTIN, 2011, p.43).

Para Bakhtin, o contemplador tende a tornar-se o autor. Mas esta abordagem não corresponde ao desígnio original, deliberado, da confissão; ela pode ocorrer, porque, de fato, qualquer documento (ou ato) humano pode ser objeto de uma

percepção artística, mesmo uma simples representação infantil (TEZZA, 2011, p. 252).

Do mesmo modo, o conceito de *exotopia* designa uma relação de tensão entre pelo menos dois lugares: o do sujeito que vive e olha de onde vive, e daquele que, estando de fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro. A criação estética ou de pesquisa implica sempre um movimento duplo: o de tentar enxergar com os olhos do outro e o de retornar à exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar: sua posição singular e única num dado contexto e os valores que ali afirma (AMORIM, 2012, p.101-2).

O meu horizonte é o espaço que está em minha frente, vejo-o até onde minha visão alcança, está inacabado, não vejo seu fim. O leitor e contemplador da imagem é “um componente externo da obra, é, em última instância, o leitor” (TEZZA, 2005, p.213).

A análise das imagens que seguem tem como base o olhar *exotópico* proposto por Bakhtin. Nas imagens 1 a 6 será contemplada a leitura da espectadora/autora do texto e nas imagens 7 e 8, também a leitura de retratados.

“Xis”, olha a foto! Retratos da escola em gestos, poses, momentos

As fotos que seguem fazem parte do acervo de 30 imagens coletadas para a pesquisa de Mestrado. Das oito imagens selecionadas, apenas a figura 7 foi digitalizada e se mantém na medida original. As demais encontram-se disponíveis no site do Colégio Estadual Sagrada Família¹⁹. Exceto a figura 6, que foi reduzida, as demais preservam as mesmas medidas do site. As fotos apresentadas não apresentam data, objetivo e autoria e foram analisadas em duas categorias: arquitetura do prédio e *flashes* de turma, sendo que cada categoria foi ilustrada com quatro imagens, em torno dos eixos, mudanças e permanências e seguindo uma ordem cronológica para a apresentação. A leitura das mesmas pauta-se no histórico das instituições e também através do auxílio dos depoentes da pesquisa que atuaram como recordadores.

¹⁹Colégio Estadual Sagrada Família. Disponível em: <http://www.clgsagradafamilia.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/3/420/19/arquivos/File/pppcesf.pdf>. Acesso em 27. Set. 2014.

a) Arquitetura do prédio

A primeira categoria analisada está acerca da arquitetura do prédio. Mencionou-se anteriormente que esta análise não entrou nos méritos de observação de influências arquitetônicas na projeção e construção do prédio, visto que tal feito se deu com poucos recursos financeiros.

Conforme já se apresentou no breve histórico das instituições instaladas no prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, o primeiro prédio construído, que abrigou as escolas Instituto Santa Terezinha, Ginásio Sagrada Família e Escola Normal Secundária Padre José de Anchieta concluiu suas obras no início da década de 50. Construído na Rua XV de Novembro, 1775, em frente à Praça Capitão João Antonio da Costa, onde se encontra a Fonte da Saudade, o Chafariz, ponto turístico de Campo Largo, onde segundo os antepassados, D. Pedro II matou a sua sede.

Figura 3 – O antigo prédio



Fonte: A Autora (2014)

O majestoso convento que se impõe, no alto da praça foi construído com o sacrifício das Irmãs, dos professores e a generosidade do povo campo-larguense. Reza a lenda que a estrutura do prédio foi cimentada com o suor e as lágrimas das Irmãs, que nos finais de semana carregavam os carrinhos contendo areia, pedra e tijolos e em cujas paredes erguidas, foram depositadas medalhas de santos, misturadas com o cimento.

O antigo prédio apresentava arquitetura colonial, similar a uma casa de engenho, com sótão, portas e janelas em arco. Não era murado. Nesse espaço foram instaladas as escolas e residiam as Irmãs. A foto, figura 3, provavelmente, inclusive pela coloração, em preto e branco, pela paisagem ao redor e pelos registros em que se encontra, seja do início da década de 50, pouco após a construção.

Na figura 4, há a presença do corpo de alunas, pois na observação, visualizamos um grupo feminino no desfile cívico de 7 de Setembro, porque somente nessa data ocorriam desfiles. As alunas, de faixa etária próxima, provavelmente da Escola Normal e do Ginásio, usavam o uniforme da época, saia ou agasalho em azul-marinho, camisa branca, meias e calçados brancos. O momento é de dispersão, já que se encontram na descida da Rua XV de Novembro.

Embora a Rua XV de Novembro não tivesse sido asfaltada, há indicadores marcantes de que a foto tenha sido registrada nos primeiros anos da década de 70: a coloração rósea da fotografia, diferente do preto e branco da imagem anterior, o comprimento das saias, os penteados dos cabelos com laquê, o muro, que na foto anterior não existia e a construção do novo prédio que se projeta ao lado do antigo, marcando na sequência um novo colégio que se estrutura como modelo de educação na sociedade campo-larguense: o Colégio Estadual Sagrada Família

Figura 4 – Desfile Cívico de 7 de Setembro



Fonte: A Autora (2014)

Na figura 5, também, possivelmente do início da década de 70, o novo prédio em construção, moderno, com janelas e portas retangulares em três pavimentos e

sótão, furta o espaço do antigo prédio, que ainda conserva parte de sua estrutura original, no ambiente da biblioteca, na secretaria, na residência das Irmãs e no pátio interno.

Figuras 5 e 6 – O prédio atual



Fonte: A Autora (2014)

A Rua Engenheiro Tourinho sem asfalto e as eugênias que sombreiam a Praça Capitão João Antônio da Costa ainda eram árvores jovens, agora frondosas, como se percebe na figura 6, do início do século XXI. Após a reforma, o prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família é ampliado. A arquitetura é similar aos conventos da Congregação. No alto do prédio, acima da porta principal, a imagem da Sagrada Família que abençoa os transeuntes.

b) *Flashes* de turma

A segunda categoria analisada diz respeito às fotos de *flashes* de turma. A foto a seguir, provavelmente foi retratada após a inauguração do prédio, em 1950, pela coloração em preto e branco, vestimentas, pelo número de pessoas e pela estrutura do prédio. Nessa época havia somente cinco professoras, apenas uma não era Irmã da Congregação, quatro turmas e menos de 100 alunos, já que abrigava apenas o Instituto Santa Terezinha que ofertava o ensino primário.

A maioria das crianças estão sentadas no gramado e as professoras em pé. O que representa é que a foto foi tirada antes ou após a pose, pois não há uma organização.

Figura 7 – Alunos na década de 50

Fonte: A Autora (2014)

A próxima imagem é uma foto de pose para o convite de Formatura do curso Normal em 1968. Algumas alunas estão em pé, juntamente com o corpo docente, Irmã Beatriz, Professor Antonio Cicarino Pereira, o Professor Tito e Irmã Fabíola. As demais sentadas na grama da praça Capitão João Antônio da Costa. As normalistas usavam o uniforme: saia, camisa e algumas a gravata.

Figura 8 – Foto de formatura

Fonte: A Autora (2014)

Figura 9 – 1ª série 1997**Fonte: A Autora (2014)**

A turminha de 1ª série posa para um registro de recordação, no último dia de regência da estagiária Marina Kuroski. Os alunos estão dispostos nos degraus, a partir da própria organização dos mesmos, todos uniformizados.

Alguns olham para a câmera, e sorriem, outros para outra direção inclusive alguns fazem pose, levando as mãos à face, no alto da cabeça, cruzando os braços, aconchegando-se na colega ao lado ou segurando o corrimão. A professora e a estagiária estão no alto da escada, também sentadas.

A turma foi clicada pela estagiária de outra turma, conhecida das crianças. A foto data de abril de 97, conforme o verso da foto.

O colorido da foto possibilita ao leitor uma leitura das expressões dos atores envolvidos. Graças a esse recurso, pormenores são percebidos, tal como o piscar dos olhos e detalhe da calça rasgada do menino da primeira fileira.

A figura 10 e última foto apresentada nesse artigo, é um instantâneo da era digital. Essa foto é atípica. Enquanto a professora recolhia os alunos, provavelmente no retorno do intervalo de recreio, pois não visualizamos mochilas, houve o instantâneo. Provavelmente é a última turma que se posicionava em fileira no pátio, porque a diretora Irmã Dolores sobe junto, como é usual.

Figura 10 – Turma da Profª Rosângela



Fonte: Folha de Campo Largo – 15/10/2014

A expressão dos envolvidos aponta que a partir da solicitação do fotógrafo, todos se voltam para o *flash* daquele momento. Embora uniformizados, vestem-se com roupas quentes, indicando um dia de frio. Nem todos os alunos são retratados. Uma das crianças se cobre com o braço, outra faz pose, uma acena, alguns miram curiosos e a última criança à esquerda, no canto da foto, olha apreensiva a diretora, que se posiciona seriamente, como é de seu perfil. Raras são as fotos de Irmã Dolores com alunos. Essa imagem foi disponibilizada pelo jornal local “Folha de Campo Largo”, na data de 15/10/2014, em homenagem ao Dia dos Professores.

Considerações Finais

O artigo teve como propósito apresentar retratos escolares em poses, gestos e momentos distintos. Primeiramente houve uma discussão sobre imagem, mais precisamente, a imagem fotográfica, à luz das leituras realizadas durante o primeiro semestre, no curso da disciplina “Imagem e educação: possibilidades de uma pesquisa histórica”, ministrada pelo Prof. Dr. Ricardo Carneiro Antonio, com base nos autores Aumont (1993), Kossoy (1998), Souza (2001), Burke (2004), Joly (2010), Bencostta; Lima e Carvalho (2011). Posteriormente, situou-se o leitor através de um resumo das escolas instaladas no prédio da Congregação das Irmãs da Sagrada Família”

Finalmente, a partir da análise de um dos conceitos-chave da teoria do pensador russo Mikhail Bakhtin, *exotopia*, que consiste que o horizonte de cada um só encontra um acabamento a partir do olhar do outro, no caso, o espectador da imagem, de fotos, a partir da década de 50, organizadas em duas categorias, arquitetura do prédio e *flashes* de turma.

As imagens retratadas são fonte de uma realidade vivida, de um passado presenciado, o qual possibilita leituras de um determinado tempo e um certo espaço. As leituras são múltiplas, pois dependem do olhar do outro e de seu referencial de leitura.

A pesquisa não se finda. Instiga o espectador a recordar épocas, a compor cenas e a buscar fontes que dialoguem com essas imagens e permitam reconstituir a história, através de vestígios impressos em fatos, em fontes guardadas em álbuns, gavetas e arquivos, muitas vezes esquecidas e que tem muito a revelar. E que não fique somente na proposta.

A análise da imagem fotográfica implica na leitura do retratado ao reconhecer-se na cena, na leitura do fotógrafo, na intenção do registro, na leitura do espectador ao deparar-se com a pose retratada e na leitura do historiador ao encontrar na fonte o objeto historiográfico.

Percebeu-se nesse exercício que muitos aspectos mudaram e outros permaneceram. Entretanto todas as cenas conservam-se congelados no tempo até o encontro de um olhar que exceda a sua visão e o transporte para a realidade vivida.

Referências bibliográficas:

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In.: BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2012. (p. 95-113)

AUMONT, J. **A imagem**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papyrus, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENCOSTTA, M.L. **Memória e cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba**. História (São Paulo) v.30, n.1, p.397-411, jan/jun 2011.

BURKE, P. **Testemunha ocular**. História e imagem. Tradução Vera Maria Xavier Santos. Bauru: Edusc, 2004.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Tradução Marina Appenzeller. 14ed. Campinas: Papyrus, 2010. (Coleção Ofício Arte e Forma)

KOSSOY, B. **Estética, Memória e Ideologia Fotográficas**. In.: Acervo. Rio de Janeiro. V. 6. Nº 1-2. P. 163-170, jan/dez 1993 – p. 15 – 24.

LIMA, S.F.; CARVALHO, V.C. Usos sociais e historiográficos. In.: PINSKI, C.B.; LUCA, T.R. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, R.F. **Fotografias escolares: a leitura de imagem na história da escola primária**. Educar, Curitiba, n.18, p.75-101. 2001. Editora da UFPR. Disponível em

TEZZA, Cristóvão. Sobre o autor e o herói – um roteiro de leitura. In. CASTRO, Gilberto; FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. **Diálogos com Bakhtin**. 4 ed. Curitiba: UFPR, 2011.(p. 231 – 256)

TEZZA, Cristóvão. A construção das vozes no romance. In.: BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. (p. 209-217)

Histórico das escolas do prédio. Disponível em:
<http://www.clqsagradafamilia.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/3/420/19/arquivos/File/pppcesf.pdf> Acesso em 27. set. 2014.

ANEXO U

CAMPEÃO, 2006, em sua Dissertação “Um estudo de caso sobre as instituições educativas: o Colégio São José/ Montenegro/RS”, no âmbito da História da Educação, analisa os fatos que transformaram uma instituição confessional católica em uma instituição comunitária, a primeira desse modelo no Rio Grande do Sul, no período de 1970 a 1996, responsável pela formação da comunidade montenegrina.

A dissertação de SOUZA, 2012, “O grupo escolar Minas Gerais e a educação pública primária em Uberaba (MG) entre 1927 e 1962”, cuja linha de pesquisa é a História e a Historiografia da Educação investiga o processo de criação e instalação do Grupo Escolar Minas Gerais e suas práticas pedagógicas nos primeiros anos de funcionamento. A metodologia inclui a consulta e a análise de fontes escritas.

Na área de concentração: Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas, SANTOS, 2011, em sua dissertação intitulada “Um dia belo, no outro esquecido: a história do grupo escolar Coronel Flaminio Ferreira – Limeira: SP (1901-1930)”, a pesquisadora apresenta o resultado da análise de fontes primárias e secundárias sobre o tema e o período analisados, que possibilitam compreender em que medida o Grupo Escolar Coronel Flaminio Ferreira contribuiu para a dispersão da educação escolarizada no Estado de São Paulo durante a Primeira República e sua relevância para a instrução pública no município de Limeira.

Também SALGADO, pela mesma Universidade, área de concentração e ano, propõe em sua dissertação “A Educação Católica da Elite Campineira na Primeira República: O Colégio Sagrado Coração de Jesus (1909-1930)”, a pesquisadora busca analisar a história da educação feminina em um colégio confessional católico, ministrada por irmãs calvarianas francesas, instalado em 1909 na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, o *Colégio Sagrado Coração de Jesus*, que iniciou suas atividades educando as meninas da elite da cidade e região, na forma de internato, semi-internato e externato, e completou 100 anos em 2009.

SARDAGNA, 2004, em sua pesquisa de Mestrado na linha de pesquisa Currículo, Cultura e Sociedade, “As comemorações do sete de setembro de 1930-1945: constituindo sujeitos na trama discursiva de uma instituição de ensino confessional católica”, a autora analisa o conjunto de discursos sobre as comemorações do sete de setembro, no período de 1930 a 1945, a Ditadura do Estado Novo, na Era Vargas, como parte do currículo escolar, a partir de publicações do Colégio Anchieta de Porto Alegre - RS.

Na pesquisa de JESUS, 2011, “Colégio Estadual da Polícia Militar da Bahia – primeiros tempos: formando brasileiros e soldados (1957 – 1972)”, objetiva compreender como o Colégio da Polícia Militar construiu sua identidade militar e que tipo de formação oferecia a seus alunos, desde sua criação em 1957, até a implementação de seu regulamento em 1972, através de uma abordagem histórica que privilegia aspectos da instituição como o prédio, alunos, professores, administradores, currículo, normas disciplinares, clima cultural, realização de eventos, dentre outros, procurando relacioná-los com o contexto político, social e econômico, com baseia em fontes primárias como boletins, relatórios, depoimentos e jornais de época.

AMARAL, 2010, em seu estudo cujo título é “História de (re) provação escolar: vinte cinco anos depois”, na área de concentração Psicologia e Educação, busca abordar os sentidos, as repercussões, e as marcas que experiências de consecutivas reprovações escolares, no início da escolarização imprimem à trajetória escolar e à trajetória de vida de indivíduos, partindo de quatro estudos de caso.

Na Tese de CARDOSO FILHO, 2009, “São José, o Colégio de Castro: 1904- 1994”, cuja linha de pesquisa é História e Historiografia da Educação Brasileira, o estudo propõe-se a analisar, em perspectiva histórica, o estabelecimento escolar mantido pelas Irmãs de São José de Moûtiers/Chambéry na Cidade de Castro, Estado do Paraná, entre os anos de 1904 e 1994. A Tese busca trazer explanação histórica que ressalte os traços característicos da instituição, decorrentes da visão de mundo compartilhada pelas religiosas francesas fundadoras e suas sucessoras nacionais; identificar causas concorrentes que possibilitaram a instalação da instituição escolar; descrever os cursos oferecidos e a clientela atendida; e relatar, no aspecto das

sociabilidades locais, o impacto da presença da escola no cotidiano da cidade, ao longo do século XX, através do uso de fontes históricas, tais como documentos oficiais, imprensa, cadernos, provas, livros didáticos e outros itens de utilização escolar e depoimentos orais.

Na pesquisa de FRANCESCHI, 2013, “Grupo escolar José Guilherme: uma história em três atos – Bragança (1910 – 1944)”, o autor propõe levantar e analisar o processo de quase quatro décadas de implantação do Grupo Escolar José Guilherme. Para alcançar esse objetivo, analise-se fontes primárias tais como: periódicos locais (almanaques, anuários e jornais locais), documentos do arquivo escolar, fotografias, dentre outras, além da revisão bibliográfica sobre a temática privilegiada.

Na dissertação de NOGUEIRA, 2012, “Marcos possíveis para reconstituir a história da instituição escolar Julia de Souza Wanderley: a primeira escola de formação de professores de Cornélio Procópio – PR (1953 – 1967), pretende recuperar a identidade institucional, os documentos e percursos da Escola Normal Regional Júlia de Souza Wanderlei, primeira escola de formação de professoras primárias da cidade de Cornélio Procópio, no Norte do Paraná, que teve uma vida institucional temporária(1953-1967). Fundamenta-se em estudos similares de recuperação documental e de reconstituição histórica de instituições escolares, já consolidados na tradição investigativa da história da educação brasileira.

FONTINELLES, 2010, em sua pesquisa “Páginas na memória: livros didáticos e narrativas de experiências escolares no Brasil (1937 – 1956)”, a autora propõe a compreensão de como os livros didáticos integravam as práticas pedagógicas educativas, nas escola primária brasileira, em meados do século XX, através da análise de livros didáticos e de narrativas de memórias de pessoas que frequentaram a escola nesse período.

DALPIAZ, 2005, em sua dissertação para o Mestrado em Educação “Memórias de ex-alunos/ as: recompondo tempos e espaços da educação”, investiga experiências que tiveram lugar no prédio da antiga Estação de Agricultura de Porto Alegre, conhecido como Casarão, construído no início do século XX, na localidade de Passo

do Vigário, em Viamão-RS, a fim de compreender as muitas memórias que por ele são evocadas. Adota a metodologia da História Oral, para compreender as memórias do entorno do prédio, a partir de entrevistas com ex-alunos/alunas.

Em sua Tese SOUZA, 2011, “Trilhas na construção de versões histórica sobre um grupo escolar”, a pesquisadora aponta a necessidade de um esforço coletivo na construção de uma versão histórica sobre o ensino de matemática no Grupo Escolar Eliazar Braga que funcionou de 1920 a 1975, na cidade de Pederneiras, interior do estado de São Paulo. A pesquisa tem como área de concentração a Educação Matemática e a História Oral como metodologia de pesquisa.

Na dissertação de FILLOS, 2008, na linha de Educação Matemática, cujo título é “A Educação Matemática em Irati (PR): memórias e história” a pesquisadora busca compreender o movimento de formação e atuação dos professores em Irati (PR), particularmente para o ensino de Matemática, entre o início do século XX –aos primeiros anos do século XXI. Para alcançar este objetivo, utilizou a História Oral (temática) como metodologia de pesquisa, entrevistando oito professores que estudaram seus primeiros anos escolares em estabelecimentos de ensino da região.

Na Tese de COUSIN, 2007, “A Sociedade Paranaense de Matemática sob um olhar da Educação Matemática” linha de pesquisa Educação Matemática, a autora propõe descrever a Sociedade Paranaense de Matemática (SPM) no contexto de sua fundação e institucionalização, entre 1953 e meados dos anos 1960, buscando suas contribuições para o desenvolvimento da Matemática no Paraná: a identificação, por meio de análises documentais e entrevistas.

Na dissertação de PELLATIERI, 2013, “Letramentos matemáticos escolares nos anos iniciais do ensino fundamental”, linha de pesquisa Matemática, cultura e práticas pedagógicas, a pesquisa, de abordagem qualitativa. O projeto busca analisar, num trabalho colaborativo com escolas da educação básica de Itatiba, interior do Estado de São Paulo, as concepções e as práticas de leitura e de escrita nos anos iniciais do ensino fundamental a partir dos dados do Enade; Prova Brasil e Saesp, e da análise de registros produzidos pelas crianças.

ANEXO V